

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ (UNIOESTE)  
CENTRO DE EDUCAÇÃO, LETRAS E SAÚDE (CELS)  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM SOCIEDADE,  
CULTURA E FRONTEIRAS – MESTRADO E DOUTORADO  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: EM SOCIEDADE, CULTURA E FRONTEIRAS

YANA MARIELLE XAVIER FORTUNA

**Jornal da Cognópolis:** Registro Histórico e Valores Identitários da Comunidade  
Conscienciológica

**FOZ DO IGUAÇU – PR  
2025**

YANA MARIELLE XAVIER FORTUNA

**Jornal da Cognópolis: Registro Histórico e Valores Identitários da Comunidade  
Conscienciológica**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Cultura e Fronteiras – Mestrado, do Centro de Educação, Letras e Saúde, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Sociedade, Cultura e Fronteiras. Área de Concentração: Sociedade, Cultura e Fronteiras. Linha de Pesquisa: Território, História e Memória.

Orientador: Prof. Dr. Valdir Gregory.

**FOZ DO IGUAÇU - PR  
2025**

Ficha de identificação da obra elaborada através do Formulário de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da Unioeste.

Xavier Fortuna, Yana Marielle  
Jornal da Cognópolis: Registro Histórico e Valores  
Identitários da Comunidade Conscienciológica / Yana Marielle  
Xavier Fortuna; orientador Valdir Gregory. -- Foz do Iguaçu,  
2025.  
212 p.

Dissertação (Mestrado Acadêmico Campus de Foz do Iguaçu)  
-- Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Centro de  
Educação, Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Cultura e  
Fronteiras, 2025.

1. Jornalismo. 2. Conscienciológica. 3. Identidade. 4. Foz  
do Iguaçu. I. Gregory, Valdir, orient. II. Título.

FORTUNA, Yana Marielle Xavier. **Jornal da Cognópolis: Registro Histórico e Valores Identitários da Comunidade Conscienciológica**. 2025. 212 f. Dissertação – Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE. Foz do Iguaçu.

Aprovada em \_\_ / \_\_ / \_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Prof. Dr. Valdir Gregory**  
**Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste**

---

**Prof. Dr. Cristiane Ferraro Gilaberte da Silva**  
**Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste**

---

**Prof. Dr. Jair Guimarães Rangel**  
**Centro Universitário UniAmérica**

Dedico esta dissertação aos voluntários do Jornal da Cognópolis, que empenharam seu tempo, esforço e talento para construir mais do que um periódico institucional, mas um elo entre gerações, memórias e consciências. Que esta pesquisa seja um reconhecimento sincero da importância de cada contribuição ao longo desta trajetória grupal

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, aos meus pais, Wilson Titu's Fortuna e Maria Alice Xavier Fortuna, por terem me recebido como filha e terem criado as bases que me ajudaram a enfrentar os desafios da vida e evoluir sempre.

Ao meu orientador, Valdir Gregory, pelas diretrizes e ensinamentos, e por me passar sua incrível experiência em apontamentos assertivos.

Ao meu duplista, Mateus Santos, por todo o apoio, afeto, compreensão e amor incondicional, me fortalecendo a cada etapa do processo.

À Cristiane Gilaberte por ter dado o pontapé inicial ao elaborar a excelente pesquisa sobre a CCCI, que ajudou tanto minhas investigações, e também pela gentileza, disponibilidade e exemplo.

À Sandra Tornieri, pela disposição em me acompanhar na docência obrigatória, contribuindo com seus *feedbacks* oportunos.

Aos professores e colegas do mestrado, que reacenderam minha paixão pela pesquisa, aprendizado e investigação.

Ao coordenador, Samuel Klauck e às secretárias do programa, Vânia Maria da Costa Valle e Aurea Ines Theisen Martines, pela presteza em me auxiliar em diversos momentos ao longo desses dois anos.

Aos professores Valdir Gregory, Samuel Klauck, Cristiane Gilaberte e Tamara Cardoso pelas contribuições na Banca de Qualificação.

Aos voluntários da Holoteca, pela diligência em me disponibilizar os arquivos necessários à pesquisa.

Aos amparadores, os meus e os de função, que desde o começo me deram disposição e coragem, e me equiparam com inspirações fundamentais.

E, por fim, mas não menos importante, às equipes do Jornal que me antecederam, de todos os períodos, épocas e funções, que trabalharam duro e criaram um registro histórico valioso que, com certeza, irá ecoar por muitas existências e impactar inúmeras consciências.

"A pesquisa exige persistência, obstinação e uma certa inclinação para o detetivesco, ou seja, uma pista levando a reflexões e novas descobertas" (Thereza Lacerda). *Jornal do Campus CEAEC*. Ed.164, de março de 2009.

"A tarefa pessoal ideal é aquela em grupo" (Waldo Vieira). *Jornal da Cooperativa dos Colaboradores do IIPC*. Ed. 46, de maio de 1999.

"O CEAEC somos nós". *Informativo da Cooperativa dos Colaboradores do Instituto Internacional de Projeiologia*. Ed. 16, de novembro de 1996.

FORTUNA, Yana Marielle Xavier. **Jornal da Cognópolis: Registro Histórico e Valores Identitários da Comunidade Conscienciológica**. 2025. 212 f. Dissertação – Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE. Foz do Iguaçu.

## RESUMO

A presente dissertação analisa o Jornal da Cognópolis enquanto veículo de comunicação institucional-comunitário, investigando seu papel na construção da identidade da comunidade conscienciológica em Foz do Iguaçu. Parte-se da hipótese de que o Jornal não apenas documentou a trajetória do grupo, mas também atuou como agente estruturante na consolidação de seus valores e na preservação da memória coletiva. Para a investigação, adotou-se a Análise de Conteúdo, permitindo identificar processos estruturais, recorrências temáticas e padrões discursivos, reconhecendo, ainda, contradições. Os principais achados demonstram que o Jornal da Cognópolis desempenhou um papel essencial na comunicação, informação, registro institucional, memória coletiva e articulação dos princípios conscienciológicos, reforçando valores como voluntariado, intelectualidade e grupalidade. Além disso, evidenciou-se que a evolução editorial do jornal refletiu o amadurecimento da própria comunidade, acompanhando seu crescimento e desafios internos. O estudo conclui que o jornalismo comunitário, no contexto analisado, ultrapassa a função informativa, tornando-se um elemento ativo na coesão e no desenvolvimento social, cultural, institucional e comunitário do grupo.

**Palavras-chave:** Jornalismo Comunitário; Jornalismo Institucional; Memória; Identidade; Conscienciológica; Foz do Iguaçu.

FORTUNA, Yana Marielle Xavier. **Jornal da Cognópolis: Historical Record and Identity Values of the Conscientiological Community**. 2025. 212 f. Dissertation – Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE. Foz do Iguaçu.

### ABSTRACT

The present dissertation analyzes the *Jornal da Cognópolis* as an institutional-community communication vehicle, investigating its role in shaping the identity of the conscientiological community in Foz do Iguaçu. It is based on the hypothesis that the Journal not only documented the group's trajectory but also acted as a structuring agent in consolidating its values and preserving collective memory. Content Analysis was adopted as the research methodology, allowing for the identification of structural processes, thematic recurrences, and discursive patterns, including contradictions. The main findings demonstrate that the *Jornal da Cognópolis* played a fundamental role in communication, information dissemination, institutional record-keeping, collective memory, and the articulation of conscientiological principles, reinforcing values such as volunteering, intellectuality, and group cohesion. Furthermore, the journal's editorial evolution reflected the community's own maturation, tracking its growth and internal challenges. The study concludes that community journalism, in the analyzed context, transcends its informational function, becoming an active element in the cohesion and social, cultural, institutional, and community development of the group.

**Keywords:** Community Journalism; Institutional Journalism; Memory; Identity; Conscientiology; Foz do Iguaçu.

FORTUNA, Yana Marielle Xavier. **Jornal da Cognópolis: Registro Histórico y Valores Identitarios de la Comunidad Concienciológica**. 2025. 212. Disertación – Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE. Foz do Iguaçu.

## RESUMEN

Esta disertación analiza el Jornal da Cognópolis como vehículo de comunicación institucional-comunitaria, investigando su papel en la construcción de la identidad de la comunidad concienciológica en Foz do Iguaçu. Se parte de la hipótesis de que el periódico no sólo documentó la trayectoria del grupo, sino que también actuó como agente estructurante en la consolidación de sus valores y preservación de la memoria colectiva. Para la investigación se adoptó el Análisis de Contenido, permitiendo identificar procesos estructurales, recurrencias temáticas y patrones discursivos, reconociendo también contradicciones. Los principales hallazgos demuestran que el Jornal da Cognópolis jugó un papel esencial en la comunicación, la información, el registro institucional, la memoria colectiva y la articulación de principios concienciológicos, reforzando valores como el voluntariado, la intelectualidad y la grupalidad. Además, quedó claro que la evolución editorial del periódico reflejaba la maduración de la propia comunidad, siguiendo su crecimiento y desafíos internos. El estudio concluye que el periodismo comunitario, en el contexto analizado, va más allá de la función informativa, convirtiéndose en un elemento activo en la cohesión y desarrollo social, cultural, institucional y comunitario del grupo.

**Palabras clave:** Periodismo Comunitario; Periodismo Institucional; Memoria; Identidad; Concienciológica; Foz do Iguaçu.

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas  
AC – Análise de Conteúdo  
AIEC – Associação Internacional para Expansão da Conscienciologia  
AMAC – Associação dos Moradores do Bairro Cognópolis de Foz do Iguaçu  
APEX – Associação Internacional da Programação Existencial  
ARACÊ – Associação Internacional para a Evolução da Consciência  
ASSINVÉXIS – Associação Internacional de Inversão Existencial  
ASSIPI – Associação Internacional de Parapsiquismo Interassistencial  
CEA – Centro Educacional do IIPC  
CCC – Centro de Consciência Contínua  
CCCI – Comunidade Conscienciológica Cosmoética Internacional  
CEAEC – Centro de Altos Estudos da Conscienciologia  
CI – Colégio Invisível  
CINVÉXIS - Congresso Internacional de Inversão Existencial  
CIPRO – Congresso Internacional de Projeciologia e Conscienciologia  
CIT - Comissão Interassistencial Tecnológica  
COMUNICONS – Associação Internacional de Comunicação Conscienciológica  
CONSCIUS – Associação Internacional de Conscienciometria Interassistencial  
CONSECUTIVUS – Associação Internacional de Pesquisas Seriexológicas e Holobiográficas  
COOIP – Cooperativa dos Colaboradores do IIP  
COSMOETHOS – Associação Internacional de Cosmoeticologia  
CRM – *Customer Relationship Management*  
EAD - Educação à Distância  
ECP1 – Extensão em Conscienciologia e Projeciologia 1  
ECP2 – Extensão em Conscienciologia e Projeciologia 2  
ECTOLAB – Associação Internacional de Pesquisa Laboratorial em Ectoplasma e Paracirurgia  
EDITARES – Associação Internacional Editares  
ENCYCLOSSAPIENS – Associação Internacional de Enciclopediologia Conscienciológica  
EQM – Experiência de Quase-Morte  
EVOLUCIN – Associação Internacional de Conscienciologia para Infância  
GPC – Grupo de Pesquisas Conscienciais  
GDPP – Grupo de Desenvolvimento do Parapsiquismo na Prática  
GRINVEX – Grupo de Inversores Existenciais  
IAC – *International Academy of Consciousness*  
IACE - *International Academy Cultural Exchange*

IASB – Associação Internacional de Intercâmbio Acadêmico Sino-Brasileiro  
ISIC - *Interassistencial Services for The Internationalization of Conscientiology*  
IC – Instituição Conscienciocêntrica  
IC TENEPES – Associação Internacional de Tenepessologia  
ICGE – Instituto Cognopolitano de Geografia e Estatística  
IIP – Instituto Internacional de Projeciologia  
IIPC – Instituto Internacional de Projeciologia e Conscienciologia  
INTERCAMPI – Associação Internacional dos Campi de Pesquisa da Conscienciologia  
INTERPARES – Associação Internacional de Aportes Interassistenciais  
JURISCONS – Associação Internacional da Paradiroitologia  
MEC – Ministério da Educação  
MTB - Registro Profissional de Jornalista emitido pelo Ministério do Trabalho e Emprego)  
NAIC - Núcleo de Assistência Integral à Consciência  
OIC – Organização Internacional em Consciencioterapia  
ORTHOCOGNITIVUS – Associação Internacional para Implantação da Cognópolis em Santa Catarina  
PAE – Programa de Aceleração da Erudição  
PASO - Programa de Autoconscientização Somática  
REAPRENDENTIA – Associação Internacional de Parapedagogia e Reeducação Consciencial  
UNICIN – União das Instituições Conscienciocêntricas Internacionais  
UNIESCON – União Internacional de Escritores da Conscienciologia  
UNILA - Universidade Federal da Integração Latino-Americana  
UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
UPF – Utilidade Pública Federal

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 - Primeira edição do Centro De Altos Estudos Da Consciência .....	52
Figura 02 - Primeiro expediente com Jornalista Responsável .....	55
Figura 03 – Progresso do cabeçalho do Jornal em ordem cronológica .....	59
Figura 04 - Notícias da Comunidade Conscienciológica, por Antonio Pitaguari .....	66
Figura 05 - Anúncio da nova edição da Revista <i>Conscientia</i> .....	69
Figura 06 - Chamada para assinaturas do Jornal nas edições 15 e 74 .....	85
Figura 07 - Primeira nota de divulgação do Classicons .....	87
Figura 08 - <i>Frontpage</i> retratando mudança marcante .....	89
Figura 09 - Agenda de Eventos e Classificados em 2009 .....	91
Figura 10 - Cartum Cãocienciologia, por Pedro Marcelino .....	103
Figura 11 - Última Edição (Analisada) do Jornal da Cognópolis .....	114
Figura 12 - Participação dos alunos na divulgação do Conscienciologia Aplicada .....	132
Figura 13 - <i>Frontpage</i> do Jornal com matéria sobre novo <i>site</i> .....	175

## LISTA DE QUADROS

Quadro 01 - Visão geral da pesquisa por amostragem .....	31
Quadro 02 - Análise de uma edição completa .....	37
Quadro 03 - Exemplo de categoria de pesquisa .....	38
Quadro 04 - Periódicos de caráter informativo presentes na CCCI .....	48
Quadro 05 - Coordenações e períodos de gestão em ordem cronológica .....	57
Quadro 06 - Nomes adotados pelo jornal em ordem cronológica .....	60
Quadro 07 - Nomes mais citados no expediente em ordem alfabética .....	61
Quadro 08 - Critérios de noticiabilidade jornalística .....	72
Quadro 09 - Princípios jornalísticos .....	73
Quadro 10 - Tiragem do Jornal por edição .....	82
Quadro 11 - Presença do Classicons .....	87
Quadro 12 - Presença de publicidade nas edições do Jornal .....	90
Quadro 13 - Seções fixas e períodos de existência do Jornal .....	98
Quadro 14 - Publicações com erros nas datas .....	111
Quadro 15 - Eventos de pesquisa: continuidade e últimas menções .....	170

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	16
<b>1. ANÁLISE DE CONTEÚDO COMO METODOLOGIA DE PESQUISA</b> .....	25
1.1 TEORIAS DA COMUNICAÇÃO .....	27
1.2 PLANO DE PESQUISA .....	30
1.3 JORNALISMO E SOCIEDADE .....	41
1.4 JORNALISMO INSTITUCIONAL-COMUNITÁRIO .....	43
<b>2. JORNAL DA COGNÓPOLIS: O VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO</b> .....	48
2.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO OBJETO .....	48
2.2 CARACTERIZAÇÃO DO OBJETO - PRIMEIRA EDIÇÃO .....	56
2.3 EXPEDIENTE: QUEM PRODUZIA O JORNAL .....	61
2.4 JORNAL DA ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DO CEAEC .....	78
2.5 TIRAGEM .....	82
2.6 PUBLICIDADE .....	86
2.7 SEÇÕES FIXAS .....	98
2.8 CÃOCIENCILOGIA .....	102
2.9 PERIODICIDADE .....	105
2.10 <i>DELAYE</i> E EQUÍVOCOS DE DATAS .....	108
2.11 ÚLTIMA EDIÇÃO ANALISADA .....	114
<b>3. O JORNALISMO INSTITUCIONAL-COMUNITÁRIO NA CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA</b> .....	122
3.1 VALOR DO VOLUNTARIADO .....	126
3.2 VALOR DO UNIVERSALISMO E DA MAXIFRATERNIDADE .....	138
3.3 VALOR DA INTELLECTUALIDADE .....	156
3.4 VALOR DA ECOLOGIA E DA SAÚDE .....	182
3.5 VALOR DA GRUPALIDADE .....	189
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	205
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	209

## INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como objetivo analisar a trajetória do Jornal da Cognópolis enquanto veículo de comunicação institucional-comunitário, explorando seu papel na construção da identidade da Comunidade Conscienciológica Cosmoética Internacional (CCCI) em Foz do Iguaçu. Por meio da metodologia de Análise de Conteúdo, torna-se possível compreender seu progresso desde sua origem, em 1995, quando o grupo buscava estabelecer um *campus* de pesquisa para a Conscienciológica, até sua consolidação como um instrumento de informação, memória e fortalecimento de valores coletivos.

Isso porque a comunicação é inerente ao ser humano e o registro é parte fundamental da construção identitária, sendo que dentre as funções de um periódico informativo pode-se ressaltar: local de conhecimento comum, rede informacional na construção coletiva da realidade, acervo social de conhecimento, vetor de interesses comuns, agente institucionalizador, mediação cultural da vida cotidiana e elemento constituinte da esfera pública (Souza, 2005).

No contexto contemporâneo, marcado pela hiperconectividade, observa-se, em certas áreas da pesquisa científica, crescente interesse por culturas locais, saberes tradicionais e singularidades territoriais, promovendo diálogos mais inclusivos entre diferentes formas de conhecimento. Nesse sentido, há uma tendência a reconhecer experiências e narrativas de grupos sociais em seus próprios contextos produtivos, permitindo uma abordagem mais contextualizada e plural da construção do saber.

Deste modo, os jornais e outros meios de comunicação impressa podem ser vistos como instrumentos relevantes de destaque de identidades antes pouco representadas, fornecendo dados sobre o contexto e momento em que circulou, transmitindo discursos que, a um só tempo, retratam, elaboram, compartilham e modificam representações compartilhadas da realidade

A Conscienciologia, abordagem central desta comunidade, propõe o estudo da personalidade humana sob uma abordagem que transcende os paradigmas materialistas<sup>1</sup>, considerando a existência de outras vidas, outros corpos além do físico e também múltiplas dimensões onde a consciência<sup>2</sup>, a alma, espírito, *self*, pode se manifestar. Esse contexto epistemológico influencia diretamente a linha editorial do Jornal, a seleção de pautas, o enquadramento das narrativas e a linguagem, com presença recorrente de terminologias especializadas (neologismos).

A CCCI é o agrupamento populacional que compartilha o Paradigma Consciencial, caracterizado, segundo Vieira (2004, *apud* Silva, 2020, p. 217) por "forte coesão com base no Universalismo<sup>3</sup>, Cosmoética<sup>4</sup> e Maxifraternidade<sup>5</sup> vivenciados". Em Foz do Iguaçu, ela foi formada a partir da migração coletiva para uma região que hoje abriga o Bairro Cognópolis e o Centro de Altos Estudos da Conscienciologia (CEAEC), que tem, entre seus objetivos, desenvolver a Conscienciologia mediante pesquisa, atividades educacionais e publicações científicas, e implantar e manter um ambiente de integração, debate e intercâmbio de ideias (Holotecologia, 2015, contra-capá).

Uma comunidade é formada por pessoas com ideias, hábitos e valores partilhados, e não precisa, necessariamente, de proximidade geográfica para ser considerada como tal, já

---

<sup>1</sup> O paradigma modelo de racionalidade admitido pela ciência atual é chamado de Cartesiano-Newtoniano e é caracterizado por uma abordagem mecanicista, levando em conta o mensurável e replicável. Este modelo, porém, vem sendo questionado devido à demanda de instrumentos de pesquisa que levem em conta a influência da cultura, o processo ativo na compreensão e as possíveis negociações da realidade a partir de diferentes pontos de vista (Oliveira & Charreu, 2016).

<sup>2</sup> *Consciência* é o princípio individualizado, sendo que no Cosmos existem basicamente dois princípios: a consciência e a energia. A consciência não é uma forma de energia, mas a utiliza para se manifestar em diferentes dimensões.  
Disponível em: <<https://pt.conscienciopedia.org/index.php?title=Consci%C3%Aancia>>. Acesso em 20 jan. 25.

<sup>3</sup> O *Universalismo* é o conjunto de ideias derivadas da universalidade das leis básicas da Natureza e do Universo e que, através da evolução natural da consciência, torna-se inevitavelmente, a sua filosofia dominante (Vieira, 1994, p. 60).

<sup>4</sup> A *Cosmoética* é a ética que vigora como padrão de comportamento evolutivo universal, multidimensional, além dos princípios da moral social, humana ou intrafísica (Vieira, 1994, p. 641).

<sup>5</sup> A *Maxifraternidade* é a condição interconsciencial [termo que se refere à relação entre consciências], universalista, mais evoluída, fundamentada na fraternidade pura (...), meta inevitável na evolução de todas as consciências (Vieira, 1994, p. 50).

que diz mais sobre “uma vida real e orgânica, partilhada e discutida com certo nível de familiaridade a partir interesses específicos” (Tönnies, 1995 *apud* Peruzzo, 2008). Assim, é traduzida por um sentimento construído a partir de experiências cotidianas e trocas simbólicas, vínculos e laços sociais, participação e pertencimento (Escudero et al, 2021). E como as relações na CCCI são formadas pelo trabalho voluntário em Instituições Conscienciocêntricas<sup>6</sup>, ou ICs, pode-se compreendê-la como uma “comunidade institucionalizada”, ou seja, “instituições que parecem funcionar como comunidade e comunidade que parece funcionar a partir de um conjunto de instituições, porém não se limitando a elas” (Silva, 2020, p. 442).

Estas experiências coletivas, quando mediadas e traduzidas por um veículo de comunicação, bem como pela prática da produção nesse veículo, revelam uma dimensão de ordem afetiva, vinculativa, identitária e histórica do grupo envolvido (Escudero et al, 2021). E o Jornal da Cognópolis, no caso, é o meio de comunicação que instrumentalizou estes processos, pois ele foi criado para auxiliar a Conscienciologia em um momento de expansão.

Ele nasceu em agosto de 1995 e inicialmente chamava-se “Informativo do Centro de Altos Estudos da Consciência”, cujo propósito era manter os cooperados atualizados sobre fluxo financeiro e diretrizes administrativas, projetos, cursos, eventos e avanços estruturais. Sua primeira edição, com duas laudas, traz um mapa estatístico dos cooperados, histórico da fundação da Cooperativa, programação de futuros eventos, além de um demonstrativo financeiro detalhado.

O primeiro exemplar foi montado a partir de colagens em sulfite e *xerox*, pois o mais importante era a rapidez no registro e comunicação das informações. Confeccionado de maneira bastante artesanal em seus primórdios, ele pode ser considerado um “boletim informativo”, adaptado da comunicação institucional que, segundo Rego (2002, p. 58) é “um tipo de jornal, mas com menores dimensões e quantidade de informação”, podendo conter notícias, informações técnicas, gerenciais, eventos, entre outros, ou seja, feito para atender aos objetivos imediatos de uma instituição para manter seus membros atualizados.

Alguns anos depois, (ed. 202, de julho de 2017), o próprio Jornal, em seu editorial, reflete sobre a importância do percurso até ali, afirmando que:

---

<sup>6</sup> A expressão “instituição conscienciocêntrica” é utilizada para designar organizações do terceiro setor, de trabalho voluntário, iniciativa coletiva, sem fins lucrativos, prioritariamente com vínculo consciencial (Silva, 2020, p. 185 e 186).

quando pessoas se reúnem em torno de um propósito ou projeto duradouro, sentem necessidade de registrar fatos e acontecimentos marcantes e relevantes para que não se percam e até mesmo como registro histórico de suas conquistas (...). [Assim], os jornais, no tempo, podem se tornar verdadeiras enciclopédias históricas por reunir considerável soma de fatos relativos a um país, cidade ou comunidade (Jornal da Cognópolis - Informativo Mensal da Comunidade Conscienciológica Cosmoética Internacional, Foz do Iguaçu, ano 20, n. 202, p. 2, jul. 2017).

Nota-se no texto que, à época, a equipe se referia ao periódico como “jornal”, e de fato, ele foi chamado tanto de *jornal* quanto de *informativo* em diferentes fases. Mas, a palavra “informativo”, aparece enquanto uma constante. Inclusive, em sua última versão, mantida até a atualidade, ele se chama Jornal da Cognópolis - Informativo da Comunidade Conscienciológica Cosmoética Internacional.

Ambas as definições podem ser encontradas nas variações de *house organ*, que na tradução literal, significa órgão da casa. Ou seja, diz respeito aos veículos que divulgam informações sobre uma instituição, tanto interna quanto externamente. Segundo Kopplin e Ferraretto (2001) suas funções abrangem: informar sobre a instituição, estimular a participação dos membros da organização, educar o público-alvo com informações diversas, valorizar o empenho dos colaboradores, registrar ações importantes e fornecer leitura para os familiares dos integrantes da organização.

Os autores ainda destacam que o *house organ* impresso pode ser difundido em diferentes formas: boletim informativo, que veicula, basicamente, informações imediatas, jornal, que traz textos mais apurados em relação ao boletim, podendo abranger os gêneros interpretativo, opinativo e de entretenimento, ou revista, com maior quantidade de informações, textos aprofundados, na maioria, interpretativos e de interesse permanente (Kopplin e Ferraretto 2001 *apud Miranda et al.*, 2016).

O informativo parece ter sido a escolha inicial por sua ampla utilização na comunicação institucional, funcionando tanto como um registro quanto como um meio de fortalecer relações. Ao divulgar atividades e destacar seus responsáveis, o jornal contribuía para a integração entre a equipe gestora da cooperativa e os cooperados, que se encontravam espalhados pelo Brasil e até em outros países.

Equipe esta que é citada em alguns momentos - não todos, pois aparenta refletir uma escolha interna - ao longo das edições. Na edição inaugural, sua citação indica que o periódico era produzido por indivíduos de diferentes formações ocupacionais, o que levanta

a hipótese de que sua conexão estava fundamentada na Conscienciologia, e não em confluência profissional.

Com o tempo, novos indivíduos com bagagem técnica de outros locais, foram se agregando à equipe e as características das publicações foram alteradas. Ao que parece, essas mudanças representaram uma trajetória de aprendizados e reformas no processo produtivo, implantadas paulatinamente a partir das experiências adquiridas nos desafios da gestão e a qualificação jornalística trazida a cada novo integrante. Portanto, pesquisar informações em um *house organ* como o Jornal da Cognópolis é, além de memória coletiva, “compreender os pontos de vista, interesses, visões de mundo, pressões e contrapressões que se escondem por dentro e por trás dos textos” (Barros, 2023, p. 21).

Isso porque a notícia é uma construção a partir de fatores de “natureza pessoal, social, ideológica, histórica e do meio físico e tecnológico” (Sousa, 2002, p. 3), ou seja, ela transmite apenas determinados aspectos da realidade, frutos do esforço da mente humana em compreendê-la e transmiti-la, mesclando-se com suas subjetividades e outras forças complexas presentes nos lugares de produção, gerando sentido compartilhado em determinado momento histórico e determinado meio sócio-cultural.

Barros (2023) elenca três aspectos que fazem do jornal uma rica fonte histórica: ser uma produção feita a muitas mãos, explícitas ou não; dirigir-se a um universo diversificado de leitores, o que fornece um panorama mais amplo do ambiente por onde circulam; e ser publicado com determinada constância, possibilitando o encadeamento de fatos importantes tal qual série de documentos. E, embora ele esteja tratando de jornais tradicionais, é possível aplicar esses conceitos ao *house organ*, no caso, o Jornal da Cognópolis.

Ele é feito a muitas mãos, em alguns períodos mais do que outras, mas definitivamente não é feito por uma pessoa só; ele também tem periodicidade que gera um encadeamento dos fatos passível de análise. A questão mais controversa, e que será abordada ao longo deste trabalho, é se ele fala para um universo de leitores. Considerando que o jornal comunitário ou institucional é direcionado a um grupo específico, a resposta mais adequada seria não. Porém, grupos têm características, tamanhos, e habitam espaços geográficos diversos. Cabe, então, analisar a CCCI enquanto grupo, e isso será feito a partir das discussões relacionadas às matérias do Jornal.

De qualquer forma, ao examinar publicações informativas, noticiosas e periódicas, é possível vislumbrar mais do que os “acontecimentos, questões úteis e problemáticas

socialmente relevantes” (Sousa, 2005, p. 13), mas interpretar e desvendar suas conexões históricas, já que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, à medida em que ela é fundamental para a coerência de um grupo (Pollak, 1989, p. 9).

Deste modo, este estudo busca investigar o Jornal da Cognópolis enquanto veículo de comunicação e sua participação na trajetória do grupo, bem como de que maneira a relação dinâmica de influências moldou suas transformações ao longo do tempo.

A realização deste trabalho se fundamenta, primeiramente, pelo interesse na investigação de meios de comunicação locais. Para isso é preciso parar, olhar, dialogar e conhecer. O jornalismo, através do registro, permite revisitar territórios, comunidades e redescobrir identidades, assim, como afirma Marques de Melo (2007) "sua intenção é modesta: mapear, sinalizar, descrever. Mas, sua meta é ambiciosa: provocar, instigar, resgatar, repensar” (Marques de Melo, 2007, p. 37).

A segunda justificativa está no fato desta autora ser, além de jornalista e estudante de comunicação, membro da comunidade conscienciológica, tendo voluntariado por dois anos no Jornal da Cognópolis em sua versão eletrônica (ele tornou-se digital a partir de junho de 2021). Também por este motivo, houve um cuidado na escolha da metodologia, buscando-se variáveis quantitativas para delimitar a análise qualitativa.

Assim, optou-se pela Análise de Conteúdo (AC), amplamente utilizada em pesquisas de ciências sociais e humanas. A AC busca entender o contexto e as condições em que as mensagens foram produzidas, permitindo também uma verificação objetiva e sistemática da realidade ao quantificar seus aspectos presentes no objeto de estudo.

A abordagem quantitativa da AC, segundo Cervi (2010), tem por objetivo medir, quantificar e delimitar similaridades e diferenças nas características do fenômeno pesquisado. Já a abordagem qualitativa explora os fenômenos sociais de maneira mais rica e aprofundada, podendo ser utilizada no jornalismo, segundo Herscovitz (2007) para detectar tendências e modelos na análise de critérios de noticiabilidade, enquadramento e agendamentos.

Iniciou-se, portanto, o levantamento no repositório de edições impressas digitalizadas do Instituto Cognopolitano de Geografia e Estatística (ICGE<sup>7</sup>), na seção de

---

<sup>7</sup> Disponível em: <https://www.icge.org.br>. Acesso em: 2023-2025.

Memória Digital da CCCI e posterior a análise dos achados. Em determinado momento, foi necessário buscar nas edições físicas contidas no acervo da Holoteca<sup>8</sup>, que estão guardadas e catalogadas. Isso por dois motivos: porque alguns arquivos em PDFs tiveram problemas para abrir e pela descoberta de alguns encartes extras que não constavam na digitalização, mas seriam fundamentais para as investigações, pois constavam agenda de eventos e classificados.

Segundo Cunha (2021, p. 25), “os jornais enquanto fontes de memória organizacional nem sempre recebem um tratamento e acondicionamento adequados por parte das organizações”. Porém, no caso, foi possível encontrar as edições acondicionadas e organizadas em diferentes pastas, sendo que alguns estavam expostos em local de destaque na Holoteca. Isso sugere o valor atribuído pela comunidade ao registro como um elemento fundamental da memória institucional, constatação que será melhor elaborada ao longo deste artigo.

A pesquisa analisou 236 edições do *Jornal da Cognópolis*, publicadas entre agosto de 1995 e julho de 2020, com média de quatro páginas por edição. As edições digitais mais recentes foram excluídas da análise por três razões principais: 1) diferenças estruturais no formato e diagramação, o que impactaria a comparação com as edições impressas; 2) o foco do estudo em registros, priorizando a análise da memória institucional; e 3) a participação prévia da autora no voluntariado da versão eletrônica do jornal, o que poderia comprometer a isenção analítica.

Entende-se, aqui, que a pesquisa contém, inevitavelmente, a subjetividade do pesquisador tanto pela escolha do tema quanto pela seleção dos argumentos utilizados. Oliveira e Charreu (2016) compreendem a pesquisa como “uma forma de problematizar e formalizar uma curiosidade que é pessoal/individual. E, assim, ver o que os outros já viram, mas ainda não enxergaram” (Oliveira; Charreu, 2016, p. 373). Ou seja, o conhecimento também pode derivar-se da experiência, sendo que os limites entre quem investiga e o objeto

---

<sup>8</sup> A *Holoteca* é considerada um Laboratório de Ideias. Nela, estão expostos itens do conhecimento humano, mostrados através de livros, documentos, coleções (tecas) e painéis. Ao longo da edificação, em formato orgânico, os pesquisadores fazem uma imersão no conhecimento ao longo da história, sendo que os artefatos do saber contribuem também para o autoconhecimento. Começou a ser construída em maio de 1998 (ed. 34) e foi inaugurada em 1º de janeiro de 2000 (ed. 54), sendo que um ano depois foi anunciada a instalação do Holociclo (ed. 66) com dicionários e jornais para a elaboração da Enciclopédia da Conscienciologia. Hoje, os dois dividem o mesmo prédio, sendo local de pesquisa, cursos, projetos e visitas gratuitas. A Holoteca foi aberta ao público da cidade de Foz do Iguaçu em junho de 2003 - ed. 95.

investigado podem dar lugar a uma trama complexa de relações que se incorpora na própria história/percurso da pesquisa (Oliveira; Charreu, 2016, p. 369).

Como no caso do Jornalismo e de outras ciências da comunicação, a discussão sobre objetividade é uma constante e permeia tanto o processo de produção de notícias, no caso, a práxis jornalística, quanto a pesquisa, mostrou-se importante para essa autora considerar métodos e técnicas disponíveis para qualificar, dentro do possível, a neutralidade.

Para que uma teoria científica seja construída, têm de existir dados suficientes para se poder enunciá-la com certeza e clareza. Uma teoria científica do jornalismo não poderá fugir a esta regra. Contudo, uma teoria do jornalismo, como qualquer teoria científica, manterá a sua vigência enquanto não ocorrerem fenómenos que a contradigam, pois o conhecimento científico, que é construído, como qualquer outro tipo de conhecimento, é marcado pela possibilidade de refutação e, portanto, pela revisibilidade (Sousa, 2002, p. 2).

Dessa forma, a escolha pela Análise de Conteúdo justifica-se pela necessidade de manter as inferências o mais próximo possível dos fatos. Ademais, embora o estudo se baseie na análise dos 236 exemplares publicados, reconhecem-se as limitações inerentes à pesquisa documental. Esta investigação não tem a pretensão de reconstruir completamente os eventos ou esgotar as discussões possíveis, mas sim oferecer reflexões iniciais que possam contribuir para o aprofundamento dos debates incitados.

A opção pela análise estritamente documental foi motivada pela tentativa de preservar a autonomia interpretativa na pesquisa, já que a inclusão de entrevistas ou interações com participantes ativos do período analisado poderia introduzir opiniões e conjecturas que, embora legítimos, seriam capazes de influenciar as interpretações.

Contudo, é importante reconhecer que a pesquisa documental tem suas limitações e pode apresentar lacunas advindas da seletividade do registro, que reflete escolhas editoriais sobre quais eventos e informações foram preservados e quais foram omitidos. No caso dos jornais institucionais, essa limitação é ressaltada, pois eles tendem a priorizar a divulgação de conquistas e iniciativas positivas, evitando fracassos, conflitos e descontinuidades.

Essa abordagem pode gerar ausência de certas informações, principalmente relacionadas aos motivos para determinados projetos não prosperarem, tornando as inferências puramente especulativas. Além disso, documentos são produzidos dentro de um

contexto, carregando pontos de vista e interesses das pessoas responsáveis por sua produção. Isso significa que, mesmo no caso de um jornal, a narrativa não é neutra.

Com essas ressalvas, optou-se por trabalhar com os periódicos e ancorar as inferências em outros registros escritos, para esclarecer certas lacunas e, na dúvida, ater-se às narrativas, deixando algumas conclusões em aberto. Como o objetivo não é ditar a verdade ou exaurir as possibilidades, priorizou-se minimizar o impacto de interpretações e conjecturas externas.

O presente trabalho, portanto, é constituído de 3 capítulos: o primeiro dá conta da explicação da metodologia, ferramentas e variáveis utilizadas no decorrer da pesquisa. No segundo, caracterizar-se-á o objeto de pesquisa, ou seja, o Jornal da Cognópolis, elaborando algumas pré-análises e estabelecendo um panorama geral do veículo em conjunto a Teorias de Comunicação. E, por fim, uma discussão mais aprofundada sobre os valores percebidos, conectando alguns levantamentos anteriores a novos dados e gerando ideias sobre a identidade da CCCI e de que maneira isso é abordado pelo Jornal.

Pretende-se, assim, contribuir tanto para a memória coletiva da Comunidade Conscienciológica Cosmoética Internacional quanto para a pesquisa científica interdisciplinar, usando o jornalismo para discutir os valores de uma comunidade que há anos vem interagindo com Foz do Iguaçu e região.

## 1. ANÁLISE DE CONTEÚDO COMO METODOLOGIA DE PESQUISA

O uso de periódicos impressos como registro histórico não é uma prática recente, sendo que os jornais têm sido amplamente utilizados como fonte de pesquisa por historiadores desde a década de 1980 (Barros, 2023). Conforme destacado por Luca (2006), “seu uso generalizou-se a ponto de se tornar um dos traços distintos da produção acadêmica brasileira a partir de 1985 (Luca, 2006, p. 130). Isso porque a ciência histórica estabelece suas reflexões a partir de evidências do passado e, para isso, utiliza-se diferentes fontes, que são aquilo que, por ter sido produzido pelos seres humanos ou por trazer vestígios de suas interferências, pode auxiliar a compreender o passado e, logo, seus desdobramentos no presente. (Barros, 2023, p. 16).

Exemplos de fontes históricas podem ser documentos textuais, como crônicas, memórias, registros oficiais e obras de literatura. Mas, também, qualquer registro ou material que possa fornecer um testemunho proveniente do passado, da realidade que um dia foi vivida, registrada por pessoas em determinado contexto, e que apresenta relevância para o presente. Por isso, os jornais seriam considerados fontes valiosas, já que a função do jornalista é diariamente observar o tempo presente e transferir os acontecimentos para as páginas.

No entanto, seu valor como documento depende de uma análise crítica que leve em conta os interesses e limitações na cobertura dos fatos. Partindo do que é observado em jornais institucionais, ou *house organs*, constata-se que as notícias veiculadas não são narrativas que se acumulam sem sentido, mas textos produzidos com um objetivo, por seres humanos imersos em um contexto.

Ou seja, existe uma relação intrínseca entre os jornais e o processo histórico que os criou, sendo que o desafio é saber utilizar as informações como dados que subsidiem interpretações. No caso do presente estudo, as fontes centrais consistem no conglomerado de edições periódicas do Jornal da Cognópolis. Portanto, o método de pesquisa escolhido é a Análise de Conteúdo (AC), que foi sistematizado pela pesquisadora francesa Laurence Bardin a partir do livro “Análise de Conteúdo” (1977), e é amplamente utilizado nas ciências sociais e da comunicação.

Bardin organizou as fases centrais da pesquisa, sistematizando um procedimento replicável, com bases positivistas, “para os quais o rigor científico invocado é o da medida,

objetividade, neutralidade e quantificação” (Franco, 2018, p. 9). O próprio jornalismo foi influenciado pelo Positivismo<sup>9</sup>, cujos expoentes “são levados ao culto dos factos e à tarefa de reproduzir fielmente a realidade” (Traquina, 1993 *apud* Sousa 2005, p. 24). Ou seja, passa a existir uma maior exigência em relação aos processos técnicos de análise mesmo quando o objeto de estudo é dotado de maior subjetividade, como é o caso da mensagem, o ponto de partida da AC.

Isso porque ela se apoia na linguagem para produzir sentido através de representações sociais e elaborações mentais constituídas na relação entre o sujeito e o conhecimento do mundo ao redor. Contudo, enquanto a linguística “estuda a língua para descrever seu funcionamento, a análise de conteúdo procura conhecer aquilo que está por trás das palavras sobre as quais se debruça” (Pêcheux, 1973, *apud* Franco, 2018, p. 12).

Ou seja, a AC identifica, embora não atribua valor exagerado a ele, o conteúdo observável, e busca compreender o que está latente naquele contexto, as relações, as produções de sentido concretizadas na prática social, cognitiva, subjetiva e valorativa. Ela entende que informações puramente descritivas e não relacionadas a outros elementos são importantes, mas que o analista é como um arqueologista, que tira partido das mensagens para inferir, de maneira lógica, conhecimentos que, associados a outros elementos, extrapolem o conteúdo manifesto (Franco, 2018, p. 31). Três pressupostos básicos explicam a relevância deste enfoque (Franco, 2018, p. 27 e 28):

1. **Toda mensagem falada, escrita ou sensorial contém, potencialmente, uma grande quantidade de informações sobre o seu autor.** A linguagem, o tom e a seleção de temas no Jornal revelam não apenas os fatos, mas também a identidade, os valores e a visão de mundo dos responsáveis por sua produção, tornando o periódico um reflexo do contexto e do momento histórico da comunidade.
2. **O produtor/autor é antes de tudo um produtor e um produto social, selecionando os fatos de interesse a partir de condicionamentos de sua época ou**

---

<sup>9</sup> O *Positivismo* é uma corrente filosófica que surgiu na França no início do século XIX. Ela defende a ideia de que o conhecimento científico seria a única forma de conhecimento verdadeiro. Tem a Matemática, a Física, a Astronomia, a Química, a Biologia e também a Sociologia como modelos científicos. É também uma classificação totalmente cientificista do conhecimento e da ética humana, onde se desconfia da introspecção como meio de se atingir o conhecimento. Disponível em: <<https://www.todamateria.com.br/positivismo/>>. Acesso em: 08 jan. 2025.

**ambiente.** O Jornal reflete tanto as escolhas dos editores quanto os condicionamentos socioculturais da CCCI. As pautas, abordagens e narrativas são influenciadas pelos valores e interesses da comunidade, tornando o jornal um agente de construção simbólica.

3. **O autor é formado no espírito de uma teoria da qual passa a ser o expositor, e nela orienta-se sua concepção de realidade.** Os redatores do Jornal interpretam a realidade a partir do Paradigma Consciencial, moldando a narrativa do periódico conforme os princípios da Conscienciologia. Assim, o jornal não apenas informa, mas reforça e dissemina essa visão específica de mundo.

Em uma análise interdisciplinar, observou-se que as premissas acima, explicadas por Franco (2018), estão em concordância tanto com Barros (2023) em sua análise sobre jornais como documentos para pesquisa, quanto Sousa (2005) que debate teorias sobre o jornalismo impresso. Além disso, os três autores concordam que 1) mensagens são produzidas por seres humanos, que seguem determinadas regras sociais, produzem e compartilham valores nos espaços que frequentam; 2) mensagens têm um objetivo, consciente ou não; e 3) mensagens são decodificadas através de símbolos, como a linguagem, que são concretizados na prática social, ou seja, são conhecimentos comuns de emissores e receptores.

Segundo Barros (2023, p. 19), “todo discurso, em última instância, está associado a um ponto de vista e lugar de fala, bem como a um conjunto de complexidades que chamaremos de lugar de produção”. Os lugares de produção seriam equivalentes às “condições de produção” debatidas por Franco (2018, p. 59). Assim, ainda que os jornais declaradamente busquem fornecer aos leitores um cenário da realidade sem deformações ou manipulações, o fato é que existem diferentes pressões que influenciam este processo. Prova disso são as teorias de comunicação que se ocupam em estudar estes fenômenos.

## 1.1 TEORIAS DA COMUNICAÇÃO

A começar pela Teoria do *Newsmaking*, que pressupõe que as notícias são determinadas por uma rotina produtiva que reconhece, dentre os fatos do cotidiano, aqueles que podem ser notícia (seleção). Ela também elabora formas de relatar os assuntos (ângulo)

e organiza o trabalho para que as notícias possam ser produzidas e publicadas em tempo hábil.

Neste contexto, conforme Pena (2005, p. 128), “embora o jornalista seja participante ativo na construção da realidade, não há uma autonomia incondicional em sua prática profissional, mas sim a submissão a um planejamento produtivo”. Para facilitar o processo, o tempo e a experiência vão estabelecendo diretrizes para a escolha dos acontecimentos dignos de serem noticiados. Eles são chamados de valores-notícia, sendo que Nelson Traquina - dentre outros autores que discutem o tema -, propõe uma classificação, que será abordada brevemente a título de contextualização.

Os critérios que tratam da avaliação direta do acontecimento são chamados Substantivos e abrangem onze valores-notícias: a morte, a notoriedade, a proximidade, a relevância, a novidade, o tempo (atualidade), a notabilidade, o inesperado, o conflito (ou controvérsia), a infração e o escândalo. No que diz respeito aos critérios contextuais, que se referem ao contexto da produção de notícia, são cinco: a disponibilidade, o equilíbrio, a visualidade, a concorrência e o dia noticioso. Já os valores-notícias que tratam dos elementos dentro do acontecimento dignos de serem notícia, totalizam seis: a simplificação, a amplificação, a relevância, a personalização, a dramatização e a consonância (Traquina, 2008 *apud* Cantanhede e Zanforlin, 2020, p. 7).

Já a Teoria do Enquadramento, ou *Framing*, afirma que os meios de comunicação podem moldar a abordagem de um acontecimento a partir do uso de técnicas, destacando alguns aspectos, ocultando outros, e manipulando a percepção. Ela foi desenvolvida por Gregory Bateson (1954) em suas reflexões no campo da psicologia e depois por Erving Goffman (1974) para analisar processos comunicativos. Mendonça (2012) explica que embora as investigações destes autores tenham se dedicado à comunicação face a face, cresce o número de estudos de enquadramento voltados à análise das interfaces entre *media*, sociedade e política, pela percepção dos processos sociais potencializados pela visibilidade gerada por eles.

Além disso, o autor ressalta que o enquadramento não é necessariamente um produto intencionalmente forjado para produzir determinados efeitos, “mas laços intersubjetivos que atravessam relações humanas e as estruturam (...), quadros são estruturas simbólicas que vinculam atores sociais e são por eles transformadas” (Mendonça, 2012, p. 198). Ou seja,

ocorre de maneira inconsciente, simplesmente a partir das interações naturais e nossos processos cognitivos.

A Teoria do *Gatekeeping*, por sua vez, busca compreender como ocorre o filtro das notícias nas redações dos veículos de comunicação de massa, sendo o *Gatekeeper* um "porteiro", ou seja, a pessoa que vai definir, de acordo com critérios editoriais, o que vai ser veiculado. Ela foi formulada por Kurt Lewin, também na área da psicologia (1947), e depois adaptada à comunicação por David Manning White (1950).

E por fim, a Teoria da *Agenda Setting*, desenvolvida por Maxwell McCombs e Donald Shaw (1970), que propõe a ideia de que as notícias veiculadas na imprensa, embora não determinem o que as pessoas pensam, influenciam sobre quais assuntos elas vão discutir ao veicular determinados tópicos em detrimento de outros. Essa capacidade aponta uma consistência da mídia em definir a realidade social ao dar às pessoas uma lista do que é importante ter uma opinião e discutir, construindo imagens do real para os sujeitos, pois estes não têm acesso a todos os acontecimentos do mundo.

Portanto, embora a *práxis* jornalística seja sustentada pelo pilar da objetividade, considerando-a uma responsabilidade ética, ela entende a influência das relações e interações presentes no processo. Deste modo, “é preciso existir equilíbrio entre esses dois pilares, pois a notícia não deve ser puramente objetiva nem excessivamente subjetiva” (Cantanhede e Zanforlin, 2020, p. 3). Isso porque “seja qual for a relação entre a realidade divulgada e a realidade verdadeira, os receptores consideram as notícias como testemunho autêntico dos acontecimentos reais. Isto significa que no tocante ao seu efeito ele deve colocar-se em equação com a realidade” (Schulz, 1976 *apud* Cantanhede e Zanforlin, 2020, p. 4).

Para considerar jornais enquanto fontes de pesquisa, cabe não o pensar como simples receptáculo de informações, mas sim, a partir dos seus objetivos, do seu contexto, do grupo que o edita e consome, suas intencionalidades, interpretações e relações. Para empreender este movimento, optou-se pela investigação voltada à observação de elementos textuais e gráficos, conteúdos e valores disseminados.

Neste sentido, a Análise de Conteúdo apresenta-se como opção viável pelo fato do Jornal da Cognópolis mostrar-se como rica fonte de inferências, permitindo a comparação de dados, discursos, símbolos, concepções de mundo, condições de produção, etc. (Franco, 2019).

## 1.2 PLANO DE PESQUISA

Para isso, criou-se um plano de pesquisa, já que entre a descrição das características do texto, que é a primeira etapa, e a interpretação dos achados, que é a última, as inferências irão permitir a passagem explícita e controlada entre as duas.

O plano para coletar e analisar dados inicia-se com a definição dos objetivos da pesquisa, depois, delinear o referencial teórico e conhecer o material. Deste modo, é possível realizar a pré-análise para definir o *corpus* da pesquisa, definido como “o conjunto de documentos tido em conta para serem submetidos aos procedimentos analíticos” (Bardin, 1977 *apud* Franco, 2018, p. 55).

A pré-análise constitui um conjunto de buscas iniciais com objetivo de organizar o material de pesquisa, ou seja, “estabelecer contatos com os documentos a serem analisados e conhecer os textos e as mensagens neles contidas, deixando-se invadir por impressões, representações, emoções, conhecimentos e expectativas” (Franco, 2018, p. 54). No caso da presente pesquisa, este primeiro contato foi realizado em 2023, enquanto esta autora participava das aulas do programa.

Para a primeira varredura do conjunto, foram acessados os volumes digitalizados e dispostos no *site* do ICGE, organizando-se os dados em um quadro geral, pois as percepções iniciais estavam relacionadas às mudanças gráficas como nome, ano editorial e leiaute<sup>10</sup>. Tal observação reuniu o material em grupos por período e percebeu-se que era o mesmo veículo, porém, ao mesmo tempo, não. Tal compreensão gerou a seguinte pergunta: como se deram essas mudanças e qual a relação entre elas e o processo histórico da própria comunidade?

As edições que foram observadas de maneira “flutuante”<sup>11</sup>, a princípio, foram revisitadas para a coleta de alguns dados iniciais, como a data de publicação, o ano editorial, o nome que o Jornal adotava na época, a tiragem, quem fazia parte da equipe a partir do expediente, se tinha endereço, formas de contato, entre outros dados, conforme o Quadro 01. Ele é uma amostra da Visão Geral, onde cada agrupamento está separado por cores, sendo

---

<sup>10</sup> Leiaute, ou *layout*, é o esboço especificando fonte e corpo dos caracteres utilizados, diagramação, cores e formato de qualquer obra a ser produzida (Houaiss, 2001, p. 1738).

<sup>11</sup> Na Análise de Conteúdo, a leitura “flutuante” faz parte da pré-análise e consiste em “estabelecer contato com os documentos a serem analisados e conhecer os textos e as mensagens neles contidas” (Franco, 2018, p. 54).

que, por questão de espaço, foram selecionadas no máximo duas linhas de cada categoria e o restante, ocultado:

Quadro 01 – Visão geral da pesquisa por amostragem

1	Ed.	Data	Ano	Título	Tiragem	Produção	Páginas	Equipe	Contato	Publicidade?	Obs
2	1	08/1995	1	Informativo do Centro de Altos Estudos da Cor	x	COOIP	2	Adelino Caixa	Por não		O primeiro exemplar foi patr
3	2	09/1995	1	Centro de Altos Estudos da Consciência - Infor	x	COOIP	2	x		não	x
9	8	03/1996	1	CEAEC - Centro de Altos Estudos da Consciêr	x	COOIP	2	x	Telefax +	não	1a mudança de nome do jor
10	9	04/1996	1	CEAEC - Centro de Altos Estudos da Consciêr	x	COOIP	2	x	Telefax +	não	x
18	17	12/1996	2	CEAEC - Centro de Altos Estudos da Consciêr		300 Cooperati	2	x	expedient	não	mudou o nome do jornal (ac
19	18	01/1997	2	CEAEC - Centro de Altos Estudos da Consciêr		300 Cooperati	2	x	expedient	não	x
33	32	03/1998	3	CEAEC - Centro de Altos Estudos da Consciêr		600 Editora CE	6	Denise	tel; email;	não	COMEÇAM A PUBLICAR O
34	33	04/1998	3	CEAEC - Centro de Altos Estudos da Consciêr		600 Editora CE	6	Denise	tel; email;	não	protótipo do que se tornarar
87	86	09/2002	8	Jornal do Campus Conscienciologia - Jornal de		1000 Grafort	4	Cláudio	tel; email;	não	muda o nome do Jornal; pri
88	87	10/2002	8	Campus Conscienciologia - Mensário do CEAE		600 Digicards	4	Cláudio	tel; email;	não	a impressão fica verde, mas
89	88	11/2002	8	Jornal do Campus CEAEC - Mensário da Asso		2000 não consta	4	Cláudio	endereço	não	no expediente, o endereço c
90	89	12/2002	8	Jornal do Campus CEAEC - Mensário da Asso		2000 não consta	4	Cláudio	endereço	não	
169	168	07/2009	14	Jornal da Cognópolis - Informativo Mensal da C		1000 CEAEC e C	4	Amaury	email	con sim	Muda a estética do Jornal. A
170	169	08/2009	15	Jornal da Cognópolis - Informativo Mensal da C		1000 CEAEC e C	4	Amaury	email	con sim	a diagramação passa a ser
171	170	09/2009	15	Jornal da Cognópolis - Informativo Mensal da C		1000 CEAEC e C	4	Amaury	email	con sim	Evento apresenta diagnósti
172	171	10/2009	15	Jornal da Cognópolis - Informativo Mensal da C		1000 CEAEC e C	4	Amaury	email	con sim	Inauguração oficial do camp
203	202	06/2017	20	Jornal da Cognópolis - Informativo Mensal da C		2000 Suprainstit	4	Nerli Vi	endereço	sim	Começa a arte nas cores qu
204	203	07/2017	20	Jornal da Cognópolis - Informativo Mensal da C		1500 Suprainstit	4	Nerli Vi	endereço	sim	Tanto o cabeçalho quanto o
237	236	07/2020	23	Jornal da Cognópolis - Informativo da Comunic		x Suprainstit	6	Coorde	Endereço	sim	última edição analisada; ten

Fonte: a autora, 2024.

As cores foram escolhidas aleatoriamente, mais para organização, de acordo com uma mudança relevante de nomenclatura ou equipe gestora. Também foi acrescentada uma aba de observações, preenchida com o que era considerado digno de nota. Importante salientar que, na primeira leitura, esta autora já foi realizando associações e formulando hipóteses, que foram melhor aprofundadas ao longo do processo de pesquisa. Deste modo, as reflexões foram inicialmente registradas da maneira como vinham, em termos coloquiais, tudo para não interromper a linha de pensamento e mantê-la o mais transparente possível, inclusive para detectar como as impressões incipientes foram se alterando conforme chegavam novos dados.

Geralmente, a categorização do material, chamada de pré-análise, possui três incumbências: a escolha dos documentos a serem submetidos à análise; a formulação das hipóteses ou objetivos; e a elaboração de indicadores que fundamentem a interpretação final (Bardin, 1977, *apud* Franco, 2018, p. 53).

Sobre a escolha dos documentos, já existia um *corpus* mais ou menos delineado, já que no caso dos jornais impressos, há a data de início, quando ele foi lançado, e a final, no caso, a última impressa, totalizando 236 edições, de agosto de 1995 a julho de 2020, em português. A partir da edição 207, começam a aparecer três tradutoras no expediente (espanhol, italiano e inglês) e, na edição 2017, o próprio ICGE disponibiliza edições

traduzidas nestes idiomas. Porém, elas foram desconsideradas já que os assuntos seriam os mesmos. Em tempo, o motivo de submeter à análise somente as edições impressas digitalizadas já foram citados na introdução, mas serão reiterados:

1) pela diferença de formato, espaço (sem limite de palavras), estilo de diagramação (presença de *hyperlinks*), periodicidade, etc. tornando o objeto de pesquisa desigual e a própria base teoria divergente, pois seria necessário ampliar para o jornalismo digital, o que descaracteriza praticamente todo o resto do material;

2) por ser uma pesquisa cujo interesse maior são fatos que já ocorreram;

3) a presença desta autora no voluntariado do Jornal e a busca por o máximo de objetividade nas interpretações, optando por edições em que ela não estivesse direta ou indiretamente relacionada.

As razões supracitadas seguem algumas regras e princípios da AC. Primeiro, a Regra da Homogeneidade, que diz que os documentos a serem analisados devem “obedecer a critérios precisos de escolha e não apresentar demasiada singularidade que extrapolem os critérios e objetivos definidos” (Franco, 2018, p. 57), ou seja, na busca de uma análise comparativa mais isenta, o objeto de pesquisa precisa ter características similares.

Algumas outras regras que constituem essa fase são a Regra da Exaustividade e da Representatividade. A Regra da Exaustividade afirma que, mesmo diante das dificuldades, é importante direcionar os esforços na busca de informações complementares com objetivo de esclarecer os textos e diminuir as lacunas (Franco, 2018, p. 55).

Este aspecto já foi mencionado anteriormente, sendo que umas das bases para o presente trabalho é a completa pesquisa de Silva (2020), que alguns anos antes, elaborou sua tese de Doutorado com enfoque na CCCI, adiantando parte das discussões no que tange à comunidade, territorialidade, memória e aspectos institucionais. Outros autores da Conscienciologia podem eventualmente auxiliar a esclarecer determinados pontos, porém, o foco é a pesquisa documental no próprio Jornal, que traz numerosas possibilidades de comparação em si mesmo, já que foi produzido por diferentes equipes e períodos, demonstrando os resultados dessas escolhas em suas páginas.

Outras referências incluem autores e pesquisadores da Comunicação, mais notadamente do Jornalismo. Deste modo, os dados obtidos podem ser comparados e

debatidos para produzir inferências, já que um “grupo de especialistas pode se constituir em um excelente indicador no sentido de garantir a fidedignidade e validade do conteúdo analisado” (Franco, 2018, p. 33). Além disso, a comparação é um dos processos mais importantes deste tipo de análise, pois é a partir dela que são produzidas as inferências, que conferem ao trabalho, relevância teórica, já que informações puramente descritivas não têm o mesmo valor.

Já a Regra da Representatividade diz que a análise pode ser efetuada a partir de amostras, desde que o material a ser analisado seja demasiadamente volumoso. No caso da presente pesquisa, foram em média mil páginas, mas optou-se por fazer a leitura, a descrição e a pré-análise qualitativa de todos os documentos, trazendo as principais informações estruturais.

Após a escolha dos documentos e a pré-análise, o próximo passo é a formulação de hipóteses, que são definidas como afirmações provisórias que o pesquisador se propõe a verificar, confirmando-as ou refutando-as, recorrendo para isso aos procedimentos de análise (Franco, 2018, p. 57).

A observação inicial da trajetória do Jornal revelou indícios de um processo de profissionalização na produção das matérias e em suas características enquanto veículo de comunicação, agregando ao seu propósito original de disseminar informações na forma de boletim informativo. Pode-se levantar a hipótese de que, mesmo com a sofisticação das estratégias comunicacionais, tornando as matérias mais estruturadas, com um viés mais objetivo e adotando novos formatos jornalísticos, o periódico continuou priorizando sua atuação voltada à comunidade, embora com novas formas de abordagem e apresentação.

Também se percebeu que, enquanto o discurso institucional tende a enfatizar as conquistas, a harmonia e a consolidação, a realidade vivida pelos indivíduos dentro da comunidade pode apresentar nuances, desafios e contradições que nem sempre encontram espaço na narrativa oficial. Essa lacuna ocorre, em parte, porque os jornais institucionais operam como instrumentos de fortalecimento identitário e engajamento, priorizando uma visão otimista que reafirme os valores do grupo, porém que, ao fazer escolhas e selecionar enquadramentos, refletem apenas um aspecto da realidade.

Sobre levantar hipóteses, Bardin (1977, *apud* Franco, 2018) afirma que é interrogar-se: “será verdade que, tal como é sugerido pela análise *a priori* do problema e pelo

conhecimento de que dele possuo, ou, como as minhas primeiras leituras me levaram a pensar, que...?” (Bardin, 1977, *apud* Franco, 2018, p. 58).

Tal questionamento demonstra que as perguntas iniciais podem não ser as mesmas ao final do trajeto, já que as impressões vão se alterando à medida que novas informações entram em foco, sem que isso signifique deixar de utilizar técnicas adequadas e sistematizadas. Ademais, certas análises podem começar sem hipóteses pré-concebidas, mesmo que, muitas vezes, o analista seja orientado por hipóteses implícitas. Daí a importância das interpretações que não estejam exatamente ancoradas nos discursos, mas que se mostram valiosas quando unidas à dedução.

Por exemplo, o Jornal passou por diversas equipes, sendo que alguns de seus membros eram jornalistas, mas também havia pesquisadores de outras áreas, que contribuíram na escrita, revisão e outros aspectos do veículo. Havia, também, correspondentes (autores de outras instituições que escrevem esporadicamente para o Jornal), que enviaram textos para divulgar eventos de seu interesse, contribuindo com a pluralidade de vozes e enfatizando o aspecto comunitário, mas também reduzindo a qualidade jornalística das matérias. É possível perceber essas diferenças na escrita do texto, menos preocupada com a isenção na hora de tratar os fatos, misturando opinião e acontecimento, às vezes em primeira pessoa.

As mudanças de coordenação também são objeto de análise, já que suas prioridades alteraram diversos aspectos do Jornal. Algumas equipes priorizaram a estética, trazendo um leiaute mais elaborado, feito por empresa terceirizada, sendo os custos financiados pela venda de espaço publicitário. Porém atentando-se menos aos detalhes dos expedientes, criando problemas com a datação e o registro. Percebe-se uma perspectiva do Jornal enquanto veículo de comunicação e não como receptáculo de memória. Já outra equipe, por exemplo, focava mais na exatidão e detalhamento das informações, trazendo custos e valores acurados, com as datas corretas, mas com menos qualidade técnica, leiaute simples, diagramação funcional e não tão criativa. É outra perspectiva.

Aproveitando para deixar claro que não é objetivo deste trabalho fazer juízo de valor, apontando o que seria “melhor” ou “pior”, até porque em muitos casos, é uma resposta subjetiva. A intenção aqui é apontar as características e discuti-las a partir de conceitos jornalísticos, sociais e identitários.

Outra questão é a linguagem do texto, mais ou menos informal, mais ou menos próxima, mais neutra ou com mais adjetivos. Enfim, há inúmeros dados que vão se apresentando já na pré-análise, delineando possíveis hipóteses que serão melhor aprofundadas, confirmadas ou refutadas ao longo do trabalho. Agora, as unidades e categorias de análise. As Unidades de Análise dividem-se em duas: de Registro e de Contexto. A Unidade de Registro, segundo Franco (2018, p. 43) é a menor parte do conteúdo, cuja ocorrência é registrada de acordo com as categorias levantadas. Ela pode ser de diferentes tipos, sendo que cada uma delas, embora interrelacionadas e complementares, inclui características específicas e deve estar adaptada à investigação.

A Unidade de Contexto “corresponde ao segmento da mensagem, cujas dimensões (superiores às da unidade de registro) são ótimas para que se possa compreender a significação exacta da unidade de registro” (Bardin, 1977, p. 107). Ou seja, ela contextualiza a Unidade de Registro dando-lhe significado, o que poderá facilitar as interpretações e as inferências.

Unidades de Registro dividem-se em Palavras, Temas, Personagens e Itens. No caso da presente pesquisa, utilizar-se-á todos com maior e menor ênfase pelo fato de serem muitos materiais, já que cada edição do Jornal tem no mínimo duas laudas (sendo que a maior edição conta com 16) e a média é de quatro, e que cada lauda possui uma série de matérias distribuídas de acordo com um leiaute padrão (que varia a cada mudança de Projeto Gráfico).

O Item refere-se a um elemento do conteúdo que pode ser isolado e analisado: pode ser uma palavra, uma frase, um parágrafo, uma imagem ou outro dado que represente uma unidade significativa de conteúdo. Ele é o ponto de partida para identificar padrões, relações e significados no material estudado. Considerando que o Jornal é composto de diversos itens, desde os que compõem os textos até os que criam uma diagramação funcional, entende-se que “quando usada conjuntamente com categorias complexas e bem articuladas (...) [o item], pode se constituir em um importante guia de referência para a análise e interpretação de conteúdos (...)” (Franco, 2018, p. 47).

A Palavra é a “menor unidade de registro usada em Análise de Conteúdo. Pode ser uma simples palavra (oral e/ou escrita), um símbolo, ou um termo” (Franco, 2018, p. 44). Ou seja, se refere a um termo específico ou expressão identificada no material analisado, com significado relevante para os objetivos da pesquisa. É utilizada para determinar a frequência de certas palavras no texto, bem como sua relação com outras palavras.

No caso da presente pesquisa, algumas perguntas orientam o uso desta unidade de registro: o que se repete no discurso da comunidade? Quais valores, ideias e eventos são evidenciados pelos termos utilizados? Para respondê-las, esta autora descreveu as matérias e assuntos de cada edição, pretendendo identificar os termos predominantes e qual sua relação com o contexto.

Um dos cuidados a se tomar na pesquisa será *chamar as coisas pelo nome*, como atividades, cursos, eventos, instituições, entre outros. Isso significa evitar siglas e não se referir às atividades de maneira generalista. Levou um pouco mais de tempo para escrever tudo por extenso, mas facilitou tanto as buscas de variáveis quanto o próprio fazer pesquisístico, já que as definições presentes na nomenclatura evidenciam o processo de associação de ideias de determinado contexto, garantindo resultados mais acurados.

Outro cuidado foi tomado nos títulos das matérias, identificados entre aspas para diferenciá-los das descrições, resumidas da maneira mais completa possível, um desafio para o poder de síntese desta autora. Isso foi importante para entender a progressão de determinados projetos e suas nuances ao longo do caminho. Além disso, tomou-se especial atenção em anotar os saldos quando estes apareciam nos balanços de determinado período, bem como as datas e a classificação ordinal de cada evento, para fomentar uma ordem crescente no dicionário cerebral, ainda que inconsciente, e auxiliar na correlação e interpretação dos fatos registrados.

Já o Personagem se refere a personalidades possíveis de serem identificadas de acordo com diferentes indicadores. Para isso, além dos títulos das matérias, também foram identificados os autores, e quando não havia nenhum (como na época em que o Jornal falava pela cooperativa e seu aspecto institucional era mais arraigado, por exemplo), tal fato foi registrado. Os nomes das equipes que fazem parte do expediente também constaram em uma planilha, na Visão Geral (Quadro 1). No que se refere aos nomes dispostos nas matérias, sejam como fontes ou participantes indiretos, a ideia foi trazer aqueles que eram mais relevantes para o grupo, como o propositor da Conscienciologia, Waldo Vieira, ou autoridades, como coordenadores de eventos e secretários-gerais; ou que tivessem uma aparição de destaque, sendo um nome repetido várias vezes ou por longos períodos, representando uma figura significativa para determinado momento histórico.

Essa é uma Unidade de Registro a ser utilizada, a princípio, para diferenciar as matérias redigidas pela equipe do Jornal e as feitas por correspondentes, para identificar as

equipes coordenadoras das edições e através delas compreender os resultados dispostos nos conteúdos e nas formas, para determinar em quais períodos determinados redatores aparecem, para identificar autores, professores e voluntários que se destacaram como fonte das reportagens, buscando entender sua relevância. Segue, portanto, um quadro que ilustra parte do material de pesquisa:

Quadro 02 - Análise de uma edição completa

**2010, setembro - Ano 16 - No 182 (2 laudas, 500, com expediente):**  
A partir daqui começam as confusões relacionadas ; muda o estúdio de diagramação (**Magenta**) e o comercial; "Fundada a **Associação de Moradores do Bairro Cognópolis de Foz do Iguaçu**", por Júlio César - em 16 de outubro foi fundada a associação proposta no **Conselho dos 500**, que deveria atender todo o bairro **Cognópolis**, "que ultrapassa os campi e condomínios conscienciológicos e não possui qualquer vinculação direta à estrutura institucional da **CCCI**" (p. 1). Para garantir isso, qualquer morador ou proprietário de imóvel acima de 18 pode se associar e votar. A sede provisória ficou sendo no **Discernimentum**; "**Conselho dos 500 - 4a reunião**", por Júlio César - eleitos conselheiros para gestão de um ano, apresentado o sistema **Hélios** para votação eletrônica, questões relativas ao **Plano Diretor da Cognópolis**; **não tem mais agenda do mês** até a mudança do nome na ed. 186; classificados: Frontur, Corretor de Imóveis Moacir, Gráfica Grafel, TV Compléxis, Táxi Odair, Griffé Gourmet, Eliana Colpo Estética, Cybermais, Adelson Limpeza, ANV Turismo, psicóloga Luciana Salvador, [cognopolisimoveis.blogspot](http://cognopolisimoveis.blogspot), Amigos da Enciclopédia.

Fonte: a autora, 2024.

As cores são apenas a título de organização mental, sendo amarelo para o que se refere ao Jornal enquanto veículo, como mudanças de expediente, surgimento de fotos coloridas, novas seções, classificados, entre outros. Já a cor laranja é para aspectos do Jornal que servem à comunidade, como demonstrativos financeiros, avisos sobre cursos e eventos, assuntos e atividades que demonstrem aspectos da relação da CCCI com a Tríplice Fronteira, campanhas para angariamento de recursos, divulgação de eventos de confraternização, mudanças administrativas e a movimentação de voluntários (partidas e chegadas).

O verde engloba os registros históricos, como eventos que já ocorreram, balanços e estatísticas regulares, visitas célebres, experimentos e atividades oficiais. O azul envolve o desenvolvimento de cursos, materiais, livros e eventos relacionados à pesquisa e desenvolvimento da proposta da ciência Conscienciologia. Há ainda a cor vermelha para identificar os assuntos relacionados aos avanços territoriais e de estrutura, expansão dos

*campi*, construções de laboratórios, biblioteca (Holociclo<sup>12</sup> e Holoteca), jardins e paisagismo, além dos condomínios feitos pela comunidade e para a comunidade, gerando inclusive a mudança do nome da região para Bairro Cognópolis.

E por fim, o Tema, que é considerado como a mais importante Unidade de Registro na AC, sendo definido enquanto “uma sessão sobre determinado assunto (...). indispensável no estudo sobre a propaganda, representações sociais, opiniões, expectativas, valores, conceitos, atitudes e crenças” (Franco, 2018, p. 44 e 45). Em outras palavras, ele representa uma ideia ou assunto principal trazido no discurso do texto, sendo utilizado para interpretar os conteúdos em um nível mais profundo.

A intenção, aqui, era identificar e contabilizar os temas pela planilha demonstrada no Quadro 01 (por isso a importância de chamar as coisas pelo nome), criando planilhas separadas para temas mais relevantes, em busca de uma perspectiva geral mais apurada.

Por exemplo, conforme o supracitado Quadro 02, o termo “Conselho dos 500” aparece duas vezes, em duas matérias diferentes: em uma de maneira secundária, como o propositor da Associação dos Moradores e Amigos da Cognópolis (AMAC), que dá um tema por si só, e em uma matéria de praxe que registra as decisões tomadas na 4ª reunião do grupo. A ideia é contabilizar quantas vezes ele foi citado pelo Jornal, quando aparece e desaparece e sob quais contextos, além de criar uma linha do tempo, avaliando a forma como ele é retratado. Outro exemplo é o da Holoteca, conforme o quadro a seguir:

Quadro 03 - Exemplo de categoria de pesquisa

<b>HOLOTECA</b>	
<b>ED.</b>	<b>Matéria</b>
1996, março - Ano 1 - No 8	Inaugurado o protótipo da biblioteca com 10.000 volumes doados por Waldo Vieira;
1996, setembro - Ano 2 - No 14	Mutirão p/ catalogar os 6.000 livros da biblioteca;
1997, janeiro - Ano 2 - No 18	Biblioteca é ampliada com mais 7 mil volumes;
1997, março - Ano 2 - No 20	Biblioteca do CEAEC agora c/ sala anexa e 30 mil exemplares;
1997, abril - Ano 2 - No 21	Ceaec recebe artefatos do saber (fitas de vídeo, conchas, livros infantis);
1997, setembro - Ano 3 - No 26	Doação de livros internacionais para a biblioteca;
1998, maio - Ano 3 - No 34	Primeira matéria que pauta a Holoteca com mais detalhes;

Fonte: a autora, 2024.

<sup>12</sup> Em agosto de 2000 (ed. 61), o Jornal anunciou uma área da Holoteca como escritório para o professor Waldo Vieira realizar os trabalhos da primeira Enciclopédia da Conscienciologia em uma área que correspondia a 500 m<sup>2</sup> da estrutura, com mesas, livros, revistas, jornais, computadores e uma equipe de colaboradores. Já na ed. 66, de janeiro de 2001, o Holociclo é explicado pela primeira vez, chamado de celeiro de ideias, útero ou linha de montagem mentalsomática, cuja riqueza do acervo era notável: mais de 1.700 dicionários temáticos e idiomáticos, enciclopédias, seção de livros, além de recortes de revistas e jornais.

Deste modo, parte-se da hipótese de que é possível criar linhas cronológicas de raciocínio sobre os temas e compreendê-los de acordo com o Jornal. Algumas questões norteadoras podem ser: os temas mais frequentes, os mais relevantes em determinado período, quais valores eles transmitem, influenciando na formação da identidade do grupo, e como esses valores se relacionam com a realidade percebida nas notícias. Para isso, era interessante mostrar as atividades em seus diferentes formatos, alterados pelos desafios da experiência prática, que inevitavelmente exige adaptações. Por isso, o Tema também foi uma ferramenta útil para identificar as negociações de memória.

Pollak (1989) apoia-se em Halbwachs (1968) para explorar diferentes processos e estruturas que formam e solidificam a memória coletiva, tais como: os monumentos, o patrimônio arquitetônico, as paisagens, datas e personalidades históricas, tradições, costumes, certas regras de interação, o folclore, a música e as tradições culinárias (Pollak, 1989, p. 3). Ele explica que a memória coletiva possibilita definir o que é comum ao grupo e o que o diferencia de outros, fortalecendo o sentimento de pertencimento e identidade.

O jornal, no caso, pode ser considerado uma espécie de patrimônio histórico, pois configura-se enquanto um receptáculo de informação a partir de onde é possível identificar todas essas estruturas, em maior ou menor grau, com base nos fatos e indícios encontrados nas matérias. Mesmo no caso do jornal institucional-comunitário, que está reproduzindo versões de seus agentes condicionados a um contexto, é possível identificar as seletividades e negociações de memória.

Negociação de memória, para Pollak (1989) seria o processo de conciliar a memória coletiva e as memórias individuais, sendo necessário haver pontos de contato entre os testemunhos para que uma lembrança pudesse ser reconstruída sobre uma base comum. Isso revela um caráter potencialmente problemático da memória que, por ser uma narrativa, pode ser construída por diferentes enquadramentos, dependendo de diversos fatores, como o aspecto cognitivo e mesmo os interesses, distanciando um relato da realidade dos fatos.

Por isso, é importante ressaltar que o jornal, ao registrar o cotidiano, contribui para que as versões sejam documentadas de maneira escrita, diminuindo as possibilidades de alteração, e por tratar do atual e do efêmero, pode delinear tendências emergentes, apreendendo as ideias em “plena ebulição cultural”, enquanto que os documentos oficiais “pressupõem certa maturação intelectual” (Marques de Melo, 2007, p. 18). Na prática, isso significa que as características de um acontecimento ou estrutura podem não ser as mesmas

ao final do processo, e o registro periódico possibilita o acompanhamento das alterações ao longo do tempo.

E por fim, após as Unidades de Análise, definem-se as Categorias, que classificam os elementos constitutivos de um conjunto e sua reorganização a partir de critérios definidos. Elas podem ser criadas *a priori*, predeterminadas em função da busca de uma resposta específica, e *a posteriori*, que emergem do conteúdo observado. No caso da presente pesquisa, desde a primeira leitura já surgiram associações de ideias que geraram hipóteses, que normalmente eram formuladas em um arquivo à parte. Ao longo do trabalho, verificou-se a necessidade de mudanças e mesmo a inclusão de novos conjuntos, o que é natural, já que, segundo a autora, a maioria dos casos implica em alterações nas versões do sistema categórico à medida que a investigação avança, que é lapidado e enriquecido para dar origem à uma compreensão mais rica e satisfatória.

O processo de categorização, segundo Franco (2018), tem implicações em ambos os caminhos: nas categorias *a priori*, podem gerar uma simplificação e fragmentação do conteúdo manifesto, além de restringir o pesquisador à busca de indícios que se adequem ao seu sistema de variáveis, o que pode induzir o resultado. Já as categorias *a posteriori*, exigem maior bagagem teórica do investigador. Assim, decidiu-se estabelecer algumas categorias *a priori*, porém com total liberdade de mudanças e alterações a partir dos achados *a posteriori*. Tanto que, no início da pesquisa, essa autora pensava que o objeto de pesquisa era a comunidade. Ao longo do processo, no entanto, considerando a própria formação acadêmica (Comunicação Social - Jornalismo), ficou claro que o objeto era o Jornal e que a CCCI apareceria inevitavelmente a partir de suas páginas.

Assim, entende-se que, mesmo quando o problema e as hipóteses estão claros, não existe um caminho específico, e é pertinente, portanto, apoiar-se em Lapuente (2015) quando este afirma acreditar que “a metodologia de pesquisa adotada pelos pesquisadores vai depender do recorte do pesquisador, do seu objeto de pesquisa e de sua abordagem” (Lapuente, 2015 *apud* Cunha, 2021, p. 13).

E como ficou estabelecido que o foco seria o Jornal, o próximo tópico discute a importância do jornalismo para a sociedade e os conceitos de jornalismo institucional e comunitário.

### 1.3 JORNALISMO E SOCIEDADE

O jornalismo surgiu para fortalecer uma necessidade humana básica: a comunicação, já que “desde sempre o homem procurou comunicar aos seus semelhantes as novidades e as histórias socialmente relevantes de que tinha conhecimento” (Sousa, 2005, p. 18). O autor ressalta que os assuntos significativos para grupos da antiguidade não são, necessariamente, o mesmo para indivíduos modernos, porém, a gênese do jornalismo encontra-se aí: na arte de contar histórias, no interesse por novos acontecimentos e na importância de compreensão da própria realidade comum.

Com a invenção da escrita e o suporte do papel, as cartas, a prensa, o rádio e outras inovações modificaram e aprimoraram as formas de transmitir notícias, transpondo obstáculos do tempo e espaço na difusão de informações e narrativas. Das *Actas Diurnas*<sup>13</sup> na Roma antiga ao Novo Jornalismo<sup>14</sup> do século XX, o ato de dar notoriedade a determinados acontecimentos, o consumo da informação e o debate social a partir destes ocupam um espaço significativo na vida das pessoas e um papel relevante em seus comportamentos e na imagem que elas constroem da realidade.

Tal processo valida, portanto, a importância dos textos jornalísticos enquanto fonte histórica, que carregam registros de maneiras de pensar e de viver em determinada época, revelando através de suas múltiplas linguagens os interesses e aspectos do meio em que estão inseridos. E, portanto, autores buscam expandir a discussão sobre o jornalismo, como Amaral (2001), que o vê enquanto o processo de transmissão de informação, através de veículos de difusão coletiva, com características de atualidade, periodicidade e recepção coletiva. Já Bahia (1990) afirma que: “a palavra jornalismo quer dizer apurar, reunir,

---

<sup>13</sup> Na Roma antiga, por ordem de Júlio César, eram afixadas as *Actas Diurnas*. Estas *Actae* inicialmente apenas relatavam as sessões do Senado Romano e os procedimentos judiciais mais importantes, mas os seus conteúdos diversificaram-se durante os mais de trezentos anos da sua existência. As *Actas* passaram a referenciar uma panóplia de assuntos, como acontecimentos importantes para o Império, combates de gladiadores, atos públicos da família imperial, etc. As *Actae* talvez sejam, no Ocidente, as antepassadas mais remotas dos atuais jornais (Sousa, 2005, p. 18-19).

<sup>14</sup> No final do século XIX, nos Estados Unidos, surgiu o primeiro Novo Jornalismo da história, que teve como principais expoentes e impulsionadores os empresários Pulitzer e Hearst. O jornalismo ali tornou-se mais noticioso e factual, mas, por vezes, mais sensacionalista. Já o segundo movimento de Novo Jornalismo, nos anos sessenta, teve duas forças motrizes principais: a assunção da subjetividade nos relatos sobre o mundo, e a retomada do jornalismo de investigação em profundidade, que revelou ao mundo escândalos como o do *Watergate* (Sousa, 2005, p. 20 e 28).

selecionar e difundir notícias, ideias, acontecimentos e informações gerais com veracidade, exatidão, clareza, rapidez, de modo a conjugar pensamento e ação” (Bahia, 1990, p. 9).

Barros (2023), que é historiador, trata-o enquanto objeto cultural, material, gráfico, informacional e mercadológico, discursivo, político e ideológico. Para ele, as características gerais que parecem ser partilhadas por boa parte dos jornais são: a periodicidade, o alcance para setores amplos, o baixo custo para o consumidor e o declarado compromisso em ser um retrato fiel da realidade. Já para o jornalista e pesquisador português, Jorge Pedro Sousa, a principal função do jornalismo, nos estados democráticos de direito, é a de manter um sistema de vigilância e de controle dos poderes através da difusão pública de informações, relatando e interpretando atos, expondo o contexto em que se praticam, explicando as suas consequências possíveis e revelando as suas condicionantes (Sousa, 2005, p. 13).

Porém, ele acrescenta que, obviamente, esta não é sua única função, sendo também noticiar acidentes, casos de polícia, patrimônio natural e histórico, comportamento da Bolsa (de Valores), informação de serviços são alguns dos exemplos de temáticas abordadas pela imprensa jornalística (Sousa, 2005, p. 14). Pode também ter função de distração e entretenimento, oferecendo notícias interessantes e não apenas importantes, passatempos, conselhos de beleza, moda e comportamento. E ainda, pode contribuir para a formação dos seus leitores, exercendo pedagogia social, ensinando, informando sobre como contribuir de maneira cidadã. Deste modo, o jornalismo tem constituído até hoje parte importante do mundo moderno, e pode ser de diversos tipos, acompanhando a amplitude da própria sociedade.

Não há um jornalismo. Há “vários” jornalismo, porque também há vários órgãos jornalísticos, vários jornalistas, várias pessoas que podem ser equiparadas a jornalistas, vários contextos em que se faz jornalismo. O jornalismo que se faz na imprensa regional e local, por exemplo, é diferente do jornalismo que se faz nos grandes jornais e revistas. O jornalismo especializado é diferente do generalista. O jornalismo escolar é diferente do jornalismo empresarial (Sousa, 2005, p. 15)

Portanto, buscar-se-á entender um pouco mais sobre dois gêneros jornalísticos que fazem parte do escopo desta pesquisa: o institucional e o comunitário, já que o Jornal da Cognópolis pode ser caracterizado um *house organ*, porém o grupo estudado tem suas peculiaridades: embora se constitua através de instituições sem fins lucrativos, adota

estratégias a partir de lógicas empresariais para sobreviver, relacionando-se enquanto comunidade a partir de relações institucionalizadas em formato de voluntariado.

#### 1.4 JORNALISMO INSTITUCIONAL-COMUNITÁRIO

O jornalismo institucional é um gênero que preserva as características do jornalismo tradicional, como técnicas de produção, universalidade do conteúdo e periodicidade nas publicações, mas que busca atender às necessidades de uma empresa ou instituição, evidenciando as áreas e serviços oferecidos, e divulgado informações importantes, como eventos e ações corporativas (Cunha, 2021, p. 12). É utilizado para construir uma imagem institucional, no sentido de influenciar a forma como ela é percebida através de práticas discursivas.

Portanto, diferentemente do jornalismo praticado na mídia tradicional, o jornalismo institucional tende a priorizar as conquistas, o positivo, o favorável e o seguro, evitando as contradições entre os fatos, os aspectos negativos ou frustrantes das iniciativas. Tal procedimento acaba por constituir o gênero híbrido do jornalismo, que mescla texto-notícia com texto-propaganda e objetiva, principalmente, fortalecer a imagem percebida socialmente. Isso, obviamente, afeta a maneira de compor as notícias, ainda que o objetivo principal permaneça sendo de caráter informativo.

O jornalismo institucional se insere em uma subárea importante do setor de comunicação, sendo de responsabilidade de jornalistas com enfoque em assessoria de imprensa, ou seja, em fomentar a boa imagem da organização perante o público. Desta maneira, a diferença entre produzir notícias para um jornal institucional e para um tradicional “está no fato de a publicação institucional se preocupar com as demandas de uma determinada organização, enquanto o jornalismo informativo se volta às necessidades humanas mais amplas, universais” (Santos, 2010, *apud* Santos, 2023, p. 33). Contudo, conforme abordado anteriormente, mesmo um jornal pretensamente imparcial também está sujeito ao posicionamento editorial de uma determinada organização, à subjetividade da equipe, ou ainda aos interesses de seus patrocinadores.

Deste ponto de vista, o procedimento adotado no jornalismo institucional não está indo contra os princípios do jornalismo, tampouco se constitui em um problema ético. O jornal institucional tem como objetivo informar, bem como o jornal de grande alcance, a

diferença é que, enquanto o segundo pretende-se imparcial, o primeiro de antemão se propõe a apresentar um determinado acontecimento a partir de uma perspectiva sem contradições, sendo notoriamente favorável ao avanço da instituição.

Esse é o jornalismo institucional, porém, conforme visto, a CCCI também traz características que a configuram enquanto comunidade. Assim, o jornalismo comunitário pode ser definido enquanto uma forma de comunicação

que por vezes é denominada popular, alternativa ou participativa – se [e] caracteriza por processos de comunicação baseados em princípios públicos, como não ter fins lucrativos, propiciar a participação ativa da população, ter – preferencialmente – propriedade coletiva e difundir conteúdos com a finalidade de desenvolver a educação, a cultura e ampliar a cidadania (Peruzzo, 2008, p. 375).

Ou seja, ele procura abordar assuntos de determinada comunidade, grupo ou segmento populacional que normalmente não encontram espaço na mídia convencional. Além disso, os produtores das mensagens não são necessariamente especialistas ou profissionais de comunicação, mas cidadãos comuns, que participam dos processos comunicativos em interesse ao desenvolvimento da comunidade, como ampliar a educação, a cidadania e a cultura, questões que são constantemente retomadas no Jornal da Cognópolis.

Na visão da autora, a mídia comunitária tem sua origem nos movimentos populares dos anos 1970 e 1980, no Brasil e na América Latina, caracterizando-se inicialmente como “comunicação do povo”, ou um processo que emergia da ação de grupos marginalizados por meio de movimentos emancipatórios visando à transformação das estruturas opressivas e condições desumanas de sobrevivência. Contudo, a classificação de veículos de comunicação comunitária não é um processo simples, pois,

na prática, algumas das configurações da mídia comunitária se misturam com as de outros tipos de mídia, especialmente a local, que por sua vez podem apresentar pontos em comum com aquela de caráter comunitário, o que acaba por gerar dificuldades de compreensão e de diferenciação entre os processos de mídia comunitária e mídia local (PERUZZO, 2006, p. 143).

Ela também apresenta interseccionalidades com a imprensa alternativa, que ocupa, de variadas formas, o espaço deixado pela imprensa convencional. No quesito organização,

ela pode adotar o modelo empresarial ou se organizar como propriedade coletiva, sustentando-se financeiramente a partir de assinaturas, apoiadores ou mesmo vendas de espaços publicitários, o que faz sentido ao pensar que tais jornais circulam dentro de um grupo que troca serviços profissionais em diversas esferas. O ponto é: ao invés de veicular as informações produzidas pelas grandes agências, a imprensa alternativa busca fugir da homogeneização da informação.

Os estudos de sobre mídia comunitária começaram a surgir no Brasil ao final da década de 1980, inspirados na pedagogia libertadora de Paulo Freire (1921 - 1997) ou na contra-hegemonia a partir de Antonio Gramsci (1891 - 1937), para “registrar e analisar, cientificamente, a realidade empírica das práticas midiáticas que davam voz e vez aos sujeitos excluídos dos processos convencionais de comunicação” (Escudero *et al.*, 2021, p. 2). Tais pesquisas destacaram a resistência e a luta dos atores envolvidos, porém, percebeu-se também a ênfase na memória coletiva, fortalecendo os vínculos da comunidade e construindo a história do grupo.

Por exemplo, Gertz (2004, *apud* Dornelles e Schaedler, 2016) contabilizou uma série de publicações redigidas para grupos imigrantes no Brasil: entre 1852 e 1941, circularam 144 jornais e revistas em língua alemã somente no Rio Grande do Sul. Já Lesser (2001, *apud* Dornelles e Schaedler, 2016), por sua vez, registra que sírio-libaneses, por volta de 1945, haviam produzido 97 jornais e revistas em São Paulo, enquanto imigrantes japoneses imprimiam seus jornais em gráficas e contavam com jornalistas experientes entre seus colaboradores. Pozenato e Giron (2003, *apud* Dornelles e Schaedler, 2016) contabilizam que, entre 1897 e 1997, foram publicados, na região da Antiga Colônia Italiana do Rio Grande do Sul, 15 jornais em língua italiana, sendo alguns provenientes da Itália e outros produzidos localmente.

A comunicação comunitária, portanto, seria aquela realizada por e para membros de uma comunidade, trazendo seus discursos e experiências, a cultura e os interesses em comum, além dos trabalhos e relações. Independente de seu nível sócio-econômico e espaço territorial, configura-se um canal de expressão em que as demandas mais urgentes ganham espaço de discussão, além de ser instrumento de prestação de serviços, formação humana, social e repositório da memória coletiva.

E os jornais, ao agirem enquanto instrumento de memória, disseminam valores e criam representações que constroem um sentido de identidade, relacionando as experiências

peçoais com as coletivas, levando o indivíduo a reconhecer a si mesmo e ao outro enquanto parte de um mesmo grupo. Pode-se dizer, portanto, que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade.

Agora, o motivo de unir instituição e comunidade, no caso da CCCI, é porque foi observado que o Jornal da Cognópolis mantém características desses dois modelos. Além disso, Silva (2020, p. 442) fundamenta-a enquanto comunidade institucionalizada, explicando que as relações de voluntariado e institucionais se complexificaram “ao se tornarem relações de vizinhança, integrando família, amizades e colegas profissionais” (Silva, 2020, p. 10) no processo de instalação do CEAEC em Foz do Iguaçu.

Ou seja, as relações desse grupo, que podem ser analisadas enquanto vivências coletivas fundamentadas em um paradigma compartilhado, motivou os voluntários a se estabelecerem na comunidade para aprofundar a vivência das ideias da Conscienciologia. No entanto, essa escolha também pode envolver desafios, como a adaptação a uma nova dinâmica social, a necessidade de alinhar expectativas individuais ao coletivo e eventuais conflitos decorrentes da convivência.

Além disso, há também o fato de que a Conscienciologia se pauta em instituições sem fins lucrativos, cujos colaboradores atuam em regime de voluntariado e cuja sobrevivência financeira depende da realização de cursos e ações coletivas, diferentemente de uma empresa tradicional, cujo objetivo maior é o lucro. O voluntariado, segundo Silva (2020, p. 444), é um valor para a comunidade, pois é visto enquanto “um modo de vivenciar o Paradigma Consciencial”. Um exemplo interessante encontra-se na ed. 5, de novembro de 1995, em que consta a frase: “a sociedade cooperativa é a forma que mais se aproxima do Paradigma Consciencial, onde se trabalha em conjunto (colaboração) para o benefício comum”<sup>15</sup>.

Essa edição também traz uma retrospectiva das reuniões técnicas, que objetivavam estabelecer as diretrizes dos trabalhos em andamento e os passos seguintes. Informa sobre avanços estruturais, como a instalação de telefax, reformas e construção do alojamento, e administrativos, como abertura de uma conta corrente e a criação da logomarca para o *campus*. Reitera ainda os objetivos do CEAEC, voltados à educação, à pesquisa e ao estudo

---

<sup>15</sup> Fonte: Centro de Altos Estudos da Consciência - Informativo da Cooperativa dos Colaboradores do Instituto Internacional de Projeciologia, Foz do Iguaçu, ano 1, n. 5, p. 1, nov. 1995.

do Paradigma Consciencial. Finaliza, com o demonstrativo financeiro e a previsão orçamentária, além de informar a quantidade de cooperados (116) até o momento.

É possível identificar, portanto, a presença de inúmeros elementos que definem um jornal institucional-comunitário: informação dos principais avanços, linguagem próxima, transparência quanto aos esforços das lideranças em se organizar, demonstrativo financeiro, espaço e incentivo para que a comunidade se manifestasse no jornal. Assim, entendeu-se o Jornal da Cognópolis enquanto institucional-comunitário.

Segundo Berger e Luckmann (1995, p. 79 e 80), “é impossível compreender uma instituição sem entender o processo histórico em que foi produzida”, portanto, o próximo capítulo pretende contextualizar o momento que gerou o objeto do presente estudo.

## 2. JORNAL DA COGNÓPOLIS: O VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO

Este capítulo analisa o Jornal enquanto veículo de comunicação, investigando sua trajetória e transformações estruturais. A partir da leitura das edições ao longo do tempo, foi possível identificar a profissionalização do periódico desde sua concepção como boletim informativo até sua consolidação como um jornal estruturado, percebendo mudanças na diagramação, periodicidade, autoria e linha editorial. Buscar-se-á, deste modo, caracterizar o objeto responsável por “ênfatar a memória do grupo envolvido e seus vínculos, fortalecendo-o como comunidade e construindo, a partir das identidades envolvidas, a história organizativa do grupo” (Escudero *et al.*, 2021, p. 2).

### 2.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO OBJETO

O Jornal da Cognópolis é considerado o mais longevo periódico informativo da CCCI, porém ele não é o único, já que outras publicações foram lançadas ao longo dos anos para suprir diferentes demandas e à medida que surgiam novas Instituições Conscienciocêntricas. Alguns desses periódicos ainda estão em vigência, enquanto outros foram desativados. Segundo o *site* do ICGE, que é o registro oficial da Conscienciológica, eis lista com outros exemplares de caráter informativo a título de contextualização:

Quadro 04: Periódicos de caráter informativo presentes na CCCI

CCCI NEWSLETTER - Informativo da União das Instituições Conscienciocêntricas (UNICIN <sup>16</sup> ) - de abril de 2006 a dezembro de 2022.
IIPC News - Boletim Informativo do Instituto Internacional de Projeciologia e Conscienciológica (IIPC) – Chamado inicialmente de BRIPO – Boletim Informativo de Projeciologia (1989 a 2012) e, posteriormente, IIPCNews (1999 a 2014).
Informativo da Intercons - publicação do Projeto Conscienciológico Biblioáfrica – de 2014 a 2024.
InterNews - informativo digital da INTERCAMPI <sup>17</sup> – 2016 e 2017

<sup>16</sup> A *Unicin*, ou União das Instituições Conscienciocêntricas Internacionais, é uma organização conscienciocêntrica fundada em 22 de janeiro de 2005, em Foz do Iguaçu, voltada para os aspectos políticos e de convívio da comunidade (Silva, 2020, p. 209).

<sup>17</sup> A *Intercampi*, ou Associação Internacional dos Campi de Pesquisa da Conscienciológica, é uma Instituição Conscienciocêntrica fundada em 23 de julho de 2005, em Natal (RN), com objetivo de divulgar a Conscienciológica no Nordeste (Silva, 2020, p. 219).

Jornal da APEX <sup>18</sup> - Publicação da Associação Internacional da Programação Existencial – 2011 a 2015.
Jornal da ARACÊ <sup>19</sup> – Jornal da Associação Internacional para a Evolução da Consciência – 2002 a 2024.
Jornal da Invéxis <sup>20</sup> - Publicação do Grinvex <sup>21</sup> , grupo de pesquisa formado por inversores existenciais - 1994 a 2009.
Boletim Informativo da Assinvéxis <sup>22</sup> – boletim da Associação Internacional dos Inversores Conscienciais, aplicantes da técnica da Invéxis - 2000 a 2002.

Fonte: ICGE, 2024.

O Jornal da Cognópolis nasceu em agosto de 1995, sendo que em julho do mesmo ano, no Rio de Janeiro, havia sido fundada a Cooperativa dos Colaboradores do Instituto Internacional de Projeciologia (COOIIP), com os seguintes objetivos:

- 1) constituir e administrar o Centro de Altos Estudos da Consciência - CEAEC; 2) gerar condições para o desenvolvimento de pesquisas científicas; 3) prestar serviços de treinamento, seleção, assessoria nas diversas áreas do conhecimento humano; 4) apoio técnico-operacional aos pesquisadores e usuários do IIP; 5) fundar parques gráficos-editoriais e distribuidoras (SILVA, 2020, p. 139).

Antes disso, o grupo reunia-se principalmente no Rio de Janeiro, morada do médico e pesquisador Waldo Vieira, cujos estudos sobre "experiências fora do corpo", quando ele ainda era vinculado ao movimento espírita, seguiram rumo independente quando ele propôs uma abordagem mais científica. A partir de suas vivências e também da pesquisa em textos

---

<sup>18</sup> A *Apex*, ou Associação Internacional da Programação Existencial, é uma Instituição Conscienciocêntrica fundada em 20 de fevereiro de 2007, em Foz do Iguaçu, cujo objetivo é o estudo do propósito e projeto de vida (Silva, 2020, p. 219).

<sup>19</sup> A *Aracê*, ou Associação Internacional para a Evolução da Consciência, é uma Instituição Conscienciocêntrica fundada em 14 de abril de 2001, em Venda Nova do Imigrante (ES), cujo objetivo é funcionar como incubadora de projetos e cooperativas (Silva, 2020, p. 156).

<sup>20</sup> A *invéxis* é uma técnica de planejamento de vida para aqueles que tiverem menos de 26 anos de idade, com objetivo de priorizar o voluntariado, através de aulas e publicações, e esclarecer as pessoas da realidade mais integral da consciência humana ainda na juventude (Silva, 2020, p. 100 e 402).

<sup>21</sup> O *Grinvex*, ou Grupo de Inversores Existenciais, é o primeiro grupo de pesquisas do IIP, fundado em fevereiro de 1992 como GPC (Grupo de Pesquisas Conscienciais, expressão que passou a ser usada para todas as categorias de grupos de pesquisa da instituição), tendo o nome mudado para Grinvex em outubro de 1992 (Silva, 2020, p. 100).

<sup>22</sup> A *Assinvéxis*, ou Associação Internacional dos Inversores Conscienciais, é uma Instituição Conscienciocêntrica fundada em 22 de julho de 2004 com objetivo de aplicar a técnica inversão existencial (Silva, 2020, p. 100).

e relatos acerca do assunto, Vieira publicou um tratado denominado *Projeciologia: panorama das experiências consciência fora do corpo humano* (1986)<sup>23</sup>. Porém, antes, ele fundou o Centro da Consciência Contínua (CCC) em 06 de setembro de 1981, sendo que "as atividades desenvolvidas no período dessa instituição, tais como palestras públicas e reuniões de experimentos de efeitos físicos, ocorriam no próprio apartamento de Vieira" (Silva, 2020, p. 76).

O CCC foi definido como sociedade civil, sem fins lucrativos, cujos objetivos envolviam o estudo teórico e prático de linhas de conhecimento que buscavam a evolução espiritual e a assistência social. Também continha um item que incentivava a "generalização do sistema Cooperativista, além e acima de quaisquer fronteiras" (Silva, 2020, p. 77), sendo que os sócios eram divididos em fundadores, efetivos, doadores e honorários. Ali, eram desenvolvidas atividades de pesquisa, mobilizando mais pessoas que visavam estudar principalmente a Projeciologia.

A divulgação do novo livro atraiu diversos pesquisadores interessados na possibilidade da consciência como um "princípio inteligente" e verificou-se a demanda por mudanças. Foi quando ocorreu a transição do Centro da Consciência Contínua (CCC) para o Instituto Internacional de Projeciologia (IIP), em janeiro de 1988, também no Rio de Janeiro.

O IIP também era uma entidade sem fins lucrativos cujos objetivos destacavam a pesquisa, a divulgação e o incentivo às investigações científicas de fenômenos físicos e parapsíquicos<sup>24</sup> próprios das manifestações da consciência. Seus sócios eram divididos em contribuintes, honorários e beneméritos (Silva, 2020, p. 93). A partir do IIP, mais colaboradores e professores-voluntários passaram a atuar em São Paulo, Minas Gerais e Distrito Federal, expandindo o alcance das ideias. Tal movimento criou novas necessidades, surgindo a ideia da implantação de um centro de pesquisas.

O planejamento do que viria a ser o primeiro *campus* de pesquisa começou em novembro de 1994 a partir do I Encontro do GPC<sup>25</sup>-Socin, um dos grupos de pesquisa do

---

<sup>23</sup> Disponível para baixar gratuitamente em: <https://editares.org/projeciologia-10a-edicao-acessivel/>

<sup>24</sup> Paranormais (Silva, 2020, p. 35).

<sup>25</sup> Em 09 de fevereiro de 1992 foi fundado o primeiro grupo de pesquisa do IIP, sendo que o nome "GPC – Grupo de Pesquisas Conscienciais" passou a ser usado para todas as categorias de grupos de pesquisa da instituição. Em dezembro do mesmo ano, a diretoria do IIP propôs a organização de 7 áreas de pesquisa, sendo o GPC – Socin (*Sociedade Intrafísica*) uma delas (Silva, 2020, p. 100).

IIPC, sendo que a doação do terreno em abril de 1995 foi o fator desencadeante da concretização do projeto CEAEC e a chegada dos pesquisadores pioneiros, em 04 de julho de 1995. Assim, foi desencadeado o movimento migratório da comunidade para Foz do Iguaçu, conforme explica Silva (2020, p. 141).

O Jornal surgiu neste contexto, sendo que a primeira edição foi publicada em agosto de 1995 na cidade de Foz do Iguaçu, intitulada Informativo do Centro de Altos Estudos da Consciência, com objetivo de informar os cooperados das novidades. Nela consta uma manchete intitulada "Breve histórico do Centro de Altos Estudos da Consciência", cuja matéria reitera as informações supracitadas:

Com a organização dos GPCs, coube ao GPC Socin o desenvolvimento de pesquisas nas áreas de empresas conscienciológicas (escola, condomínio e empresa). No II Encontro de GPCs no Rio de Janeiro, em setembro de 94, surgiram propostas experimentais de empresas conscienciológicas, muitas delas com ênfase em atividade escolar (Ex: escolas de informática). Assim, foi marcado o I Encontro Nacional de GPC Socin, em novembro de 94, no Rio. 1) Surgiu a idéia da cooperativa; 2) Foram distribuídos temas para pesquisas onde o tema "Centro de Altos Estudos da Consciência" ficou a cargo cargo das unidades do Rio Grande do Sul. No II Encontro Nacional do GPC Socin, em abril de 95, em Curitiba, foi apresentado o resultado da pesquisa que catalisou a idéia do Centro de Altos Estudos da Consciência, cujo lançamento do Projeto deu-se em junho de 95 durante o evento realizado em Foz do Iguaçu (Informativo do Centro De Altos Estudos Da Consciência, Foz do Iguaçu, ano 1, n. 1, p. 1-2, ago. 1995).

O texto também justifica a relevância de um "complexo conscienciológico" afirmando que:

Há muito tempo que o Instituto Internacional de Projeciologia (IIP) cogitava a possibilidade de dispor de um centro de pesquisas. Em suas palestras, o professor Waldo Vieira já fazia referência a um complexo conscienciológico que oportunizasse a técnica com bioenergias, pesquisas laboratoriais e mentalsoma (Informativo do Centro De Altos Estudos Da Consciência, Foz do Iguaçu, ano 1, n. 1, p. 1-2, ago. 1995).

E, assim, nasce o informativo, sendo que a primeira edição começa como impresso em preto e branco de duas laudas, frente e verso, com uma foto que parece uma imagem pela baixa qualidade. A diagramação demonstra ser amadora pela irregularidade das caixas de



geral ou entretenimento. Em relação à apresentação visual, o custo é o menor possível, pelo imediatismo do seu conteúdo. Deste modo, fotos coloridas são dispensáveis e o papel não precisa ser de primeira qualidade.

No caso, as primeiras publicações eram digitadas e editadas em computador, impressas, recortadas, coladas em um sulfite e copiadas em *xerox*. Essa informação é confirmada alguns anos depois, em trecho da ed. 167, de junho de 2009: “no início, a reprodução era feita a partir de fotocópias. Com o tempo, a publicação chegou às gráficas e passou a ser entregue aos leitores via correios”<sup>27</sup>.

Já a matéria "Por quê Foz do Iguazu?" descreve bem a forma como a cidade era enxergada pela comunidade:

Doação de área propícia para a implantação do centro de pesquisa; Afluxo de consciências de todo o Planeta - universalismo; Local de concentração de energia imanente; Localização estratégica (Mercosul - rompendo fronteiras); Atuação do serenão<sup>28</sup> na região; Oportunidade de interagir diuturnamente com vários idiomas; Receptividade da população local - maxifraternidade; 2º maior pólo turístico do Brasil (exposição permanente dos artefatos do saber); Clima favorável (Informativo do Centro De Altos Estudos Da Consciência, Foz do Iguazu, ano 1, n. 1, p. 1, ago. 1995).

Silva (2020) cita um entrevistado dizendo que Foz era uma cidade que tinha muita coisa e ao mesmo tempo não tinha. “A gente já sabia que não tinham tantas profissões assim. Não era a mesma coisa lá do Rio que você conseguia ter um salário digno, (...) para quem tivesse nível superior, por exemplo” (Silva, 2020, p. 205). Ou seja, a migração das pessoas tinha caráter ideal, grupal, institucional e de pesquisa, mais do que financeiro. Membros do IIPC permaneceram no Rio de Janeiro até a mudança institucional para Foz em 2004, conforme registra Silva (2020):

---

<sup>27</sup> Fonte: PARO, Denise. Jornal do *Campus* CEAEC agora é Jornal da Cognópolis. Jornal do *Campus* CEAEC, Foz do Iguazu, ano 12, n. 167, p. 1, jun. 2009.

<sup>28</sup> O *Homo sapiens serenissimus* é a consciência em seus últimos estágios evolutivos na dimensão intrafísica, apresentando alto grau de equilíbrio e saúde de seus veículos de manifestação. Também é chamado de *serenão*, gíria originalmente criada na dimensão extrafísica e trazida para a dimensão intrafísica através de projetores lúcidos.

Disponível em: <[https://pt.conscienciopedia.org/index.php?title=Homo\\_sapiens\\_serenissimus](https://pt.conscienciopedia.org/index.php?title=Homo_sapiens_serenissimus)>. Acesso em: 09 jan. 2025.

Em 21 de março de 2004, havia 255 voluntários migrantes em Foz do Iguaçu. Em 09 de maio de 2004, esse número aumentou para 266. Em 28 de agosto, o total pulou para 306 integrantes da comunidade em Foz. E em 10 de outubro de 2004, subiu para 310 migrantes em Foz. Isso significa que de março até outubro de 2004, em 7 meses, 55 pessoas migraram de suas localidades rumo a Foz do Iguaçu pelo motivo da Conscienciologia, direta ou indiretamente, pois entre essas pessoas, estão contabilizados os parentes de voluntários (SILVA, 2020, p. 206).

Também nesta primeira edição, há uma chamada para a escolha do nome do Centro de Pesquisas, sendo que as sugestões deveriam ser enviadas por correio ou fax. Isso denota o caráter comunitário do jornal ao interagir com seus leitores, mantendo uma relação dialética com eles. Outro conteúdo nesse sentido é a lista de "Comissões", que faz chamadas para os interessados na operacionalização de inúmeras necessidades do momento, envolvendo doação de materiais, captação de recursos, coordenação de cursos, operacionalização da gráfica, registro histórico e até subsídio aos que chegavam, envolvidos com os projetos.

Uma manchete interessante é intitulada "Reunião Técnica", cujo texto relata uma série de eventos, incluindo visita técnica ao local onde seria construído o centro de pesquisas em Foz do Iguaçu, em agosto de 1995. Eram profissionais da construção civil, como engenheiros e arquitetos, que elaboraram em seguida um planejamento para as primeiras ações. A matéria também agradece o Hotel San Rafael e o restaurante Du Cheff, o que pode indicar uma parceria entre as equipes, já que o Jornal é o produto de uma instituição que naturalmente se relacionava com empresas da região.

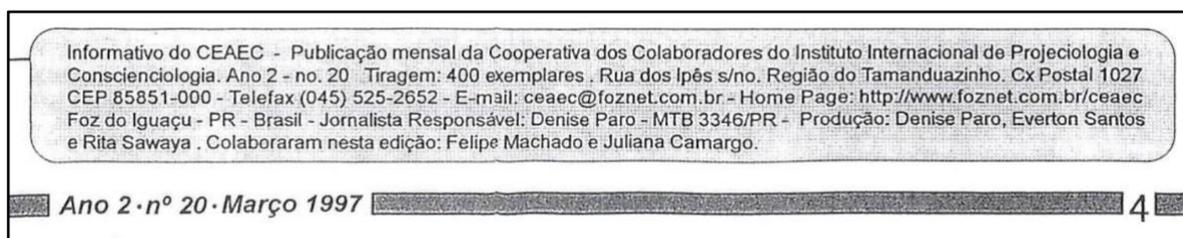
E, por fim, um breve histórico da Cooperativa contextualiza o leitor sobre o propósito de todo o projeto de maneira bastante transparente, seguido de uma chamada para a participação de novos cooperados e um Mapa Estatístico, dividido por regiões, totalizando 95 cooperados à época. A matéria intitulada "Fundação da Cooperativa", explica:

No dia 15/07/95, na Sede Matriz do IIP, em um ambiente de serenidade, compreensão, participação cosmoética e maxi-fraternidade, com a presença de aproximadamente 200 pessoas, foi fundada a COOPERATIVA LIMITADA DOS COLABORADORES DO INSTITUTO INTERNACIONAL DE PROJECIOLOGIA, com o objetivo de construir, administrar e manter o CENTRO DE ALTOS ESTUDOS DA CONSCIÊNCIA com sede em Foz do Iguaçu e, para o cumprimento do mesmo foi firmado um contrato de comodato (prestação de serviços) entre o IIP e a Cooperativa, por um prazo de 30 anos, sendo este

renovável pelo mesmo período (Informativo do Centro De Altos Estudos Da Consciência, Foz do Iguaçu, ano 1, n. 1, p. 2, ago. 1995).

Chama a atenção o *box* ao lado esquerdo com o nome e cargos de liderança da cooperativa naquele momento. Ao todo, eram 17 pessoas divididas em três Conselhos: Administrativo, Fiscal e de Ética, além da equipe de produção do Jornal que era formada por quatro pessoas: Adelino, Frank, Izabel e Ruth. Esta equipe não aparece mais, pois ao longo de 16 edições não há expediente<sup>29</sup> e por duas, ele é feito sem um padrão. Na vigésima, ele aparece juntamente com a primeira jornalista responsável, Denise Paro, sendo que a produção é feita por ela, Everton Santos e Rita Sawaya, além de dois colaboradores. As outras informações que constam, nome, ano, edição, tiragem<sup>30</sup>, endereço, caixa postal, CEP, telefax, e-mail, *site* e pessoas responsáveis estão conforme a figura a seguir:

Figura 02 - Primeiro expediente com Jornalista Responsável



Fonte: CEAEC - Centro de Altos Estudos da Consciência - Informativo da Cooperativa dos Colaboradores do Instituto Internacional de Projeociologia e Conscienciologia, Foz do Iguaçu, ano 3, n. 20, p. 4, mar. 1996 (ICGE, 2024).

Sousa (2005) lista algumas características de uma organização jornalística padrão, sendo possível estabelecer comparações com o presente objeto de estudo: cultura específica; maneiras de comunicar; hierarquia determinada; formas próprias, mais ou menos rotineiras, de estruturar e influenciar o processo produtivo; objetivos a cumprir (entre os quais, o desejo de lucro quando o jornal se configura como empresarial); uma política editorial configurada pelos critérios de noticiabilidade; e um sistema de sanções e de recompensas.

<sup>29</sup> Espaço onde são publicados os nomes dos editores, endereços e telefones para contato com o veículo de comunicação (Glossário de Termos Comuns no Jornalismo, IF-SC, sem ano).

<sup>30</sup> Operação de tirar, de imprimir. Total de exemplares (impressos de uma só vez) de jornal, revista ou qualquer publicação (Rabaça e Guimarães, 1995, p. 50).

No caso, a atividade não era remunerada e aparentemente não era realizada em um espaço físico equipado e destinado unicamente à produção jornalística, além disso, com a periodicidade mensal, não havia a pressa do jornalismo diário. Inclusive, a questão do *delay*<sup>31</sup> foi notável na pesquisa: dentre os critérios noticiosos, o imediatismo parecia não ser a maior prioridade, mas o registro dos assuntos considerados relevantes.

Ainda assim, quando se trata de equipe, o expediente demonstra uma hierarquia, com jornalista chefe, redatores, editores, revisores, diagramadores, entre outros. Há também o processo investigativo e possível divisão de trabalhos e estruturação do processo produtivo, afinal as matérias tinham que sair, mesmo que com um pouco de atraso, em edições mensais.

A cultura específica, bem como a maneira de comunicar os fatos, influenciava o uso das palavras, tanto no sentido de disseminar os neologismos próprios da Conscienciologia, quanto o tipo do enquadramento e seleção dos assuntos noticiados. Além da estrutura e tamanho dos textos, as escolhas de diagramação e o projeto gráfico, tudo isso para atender aos objetivos do grupo, que, de maneira resumida, percebeu-se ser:

1) realizar prestação de contas, 2) divulgar cursos, atividades, eventos, lançamentos de livros, etc., 3) fazer chamadas de capital para empreendimentos coletivos, 4) estimular a vinda dos colaboradores para Foz, 5) informar as novidades, 6) registrar ações e iniciativas, 7) desenvolver a Conscienciologia enquanto pesquisa e proposta de ciência, 8) ensinar, a partir de explicações didáticas, técnicas, cursos, neologismos, dentre outros, 9) prestar serviço e 10) fortalecer a identidade grupal ao reforçar ideias e comportamentos considerados positivos e importantes.

Para entender de que forma esses processos aconteciam, o próximo tópico pretende aprofundar as características do objeto de pesquisa.

## 2.2 CARACTERIZAÇÃO DO OBJETO

Feito inicialmente por cooperados, o informativo, além de transparecer instabilidade na diagramação, nas primeiras 20 edições muda não apenas de nome, mas a linha editorial como um todo, demonstrando esta característica de integrantes com múltiplas profissões,

---

<sup>31</sup> *Delay* significa atraso e representa a diferença de tempo entre o envio e o recebimento de um sinal ou informação em sistemas de comunicação. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/delay/>>. Acesso em: 10 nov. 2024.

nem sempre ligadas à comunicação. Considerando que é um traço da Conscienciologia que os projetos sejam desenvolvidos em grupo, de maneira voluntária, é justificável que os membros estivessem mais voltados ao projeto da Cooperativa, sendo o Jornal uma ferramenta de registro e manutenção da transparência, conectando quem estava em Foz com o restante dos membros da instituição.

Contudo, as mudanças de leiaute vislumbradas ao longo da trajetória do veículo não se devem apenas à variedade de áreas de expertise dos seus colaboradores, mas o próprio avanço dos acontecimentos relacionados ao grupo, sendo que a equipe de produção foi se alterando e incorporando novos integrantes, incluindo jornalistas, que passaram a coordenar o Jornal por determinados períodos, sendo sua influência visível na seleção das matérias, na forma dos textos e no projeto gráfico.

Para fins de contexto, então, é importante listar quem estava à frente do Jornal em determinado período, portanto, foi elaborado um quadro com o número de coordenações, o período de gestão e o número de edições publicadas:

Quadro 05 – Coordenações e períodos de gestão em ordem cronológica

<b>Coordenação</b>	<b>Período</b>	<b>Observação</b>
<b>Cooperativa</b>	Agosto/1995 a agosto/2002	Os primeiros 7 anos foram sob a coordenação da Cooperativa do Instituto Internacional de Projeciologia e Conscienciologia (IIPC) sendo sua distribuição focada nos cooperados, condôminos, colaboradores, Unidades do IIPC, assinantes do Brasil e exterior, com 85 edições publicadas.
<b>Associação</b>	Setembro/2002 a junho/2009	Durante os 7 anos seguintes, o Jornal esteve sob a responsabilidade da Associação Internacional do Centro de Altos Estudos da Conscienciologia - CEAEC, com 82 edições publicadas.
<b>Parceria CEAEC/ Comunicons<sup>32</sup></b>	Julho/2009 a dezembro/2010	Por 1 ano e meio funcionou a partir de parceria entre CEAEC e da <i>Associação Internacional de Comunicação Conscienciológica</i> (Comunicons), com 18 edições publicadas
<b>Comunicons</b>	Janeiro/2011 a Julho/2015	Foram 4 anos sob a coordenação da Comunicons, com 16 edições publicadas.

<sup>32</sup> Associação Internacional de Comunicação Conscienciológica, a Comunicons, é uma Instituição Conscienciocêntrica (IC) focada em comunicação e fundada em julho de 2005 (Silva, 2020, p. 219).

<b>Suprainstitucional (UNICIN)</b>	Junho/2017 até os dias de hoje	São 6 anos na condição de organismo conscienciocêntrico suprainstitucional e 3 coordenações votadas. Foram 35 edições impressas, sendo que digitais não serão contabilizadas no presente trabalho.
------------------------------------	--------------------------------	--

Fonte: a autora, 2024.

Como é possível verificar, o modelo suprainstitucional, estabelecido desde 2017, ancorou o Jornal na UNICIN, modelo que está em vigor até a data da presente pesquisa. É oportuno observar alguns pontos sobre o caráter institucional-comunitário do Jornal, pois o viés comunitário, em tese, abriria mais espaço para trazer contradições, porém isso não acontece no âmbito das instituições. Ou seja, eventualmente aparecem questionamentos relacionados a pessoas, como voluntários e docentes, desenvolvimento de atividades e engajamento, mas é praticamente ausente o questionamento às diretrizes e orientações institucionais.

Outro aspecto interessante é que o vínculo historicamente difuso entre múltiplas instituições pode fragmentar a cadeia de responsabilidades editoriais, dificultando a definição de critérios claros de aprovação de conteúdo e, em contextos de crise, a ausência de um fluxo de comando bem definido pode retardar respostas, gerar ruídos na comunicação interna e expor tensões latentes.

Também é importante salientar que, entre julho de 2015 e junho de 2017, a publicação foi interrompida. Considerando o falecimento de Waldo Vieira em julho de 2015, há a hipótese de que tal fato tenha impactado a comunidade a ponto de encerrar as atividades do Jornal provisoriamente, o que é mais um indicativo de seu caráter comunitário. Conforme explica Silva (2020):

O silêncio do jornal pode simbolizar a repercussão do sentimento de perda pelos voluntários da Conscienciologia, pois o falecimento de Vieira não ficou registrado no jornal da própria comunidade. O registro foi feito 4 meses depois, em outro veículo de comunicação comunitário, na revista Holotecologia, n. 2, publicada em novembro de 2015, em uma sessão especial “CEAEC: Duas décadas de Conscienciologia em Foz do Iguaçu (Silva, 2020, p. 254).

Ou seja, um veículo de comunicação, produzido pelas pessoas de determinado contexto, é social. Influencia, mas também é influenciado pelo que ocorre na realidade coletiva. Assim, tanto as mudanças na equipe, diretamente ligada às rotinas produtivas,

quanto os fatos e momentos relacionados ao grupo, influenciam o Jornal, sendo que mesmo seu silêncio pode falar.

As mudanças na coordenação refletem alterações estilísticas, no formato e no conteúdo, que por questões de espaço, serão resumidas ao cabeçalho, que é a parte superior de uma publicação. Nele, estão localizados o nome do jornal, o logotipo e outras informações importantes, como a data e o número da edição. Isso ajuda a criar uma identidade visual consistente e a garantir que o leitor possa identificar rapidamente a fonte da publicação.

Historicamente, o cabeçalho do Jornal da Cognópolis passou pelas seguintes alterações:

Figura 03 – Progresso do cabeçalho do Jornal em ordem cronológica



Fonte: ICGE, 2024.

É perceptível o avanço gráfico a partir da tecnologia, sendo que as últimas imagens são realizadas digitalmente. Dentro de um projeto gráfico, a tipografia<sup>33</sup> contribui para delinear o conjunto dos elementos que formam a mensagem, sendo vários os fatores que influenciam este processo. No caso, nota-se um progresso na concepção do projeto gráfico para o leiaute.

Também é possível identificar que, quando o Jornal muda de nome, muda o cabeçalho e também seu interior, não apenas o *design*, mas a distribuição dos textos nas páginas, o estilo das fotos, o tipo de seções fixas, dentre outros detalhes que serão melhor explorados ao longo deste capítulo. O quadro a seguir, portanto, traz os nomes adotados pela publicação em ordem cronológica:

Quadro 06 – Nomes adotados pelo Jornal em ordem cronológica

<b>Data</b>	<b>Edição</b>	<b>Nome Adotado</b>
Agosto de 1995	N. 1	Informativo do Centro de Altos Estudos da Consciência
Setembro de 1995	N. 2	Centro de Altos Estudos da Consciência - Informativo da Cooperativa dos Colaboradores do IIP
Março de 1996	N. 8	CEAEC - Centro de Altos Estudos da Consciência - Informativo da Cooperativa dos Colaboradores do Instituto Internacional de Projeciologia
Dezembro de 1996	N. 17	CEAEC - Centro de Altos Estudos da Consciência - Informativo da Cooperativa dos Colaboradores do Instituto Internacional de Projeciologia e Conscienciologia
Fevereiro de 1998	N. 31	CEAEC - Centro de Altos Estudos da Consciência - Jornal da Cooperativa dos Colaboradores do IIPC - CEAEC
Setembro/Dezembro de 2002	N. 86	Jornal do Campus Conscienciologia - Jornal da Associação do Centro de Altos Estudos da Conscienciologia - CEAEC
Novembro de 2002	N. 88	Jornal do Campus CEAEC - Mensário da Associação Internacional do Centro de Altos Estudos da Conscienciologia
Julho de 2009	N. 168	Jornal da Cognópolis - Informativo Mensal da CCCI
Setembro de 2009	N. 170	Jornal da Cognópolis - Informativo Mensal da Comunidade Conscienciológica Cosmoética Internacional
Abril/Maio de 2017	N. 202	Jornal da Cognópolis - Informativo da Comunidade Conscienciológica Cosmoética Internacional

Fonte: a autora, 2024.

<sup>33</sup> A tipografia, segundo Ribeiro (1998) *apud* Funk e Dos Santos (2008) é "a arte de produzir textos em tipos, isto é, caracteres". Johann Gutenberg, entre 1430 e 1440, criou o primeiro processo de impressão usando tipos móveis, e expandiu as possibilidades de difundir informações a um vasto número de pessoas, gerando uma explosão de folhas volantes e gazetas, consideradas os antepassados diretos dos jornais (Sousa, 2005, p. 19).

Considerando, portanto, que um jornal é veiculado em um contexto social e produzido por pessoas, é lógico supor que ele vai ser aquilo que seus responsáveis fizeram dele. Deste modo, é fundamental identificar quem são os principais indivíduos que participaram do expediente do Jornal. Importante salientar que, pela vasta quantidade de nomes que colaboraram esporadicamente e pela limitação do presente trabalho, foi necessário criar alguns critérios de escolha. Optou-se, portanto, por focar nos nomes mais relevantes, levando em conta a atividade que praticavam e a frequência de vezes que apareceram.

### 2.3 EXPEDIENTE: QUEM PRODUZIA O JORNAL

Destacou-se, portanto, os editores, coordenadores, e redatores regulares da equipe. Outros sujeitos, como os colaboradores eventuais, diagramadores, *designers* e área comercial, por exemplo, não irão constar no quadro, mas serão citados em momentos oportunos enquanto dados complementares. Também por questão de recorte, optou-se por não analisar as fotografias a não ser em casos de extrema relevância em relação ao texto ou ao contexto da matéria, por isso os fotógrafos aparecem apenas na condição de membros do expediente e não serão investigados com maior profundidade.

Quadro 07 - Nomes mais citados no expediente em ordem alfabética

	<b>Nome</b>	<b>Edições</b>	<b>Menções em Expedientes</b>
01	Alexandre Nonato	86; 87; 89 a 100; 103	15
02	Amaury Pontieri	168 a 186; 190 a 196; 198; 201 a 223; 231 a 236	56
03	Antonio Pitaguari	97; 100; 103 a 108; 109 a 181;	80
04	Cáthia Caporali	95; 99 a 117; 194 a 196;	23
05	Cláudio Monteiro	86 a 108; 110; 187; 202	28
06	Cristina Bornia	207 a 223	17
07	Cyntia Braga	199 a 201; 235; 236	5
08	Denise Paro	20 a 80; 118 a 167; 202 a 223; 231 a 236	142
09	Daniel Machado	86; 91; 93; 94; 97; 98; 110 a 131	28
10	Everton Santos	20 a 38; 41 a 45; 86; 220	29
11	Gelson de Oliveira	202 a 217; 219 a 223; 231 a 236	27
12	Graça Razera	86 a 98	13

13	Julieta Mendonça	132 a 140; 144 a 148; 153 a 155; 186 a 189; 202 a 223; 231 a 236	51
14	Michelly Ribeiro	209 a 215	7
15	Mônica Resende	60; 62; 65; 66; 96; 97; 103 a 117;	22
16	Nerli Vieira	202 a 215; 217 a 236	36
17	Paulo André Norberto	168 a 201; 216	35
18	Rosane Amadori	204; 208; 210; 212; 214 a 223; 231; 236	16
19	Wellington Correa	40 a 43; 45; 46; 52; 56 a 66; 68 a 70; 72 a 78; 188; 189	30

Fonte: a autora, 2024.

O nome mais presente dentre os jornalistas, tanto em quantidade como em tempo de atividade, foi o de Denise Paro, que ficou ininterruptamente de março de 1997 a agosto de 2002, quando há uma alteração no modelo administrativo, sendo que a ed. 84 marca o final da cooperativa e dá lugar à associação, fato que será melhor explorado à frente no artigo.

Na ed. 118, de maio de 2005, contudo, ela volta e fica até junho de 2009, quando novamente muda a coordenação. Inclusive, em 16 edições ela trabalha apenas com mais um integrante, Everton Santos, que também está desde o princípio (a partir de julho de 1997), e em outras 21 somente com Wellington Correia. E por 18 edições, entre 1998 e 2002, ela trabalha sozinha, denotando comprometimento e responsabilidade, o que era fundamental para o Jornal sair, considerando ainda que o trabalho não era remunerado, sendo que os indivíduos tinham seus próprios empregos e rotinas profissionais. Pode-se inferir, portanto, que o voluntariado é um valor para o grupo, ainda que, na prática, pessoas diferentes lidem com os compromissos em diferentes níveis, o que será melhor explorado no capítulo 3.

Por ora, é possível perceber, a partir da identificação das mudanças de nomes no expediente, que houveram fases de maior e menor instabilidade nas equipes, sendo que algumas pessoas ficavam por uma edição ou duas, outras ficavam um período maior, outras iam e voltavam e outras estavam constantemente presentes. Por exemplo, o nome de Denise Paro destacou-se por reaparecer em momentos de necessidade, ou seja, períodos de lacuna entre um nome e outro de determinada função. Sua relevância é reconhecida na ed. 153, de abril de 2008, em que há o seguinte trecho:

O JCC que, anteriormente era apenas um divulgador do CEAEC, passou por várias mudanças no visual e na filosofia com a experiência jornalística da sua ex-coordenadora. Denise, que atuou por vários anos nessa função, imprimiu um trabalho mais sério, incluindo matérias e entrevistas e transformando o JCC em instrumento de divulgação consistente em termos de conteúdo<sup>34</sup>.

Essa fala valida o trabalho e a contribuição de jornalistas na profissionalização dos processos e também registra a agnição da importância das melhorias realizadas ao longo da trajetória do veículo. Tanto que, embora a equipe fosse formada por membros de diferentes áreas, a partir da vigésima edição, adota-se o padrão de todas equipes serem coordenadas por um/uma jornalista responsável, constando no expediente, com o respectivo MTB, que é o documento legal que garante o reconhecimento do jornalista profissional. Essa escolha editorial se mantém até hoje.

Cláudio Monteiro coordena o Jornal de setembro de 2002 a março de 2004, Mônica Resende, de abril de 2004 a abril de 2005, e Denise Paro de maio de 2005 a junho de 2009. Nessa época, o Jornal passa a ser gerido em parceria entre o CEAEC e a Comunicons, deste modo, os membros da Instituição Conscienciocêntrica assumem a gestão, sendo que Amaury Pontieri fica de julho de 2009 a novembro de 2011 já com a presença de Paulo André Norberto na equipe, o qual assume a coordenação por cinco edições, entre 2013 e 2015, sendo que nesse período a tiragem do Jornal torna-se bastante inconstante (como iremos aprofundar mais à frente).

Nerli Vieira assume em junho de 2017 em co-coordenação com Rosane Amadori até janeiro de 2018, Michelly Ribeiro de fevereiro a junho de 2018 e Gelson de Oliveira até a edição final desta pesquisa, em julho de 2020. Em vários casos é possível perceber o retorno das pessoas, que assumem a coordenação por um período, saem, mas permanecem colaborando esporadicamente no Jornal, como por exemplo o Cláudio Monteiro, que trabalha entre 2002 e 2004 mas retorna em 2011, ou Wellington Correia, que está entre 1998 e 2002 e volta também em 2011. Ou mesmo Julieta Mendonça, que colabora uma vez em 2002, volta em 2006 e desde então, aparece mais de 50 vezes em intervalos esporádicos.

Antonio Pitaguari merece uma menção especial por sua participação constante nas publicações, desempenhando papéis relacionados à gestão, revisão e redação do Jornal, e

---

<sup>34</sup> Fonte: QUEIROZ, Eliel. Notícias da CCCI. Jornal do *Campus* CEAEC, Foz do Iguaçu, ano 13, n. 153, p. 3, abr. 2008.

trazendo dados relevantes sobre a CCCI. Dentre suas contribuições, destaca-se uma coluna informativa chamada de Notícias da Comunidade Conscienciológica e, depois, Notícias da CCCI, comumente na última página, que durou de novembro de 2004 a agosto de 2009 (n. 112 a 115; 126 a 164). A seção foi identificada como coluna pelo seguinte:

A coluna é a seção especializada de jornal ou revista, publicada com regularidade, geralmente assinada, e redigida em estilo mais livre e pessoal do que o noticiário comum. Compõe-se de notas, sueltos, crônicas, artigos ou textos-legendas, podendo adotar, lado a lado, várias dessas formas. As colunas mantêm um título ou cabeçalho constante, e são diagramadas geralmente numa posição fixa e sempre na mesma página, o que facilita a sua localização imediata pelos leitores (Marques de Melo, 1985, p. 104).

No caso, as Notícias da CCCI eram pequenas notas de atualização, sem foto, mas com alta densidade de dados, mostrando-se como uma tentativa de registro histórico institucional, sendo que os processos eram listados em ordem funcional, ou seja, a partir do processo de seleção do colunista, como ele próprio refere a si na edição n.134 de setembro de 2006.

São interessantes porque trazem um pouco dos bastidores, de desdobramentos que talvez fossem considerados irrelevantes para se tornarem matérias aprofundadas, mas que concebem uma perspectiva histórica, pois foram cruciais para as coisas como elas são hoje. Em alguns casos, trazem informações incipientes mais rápido do que o próprio Jornal, como por exemplo, o lançamento do *Discernimentum*<sup>35</sup> na edição 140, de março de 2007, enquanto o Jornal só abordou o fato na ed. 146, de setembro de 2007, em uma matéria mais completa.

Esse processo ocorre em outras áreas também e é digno de nota: determinados assuntos ou termos (neologismos) primeiro eram citados, de passagem, em matérias sobre outros fatos, e depois apareciam enquanto tema principal de uma reportagem. O que se infere é que eram temas que estavam se estabelecendo no repertório coletivo a partir das interações. Então, eram inseridos no texto em segundo plano. Depois, em um segundo momento, a equipe considerava que era uma pauta digna de ser explorada.

---

<sup>35</sup> O terreno do *Discernimentum* localiza-se do outro lado do terreno II do CEAEC (onde estão os chalés residenciais), na esquina das ruas Felipe Wandscheer e Maria Bubiak. Ele era o local da antiga Churrascaria Cabeça de Boi (Silva, 2020, p. 223).

Essa matéria da ed. 146, intitulada “IC *Discernimentum* nasce com o objetivo de apoiar o desenvolvimento e consolidação da primeira Cognópolis do Planeta”, por Cláudio Monteiro, traz uma entrevista com Paulo Abrantes, gestor-geral, que afirmava que o momento era de grande diversidade e complexidade entre os voluntários, Instituições Conscienciocêntricas e empresas conscienciológicas, todos dividindo espaço na Cognópolis. Para corroborar, ele traz o seguinte ponto: a Cognópolis se multiplicara por 9 e crescera 20% ao ano desde a criação do CEAEC em 1995.

Essa fala incita a reflexão sobre a característica institucional predominante nos textos do Jornal: os dados ali contidos são trazidos pela fonte<sup>36</sup> e assumidos como verdadeiros, sendo que o Jornal não tinha o hábito de checar os fatos por si mesmo, ou trazer um contraponto a partir da fala de outra pessoa. Deste modo, quando uma autoridade expõe um dado, ele acata e segue em frente com a matéria. Como dito anteriormente, não é um problema ético, mas um aspecto do jornal institucional, ainda assim, considerou-se importante evidenciar o assunto, já que essa postura é especialmente utilizada nas Notícias da CCCI.

Antonio Pitaguari, pelo que pode ser averiguado na ed. 156, de julho de 2008, tinha bastante conhecimento de causa por fazer parte do Conselho Científico da UNICIN, o que justificaria um acesso privilegiado aos detalhes das informações. Contudo, perde-se um pouco do apelo jornalístico ao misturar fatos e opinião, sendo que o leitor “precisa” confiar nos dados que ele traz e, muitas vezes, acatar seu ponto de vista. Na edição 115 de fevereiro de 2005, por exemplo, a nota 2 demonstra suas opiniões ao afirmar que Foz do Iguaçu é “forte” candidata e a oportunidade é “excelente”. O uso de adjetivos costuma caracterizar textos opinativos, já que “os jornalistas, movidos pela sua ideologia da objectividade, procuram separar a informação factual dos comentários (analíticos ou opinativos)” (Sousa, 2005, p. 125). Para melhor compreensão, destacou-se uma edição das Notícias da CCCI:

---

<sup>36</sup> Procedência da informação. Todos os documentos e pessoas de onde um autor de trabalho jornalístico, literário, técnico ou artístico buscou informações. (Glossário de Termos Comuns no Jornalismo, IF-SC, sem ano, p. 1).

Figura 04 - Notícias da Comunidade Conscienciológica, por Antonio Pitaguari

Jornal do Campus CEAEC - Ano 10 - nº 115 - Fevereiro / 05 - | Página 3

## Notícias da Comunidade Conscienciológica

Antonio Pitaguari

- 1. Projeto Conscienciológica na China:** os professores Simone e Kevin de La Tour, em preparação para voltar ao país oriental, fizeram recentemente uma retrospectiva sobre os eventos na China em 2004, dos quais participaram, além de traçar a prospectiva das próximas etapas. Simone começou a atividade proferindo algumas frases em Chinês e, a seguir, ela e Kevin apresentaram breve histórico da Conscienciológica na China desde 1998, incluindo as diversas itinerâncias, o período em que lá viveram e a recente viagem para atender convites de instituições chinesas. O projeto em questão objetiva contribuir para a reurbanização na China e inclui a publicação de edição especial em Chinês e Inglês do tratado *Projeciologia*. Uma nova Instituição Conscienciocêntrica (IC) está sendo criada para tratar do intercâmbio científico e acadêmico com a comunidade chinesa. A dedicada dupla evolutiva está de volta à China para dar continuidade ao projeto. Um artigo descrevendo estes feitos está em fase de revisão para publicação na revista *Conscientia*.
- 2. Eco 2007 Rio 92 + 15:** Foz do Iguaçu é forte candidata a ser confirmada por *Chaire Unesco Culture, Tourisme e Développement*. Excelente oportunidade para o debate sobre o ambiente e tecnologias ecológicas. Foz compete com outras importantes cidades de diversos países. O grande número de etnias que convivem amistosamente na cidade, as belezas naturais, além da condição de cidade ecologicamente emergente devem ser fatores decisivos. Confirmando-se a indicação, estarão sendo implantados 30 projetos para reurbanizar a cidade. Esperam-se representantes de mais de 50 países para discutir experiências na renovação dos ambientes, além de formar e fortalecer redes de pesquisas com objetivos afins.
- 3. Interdependência entre as ICs:** tema recorrente nas tertúlias conscienciológicas, a compreensão da consciencialidade na grupalidade deve ser prioridade nas *Comunidade Conscienciológica Cosmoética Internacional (CCCI)*. Nas interações entre as ICs existe lugar para todos. O desenvolvimento comum é chave para o cumprimento da próxis grupal e deve resultar da união com aqueles minigrupos com dificuldades de serem integrados pelas ICs. A liberdade individual deve ser condicionada pela evolução e pela cosmoética. Seria importante haver mais abertura para as consciências. Ainda existem pessoas promissoras com poucas oportunidades. A sugestão é estabelecer maior interação com aqueles que estão chegando, procurando a diminuição do gap entre professores e alunos. O novato precisa de tempo e oportunidades para tornar-se veterano.
- 4. Primeira década do CEAEC:** foi publicada importante matéria de duas páginas no tablóide A *Gazeta do Iguaçu*, divulgando os preparativos para esta comemoração (V. Figueira, Nelson; **Eventos vão ressaltar Aspectos Multiculturais da Cidade**; *Gazeta do Iguaçu*; Foz do Iguaçu, PR; 09.05.05; páginas 20 e 21). O texto aponta o esforço dos organizadores, em parceria com a *Prefeitura Municipal de Foz do Iguaçu* e a *Fundação Cultural*, para ressaltar os aspectos multiculturais, pacifistas e universalistas da cidade. Entre os eventos agendados e divulgados na última edição deste jornal, a reportagem cita o *Fórum de Diversidade Consciencial* que terá representantes das diversas nacionalidades e cujo objetivo é a maior integração na região do Iguaçu e a contribuição para a formação de identidade cultural dos diferentes povos.
- 5. Luísa Fernandes:** em curta visita ao CEAEC entre os dias 20 a 27 de maio de 2005, a lisboeta, coordenadora da *International Academy of Conscientiology* em Portugal, veio ao Brasil para epicentrar um curso *ECP2* do *Instituto Internacional de Projeciologia e Conscienciológica* em São Paulo, e para a *III Jornada de Educação Conscienciológica*. Luísa trouxe importante *feedback* ao enfatizar os efeitos percebidos na Europa devido ao estabelecimento da CCCI. Sugeriu que alguns de nós possivelmente ainda não nos demos conta de que as ECs grupais aqui desenvolvidas repercutem internacionalmente nas unidades da IAC, catalisando o trabalho tarístico lá realizado, de exposição das verpons conscienciológicas. Lembrou a importância de se pensar grande e a longo prazo. "Mantenha-se o bom trabalho", foi sua mensagem de despedida.
- 6. Foz do Iguaçu:** o projeto 65/2005, em andamento na Câmara Municipal, propõe que a palavra Iguaçu passe a ser escrita Iguassu (V. Marques, Elton; **Apresentado Projeto da Grafia Iguassu**; *Gazeta do Iguaçu*; Foz do Iguaçu, PR; 20.05.05; página 9). Justifica-se a proposta devido à dificuldade encontrada pelos povos de outros países no uso do cê-cedilha, de uso exclusivo da língua portuguesa, romena e turca. Esta letra originou-se na Espanha, embora não seja mais utilizada na grafia do Espanhol. Pretende-se, desta forma, facilitar a divulgação da cidade pela internacionalização da denominação do município, além de evitar o transtorno criado pela palavra sem o cedilha. Foz do Iguaçu era escrito com ss, até a década de 40. A alteração resultou do acordo entre a *Academia Brasileira de Letras* e a *Academia de Ciências de Lisboa*, através do *Vocabulário Ortográfico e Ortoépico da Língua Portuguesa*, publicado em 1932. Considerando-se a necessidade do uso internacional e o fato de o nome ser próprio e a mudança afetar apenas a grafia, sem alterar o nome ou a pronúncia, o caso parece ter validade. Vamos aguardar o resultado.

Fonte: PITAGUARI, Antonio, Notícias da Comunidade Conscienciológica. Jornal do Campus CEAEC - Mensário da Associação Internacional do Centro de Altos Estudos da Conscienciológica, Foz do Iguaçu, ano 10, n. 115, p. 4, fev. 2005 (ICGE, 2024).

Na nota 3, sobre a Interdependência entre IC's, o autor afirma que a compreensão da grupalidade deve ser prioridade na CCCI e tece alguns comentários: “nas interações entre as IC: existe lugar para todos”, “a liberdade individual deve ser condicionada pela evolução<sup>37</sup> e pela cosmoética”, “Seria importante haver mais abertura para as consciências” e “novato precisa de tempo e oportunidades para tornar-se veterano”. Esses são pontos que serão melhor aprofundados no capítulo 3, no debate sobre os valores presentes no Jornal e sua relação com a realidade. Por ora, é importante verificar que o tom é, basicamente, opinativo.

A subjetividade, porém, não precisa estar tão explícita, como na nota 6, que demonstra o processo de seleção dos fatos, pois é um assunto que o autor escolheu em detrimento de possíveis outros, a partir do julgamento pessoal do que seria interessante repassar para a comunidade, da qual ele reconhecidamente faz parte ao afirmar: “vamos aguardar o resultado”.

Já na edição 139, de fevereiro de 2007, ao relatar que, durante o XIX Congraçamento da CCCI, realizou-se o Jantar Social Dançante, o autor afirma que houve um questionamento por parte dos colaboradores que trabalhavam no evento “sobre a alegria de um grupo que só bebia água”, fazendo referência ao fato de nos eventos da CCCI não servirem bebidas alcóolicas, e que alguns voluntários demonstraram “alegria que no dia a dia não fica tão evidente”<sup>38</sup>, claramente denotando um juízo de valor pessoal.

Esta informalidade na comunicação é um ponto relevante para o debate, pois não é apenas característica da coluna, mas se faz presente no Jornal em diferentes pontos. Embora seja visível, à medida que a equipe vai se profissionalizando, o avanço de uma pretensa imparcialidade ao modo do jornalismo tradicional, há momentos em que a informalidade é utilizada justamente para se aproximar do leitor, em tom mais afável, com certa oralidade, evidenciando o aspecto comunitário do Jornal.

Um exemplo em destaque encontra-se na ed. 42, de janeiro de 1999, na reportagem sobre a primeira reunião da nova Base Conscienciológica, ou Basecon, definida como uma

---

<sup>37</sup> Na Conscienciologia, o termo *Evolução* tem conotação diferente do que na Biologia, que define um processo no qual as espécies sofrem modificações ao longo do tempo. No caso da Conscienciologia, a evolução é o processo contínuo e progressivo de transformação ou mudança da realidade consciencial (do indivíduo) e do Cosmos. Disponível em: <https://pt.conscienciopedia.org/index.php?title=Evolu%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 10.01.2025.

<sup>38</sup> Fonte: PITAGUARI, Antonio, Notícias da Comunidade Conscienciológica. Jornal do Campus CEAEC - Mensário da Associação Internacional do Centro de Altos Estudos da Conscienciologia, Foz do Iguaçu, ano 12, n. 139, p. 4, fev. 2007.

moradia comunitária para apoiar pesquisadores que estão predispostos a colaborar no CEAEC. Ela aparece pela primeira vez na ed. 35, de junho de 1998, e o texto explica que a construção comportaria 20 pessoas com 8 quartos, banheiros, sala de convivência e pequena cozinha. Fala ainda que as obras começaram em agosto, sendo que os recursos para a construção advinham da venda de livros, camisetas e outros materiais. Isso porque, segundo Balthazar (2015) *apud* Silva (2020, p. 156), a Basecon “tem suas raízes em uma experiência de um grupo de voluntários do IIP que alugou um grande apartamento no centro de Florianópolis, o que ajudou no suporte das atividades da Conscienciologia nessa localidade”.

Deste modo, entende-se que a experiência grupal prévia delineou o empreendimento realizado no CEAEC, sendo que a primeira parte foi inaugurada em dezembro de 1998 (informada na ed. 40, de novembro) e em janeiro de 1999, na ed. 42, foi noticiada a primeira reunião dos moradores na matéria “Basecon: laboratório de conviviologia”, sem autor. No que se refere à linguagem, a reportagem explica que “as paredes, o teto e - pasmem - o chão da nova Basecon são branquinhos. Tal e qual um laboratório”<sup>39</sup>. Esse trecho merece destaque pela oralidade, bem como a passagem que explica que os novos residentes não estariam apenas mudando de endereço, mas “suas posturas íntimas, encarando o desafio da grupalidade, da convivialidade, abrindo mão do ego em favor das vivências assistenciais”.

A frase inicial demonstra que, embora haja tentativas de profissionalizar o fazer jornalístico demonstrado em textos mais técnicos, é perceptível a intenção de se conectar com o leitor nas edições, neste tom de proximidade, que busca fortalecer o senso de pertencimento. Já o segundo trecho, além da oralidade, transmite também juízo de valor por parte de quem escreve. Como a matéria não tem autor, no Jornal atua enquanto porta-voz da instituição, no caso, da cooperativa. Inclusive, esse tom mais próximo, coloquial, que mistura fato e opinião é bastante comum nesse período.

Na mesma matéria, há uma passagem sobre o perfil dos integrantes ser diversificado, citando especificamente que são 4 homens e 4 mulheres (sendo 3 duplas evolutivas), com idade entre 23 e 53 anos, 2 jornalistas, 3 professores, 1 executiva, 1 economista e 1 secretária executiva. Ela reforça o caráter estatístico da comunidade, que será observado ao longo de todo o artigo. Além disso, ao ressaltar que são 3 duplas evolutivas, o texto aparenta fomentar

---

<sup>39</sup> Fonte: CEAEC - Centro de Altos Estudos da Consciência - Jornal da Cooperativa dos Colaboradores do IIPC - CEAEC, Foz do Iguaçu, ano 4, n. 42, p. 4, jan. 1999.

um valor da comunidade relacionado aos relacionamentos afetivos, que é a “formação de um casal íntimo com objetivo de potencializar suas performances evolutivas” (Silva, 2020, p. 150).

As chamadas que falam diretamente com o leitor também ilustram a questão da informalidade na linguagem, por exemplo, na ed. 51, de outubro de 1999, a matéria “Periódicos do Mundo: Você já incluiu o jornal da sua cidade nesta seção da Holoteca?”, claramente conversa com os leitores. Ou na ed. 86, de setembro de 2002, que antes da agenda de cursos, está a chamada “Otimize sua existência no final de ano no CEAEC”. E, por fim, na ed. 87, de outubro de 2002, as novidades da Revista *Conscientia*, antes divulgadas na seção fixa CEAEC Pesquisa, agora trazem chamadas mais detalhadas e provocativas, como por exemplo: “Você sabe o que é Bigorexia?”, conforme a figura a seguir.

Figura 05 – Anúncio da nova edição da Revista *Conscientia*



Fonte: Campus Conscienciologia - Mensário do CEAEC, Foz do Iguaçu, ano 8, n. 87, p. 4, ago. 2002 (ICGE, 2024).

Percebe-se, inclusive, que quando se trata de cursos, eventos ou atividades de longa data, a linguagem dos textos vai se alterando conforme o acontecimento se consolida e passa a fazer parte do imaginário coletivo. A hipótese é que, enquanto instrumento educador, inicialmente, ao registrar ou divulgar um curso ou atividade, o Jornal não poderia ater-se somente ao fato, pois partia do princípio de que os leitores não tinham repertório cognitivo para saber necessariamente do que se tratava. Assim, priorizava-se os fins pedagógicos: dando os pormenores, explicando as técnicas e teorias, alguns neologismos e seus significados de maneira didática, apresentado quem eram os professores (quando os cursos eram ministrados por outras pessoas que não o prof. Waldo Vieira). Com o tempo, as iniciativas foram se concretizando e sendo conhecidas, e o Jornal passou a apresentar os

fatos de maneira mais direta e utilizar um tom de que seria entendido, possibilitando enquadramentos e reflexões mais amplas ou aprofundadas.

Um exemplo é na ed. 29, de dezembro de 1997, na matéria "Laboratório estimula PCs", sem autor, que contabiliza 20 pesquisadores que utilizaram o Laboratório de Projetabilidade (hoje chamado de Laboratório Conscienciológico de Autoprojeciologia)<sup>40</sup>, inaugurado em primeiro de janeiro daquele ano. O texto, além de descrever o espaço, traz duas fotos do prof. Waldo Vieira simulando um experimento. Percebe-se duas intencionalidades: divulgar e ensinar, pois as fotos foram preparadas para ilustrar a maneira correta de dirigir o experimento e a maneira de deitar-se na cama, já que o decúbito dorsal foi divulgado na matéria como a posição mais adequada à projeção consciente.

Entende-se, portanto, que houve um cuidado em aproveitar ao máximo o potencial pedagógico do canal e da mensagem. Este mesmo cuidado é percebido em outros materiais da Conscienciologia, por exemplo, dicionário de neologismos no final de livros, introdução sobre o Paradigma Consciencial antes de outros materiais, lista de Instituições Conscienciocêntricas atuais, entre outros. É como se houvesse um cuidado com a didática, não apenas pelos assuntos abordados serem incipientes e fora do senso comum, mas pela valorização da educação e do aspecto intelectual, o que, de fato, mostra-se como valor no capítulo 3.

Outro exemplo é a entrevista com a ex-freira Maria de Lourdes Pinheiro, intitulada "Do Catolicismo à Conscienciologia", por Cláudio Monteiro, na ed. 98, de setembro de 2003. Um dos detalhes interessantes é que a entrevistada utiliza o termo "ressomar" e o autor coloca entre parênteses o significado, que é retornar a esta vida. O termo aparece pela primeira vez em 1997, no livro "100 Testes da Consciencimetria", ou seja, não era desconhecido do público. Esta prática (de colocar o significado após as palavras) é praticamente inexistente, a despeito dos neologismos presentes nos textos, o que reforça a hipótese de que o Jornal falava principalmente para o próprio grupo.

Na mesma edição, a última página apresenta uma matéria sobre o Colégio Invisível<sup>41</sup> da Cosmoética, explicando que os integrantes do grupo de pesquisa, de natureza

---

<sup>40</sup> Fonte: NUNES, Lais; ARAÚJO, Helena Alves de. Laboratórios Conscienciológicos do CEAEC completam 25 Anos de Atividades. *Jornal da Cognópolis*, ed. 251, maio e junho de 2023. Disponível em: <<https://jornaldacognopolis.org/laboratorios-conscienciológicos-do-ceaec-25-anos/>>.

<sup>41</sup> Os *Colégios Invisíveis* são grupos de pesquisa formados por interessados em determinadas áreas, organizados sem uma sede física. Para saber mais, olhar a página 162 deste artigo.

suprainstitucional, mantinham contato através de uma rede de discussão virtual. Além de fornecer um panorama empírico do projeto, quando o Jornal dá detalhes de funcionamento, cronograma de atividades, formas de contato ou pagamento, esse tipo de jornalismo é reconhecido como de serviço<sup>42</sup>, ou utilitário. Considerando que o Jornal tinha em seus objetivos a divulgação de cursos e eventos pagos, o jornalismo de serviço é encontrado inúmeras vezes. E como era essa renda que sustentava, em parte, o *campus* e atividade em Foz, pode-se dizer que ele era um instrumento de conscientização, arrecadação e sustentação.

Antonio Pitaguari foi o responsável por boa parte do conteúdo das Notícias da CCCI, sendo que Eliel Queiroz ficou responsável por duas edições, Rosemary Salles, por cinco e Denise Paro, por uma. O fato dele ter consolidado a seção, mas o Jornal mantê-la mesmo com outras pessoas é dado significativo, pois se poderia pensar que a coluna existia somente por seu criador, porém, se a mantiveram, foi porque reconheceram sua relevância enquanto meio de noticiar.

Inclusive, mesmo em épocas de matérias mais aprofundadas, as notas eram uma realidade, reforçando o caráter institucional do Jornal, que busca veicular os acontecimentos, mesmo sem entrar em detalhes, com fotos ou matéria completa, ao modo de boletim informativo. Além disso, a linguagem mais opinativa utilizada na coluna chamou a atenção para diferenças possíveis entre o texto de jornalistas e autores não-jornalistas.

Embora a notícia como espelho da realidade seja um conceito falso, ainda assim ele se entranhou na cultura jornalística, que reconhece a existência de ferramentas técnicas na busca da objetividade, encarada enquanto uma meta, já que “o jornalismo ideal seria o jornalismo objectivo, se fosse possível” (Sousa, 2005, p. 72). Ou seja, embora o discurso não seja neutro, já que “a escolha das palavras e a ordem dessas palavras traduzem juízos de valor a que o jornalista não se consegue furtar” (Sousa, 2005, p. 46), a objetividade pode ser buscada através de recursos, como descrever “fatos verificáveis e verificados, citar fontes credíveis, contrastar fontes, etc”. (Sousa, 2005, p. 46).

Outro recurso pode ser observado na ed. 132 de julho de 2006, matéria "Megafraternismo Interinstitucional", por Hernande Leite, que é precedida pelo termo

---

<sup>42</sup> Sousa (2005) explica que a partir do final dos anos setenta, a imprensa começou a procurar dar mais atenção ao leitor, fazendo um jornalismo de serviço, ou utilitário, sendo que o leitor é informado sobre dicas de viagens, saúde, consumo, etc. Já Dias et al (1998) *apud* Santana et al (2015) explica que o jornalismo de serviço é também conceituado como gênero de bem-estar ou social por ser capaz de atender as necessidades da sociedade, por ter um caráter utilitarista para o leitor.

“opinião” para demarcar claramente que o texto não é factual. Esse é um recurso comum no jornalismo tradicional, separar o que é considerado fato de opinião na edição, porém não cabe tanto no jornal institucional.

Ainda assim, a depender de quem escreve a notícia, é possível perceber mais ou menos recursos de linguagem, seleção e hierarquização de fatos de acordo com seu valor noticioso, sendo que os critérios de noticiabilidade (que não são rígidos nem universais) podem fazer do processo jornalístico mais profissional e imparcial. Critérios de noticiabilidade (ou valor-notícia), “são aplicados pelo jornalista, conscientemente ou não, no momento de avaliar os assuntos que têm valor como notícia” (Sousa, 2005, p. 39).

Segundo Sousa (2005), alguns critérios de noticiabilidade podem ser, por exemplo:

Quadro 08 – Critérios de noticiabilidade jornalística

Proximidade, seja geográfica, cultural, afetiva, etc. - ou seja, quanto mais próximo ocorrer um fato, maior a possibilidade dele ser notícia;
Momento - quanto mais recente;
Significância - quanto mais relevante, impactante, maior em dimensão;
Proeminência social dos sujeitos envolvidos;
Proeminência das nações envolvidas;
Consonância - quanto mais se adaptar à linha editorial do veículo de comunicação;
Imprevisibilidade - quanto mais surpreendente for o acontecimento;
Continuidade - desdobramentos de fatos já noticiados naquele jornal têm mais chance de aparecerem novamente;
Composição - quanto mais se enquadrar em uma edição tematicamente equilibrada;
Negatividade - quanto mais negativo, triste, catastrófico.

Fonte: Sousa, 2005, p. 39.

A partir do Jornal, portanto, é possível identificar e compreender os critérios de noticiabilidade mais utilizados por um grupo, podendo inferir suas prioridades e valores. No presente trabalho, os valores-notícia aparecem de maneira secundária, para sustentar e

agregar a outros dados, principalmente no capítulo 3. Outro ponto que é perceptível na busca da qualidade jornalística é o esforço em seguir certos princípios, citados por Sousa (2005):

Quadro 09 – Princípios jornalísticos

<b>Princípio</b>	<b>Descrição</b>
<b>Princípio da correção e da utilidade</b>	Um texto jornalístico deve ser comunicação útil, ou seja, deve ter um conteúdo útil e deve apresentar-se de forma a poder ser utilizado, ajustando-se à realidade, <i>contando bem o que há para contar</i> , com intenção de verdade.
<b>Princípio da clareza, concisão e precisão</b>	Um texto jornalístico tem de ser construído e organizado de maneira a ser facilmente compreendido, sem dúvidas ou ambiguidades. Para isso, não pode ser prolixo e cada palavra deve ser escolhida de acordo com seu valor semântico, respeitando as regras gramaticais.
<b>Princípio da simplicidade, rigor e eficácia</b>	Um texto jornalístico deve ser construído de maneira que o essencial seja imediatamente apreendido. Por isso, a linguagem deve ser simples, isto significa, por exemplo, que entre sinônimos deve preferir-se o mais comum e que as frases devem respeitar a ordem sujeito - predicado - complemento, desde que esta opção não represente uma sobrecarga estilística. Também precisa ser encadeado, lógico, conduzido, ordenado, sendo que os acontecimentos e as relações que estes estabelecem entre si devem ser descritos com exatidão e as interpretações devem ser feitas partindo dos fatos, sendo obrigatório mencionar as etapas do raciocínio.
<b>Princípio da funcionalidade, hierarquização e seletividade</b>	Um texto jornalístico necessita se adaptar, respeitar as normas de estilo, do tipo de veículo e do espaço. Se for necessário, deve estar escrito de maneira a poder ser cortado sem que se perca nem a informação principal nem a lógica enunciativa. Para isso, a informação deve ser selecionada e hierarquizada. Devem evitar-se as irrelevâncias, estruturando o texto pelas informações hierarquicamente mais importantes.
<b>Princípios da sedução e do interesse</b>	Um texto jornalístico deve ser cativante e agradável. Deve ter vivacidade e ritmo. A sua leitura deve proporcionar prazer e gratificação. Não se pode dar apenas informação importante. Há que dar também informação interessante.

Fonte: Sousa, 2005.

Amaury Pontieri, que é o segundo jornalista com maior presença, com 56 edições, é um exemplo de quem sabia como aplicar técnicas de linguagem em busca da objetividade jornalística. Lembrando aqui que o número de edições se refere às publicações em que a

pessoa aparece enquanto editora/coordenadora, sendo que muitos nomes colaboraram em matérias eventuais em outros períodos.

Por exemplo, na matéria "Programa Amigos da Enciclopédia atinge maturidade ao completar 5 anos", na ed. 172, de novembro de 2009, embora transpareça a opinião na escolha de palavras, sendo que "maturidade" poderia ser considerado juízo de valor, são trazidos fatos para apoiar o uso do termo: a matéria fala que o programa está conseguindo, desde junho, pela primeira vez custear o *Tertuliarium*<sup>43</sup>, Holociclo e Holoteca, que era seu objetivo inicial, daí a conclusão de que chegou à maturidade. Porém, quem acompanhou os fatos de perto sabia que existia bastante coisas para amadurecer no programa, o que será melhor explorado no capítulo 3.

Outras pessoas que se destacam são Rosane Amadori e Nerli Vieira, cuja coordenação, a partir de julho de 2017 (ed. 202) teve efeito direto nas matérias, com aumento perceptível na busca pela neutralidade, como as citações, a argumentação com base em dados e o texto mais seco, embora fluido. Nesta mesma edição, a matéria "Parceria Expográfica", escrita por Nerli Vieira e cujo assunto é uma exposição realizada em parceria entre a Holoteca e o Pólo Astronômico do Parque Tecnológico Itaipu, intitulada "Meteoritos - Memórias Siderais", é um exemplo de matéria jornalística neste modelo.

Ela começa com o lide<sup>44</sup>, traz falas de 5 fontes diferentes (secretário geral do CEAEC, Fernando Barbaresco, gerente de educação e cultura da Fundação Parque Tecnológico Itaipu, coordenadora da Holoteca, Nara Oliveira, coordenador do Polo Astronômico, Janner Vilaça, e o responsável pela coleção de meteoritos, Daniel Machado), ou seja, demonstra pluralidade de pontos de vista, além de dados, fotos do evento e da equipe organizadora, e jornalismo de serviço no final.

Cláudio Monteiro e Mônica Resende destacam-se nas entrevistas, sendo que esse recurso é bastante utilizado no Jornal. No início, entrevistava-se mais o prof. Waldo Vieira e pessoas que visitavam o CEAEC, principalmente se fossem estrangeiros, pois a internacionalização da Conscienciologia era tema frequentemente em destaque no Jornal,

---

<sup>43</sup> Espaço específico para a realização das tertúlias conscienciológicas, inaugurado em 30 de novembro de 2008. Para saber mais, olhar a página 142.

<sup>44</sup> *Lead* ou lide é o primeiro parágrafo de uma notícia. É o principal, onde se deve ter o resumo da notícia e prender o leitor. É constituído, como se chama em jornalismo, pela chamada pirâmide invertida. Deve responder as perguntas: o quê, quem, quando, como, onde, por quê. (Glossário de Termos Comuns no Jornalismo, IF-SC, sem ano, p. 2).

como será aprofundado no capítulo 3. Com o tempo, professores, novos autores e personalidades de destaque, como coordenadores de projetos, secretários-gerais e outras lideranças, foram abastecendo as páginas do Jornal.

A entrevista, enquanto gênero jornalístico, corresponde à “transposição das perguntas e respostas (...) enquanto técnica de obtenção de informações, para um determinado modelo de enunciação” (Sousa, 2005, p. 235). Erbolato (1978, *apud* Sousa, 2005, p. 22) explica que o registro oficial desse formato data de 1859, quando Horace Greeley entrevistou o mórmon Brigham Young.

Quando ela aparece diagramada enquanto perguntas e respostas, é denominada pingue-pongue, sendo amplamente utilizada no jornalismo. Porém, ela pode aparecer como texto corrido, a partir de diferentes fontes, como documentos, banco de dados e *internet*, visto que a investigação jornalística pode ser em diferentes locais e não está confinada a fontes humanas de informação. O importante é explicar de onde os dados vieram, já que as circunstâncias geradas na I e II Guerra Mundial tornaram o jornalismo ocidental tendencialmente descritivo, apostando na separação entre fatos e comentários (Sloan, 1991 *apud* Sousa, 2005, p. 27).

Isso garantiria maior objetividade às matérias, isentando também o jornalista de publicar algum fato inverídico, mantendo o jornal imparcial, ainda que “obviamente, as informações não podem ser apenas recolhidas, mas também devem ser verificadas e contrastadas, para serem, posteriormente, processadas” (Sousa, 2005, p. 71).

As entrevistas também dão um toque de interesse humano aos assuntos, como por exemplo, a entrevista com a autora Lucy Lutfi, que estava finalizando seu livro relacionado às Experiências de Quase Morte (EQM), no qual ela conta que teve dois destes acontecimentos e como eles mudaram sua visão de mundo (ed. 97, de agosto de 2009). Aqui, não apenas o assunto é tratado de maneira técnica, mas também o contexto, a história pessoal, é retratada, criando mais oportunidades de conexão com os leitores.

Ela também gera a possibilidade de maior proximidade com as figuras de autoridade no grupo, como Hernande Leite, secretário-geral do CEAEC, que também escreveu para o Jornal (em exemplo supracitado) e foi entrevistado duas vezes em sua gestão, no começo (ed. 119 de junho de 2005) e no final (ed. 153 de abril de 2008). Essas entrevistas são interessantes porque revelam mudanças significativas na percepção do entrevistado sobre a

administração da instituição e o funcionamento do voluntariado, que será um tema-chave ao longo do terceiro capítulo.

Na primeira entrevista, observa-se um tom mais idealista e propositivo, com ênfase em inovação e planejamento estratégico. O discurso enfatiza o fortalecimento técnico-científico e a importância de se estabelecer processos mais eficientes. A perspectiva apresentada é de uma gestão que busca modernização, ao mesmo tempo em que mantém os princípios do voluntariado consciencioso. Já na entrevista de 2008, a narrativa apresenta um tom mais reflexivo e crítico, reconhecendo dificuldades relacionadas à sobrecarga dos voluntários, à necessidade de descentralização das decisões e à complexidade da gestão coletiva.

A experiência acumulada ao longo dos três anos de gestão leva-o a uma visão mais pragmática das questões, enfatizando a necessidade da responsabilidade grupal no voluntariado, inicialmente visto como um modelo de engajamento coletivo funcional, porém, retratado em seguida com limitações e a indispensabilidade de ajustes administrativos para garantir sua sustentabilidade a longo prazo.

A entrevista, no caso, pode proporcionar uma visão mais crítica a partir da experiência de alguém relevante para a comunidade, impactando a reflexão dos leitores, permitindo que eles percebam a diferença entre planejamento e execução, e contribui para a desmistificação da gestão institucional ao tornar visíveis os desafios internos que, por vezes não são registrados em documentos oficiais.

A menção à necessidade de amadurecimento grupal e compartilhamento de responsabilidades pode, inclusive, incentivar os leitores a refletirem sobre sua própria participação e engajamento dentro da comunidade, questionando quais ajustes podem ser feitos para tornar o modelo mais equilibrado. Assim, a entrevista desempenha um papel fundamental no Jornal, pois oferece um espaço para que diferentes vozes compartilhem experiências, desafios e perspectivas para além das narrativas institucionais.

Elas também podem valorizar a comunidade ao registrar a opinião de personalidades reconhecidas, como Hélios Póvoa, médico precursor da medicina ortomolecular no Brasil e que visitou o CEAEC em 2005 (ed. 115, de fevereiro de 2005) e concedeu entrevista ao Jornal, ou atuarem enquanto recurso de propaganda e divulgação, como por exemplo, a

matéria "Fundamentos da Parapercepciologia<sup>45</sup>: conheça o trabalho dos epicons<sup>46</sup> do novo curso", por Monica Resende, traz uma entrevista especial com os professores do novo formato, derivado do antigo Pilares do Parapsiquismo<sup>47</sup>.

Os professores Hernande Leite, Marina Thomaz e Mário Oliveira são entrevistados enquanto epicons, e pelo fato de as perguntas girarem mais em torno deste assunto do que do próprio curso, deduz-se que era um tema novo e de interesse geral, já que a entrevista busca aprofundar a condição e esclarecer sobre características, desafios, etc.

A entrevista, no caso, além de trazer um tema que despertava curiosidade nos membros da comunidade, aproveita para esclarecer alguns pontos e também divulgar o curso, explicando que ele conta com 9 módulos, debates laboratoriais e a participação de 21 docentes. A matéria traz, em um *box* na lateral, os objetivos, dinâmicas e técnicas aplicadas durante o curso, assim como a data dos módulos e os valores de investimento. A última página desta edição traz entrevista com um monitor do curso e, aí sim, o Jornal entra em detalhes sobre o curso em si. A estrutura geral da edição, portanto, traz esse sentimento de que a entrevista principal foi mais sobre as personalidades e a secundária sobre o curso, justamente porque existe essa curiosidade do público sobre a figura do epicon.

Outro exemplo da entrevista gerando interesse e precedendo a divulgação é a matéria da ed. 121, de agosto de 2005, intitulada "Avalie seu perfil parapsíquico", por Denise Paro. A entrevista, concedida ao Jornal pelos professores Kátia Arakaki e Mario Oliveira, é uma forma de esclarecimento visando a divulgação do curso II Imersão Parapsíquica, realizado em novembro daquele ano. Elas ganham ainda mais espaço quando se altera a equipe e muda de cooperativa para associação, pois as edições tornam-se mais aprofundadas, abordando poucos temas, mas com diferentes perspectivas.

---

<sup>45</sup> *Parapercepciologia* é a especialidade que estuda as parapercepções, ou as percepções além dos cinco sentidos físicos. Sinônimo: Parapsiquismo.

<sup>46</sup> *Epicentro Conscencial*: professor com domínio das bioenergias (Silva, 2020, p. 168).

<sup>47</sup> O *parapsiquismo* é a tendência evolutiva da consciência extrapolar as limitações somáticas ou neuropsíquicas para alcançar maior discernimento perante a realidade multidimensional através do uso consciente das potencialidades dos outros veículos de manifestação e maior domínio bioenergético. Disponível em <<https://pt.consciopedia.org/index.php?title=Parapsiquismo>>. Acesso em: 03 fev. 2025

## 2.4 JORNAL DA ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DO CEAEC

De acordo com Silva, (2020, p. 160), a mudança do modelo administrativo de cooperativa para associação foi ocasionada pela medida provisória n.1858-9 de 1999, que trouxe modificações profundas com o dispositivo da Lei Complementar n.70/91, alterando a isenção tributária às cooperativas. Foi feita então uma proposta de reconfiguração, constituindo-se, portanto, a Associação Internacional do Centro de Altos Estudos da Conscienciologia, sendo que o novo Estatuto Social entrou em vigor na assembleia realizada em 23 de julho de 2002.

No Jornal, o tema foi abordado da seguinte forma: na ed. 80, de março de 2002, há uma matéria que fala sobre a mudança de cooperativa para associação, a fim de reduzir a carga tributária que incidiu sobre o cooperativismo a partir de 1999. A ideia foi discutida durante a 5ª Reunião Técnica de Projetos de Conscienciologia Aplicada, no Espírito Santo, no mês anterior, sendo apresentada em Assembleia Geral em março e publicada na Revista Conscienciologia Aplicada n. 4. Uma comissão de transição foi formada e os objetivos prioritários eram: encerramento da Cooperativa, entrega do Condomínio Campo dos Sonhos, terceirização do restaurante e descentralização da recepção do CEAEC.

Em julho de 2002, a ed. 84 traz uma matéria comemorativa de 7 anos da cooperativa com retrospectiva estatística: 317 cooperados, 135 publicações entre livros (09), jornais (84), revistas (21), agendas (03), diários (02), catálogos (03) e planilhas laboratoriais (12). O texto avisa também que, a partir de 1º de setembro, mudaria a natureza jurídica de cooperativa para associação.

Na mesma publicação, na seção CEAEC em Resumo, sob o título “Criada Associação do CEAEC”, o texto informa que sessenta voluntários, de quatro Instituições Conscienciocêntricas, estiveram reunidos em Foz do Iguaçu dos dias 22 a 26 de julho para a reunião de transição da natureza jurídica do CEAEC. Na ocasião, foi fundada a Associação Internacional do Centro de Altos Estudos da Conscienciologia, que passa a administrar a instituição a partir de um Colegiado Gestor. Este seria composto de: Secretário-Geral, 10 integrantes do Conselho Executivo e 10 do Conselho de Planejamento, Conselho Consultivo e Conselho Fiscal<sup>48</sup>.

---

<sup>48</sup> Fonte: CEAEC - Centro de Altos Estudos da Consciência - Jornal da Cooperativa dos Colaboradores do IIPC - CEAEC, Foz do Iguaçu, ano 7, n. 84, p. 4, jul. 2002.

A edição 85, de agosto de 2002, é uma edição especial de encerramento da cooperativa com entrevista com o prof. Waldo Vieira sobre o momento atual da Conscienciologia. A conclusão, em resumo, é que “lucramos muito consciencialmente”<sup>49</sup>. Até a data, havia 4 IC's e 16 laboratórios, além de livros e tratados, sendo que ele fala do *Homo sapiens reurbanisatus*<sup>50</sup> como sua obra-prima, em que ele reúne a maior quantidade de dados até então.

Entre os temas abordados, destaca-se a ênfase na assistência como eixo central da evolução consciencial, reforçando que o desenvolvimento individual está intrinsecamente ligado à contribuição para o grupo. Waldo Vieira afirma que “dentro do nosso caminho evolutivo, ninguém pode desenvolver nada sem fazer assistência”<sup>51</sup>, ressaltando a importância do voluntariado e do compromisso coletivo dentro do CEAEC. Ele também discute a validade de uma abordagem técnica e estruturada na pesquisa conscienciológica, mencionando que “a lógica é lógica, contra os fatos não adianta brigar”<sup>52</sup>, reforçando a importância da objetividade na condução dos estudos.

Outro ponto discutido é a evolução do CEAEC enquanto instituição, apontando desafios na governança e na administração do voluntariado. Ele sugere que a estruturação da Conscienciologia deve ser feita com base na isenção e imparcialidade, afirmando que

Precisa afastar todo tipo de falta de autocrítica, de incoerência, o processo todo quando está nebuloso, ilógico, irracional, muito mais que na ciência convencional, porque é uma pesquisa participativa, você está participando. Na hora de participar, é preciso haver uma isenção para a pessoa ficar indene, ileso, equidistante, dar um jeito em si mesma, para não colocar só o seu próprio interesse ali dentro. O processo do interesse emocional, político, demagógico, de poder, de autoridade, de hegemonia, isso tudo é muito sério<sup>53</sup>.

---

<sup>49</sup> Fonte: CEAEC - Centro de Altos Estudos da Consciência - Jornal da Cooperativa dos Colaboradores do IIPC - CEAEC, Foz do Iguaçu, ano 7, n. 85, p. 1, ago. 2002.

<sup>50</sup> VIEIRA, Waldo. *Homo sapiens reurbanisatus*. Foz do Iguaçu: CEAEC, 2003.

<sup>51</sup> Fonte: CEAEC - Centro de Altos Estudos da Consciência - Jornal da Cooperativa dos Colaboradores do IIPC - CEAEC, Foz do Iguaçu, ano 7, n. 85, p. 2, ago. 2002.

<sup>52</sup> Idem, p. 3.

<sup>53</sup> Fonte: CEAEC - Centro de Altos Estudos da Consciência - Jornal da Cooperativa dos Colaboradores do IIPC - CEAEC, Foz do Iguaçu, ano 7, n. 85, p. 3, ago. 2002.

O discurso de Waldo Vieira combina certo realismo estratégico com idealismo pragmático, reconhecendo, por um lado, o pioneirismo do projeto e seus desafios, como na frase “há alguns fracassos dentro desta história, mas isso a gente já esperava. Todo mundo que está começando, que é pioneiro na área, tem direito ao fracasso<sup>54</sup>”, mas também inspirando os leitores ao identificar como inevitável a evolução contínua do Paradigma Consciencial. A mudança de cooperativa para associação reflete, justamente, a transição entre um modelo mais idealista e outro que se adapte às necessidades administrativas do momento, buscando profissionalizar cada dia mais a gestão sem abandonar seu caráter voluntário.

A ed. 86, de setembro de 2002, traz a nova equipe do Jornal (Daniel, Alexandre, Rosângela e Graça) e publica um texto de apresentação dizendo que o Jornal do CEAEC, agora chamado, Jornal do *Campus* Conscienciologia, passa a ser editado pela associação, mantendo as edições mensais. A nota afirma que a equipe responsável pelo projeto reconhece a qualidade da prestação de serviço voluntário da equipe do Jornal da Cooperativa do CEAEC, representado pela jornalista Denise Paro, desde 1995. E que estaria motivada para dar continuidade ao projeto do Jornal, consolidado como o mais assíduo periódico das Instituições Conscienciocêntricas até o momento.

A edição também traz os principais projetos do CEAEC para aquela gestão: a Enciclopédia da Conscienciologia, o Congraçamento dos Voluntários (que ocorreria em Foz no início de dezembro) e os eventos de imersão na autopesquisa. Consta também um infográfico explicando a organização interdepartamental da nova equipe, um selo dizendo que moradores do Condomínio Campo dos Sonhos recebem o Jornal todos os meses gratuitamente, calendário de dezembro e divulgação de cursos com planos especiais para pacotes de final do ano.

A partir da ed. 86, quando a associação assume, percebe-se uma tiragem maior, de 600 para 1.000 ou mais exemplares, e também um esforço na padronização e qualidade das fotografias, ainda que monocromáticas. A uniformidade é um elemento de destaque deste período, sendo que as matérias são dispostas para não ultrapassar a média de 4 páginas por edição, salvo em momentos de exceções, como comemorações e marcos temporais.

---

<sup>54</sup> Fonte: CEAEC - Centro de Altos Estudos da Consciência - Jornal da Cooperativa dos Colaboradores do IIPC - CEAEC, Foz do Iguaçu, ano 7, n. 85, p. 3, ago. 2002.

É neste período, também, que os textos passam a ser assinados, o que sugere um movimento de mudança na identidade do Jornal, aproximando-o de uma maior pluralidade de vozes. A assinatura das matérias estabelece, ainda que de forma sutil, uma separação entre autor e o veículo, que deixa de ser exclusivamente um porta-voz institucional, onde as informações e opiniões são percebidas como oficiais. Com isso, ele passa a ser um veículo de comunicação formado por indivíduos que fazem parte da comunidade, mas que também possuem opiniões e, ao exercerem a função de jornalistas ou escritores, deixam transparecer vieses.

Outra mudança trazida pela nova gestão pode ser percebida na concepção das matérias, mais aprofundadas, com diferentes enfoques para um mesmo assunto. Por exemplo, a ed. 96 de julho de 2003, de 8 páginas, é dedicada em grande parte ao curso Formação de Autores, que fora reformulado e estava com a segunda turma prevista para outubro. A capa traz, além da matéria intitulada "Segunda turma do Formação de autores inicia-se em outubro", por Alexandre Nonato, duas fotos, uma dos professores que estarão atuando e a outra da primeira edição do curso, que mostra o professor Waldo à frente da sala de aula.

A legenda afirma que ele participaria de todos os módulos e é perceptível que isso é uma espécie de publicidade para as atividades, fato que voltará a ser mencionado no capítulo 3. Outra característica que dá um tom de divulgação é o lide, que contém algumas possíveis provocações como: escrever um livro faz parte da sua programação existencial? Toda esta edição foi dedicada ao curso a partir de diferentes abordagens, como por exemplo, entrevista com o prof. Waldo, detalhes sobre os módulos, valores, apresentação do quadro docente e mais. Esse formato reflete um tratamento mais extenso de eventos importantes, abordando-os sob diferentes pontos de vista.

Outras mudanças trazidas pela associação são: 1) as entrevistas passam a ser fixas, ao menos uma por edição e comumente na página 3, utilizadas para valorizar a gestão coletiva, além de trazer histórias que humanizem a comunidade; 2) enfoque na grupalidade e necessidade de coesão a partir de discussões sobre projetos coletivos, como o Plano Diretor da Cognópolis (ed. 176, de março de 2010); 3) maior visibilidade das Instituições Conscienciocêntricas, com matérias que abordam suas atividades, objetivos, planos e estruturas organizacionais.

Pouco antes da mudança da cooperativa para associação o Jornal deixa de publicar os demonstrativos financeiros para prestações de contas administrativas, comuns até a ed. 61, de agosto de 2000. Esta prática é encerrada denotando um movimento de mudança do público-alvo e objetivos, ao se corresponder com um público maior (dito externo), o que pode ser observado também pelo aumento de exemplares impressos por edição.

A análise da tiragem do Jornal é fundamental para compreender seu alcance, impacto e decisões editoriais, revelando a dimensão da circulação, o engajamento da comunidade e fornecendo pistas sobre possíveis desafios.

## 2.5 TIRAGEM

A tiragem inicial do Jornal é, em tese, de 300 exemplares, sendo que nas publicações iniciais, até junho de 1996 (ed. 11), tal dado não era informado. Contudo, nas primeiras vezes que a informação aparece (ed. 17, 18 e 19), é esse o número indicado. Ao longo de sua trajetória, o Jornal contou com várias tiragens, como demonstra o quadro a seguir:

Quadro 10 – Tiragem do Jornal por edição

<b>Tiragem</b>	<b>Quantidade</b>	<b>Edições</b>
Não consta	19	1 a 11;13 a 15; 233 a 236
100	9	159 a 167
300	4	17 a 19, 158
370	1	22
400	2	20; 23
500	21	21; 24 a 26; 28; 116; 117; 144; 146 a 154; 182 a 185
600	52	29 a 39; 31 a 39; 41 a 58; 60 a 64; 68 a 84 ;87
700	3	65 a 67
800	1	27
1000	78	12; 16; 40; 85; 86; 107; 108; 111 a 114; 115; 118; 119; 121; 124 a 133; 135 a 139; 140 a 142; 145; 168 a 181; 186 a 190; 192 a 201; 217 a 232
1200	7	106; 109; 122; 123; 214; 215; 216

1500	16	93; 97; 105; 110; 134; 143; 203; 205 a 213
2000	4	202; 88 a 90
2300	1	113
2500	1	94
2700	3	155 a 157
3000	2	96; 99
5000	1	59

Fonte: a autora, 2024.

A maior tiragem foi 5.000 na ed. 59, de junho de 2000, que trouxe o marco histórico da Holoteca. A matéria intitulada "Holoteca: marco histórico do CEAEC", sem autor, afirma que a estruturação da Holoteca é considerada um novo patamar na história da Conscienciologia, sendo que durante uma reunião técnica de dois dias, em junho, o grupo de 64 colaboradores discutiu as regras de estruturação e funcionamento por 21 horas. O texto convida os interessados para reuniões futuras.

Na segunda metade da capa, o Jornal traz uma diagramação com a Holoteca ao fundo e o texto branco, dividindo a página. A matéria conta que as tecas serão organizadas pelo que já existe no acervo, e explica o passo a passo do processo. Traz também a manchete "Hipermídia: megateia consciencial na Holoteca", com uma planta baixa com o *layout* proposto, relacionando a hipermídia, ou "forma de se representar o conhecimento que favorece a visão sobre determinado tema, a partir de múltiplas perspectivas"<sup>55</sup> com a disposição das tecas, Túnel do Tempo, e demais ambientes no prédio. E, por fim, na notícia "CEAEC discute projetos de expansão", há uma foto de uma perspectiva mais baixa no terreno, de modo que o observador enxerga a Holoteca em primeiro plano. Na legenda, um resumo: "prestes a completar cinco anos, o CEAEC ocupa uma área total de 243 mil metros quadrados em Foz do Iguaçu, além da Sala de Apoio em São Paulo e cursos no Espírito Santo"<sup>56</sup>.

<sup>55</sup> Fonte: CEAEC - Centro de Altos Estudos da Consciência - Jornal da Cooperativa dos Colaboradores do IIPC - CEAEC, Foz do Iguaçu, ano 5, n. 59, p. 4, jun. 2000.

<sup>56</sup> Fonte: CEAEC - Centro de Altos Estudos da Consciência - Jornal da Cooperativa dos Colaboradores do IIPC - CEAEC, Foz do Iguaçu, ano 5, n. 59, p. 4, jun. 2000.

Enfim, esta é uma edição especial, pois traz características que a diferem das que eram produzidas naquela época: em primeiro lugar, é praticamente sobre o mesmo tema, a Holoteca, o que se tornou mais comum após a ed. 86. Também não conta com demonstrativo financeiro, o que só começou a ocorrer de fato duas edições depois (na ed. 61), ou seja, foi uma exceção. Isso, somado à ampla tiragem, levam a crer que esta foi uma edição com objetivos muito específicos, ou seja, divulgar o projeto da Holoteca ao número maior de pessoas possível, inclusive de fora da Conscienciologia, e quem sabe angariar contribuidores financeiros para o projeto.

Conforme supracitado, a partir da fala da equipe da associação na ed. 86, de setembro de 2002, o Jornal já foi considerado o principal meio de comunicação do grupo, aprofundando assuntos de interesse público, registrando eventos, divulgando atividades e dando visibilidade à pessoas e iniciativas. Além disso, ele anunciava os cursos de todas as instituições, e conforme elas foram aumentando, foram se incorporando aos classificados, de modo que em determinada época, a Agenda de Cursos era tão lotada que havia apenas um quadradinho para cada IC, conforme será visto no próximo tópico.

A constatação da importância do Jornal é reafirmada pela tiragem relevante, pois mesmo após as novas tecnologias ampliarem os formatos de divulgação, como as versões digitalizadas que resultaram em menores tiragens impressas (100, na ed. ed. 159, de outubro de 2008), elas voltam a subir eventualmente (1000, na ed. 168, em julho de 2009, quando inicia-se a parceria entre CEAEC e Comunicons).

Deduz-se que a menor tiragem foi resultado da publicação transmitida via e-mail, pois na ed. 155, de junho de 2008, anunciou-se que a tiragem passaria a ser de 300 impressões, já que, em contrapartida, seriam 2.400 virtuais. Portanto, entende-se que, algum tempo depois, tomou-se a decisão de diminuir a tiragem ainda mais, para 100, a quantidade de páginas, de 4 para 2, e a equipe, que costumava variar, mas tinha em média 10 pessoas, para três ou quatro colaboradores.

Essa configuração manteve-se por um ano, até a mudança de coordenação, em julho de 2009, que foi quando o Jornal também mudou de nome e passou a se chamar Jornal da Cognópolis – Informativo Mensal da CCCI, sendo gerenciado em uma parceria entre o CEAEC e a Comunicons, explicitada no expediente, Denise Paro e Antonio Pitaguari (CEAEC) continuaram na revisão, mas o jornalista responsável era Amaury Pontieri, com

Paulo André Norberto na área comercial. A média desta época, entre as ed. 168 até o final desta pesquisa (ed. 236) era de 1.000, sendo a mínima, 500 e a máxima, 2.000.

1.000 foi a tiragem mais recorrente, totalizando 77 edições, em diferentes circunstâncias. A primeira vez que ela aparece é na ed. 12, de julho de 1996, em meio a tiragens mais baixas, provavelmente 300. É também a primeira inserção de publicidade, o que leva à seguinte reflexão: foi a publicidade que permitiu imprimir essa quantidade? Depois, a informação some por algum tempo, voltando a aparecer na ed. 16, de novembro de 1996. Essa é uma edição interessante por ser a primeira que traz o expediente do jornal. Contudo, em questão de notícias, não há nada tão relevante que justificaria um aumento na tiragem, a não ser uma chamada para novos assinantes.

Esse mesmo tipo de chamada é recorrente em outros períodos e coordenações, como por exemplo, na ed. 74 de setembro de 2001, conforme a figura a seguir:

Figura 06 – Chamada para assinaturas do Jornal nas edições 15 e 74

The image shows two advertisements side-by-side. The left one is a rectangular box with a black border. The title is 'Assine o Jornal da COOIP' in a serif font. Below the title, the text reads: 'Você que ainda não é cooperado, já pode manter-se sintonizado com o CEAEC assinando o jornal da COOIP e recebendo as últimas informações sobre o Centro de Altos Estudos da Consciência em sua residência ou trabalho. O jornal está na 15ª. edição. Por apenas R\$6,00, você faz uma assinatura semestral e R\$ 10,00 anual. Para isto, basta enviar cheque nominal cruzado à COOIP na Caixa Postal - 1027 - CEP 85851-000, Foz do Iguaçu-PR e preencher o termo de adesão. Maiores informações pelo telefone (045) 525-2652.' The right advertisement is a blue rectangular box. It features a small image of the journal cover on the left. To the right of the image, the text says: 'JORNAL DO CEAEC O seu link com a autopesquisa. Você pode fazer sua assinatura anual pelo site www.ceaec.org ou pelo Tel. (45) 525 2652. R\$ 15,00 (Brasil) - R\$ 25,00 (Exterior)'

Fontes: CEAEC - Centro de Altos Estudos da Consciência - Informativo da Cooperativa dos Colaboradores do Instituto Internacional de Projeciologia, Foz do Iguaçu, ano 2, n. 15, p. 1, out.1996 / CEAEC - Centro de Altos Estudos da Consciência - Jornal da Cooperativa dos Colaboradores do IIPC – CEAEC, Foz do Iguaçu, ano 7, n. 74, p. 4, set. 2001 (ICGE, 2024).

É possível observar a oralidade e a proximidade que o texto intenta passar, falando diretamente com o leitor. A publicidade também demonstra que o jornal, embora institucional-comunitário, utiliza-se de estratégias comerciais para sobreviver, sendo que, historicamente, ela permitiu maior autonomia aos veículos de comunicação, possibilitando sua publicação sem necessariamente uma ideologia.

## 2.6 PUBLICIDADE

No início do século XIX, a imprensa dominante era a imprensa opinativa ou ideológica. Segundo Sousa (2005), é a partir do *penny press* que, como o seu nome indica, custava um *penny*, que os jornais se tornam economicamente mais acessíveis à maioria da população. Isso foi possibilitado pelo progresso tecnológico, que permitiu o aumento das tiragens dos jornais e diminuiu os custos de produção, e da inserção de publicidade, que aumentou a independência dos meios de comunicação em relação às principais instituições da época.

A expansão da imprensa, com as suas acrescidas responsabilidades, surge acompanhada do conceito de "Quarto Poder", em que a defesa e vigilância da nova força chamada "opinião pública" é invocada como dever e actua como legitimadora da nova força social que é a imprensa (Traquina, 1993, *apud* Sousa 2005, p. 24).

O *penny press* também gerou uma mudança no conteúdo das publicações e, portanto, nas rotinas produtivas: ao direccionar-se para a população em geral e não apenas para a elite, a linguagem mudou, pois os conteúdos tinham que corresponder aos interesses dos novos leitores. Seleção e síntese da informação e linguagem factual impuseram-se como fatores cruciais da narrativa jornalística, que posteriormente, configuraram-se como traços da cultura profissional (Sousa, 2005, p. 24).

No Jornal da Cognópolis, a primeira publicidade surge, como dito, na ed. 12, de julho de 1996, sendo as empresas: Ufosoft Informática e Consultórios Integrados, de Foz do Iguaçu, e Mab Fortuna, de Apucarana, PR. Mas, no princípio, a propaganda aparentemente tem dificuldade em se estabelecer. Aparecem poucos anúncios, desaparecem e reaparecem ao longo das edições, retornando com mais força a partir de 2006, sendo que na edição 125, de dezembro de 2005, é anunciado o lançamento do Classicons, espaço para publicação de anúncios de venda, troca, aluguel, serviços e empregos destinados à CCCI.

Os classificados são uma forma de publicidade encontrada em jornais e outros meios de comunicação, recebendo este nome por serem divididos em categorias. No texto inaugural, são expostos os tipos possíveis e valores de anúncio, sendo também reforçada que a distribuição do periódico na comunidade é gratuita:

Figura 07 – Primeira nota de divulgação do Classicons

**JCC lança *Classicons***

O *Jornal do Campus CEAEC* (JCC) está passando por uma reformulação gráfica e editorial. Na próxima edição, nº 126, a publicação lançará o *Classicons* – página dedicada a anúncios classificados e empresariais.

Primeiro espaço destinado à compra, venda, troca e a doações da *Comunidade Conscienciológica Cosmoética Internacional* (CCCI), o *Classicons* circulará em Foz do Iguaçu e cidades que tenham unidades de Instituições Conscienciológicas (ICs). Com tiragem média de 1 mil exemplares, podendo chegar a 2 mil em edições especiais, o JCC está no 11º ano de publicação ininterrupta e é distribuído gratuitamente à CCCI.

**Investimento:**

Anúncios classificados: venda ou compra de terreno, casa, imóveis; doações, trocas; entre outros.  
30 palavras – R\$ 8,00.

Anúncios empresariais: serviços e comércio em geral.  
20 x 5 cm – R\$ 90,00.  
10 x 5 cm – R\$ 50,00.

Anúncios com tamanhos maiores, negociar com a equipe responsável.

*Para anunciar e obter mais informações, faça o pedido pelo e-mail: [classificados@ceaec.org.br](mailto:classificados@ceaec.org.br), aos cuidados de Andréa Steiner, Denise Paro ou Antonio Pitaguari. Os anúncios podem ser pagos na recepção do CEAEC.*

Fonte: *Jornal do Campus CEAEC*, Foz do Iguaçu, ano 11, n. 125, p. 3, dez. 2005 (ICGE, 2024).

A ed. 126, de janeiro de 2006, conta com nova diagramação, sendo que a assinatura das matérias passa a ter a imagem do autor, em preto e branco, como se fosse um carimbo. O cabeçalho anuncia que o CEAEC é o primeiro *campus* da Conscienciológica e ressalta que a instituição não tem fins lucrativos. O *Classicons* aparece pela primeira vez em um encarte separado, que foi observado na pesquisa das edições físicas, já que o PDF não foi digitalizado juntamente com a publicação. Depois, ele varia entre um espaço na última página da própria publicação, um encarte separado, geralmente dividindo a página com a Agenda do Mês (cursos), e não constar naquela edição. O resumo pode ser conferido no quadro abaixo:

Quadro 11 - Presença do *Classicons*

Presença do <i>Classicons</i>	Edições
Encarte separado	126; 127; 130 a 132; 134; 135; 138; 139 a 141; 143 a 147; 150; 152; 154; 155; 157; 158
Integrado à edição	128; 129; 136; 137; 148; 149; 151; 153; 156; 163; 165 a 167
Sem <i>Classicons</i>	133; 142; 159 a 162; 164

Fonte: ICGE, 2024.

O primeiro *Classicons* divulga aulas de espanhol, aluguel de sala comercial, venda de terreno em condomínio conscienciológico e propaganda de uma loja de livros usados. A pessoa que mais apareceu ao longo do período foi um dos pioneiros do CEAEC, Moacir Gonçalves, que trabalhava como corretor de imóveis e vendia terrenos nos condomínios ao redor do CEAEC. Ele anunciou em praticamente todas as edições. A última a contar com esse formato foi a ed. 167, de junho de 2009, com apenas duas laudas (uma folha, frente e verso), que avisa sobre a mudança de nome, sendo que a manchete da matéria de capa, realizada por Denise Paro, afirma: “O Jornal do *Campus* CEAEC agora é Jornal da Cognópolis”<sup>57</sup>.

O texto, ademais, divide a trajetória do Jornal em períodos: até os anos 2000 a linha editorial priorizou, principalmente, as obras e os cursos realizados, a partir daí, iniciou a chamada segunda fase, com informações sobre novos cursos, Holociclo, Holoteca, Tertúlias Conscienciológicas e *Tertuliarium*. E, agora, uniu-se em gestão conjunta o CEAEC - idealizador do Jornal - e a Comunicons - Instituição Conscienciocêntrica especialista em comunicação, ambos trazendo seu conhecimento técnico em uma parceria para melhorar cada vez mais a publicação.

Sob a nova gestão, o formato do Jornal foi reformulado e sua diagramação passou a ser feita por empresa terceirizada. Mudou-se a estética, com fotos coloridas e praticamente todas creditadas, sendo que o projeto gráfico fica marcado pelas cores laranja, cinza e linhas minimalistas. Há uma matéria na primeira publicação desta fase inédita (ed. 168, de julho de 2009) sobre o Bairro Cognópolis.

Em 23<sup>58</sup> de maio de 2009, o prefeito de Foz do Iguaçu Paulo Mac Donald Ghisi assinou o decreto municipal n.18.887/2009<sup>59</sup> de criação do Bairro Cognópolis em cerimônia foi realizada no auditório do *Discernimentum*, notícia que foi reportada nesta edição, conforme a figura:

---

<sup>57</sup> Fonte: Jornal do Campus CEAEC - Mensário da Associação Internacional do Centro de Altos Estudos da Conscienciológica, Foz do Iguaçu, ano 14, n. 167, p. 1, jun. 2009.

<sup>58</sup> Há uma confusão de datas, sendo que na matéria do Jornal diz 23/05/2009 e no site da Prefeitura Municipal da Foz do Iguaçu diz 20/05/2009.

<sup>59</sup> Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a/pr/f/foz-do-iguacu/decreto/2009/1888/18887/decreto-n-18887-2009-dispoe-sobre-denominacao-de-bairro>>. Acesso em: 10 ago. de 2024.

Figura 08 – *Frontpage*<sup>60</sup> retratando mudança marcante



Fonte: Jornal da Cognópolis. Informativo Mensal da CCCI, Foz do Iguaçu, ano 14, n. 168 p. 1, julho, 2009 (ICGE, 2024).

O texto reforça a proposta do bairro como um polo especializado na pesquisa e vivência do Paradigma Conscencial, sendo que no expediente do Jornal, o endereço passa de Bairro da Consciência (Região do Tamanduazinho) para Bairro da Cognópolis. Este foi

<sup>60</sup> *Frontpage*, ou primeira página, “por delegação social, o rosto do mundo que empresta imagens às mentes e à sociedade. Naquela, as lógicas de *newsmaking* e de estetização vulcanizam-se ao mais alto nível, pois é nela que o jornal grita mais e condensa o topo da sua pirâmide informativa” (Rodrigues, 2016, p. 1).

um momento marcante porque representou o reconhecimento oficial da Cognópolis como um bairro integrado à cidade de Foz do Iguaçu, consolidando esforços e concedendo legitimidade e estabilidade às iniciativas futuras.

Já a edição que oficializou o fato simboliza não apenas um marco estrutural e institucional, mas também uma transformação interna, evidenciada pela mudança no projeto gráfico e na equipe coordenadora. Esses três elementos – o novo bairro, o novo leiaute e a nova equipe – estão interligados, pois refletem um momento de segurança e inovação. Presume-se que os custos devem ter aumentado e, considerando a distribuição gratuita, foi necessário inserir mais publicidade, profissionalizando o Classicons (agora chamado apenas Classificados), aprimorando a qualidade das artes para os anunciantes, e elegendo um departamento comercial, focado justamente na venda de espaço publicitário e encabeçado por Paulo André Norberto.

Em suma, deduz-se que o Jornal, enquanto veículo de comunicação institucional-comunitário, era inicialmente sustentado pelas assinaturas dos cooperados e com o próprio dinheiro angariado pelo grupo. Contudo, percebe-se que a partir da ed. 168 (de julho de 2009), quando ele passa a ser impresso colorido, os esforços se intensificam no sentido de vender espaço publicitário como meio de subsistência. A seguir, pode-se ver o quadro com a presença de publicidade no Jornal:

Quadro 12 – Presença de publicidade nas edições do Jornal

<b>Categoria</b>	<b>Quantidade</b>	<b>Edições</b>
Não	128	1 a 11; 13 a 25; 27 a 119; 121 a 125; 133; 142; 159 a 163; 164
Sim	106	12; 26; 120; 126 a 132; 134 a 141; 143 a 158; 163; 165 a 236

Fonte: a autora, 2024.

Para comportar os anúncios, a última página é dividida entre Agenda de Cursos e Classificados (espaço publicitário). A diagramação desta nova configuração é digna de nota: anúncios artisticamente desenhados em formato de cartão de visita, estética agradável, e a agenda separada por instituição consciencicêntrica em *boxes* acinzentados com a logo de cada uma, também colorida. Percebe-se um esforço maior em angariar patrocinadores e entregar-lhes um bom trabalho de divulgação.

Figura 09 – Agenda de Eventos e Classificados em 2009



Jornal da Cognópolis | ano 15 | nº 171 | Outubro de 2009

## classificados

a b e n d a



**CONFERÊNCIAS ON-LINE**  
Temas relacionados a Proéxis  
Autopesquisas, pesquisas biográficas e entrevistas.  
Todos os sábados, 19h30 às 17h.  
[www.apexinternacional.org](http://www.apexinternacional.org)



**VII Semana da Invéxis**  
16 a 21 de Janeiro 2010  
[cursos@assinvexis.org](mailto:cursos@assinvexis.org)



**Heterocrítica de Obra Útil Especial**  
Tema: Democracia  
31 de outubro e 01 de novembro  
com a presença do autor, Vasconcelos  
Curso sem pré-requisito / Tel: (45) 3525-2652



**Estréia do Programa:**  
**Consciência Livre** - 11/11 - 15h30  
na Rádio Foz - AM 1320 Khz  
**Apresentação:** Magda Carvalho



**Conscin-cobaia (evento gratuito)**  
7 de novembro, encontro dos Colégios  
Invisíveis da Cosmoética e Serenologia



**Palestras Gratuitas**  
5<sup>as</sup>, 6<sup>as</sup> e sábados - 19h às 21h  
Shopping Cataratas JL



**Lançamento Livro: "JK e os Bastidores da Construção de Brasília"**  
Lançamento no Salão da Holoteca  
23 de dezembro



**O Propósito da Vida**  
Porto Alegre: 7 de novembro  
(51) 3224-0707  
[www.opropositodavida.blogspot.com](http://www.opropositodavida.blogspot.com)



**Palestra Gratuita: "Humor Instável em Personalidades Sensitivas"**,  
Profa. Málu Balona - 30 de Outubro às 19h30.  
Auditório da ACIFI, (45) 2102-1448.



**Teoria e Prática da Autopesquisa**  
7 de novembro a 6 de dezembro  
INTERCAMPI Recife - (81) 3463 4979



**Semana da Saúde**  
Campus IAC Portugal  
Outubro de 2010



**PAE - Programa de Aceleração da Erudição**  
[www.reaprendentia.org.br](http://www.reaprendentia.org.br)



**Congraçamento das ICs**  
18, 19 e 20 de dezembro  
no Discernimentum



**Dinâmica da Escrita**  
Todos os domingos  
Horário: 9h às 12h  
Tel: (45) 3525-2652



Viagens Nacionais e Internacionais,  
Pacotes turísticos, Intercâmbio, Câmbio  
de moedas estrangeiras...  
Consulte a Frontur no Cataratas  
JL Shopping - **045 3027-6965**

**Quer comprar Terrenos nos Condomínios do Bairro Cognópolis? Fale comigo!**

**Informações com Moacir**  
Campo dos Sonhos | Villa Conscientia  
Evolução | Serenologia | Cosmoética  
[moacir@cybermais.net](mailto:moacir@cybermais.net)  
Tel:(45) 3528.1040 | Cel:(45) 9137.5860

**TAXI ODAIR**  
**(45)9975-8613**  
Servindo a CCCI há 10 anos.

**GRÁFICA grafel**  
FONE: 3523.0440  
3523.2142  
AV. FELIPE WANDSCHEER, 1485



**Glória Matuchewski**  
Advogada Consultoria  
Fone: (45) 3028 1166 / (45) 8821 8387



**Dra. Cirleine Couto**  
Médica Clínica  
CRM-PR 25665  
(45) 3028-3275 / (45) 9976-1684  
Rua Belarmino de Mendonça, 20  
Foz do Iguaçu



**Dra. Jamile Haddad**  
Tel: (45) 3523-4458  
Cel: (45) 9922-5090  
Av. Paraná, 434



(45) 3526-2421 | (45) 4053-9152  
[servicescompany.com.br](http://servicescompany.com.br)



**3027 0600**  
Rua Jorge Sarwalis, 891 - Centro



**Qualifique sua autopesquisa:**  
**50% de desconto:**

- Caderno de Autopesquisa
- Conscienciograma
- Qualificações da Consciência
- Autoconsciência e Multidimensionalidade

Promoção válida até dia 31 de outubro  
Compre também pelo Shopcons:  
[www.shopcons.com.br](http://www.shopcons.com.br)

**Expediente**

**Jornalista Responsável:** Amaury Pontieri MTB 23.154-5P  
**Diagramação:** Lorela Casella | Troppo Piu Design  
**Revisão:** Antônio Pitaguri  
**Comercial:** Paulo André Norberto  
[comercial@jornaldacognopolis.org](mailto:comercial@jornaldacognopolis.org)

Desde 08/1995 (Jornal da Cooperativa do CEAEC),  
desde 09/2002 (Jornal Campus CEAEC) e  
a partir de 07/2009 (Jornal da Cognópolis).

Publicação mensal da Comunidade Conscienciológica Cosmoética Internacional (CCCI)  
Instituições Conscienciológicas responsáveis:  
Associação Internacional de Comunicação Conscienciológica (COMUNICONS) e  
Associação Internacional do Centro de Altos Estudos da Conscienciológica (CEAEC)  
Ano 15 - No 171 - Outubro de 2009.  
Tiragem: 1.000 exemplares.

Endereço: Rua da Cosmoética, 1511, Bairro Cognópolis,  
Foz do Iguaçu, PR, Brasil.  
Cartas: Caixa Postal 1.027, Centro, CEP 85.853-755  
Telefax: (45) 3525-2652 | E-mail: [redacao@jornaldacognopolis.org](mailto:redacao@jornaldacognopolis.org)




Fonte: Jornal da Cognópolis - Informativo Mensal da Comunidade Conscienciológica Cosmoética Internacional, Foz do Iguaçu, ano 15, n. 171 p. 14, out. 2009 (ICGE, 2024).

Essa mudança ajudou a liberar espaço das matérias, já que, como dito, no início, o Jornal desempenhava um papel essencial na introdução e explicação dos cursos, técnicas e atividades conscienciológicas, pois a comunidade ainda estava em formação e alguns leitores não possuíam repertório suficiente para compreender os conteúdos sem um contexto detalhado. Assim, as edições dedicavam espaço significativo para descrever metodologias, objetivos e aplicações dos cursos oferecidos.

Com o tempo, à medida que a Cognópolis se consolidava e a comunidade se tornava mais familiarizada com os conceitos, o Jornal passou também por mudanças editoriais, sendo que as explicações extensas foram reduzidas e os cursos passaram a ser mencionados de maneira sucinta, conforme o exemplo.

Essa mudança reflete um amadurecimento do público-alvo e uma consolidação institucional, partindo do princípio de que os leitores já sabiam do que se tratava ou, caso precisassem de mais informações, sabiam onde buscá-las diretamente nas Instituições Conscienciocêntricas. Esse processo evidencia como o Jornal acompanhou Cognópolis, ajustando seu conteúdo de acordo com as necessidades informativas da comunidade.

Nos Classificados, o conteúdo é variado, conforme visualizado no exemplo, com diferentes tipos de empresas e serviços: Frontur, Corretor de Imóveis Moacir, Táxi Odair, Portato Sopas, Dra. Glória Advogada, Academia Bio, Shopcons, Amigos da Enciclopédia. Nota-se que os anúncios eram, em grande parte, de voluntários, prestadores de serviços, ou pessoas que interagem com a comunidade de alguma forma, como por exemplo, taxistas, já que o CEAEC encontra-se em região afastada.

Esse é um ponto que o próprio Jornal aborda algumas vezes, como na ed. 95 de junho de 2003, na matéria intitulada “não dê trabalho ao seu amparador<sup>61</sup>!”, por Alexandre Nonato. O tom é alarmista, porém justificado ao longo do texto pela gravidade do assunto. Com uma foto aérea do CEAEC e uma seta apontando para a “Estrada Velha de Guarapuava”, a matéria alerta que quem vai ao CEAEC a partir do centro da cidade, deve evitar passar por ali a pé, pois há perigo de assaltos, estupros, cães ferozes, etc. O texto assevera para a pessoa se organizar com caronas ou chamar um táxi e traz o contato de dois profissionais de confiança.

---

<sup>61</sup> *Consciências extrafísicas* amparadoras: pessoas já falecidas que se manifestam em dimensões mais sutis que esta em que nos encontramos e são dotadas de um senso ético elevado (Silva, 2020, p. 86).

Um ponto interessante que se pode discutir a partir dos Classificados é como as relações de trabalho se mesclam às relações de voluntariado, que embora seja a base do funcionamento da comunidade conscienciológica, é formado, antes de tudo, por pessoas que precisam garantir a própria subsistência. Dessa forma, torna-se natural que, dentro da própria Cognópolis, surja um circuito interno de trocas de serviços profissionais.

Isso possibilita conciliar a dedicação ao voluntariado com as necessidades financeiras, estruturando rotinas de trabalho mais flexíveis e com maior autonomia de tempo e, ao mesmo tempo, fortalecendo laços, reiterando a interdependência grupal, incentivando o crescimento mútuo e gerando uma economia colaborativa baseada na confiança e nos princípios conscienciológicos.

Por outro lado, pode haver um desequilíbrio entre a interassistência<sup>62</sup> e a obrigação de garantir renda, gerando um sentimento de desigualdade, em que certos indivíduos obtêm vantagens financeiras em um ambiente onde, teoricamente, o princípio dominante seria a doação interassistencial. Além disso, pode haver também expectativas implícitas de que certos serviços especializados deveriam ser oferecidos gratuitamente, tornando difícil estabelecer limites claros entre o que deve ser doado e o que deve ser pago.

Segundo Silva (2020), existe uma tentativa de separar ou mediar eticamente essas relações, sendo que

A comunidade conscienciológica tem se esforçado na construção desse senso de ordem a partir de algumas iniciativas. Pode ser citado como exemplo a criação de orientações normativas, através de pareceres elaborados pelos voluntários da área do Direito no âmbito da UNICIN (CIAJUC). O parecer n. 09/2006<sup>63</sup>, cujo assunto era “conflito de interesse”, versa sobre possíveis condições eticamente condenáveis no exercício do voluntariado (...). O parecer n. 09/2006 sugere que cada instituição conscienciológica elabore diretrizes gerais referentes aos potenciais conflitos de interesses entre os voluntários que possam se chocar com seus objetivos estatutários. E sugere que se verifique se existe a mesma identidade entre atividade, ramo, área de atuação das instituições e função exercida pelo voluntário podendo configurar algum conflito de interesses (Silva, 2020, p. 422 e 423).

---

<sup>62</sup> Considerada um dos pilares da evolução consciencial, é o ato de comportar-se de modo assistencial e altruísta, gerando uma interação de *ganha--ganha*, em que ganham o assistido e o assistente. Quanto mais evoluída a consciência, quanto maior o entendimento das interrelações, maior a necessidade de prestar assistência. Essa é a consequência natural da lucidez (Wong; Nascimento, 2014, p. 118).

<sup>63</sup> De 23 de outubro de 2006. Sendo CIAJUC, o Conselho de Interassistência Jurídica da Conscienciológica (Silva, 2020).

Tais iniciativas surgem, naturalmente, em resposta a demandas que vão surgindo ao longo do tempo. Logo, parece correto deduzir que as situações são mutáveis à medida que novas pessoas chegam ou se mudam da comunidade. Como a trajetória histórica não é linear e sem desafios, e como o Jornal tende a reproduzir notícias do momento, atuando como registro do efêmero, ele contém, obviamente, alguns exemplos controversos. Por exemplo, na ed. 114, de janeiro de 2005, ele anuncia nas Notícias da CCCI, uma nova parceria entre o CEAEC e a GTC transportes, pertencente a um voluntário, que faz traslados em Foz do Iguaçu, sendo que parte da receita seria destinada à manutenção do *campus*.

O fato de um voluntário ter conseguido estabelecer um acordo comercial que beneficiava tanto seu empreendimento quanto a manutenção do *campus* sugere que podem ter havido negociações e alinhamentos estratégicos que nem todos os membros da comunidade tinham acesso. Esse tipo de arranjo traz à tona questões sobre critérios de escolha e oportunidades dentro da comunidade: como se deram as negociações dessa parceria? Existiam critérios claros para que um voluntário pudesse vincular seu empreendimento à manutenção do CEAEC? Outros voluntários tiveram a mesma possibilidade?

Outro exemplo é a ed. 161, de dezembro de 2008, em matéria intitulada "CEAEC terá serviço de lava-car". O texto fala sobre o mais novo empreendimento disponível aos frequentadores do CEAEC e moradores do bairro: serviço de lava-car terceirizado pela empresa *Services Company*, previsto para julho de 2009. A matéria traz foto da estrutura já em construção, porém, atualmente, o serviço não existe, mas não há notícias que esclareçam o que aconteceu. A empresa, por sua vez, ainda anunciou no Jornal mais duas vezes, nas edições 170 e 171, diretamente nos Classificados.

Ambos os cenários podem evidenciar um fenômeno comum em grupos: a importância da articulação para acessar certas oportunidades. Embora o princípio da meritocracia<sup>64</sup> e do voluntariado esteja presente na estrutura conscienciológica, relações

---

<sup>64</sup> A meritocracia é um sistema social onde a posição e as oportunidades de um indivíduo são determinadas principalmente pelo seu mérito, ou seja, pelo seu desempenho, competência, esforço e qualificações. O conceito de meritocracia foi introduzido e popularizado pelo sociólogo inglês Michael Young (1915 - 2002) em seu livro distópico *The Rise of the Meritocracy*, publicado em 1958. Ao criar o termo, Young visava criticar as limitações e desigualdades que um sistema baseado exclusivamente no mérito poderia gerar, destacando a importância de outros fatores sociais e históricos na determinação das oportunidades e do sucesso individual. Já na Conscienciológica, a meritocracia se relaciona à evolução do ser ao longo de múltiplas existências, com base no esforço, cosmoética e interassistência. O mérito é acumulado ao longo das vidas e reconhecido independente de posses ou prestígio social.

interpessoais, tempo de atuação dentro da comunidade e proximidade com a administração podem ter influenciado na viabilização das parcerias. Pelo lado positivo, essas notícias exemplificam a interseção entre voluntariado e sustentabilidade financeira, permitindo que profissionais se sustentem enquanto, ao mesmo tempo, contribuem para a sobrevivência das estruturas coletivas.

Entende-se que quando se trata de um grupo social, as relações tendem a se misturar. No caso do Paradigma Consciencial, esta seria uma oportunidade de convivialidade e reciclagem<sup>65</sup> de interprisões<sup>66</sup> geradas em vidas anteriores.

Tal pensamento é reforçado pelo prof. Waldo Vieira ao afirmar que “a questão do grupo evolutivo é um dos assuntos mais sérios da nossa vida, pois estamos cheios de mazelas por não termos senso de grupalidade, ficamos presos às aparências”<sup>67</sup>. Tal fala encontra-se na ed. 107, de junho de 2004, que traz a matéria “Excursão científica e cultural leva 98 voluntários a Minas”, por Graça Razera e Mônica Rezende. Essa publicação traz diversos conteúdos a partir desta viagem, sendo que a primeira página narra o fato em si, as duas páginas do meio trazem relatos dos participantes, e a última página contém entrevista com o prof. Waldo Vieira. A próxima edição também é dedicada a este evento que, aparentemente, foi marcante para a comunidade como um todo.

A viagem ocorreu em setembro de 2004, ainda que a edição seja de junho, com voluntários provenientes do CEAEC, IIPC, Aracê, IAC<sup>68</sup> e OIC<sup>69</sup> que, juntamente com o

---

<sup>65</sup> Reciclagem, aqui, tem uma conotação diferente do que se costuma ver. Pode ser dividida em *recin* reciclagem *intraconsciencial*, ou seja, a criação de sinapses capazes de impulsionar novas conquistas com foco na programação existencial, e *recéxis*, *reciclagem existencial*, ou seja, a reperspectivação autoconsciente da própria existência (Vieira, 1995, p. 57 e 532).

<sup>66</sup> Condição da inseparabilidade grupocármica entre consciências, em geral, ainda patológicas neste planeta (Vieira, 1994, p. 51).

<sup>67</sup> Fonte: Jornal do Campus CEAEC - Mensário da Associação Internacional do Centro de Altos Estudos da Conscienciologia, Foz do Iguaçu, ano 9, n. 107, p. 4, jun. 2004.

<sup>68</sup> A IAC, ou *International Academy of Consciouness* (Academia Internacional de Consciência) foi a primeira instituição da Conscienciologia no Exterior, fundada em 28 de outubro de 2000 com sede em Portugal, que optou por continuar suas atividades de modo independente em 2014 (Silva, 2020, p. 157 e p. 249).

<sup>69</sup> A OIC, ou Organização Internacional em Consciencioterapia, é uma instituição conscienciocêntrica fundada em 06 de setembro de 2003, em Foz do Iguaçu, com objetivo de estudar o tratamento, o alívio e a remissão de distúrbios da consciência, por meio de técnicas fundamentadas no Paradigma Consciencial (Silva, 2020, p. 202).

prof. Waldo Vieira, realizaram uma excursão cultural às cidades mineiras de Monte Carmelo e Uberaba, locais onde ele viveu e trabalhou durante mais de três décadas antes de propor a Conscienciologia. A viagem foi organizada pela empresa de turismo Logos, que na ed. 112, de novembro de 2004, aparece como a agência de turismo oficial do CEAEC, incitando, novamente, questionamentos sobre as parcerias comerciais dentro da comunidade: como funcionou esta parceria? Quem decidiu que era a agência oficial? Será que não havia outros voluntários com empresas concorrentes do mesmo setor?

E por falar em empresas concorrentes, nos Classificados aparecem várias, lado a lado, principalmente no que se refere a serviços de corretores de imóveis e profissionais liberais, como advogados e psicólogos, mostrando um possível espaço de coexistência e convivência colaborativa. Diferentemente do modelo tradicional, em que a base é a competição, a organização dos anúncios sugere que a diversidade de opções beneficia a coletividade ao invés de gerar rivalidades, refletindo a vontade de buscar o senso de comunidade e viver sob os valores conscienciológicos.

Outro ponto é o nome das empresas dos voluntários, que traziam nomenclaturas conscienciológicas, como: *teática*, *reurbex*, *megafoco*, entre outros., o que sugere um alinhamento entre a atividade profissional e os princípios pessoais, já que, empreendedores da comunidade, o trabalho não é apenas uma atividade econômica, mas também uma extensão de seus valores. O uso desses termos também fortalece o senso de pertencimento, criando um ambiente no qual os neologismos se expandem para além dos espaços institucionais e passam a fazer parte da rotina econômica e empreendedora da comunidade. Também facilita a identificação mútua entre os membros da Cognópolis.

Segundo Silva (2020, p. 285), “parte dos conscienciólogos veio a preencher uma carência profissional local, especialmente na área da saúde na rede pública e na área da educação na rede pública e privada, sendo que outra parte buscou empreender”. Inclusive, o próprio Jornal traz matérias, ao longo dos anos, demonstrando que o empreendedorismo e as empresas conscienciológicas eram pauta recorrente dentre os voluntários. Esse é um assunto que será melhor abordado no próximo capítulo, no Valor da Grupalidade.

Por fim, verificou-se que os anunciantes nos Classificados não apresentam grande variação ao longo do tempo, predominando dois padrões: anúncios de curta duração, sugerindo que os resultados não foram satisfatórios, e anúncios recorrentes ou prolongados, o que pode indicar sucesso comercial ou boas relações. Essa seção do jornal se mostra mais

voltada à publicidade de serviços do que a transações diretas de compra, venda ou troca. Ainda assim, cumpre sua função essencial: fortalecer a conexão entre os membros da comunidade por meio da oferta de serviços e do estabelecimento de redes de relacionamento.

A Agenda de Eventos funciona como um registro organizado da programação conscienciológica. Também chamada de Agenda de Cursos, Agenda do Mês, Agenda CEAEC, dentre outras variações, está presente no Jornal desde o início, já que a divulgação de atividades e eventos era um dos objetivos primários do informativo. Contudo, nem sempre foi identificada como tal.

A primeira vez que aparece enquanto Agenda, e não chamadas espalhadas pela publicação, foi na ed. 25, de agosto de 1997, divulgando eventos na seção Notícias IIPC, e na ed. 34, de maio de 1998, no espaço onde normalmente fica o demonstrativo financeiro, divulgando o Curso Avançando na Proéxis<sup>70</sup>, Invexibilidade Laboratorial e cursos de fim de ano no CEAEC.

Depois de consolidadas, as Agendas divulgam temas de cursos, descrição, duração, corpo docente, cronograma dos módulos, informações para inscrição, dentre outros serviços. Também informam sobre eventos de pesquisa (Fórum da Tenepes<sup>71</sup>), encontros (Congraçamento), oficinas, Prova de Conscienciolgia, eventos comemorativos (aniversários), etc.

Podem ser temáticas, como a agenda de ECP2s<sup>72</sup> para o final do ano (ed. 37), geográficas, como a agenda de cursos e palestras no Centro-Oeste (ed. 44), ou mesmo diagramadas em duas páginas, (ed. 88), com uma série de informações, como calendário das atividades, pacotes com hospedagem e alimentação. Como já mencionado, eram mais

---

<sup>70</sup> *Proéxis*: é um neologismo da Conscienciolgia constituído a partir da junção de duas palavras: *programação existencial* (proéxis), que significa planejamento de vida (Silva, 2020, p. 346).

<sup>71</sup> *Tenepes*: é um neologismo da Conscienciolgia constituído a partir da junção de três palavras: *tarefa energética pessoal* (tenepes), que significa a tarefa de doação de energias, todos os dias em prol de consciências necessitadas, comumente com problemas de saúde, porém não restrita a essa problemática. Essa atividade assistencial pode ser realizada no quarto de dormir ou em um quarto específico para tal finalidade (Vieira, 2011 *apud* Silva, 2020, p. 301).

<sup>72</sup> O curso “Extensão em Conscienciolgia e Projeciologia 2” foi realizado pela primeira vez em março de 1993, no Rio de Janeiro. Ministrado por vários anos somente por Waldo Vieira. Objetiva uma imersão em campo bioenergético instalado pelo professor responsável a fim de promover um equilíbrio das energias dos alunos e bem-estar físico, energético, emocional e mental. Tanto o ECPI quanto o ECP2 são considerados “cursos de imersão” porque a turma de alunos entra junto com os professores em um hotel na sexta-feira à tarde e saem no domingo à tarde. São 2 dias de reflexão, com trabalhos de escrita, debates, aulas e exercícios de bioenergias (Silva, 2020, p. 99).

explicativas no início e, à medida que os cursos e especialidades conscienciológicas se consolidaram, foram reduzidas e os cursos passaram a ser mencionados apenas em listas objetivas, muitas vezes resumidos a nome, data e instituição responsável.

Tanto a Agenda de Cursos quanto os Classificados podem ser considerados seções fixas do Jornal, isso porque eles seguem um formato recorrente e, além de informar, desempenham uma função organizativa na diagramação, estruturando a comunicação. Portanto, o próximo tópico abordará as seções fixas, o que são e qual sua importância.

## 2.7 SEÇÕES FIXAS

Uma seção fixa é uma divisão editorial, ou seja, agrupamento de matérias sobre um mesmo assunto específico, identificada por um título, e que pode aparecer regularmente nas edições de um periódico. Em um jornal institucional, ela desempenha um papel crucial na construção de identidade editorial e organização da informação, criando uma estrutura reconhecível que facilita a navegação e reforça o compromisso com a continuidade, criando uma linha editorial reconhecível e com referências de atualização e relevância.

Ao longo de sua trajetória, em diferentes situações, o Jornal trouxe formatos diversos de seções fixas, das mais superficiais e simples às mais aprofundadas e complexas. Tal dado confirma que, a despeito de seu caráter jornalístico, ele mantinha um veio de boletim informativo. Segue a lista com as seções fixas no Jornal:

Quadro 13 - Seções fixas e períodos de existência do Jornal

<b>Seção Fixa</b>	<b>Edições</b>
Acontecendo	Edições 202 a 233; 235
Agenda CEAEC	126; 127; 130 a 132; 134; 135; 138 a 141; 143; 145 a 147; 150; 152; 154; 158 a 160; 162; 164
Agenda do Mês	168 a 179; 181; 182; 186; 187
Boletim de Conscienciológica / Boletim de Autopesquisa	Surgiu em fevereiro de 1997, na ed. 19, mudou para Boletim de Autopesquisa em abril de 2002, na ed. 81, e ficou até agosto de 2002, na ed. 85
CEAEC em Resumo	Edições 20; 22 a 24; 26; 27; 29; 31; 32; 34 a 37; 45; 49; 51; 52; 54 a 60; 63 a 67; 69 a 79; 81 a 84
CEAEC Pesquisa	Edições 25; 27; 28 a 85
Conscienciológica no Exterior	212, 213

Eu visitei o CEAEC	Edições 202 a 210; 212; 213 a 223
Informativo Holociclo Holoteca	Edições 126; 127; 129 a 147
Laboratórios	147, 152
Notícias IIPC / IIPC	Surgiu em maio de 1997, na ed. 22, mudou para IIPC em agosto de 2001, na ed. 73, e ficou até agosto de 2002, na ed. 85
<i>Tertuliarium</i>	147; 149; 151; 155

Fonte: ICGE, 2024.

As primeiras seções fixas eram destinadas a novidades do IIPC e atualizações sobre a pesquisa do CEAEC, chamadas, respectivamente, Notícias IIPC e CEAEC Pesquisa. É importante salientar que o Jornal atendia diferentes Instituições Conscienciocêntricas, porém regularmente dedicava espaços exclusivos ao *campus*, com diferentes nomes em diferentes épocas. Isso pode ser explicado porque antes de se tornar “da Cognópolis”, ele era “do CEAEC”. Eram eles: “CEAEC Pesquisa”, de 1997 a 2002, “CEAEC em Resumo”, também de 1997 a 2002, “Acontecendo”, de 2017 e 2020 e “Eu Visitei o CEAEC”, de 2017 a 2019.

A seção “CEAEC Pesquisa” destacou o papel do *campus* como um pólo de inovação científica, já que divulgava resultados de pesquisas, inaugurações de laboratórios e novas metodologias de estudo. Essa prática buscava consolidar o valor da pesquisa dentro da comunidade, ao mesmo tempo em que fornecia um registro das atividades e marcos importantes.

As seções fixas funcionam como repositórios de memória coletiva, organizando informações em formatos padronizados que permitem consultas rápidas e cronológicas. Isso fica evidente no progresso dos laboratórios, desde os primeiros experimentos no Laboratório de Imobilidade Física Vígil, registrados na seção “CEAEC em Resumo” na ed. 24, de julho de 1997, que em meio ao resumo das construções, dizia que os pavilhões estavam servindo para imersões educativas e um deles estaria sendo preparado para ser o Laboratório de Imobilidade Física Vígil (IFV), até a diversificação das pesquisas laboratoriais, passando pela evolução dos materiais de pesquisa, métodos, e equipes.

Outro aspecto relevante das seções fixas é o reforço dos valores compartilhados pela comunidade. As “Notícias IIPC”, por exemplo, evidenciavam a prática da docência, da pesquisa e do voluntariado como pilares fundamentais da Conscienciologia, já que a seção funcionou como um canal de atualização sobre eventos e avanços relacionados ao Instituto Internacional de Projeciologia e Conscienciologia (IIPC). Por meio dela, o Jornal

consolidava a imagem do IIPC como instituição pioneira na Conscienciologia, sendo que as atualizações frequentes mantinham os leitores informados sobre cursos, pesquisas e eventos internacionais, reforçando o sentimento de pertencimento ao grupo e incentivando a participação ativa.

No caso do “CEAEC em Resumo”, percebe-se que a seção agia como um painel cronológico de atividades, cursos e decisões administrativas. Esse formato permitia registrar os fatos e, ao mesmo tempo, reforçar o valor organizacional, científico e até humano da instituição.

“Acontecendo”, por sua vez, surgiu como um complemento dinâmico, destacando eventos recentes e futuros. Diferentemente do tom formal de seções anteriores, essa nova seção aproximava o leitor do cotidiano institucional, tornando o conteúdo mais acessível e leve, sem perder a função informativa. Ela se mostra fundamental para estimular a participação ao informar eventos programados, cursos e atividades, criando um senso de dinamismo e ação contínua. Ao manter registros das iniciativas realizadas, fortalece a ideia de realização coletiva, essencial para motivar o voluntariado e a cooperação.

“Eu visitei o CEAEC” cumpria um papel de reforço identitário, apresentando relatos de visitantes e depoimentos de participantes. Esse tipo de narrativa contribuiu para consolidar a imagem de hospitalidade do CEAEC e reforçar o universalismo e a maxifraternidade, contrastando com possíveis percepções de fechamento ou elitismo. A seção também atuava como espaço de validação social, permitindo que leitores se identificassem com as experiências compartilhadas e se sentissem parte de uma comunidade.

Por serem seções contínuas, esses espaços também davam um sentido de progresso institucional, sendo que a repetição de temas, tais como avanços estruturais, tecnológicos e institucionais, geravam a percepção de que a comunidade estava em movimento constante, adaptando-se e crescendo em resposta às demandas. Ao analisar essas seções, foi possível compreender como o jornalismo institucional vai além da mera informação: ele organiza, educa e perpetua valores coletivos.

O Boletim de Conscienciologia também era uma seção fixa, mas com propósito um pouco diverso: reunia artigos escritos pelo prof. Waldo Vieira sobre temas de relevância, importantes no processo de atualização de professores e pesquisadores. Ocupava as duas páginas do miolo do Jornal, em três colunas, e começou a ser veiculado em fevereiro de 1997, na ed. 19. Cinco anos depois, na ed. 81, de abril de 2002, foi substituído pelo Boletim

de Autopesquisa, escrito por outros pesquisadores, porém, esse novo formato durou quatro edições (até a ed. 85), evidenciando uma diferença significativa de níveis de persistência.

Cada Boletim de Conscienciologia apresentava um tema central, abordando conceitos, técnicas e reflexões práticas sobre a pesquisa da consciência. Esses textos eram organizados a partir de neologismos, teorias, experiências laboratoriais e princípios assistenciais, proporcionando conteúdo sistematizado e aplicável ao desenvolvimento pessoal e grupal. Por exemplo, o primeiro Boletim tratou do tema "Sincronicidade", destacando sua relevância como fenômeno de conexão entre eventos aparentemente desconexos, mas com significado evolutivo. Essa abordagem exemplifica a proposta da Conscienciologia em integrar conceitos multidimensionais através de metodologia científica.

Os Boletins de Conscienciologia forneciam um repertório conceitual para pesquisadores, estabelecendo uma base teórica para as investigações. Eles formalizavam conceitos novos, tornando-os referências para debates e pesquisas futuras. Algumas edições traziam técnicas aplicáveis, permitindo que os leitores realizassem experimentos pessoais e registrassem resultados, fortalecendo a vivência prática dos conceitos. Além disso, incentivavam o diálogo entre os pesquisadores e promoviam a troca de experiências, estimulando a interação grupal a construção coletiva de conhecimento.

O fato de serem sequenciais, também contribuía para o aprendizado progressivo, orientando pesquisadores iniciantes e experientes. Serviram, portanto, como meio para legitimar a Conscienciologia enquanto proposta de ciência, valorizando a pesquisa sistemática e o aprofundamento da intelectualidade.

Na ed. 147 surgem mais duas seções informativas: *Tertuliarium* e Laboratórios. Na época, as obras do *Tertuliarium* iam a todo vapor e as tertúlias *online* estavam em fase de teste, transmitidas por um *site* próprio (hoje elas também são veiculadas via *Youtube*). Já a seção "Laboratórios" aparece apenas duas vezes, então não será aprofundada, enquanto a seção "Conscienciologia no Exterior" será mencionada no capítulo três, no valor da internacionalização.

Outra seção relevante foi o "Informativo Holociclo Holoteca", criada em janeiro de 2006, e dedicada à divulgação de conteúdos e atualizações sobre os trabalhos desenvolvidos no Holociclo e na Holoteca. Tinha como foco: informar sobre novas aquisições de acervos projetos em andamento e descobertas relevantes; apresentar conceitos e técnicas para

estimular o desenvolvimento mental por meio da pesquisa nas coleções da Holoteca; promover eventos, mutirões e atividades abertas ao público, incentivando a participação direta; e atuar como um repositório de informações, consolidando a memória institucional.

Em suma, as seções fixas desempenham um papel considerável na estruturação do Jornal, funcionando como eixos organizadores de informação e garantindo a continuidade do registro institucional. Elas influenciaram inclusive o tamanho das edições, pois restringiam a diagramação dos textos a espaços específicos, atuando também como instrumentos de controle de qualidade e padronização. Ao longo da pesquisa, foi possível constatar que a média de matérias por edição era similar, ficando na média de 4 páginas por edição.

Elas apareciam em épocas variadas ou mesmo simultaneamente, sendo que a ed. 85, de agosto de 2002, que contava com IIPC News, CEAEC Pesquisa, CEAEC em Resumo e o Boletim de Autopesquisa, é a última no antigo formato.

## 2.8 CÃOCIENCILOGIA

O cartum Cãocienologia foi uma seção fixa publicada no jornal, trazendo humor e crítica de maneira leve e reflexiva. Criado como uma forma de comunicação lúdica e acessível, o cartum abordava situações do cotidiano da comunidade por meio de cães com comportamentos e dilemas humanos. O cartum é definido por Rabaça e Guimarães (1995) como uma

narrativa humorística, expressa através da caricatura. O cartum é uma anedota gráfica; seu objetivo é provocar o riso do espectador. E como uma das manifestações da caricatura, ele chega ao riso através da crítica mordaz, satírica, irônica e principalmente humorística, do comportamento do ser humano, das suas fraquezas, dos hábitos e costumes. Muitas vezes, porém, o riso contido num cartum pode ser alcançado apenas com um jogo criativo de idéias, um achado humorístico (que em francês chama-se *trouvaille*) ou por uma forma inteligente de trocadilho visual (Rabaça e Guimarães, 1995, p. 8).

Com início em dezembro de 2007, na ed.149, e finalizada um ano depois, em dezembro de 2008, na ed.161, o Cãocienologia aparece por 12 edições, sendo que as últimas tirinhas já estavam repetindo-se. Seguem, na figura abaixo, os principais exemplos:

Figura 10 – Cartum Cãocienciologia, por Pedro Marcelino



Fonte: ICGE, 2024.

O cartum Cãocienciologia foi apresentado pela primeira vez em uma reportagem intitulada "A tares pelos quadrinhos", na ed. 149. O texto apresentava seu criador, o voluntário, ilustrador e estudante de Psicologia, Pedro Marcelino, além de incitar reflexões sobre a importância dos quadrinhos, relacionando-os com a Gibiteca (ou Quadrinhoteca), uma das mais famosas coleções da Holoteca, a primeira a ser sistematizada, conforme a ed. 58, de maio de 2000, e o carro-chefe das interações com a Tríplice Fronteira.

Exemplos podem ser vistos em inúmeras visitas de estudantes à Holoteca, como a ed. 91, de fevereiro de 2003, na matéria "326 alunos do Ensino médio visitam a Holoteca", ou em nota sobre 3 emissoras de TV da região procurarem a quadrinhoteca para matérias (ed. 61 de agosto de 2000). Já na ed. 208, de janeiro de 2018, a Holoteca participa da terceira edição do evento Geek Kyodai<sup>73</sup>, expondo a gibiteca no Colégio Bartolomeu Mitre e reunindo cerca de 1300 pessoas. E na ed. 220, de fevereiro e março de 2019, o CEAEC promove exposição para comemorar 150 anos das histórias em quadrinhos no shopping JL Cataratas.

Os gibis eram relacionados a valores importantes para comunidade, geralmente relacionados ao processo intelectual, como atenção, associação de ideias e criatividade, sendo que o próprio prof. Waldo Vieira organizou um curso de gibis no *Tertuliarium* em abril de 2010. Ao longo do tempo, alguns quadrinhos foram lançados na própria CCCI, como "Cons", baseado no livro *Nossa Evolução*, da autoria de Pedro Marcelino e Flavio Monteiro (ed. 210, de março de 2018), e "Senhas de Charlotte", adaptação do livro *Cristo Espera Por Ti*, de Honoré de Balzac, psicografado por Waldo Vieira<sup>74</sup>, (ed. 213, de julho de 2018).

Segundo Pedro Marcelino, o ponto alto da Cãocienciologia seria "a crítica aos Cognopolitas formulada por animais antropomorfizados super-inteligentes"<sup>75</sup>. Sua proposta era mesclar humor e reflexão crítica, explorando questões como comportamento grupal, desafios do voluntariado e dificuldades de convivência na comunidade conscienciológica.

O nome Cãocienciologia já evidencia o caráter simbólico do cartum. Os cães, usados como personagens principais, representavam diferentes perfis comportamentais presentes na comunidade, permitindo abordar temas sensíveis como dificuldade de assumir responsabilidades, hábito de apontar erros alheios, pessimismo, de maneira desarmada, criando espaço para a autorreflexão e, ao mesmo tempo, fortalecendo a coesão grupal,

---

<sup>73</sup> Evento voltado para a cultura "Geek" que contou com diversas atrações nacionais e regionais. (Fonte: Vieira, Nerli. Gibiteca do CEAEC na comunidade de Foz do Iguaçu. *Jornal da Cognópolis – Informativo da Comunidade Conscienciológica Cosmoética Internacional*, Foz do Iguaçu, n. 208, p. 2, jan. 2018).

<sup>74</sup> Segundo o *Jornal*, a autoria foi assegurada pelo especialista em Balzac, Osmar Ramos Filho, em estudo que virou livro e foi publicado pela Editares em 2007. (Fonte: Amadori, Rosane, Sobre a obra, *Jornal da Cognópolis - Informativo da Comunidade Conscienciológica Cosmoética Internacional*, Foz do Iguaçu, n. 213, p. 1, jun. 2018).

<sup>75</sup> Fonte: Paro, Denise. A tares pelos quadrinhos. *Jornal do Campus CEAEC - Mensário da Associação Internacional do Centro de Altos Estudos da Conscienciologia*, n. 149, p. 2, dez. 2007.

evidenciando valores positivos, como trabalho em equipe, interassistência e a importância do Estado Vibracional<sup>76</sup>. Criava, ademais, conexão ao abordar dificuldades comuns, como a falta de organização na hora de escrever.

Tanto Serena quanto Rousseau (os cães dos quadrinhos) eram personalidades reais, conforme nota na ed. 173, de dezembro de 2009. Graça Razera conta que a cachorrinha que havia aparecido no CEAEC, grávida, e ali permaneceu com seu filhote. A nota de meia página em tom saudoso e um tanto pessoal é motivada pela morte de Serena, que era conhecida pelos frequentadores do CEAEC. Sua presença enquanto valor-notícia ilustra a conexão da comunidade com os animais e reforça a harmonia entre os seres vivos como parte de um processo evolutivo mais amplo, valor que será ampliado no terceiro capítulo.

Por fim, embora sua publicação tenha sido relativamente curta, o Cãocienciologia, demonstra como o humor pode ser uma ferramenta educativa e crítica, já que o cartum, historicamente, surgiu para fazer questionar sistemas políticos e sociais ao redor do mundo. Entende-se que esse é mais um ponto a se considerar no processo de profissionalização do Jornal da Cognópolis, aos moldes do jornalismo tradicional.

## 2.9 PERIODICIDADE

O Jornal contou com periodicidade mensal na maior parte do tempo, tanto que, em duas mudanças de nome, nas edições 88, de novembro de 2002 e 168, de julho de 2009, tal fato é ressaltado no cabeçalho: Jornal do *Campus* CEAEC - Mensário da Associação Internacional do Centro de Altos Estudos da Conscienciologia e Jornal da Cognópolis - Informativo Mensal da CCCI. Contudo, após o final de 2011, a periodicidade passou a variar, mais por uma questão de organização interna, pelo que parece, do que de maneira oficial.

Desde sua criação, em 1995 (ano 1), até 2010 (ano 16), o ano editorial era contado de agosto a julho e a periodicidade mensal ocorreu sem problemas no que diz respeito à contagem do expediente (sobre a diferença de datas entre o cabeçalho e as matérias, falaremos logo mais). Depois de 2011, a contagem das edições começa a ficar confusa. O

---

<sup>76</sup> O Estado Vibracional (EV) é um fenômeno bioenergético, inerente ao Ser Humano. Trata-se da intensificação da passagem de energias pelos chacras e canais energéticos, distribuídos ao longo de todo o corpo biológico, resultando na ativação plena das energias pessoais, evidenciada pela sensação de vibração interna da qual deriva o nome (Bolfé, 2020). Disponível em: < <https://editares.org/estado-vibracional/>>. Acesso em: 20 nov. 24.

primeiro caso ocorre nos meses de agosto (ed. 157) e setembro (ed. 158) de 2008, em que o número do ano da publicação é trocado, sendo que na ed. 157, que deveria ser ano 13, sai como 14, equívoco este que é corrigido na próxima, ficando da seguinte forma: ed. 156, de 07/2008 (ano 13); ed. 157, de 08/2008 (ano 14); ed. 158, de 09/2008 (ano 13); 159, 10/2008 (ano 14), e as próximas permanecendo como ano 14 até agosto de 2009, que é a mudança correta de ano.

Até a ed. 156, de julho de 2008 (ano 13), a periodicidade é acurada, contando 12 edições anuais, começando em agosto e finalizando em julho. A ed. 157, apesar da troca de ano editorial, continua com doze exemplares (11 com ano 14 + 1 com ano 13), bem como o ano 15 (de agosto de 2009 a julho de 2010) e ano 16 (de agosto de 2010 a julho de 2011). A partir do ano 17, as coisas começam a mudar. Esse ano editorial conta com apenas 6 edições, sendo três em 2012 (193, 194 e 195), anunciando data de 2011, duas em 2013 (196 e 197) e duas em 2014 (197 e 198) com as respectivas datas anunciadas corretamente. Na ed. 196, o ano editorial 17 passa a ser de janeiro a dezembro, seguindo desta maneira até os dias atuais.

A ed. 200, de março de 2015, passa a ser considerada como ano editorial 19, ou seja, diferentemente do que ocorre com as irregularidades do ano 17, que o intervalo de 2 anos não é contado, aqui, entre um ano e outro – 2014 e 2015 – correm-se dois anos editoriais mesmo que o Jornal não tenha sido publicado. Nesta época, são veiculadas apenas duas edições, de março (ed. 200) e julho (ed. 201), pois ao que tudo indica, conforme trazido anteriormente, com o falecimento de Waldo Vieira em 02 de julho de 2015, o Jornal deixa de ser difundido temporariamente.

Ele retorna em junho de 2017, na ed. 202, dois anos depois, com ano editorial 20, sendo que, se fosse contar os anos corridos, deveria ser 21 (este fato foi retificado quando o Jornal passou para a versão virtual). A partir daí, a periodicidade se torna irregular e em 2018, na ed. 208, o ano editorial passa a ser contado a partir de janeiro.

A partir da última edição de dezembro de 2017 (ed. 207), o Jornal passa a ser traduzido para inglês, espanhol e algumas edições em alemão e italiano. Tal fato começa a ser registrado no expediente, sendo que aparecem 3 tradutoras: Liliana Alexandre (inglês), Cristina Nieves (espanhol) e Yatra Wuhrmann (italiano), que variam ao longo das próximas edições. Porém, as edições traduzidas no ICGE só são incluídas a partir da ed. 217, de outubro de 2018.

Na ed. 221, de março e abril de 2019, a matéria “Jornal em outras línguas” conta que o Jornal da Cognópolis está aumentando sua abrangência com publicações *online* nos idiomas inglês, espanhol e italiano, traduzidas por voluntários. Explica que Maria Cristina Nievas vinha traduzindo o jornal para espanhol desde a ed. 206, porém somente ali houve a possibilidade de materializar a diagramação em língua estrangeira. Essas edições estão organizadas e podem ser acessadas juntamente com os arquivos no *site* do ICGE.

A ed. 118, de maio de 2005 traz uma matéria intitulada “Associação faz balanço da primeira gestão”, cuja entrevista com secretário-geral da primeira gestão da Associação Internacional do CEAEC, entre 24 de julho de 2002 a 31 de julho de 2005, Laênio Loche, cita as principais realizações do período. Entre elas, destacam-se a inauguração do *Acoplamentarium*<sup>77</sup>, realização das tertúlias diárias a partir de janeiro de 2003, abertura da Holoteca à comunidade em maio de 2003<sup>78</sup>. Lista também as IC’s incubadas pelo CEAEC (Assinvéxis, Editares<sup>79</sup>, Unicin, AIEC<sup>80</sup>, Comunicons e IASB) e os condomínios residenciais: Serenologia, Cosmoética, Evolução e Campo dos Sonhos, “culminando no que se poderia chamar de bairro da Consciência<sup>81</sup>”.

Traz, ainda, os eventos marcantes do período, como a primeira Jornada de Despertologia<sup>82</sup> e os cursos Balanço Existencial e Formação de Autores. Como a edição é de maio, se levantou o questionamento da questão temporal, já que, na mesma publicação, a

---

<sup>77</sup> O *Acoplamentarium* é o primeiro laboratório coletivo do CEAEC. Uma edificação destinada especificamente para experimentos coletivos, a partir da aplicação da técnica do acoplamento energético e da clarividência facial, com objetivo do desenvolvimento do parapsiquismo dos participantes (Silva, 2020, p. 167 e 168).

<sup>78</sup> Tal data de abertura difere de outra edição (95), que cita junho de 2003.

<sup>79</sup> A *Editares* é uma instituição focada na publicação de livros, fundada em 23 de outubro de 2004 (Silva, 2020, p. 209). Tal fato foi registrado no Jornal na ed. 106. de maio de 2004, em matéria que informava aos interessados que os mesmos poderiam adquirir um *kit* com os primeiros 4 livros impressos pela editora: Autoconsciência e Multidimensionalidade, de Dulce Daou, Viagens Internacionais, de Kátia Arakaki, Qualificações da Consciência, de Júlio Almeida, e Dicionário de Verbos Conjugados da Língua Portuguesa (com neologismo da Conscienciologia), de Felipe Araújo e Lourdes Pinheiro.

<sup>80</sup> A *AIEC*, ou Associação Internacional para Expansão da Conscienciologia, é uma instituição conscienciológica fundada em 22 de abril de 2005 com objetivo principal de se dedicar especificamente à gestão e ao direcionamento de recursos financeiros na comunidade conscienciológica (Silva, 2020, p. 212).

<sup>81</sup> Fonte: Jornal do *Campus* CEAEC - Mensário da Associação Internacional do Centro de Altos Estudos da Conscienciologia, Foz do Iguaçu, ano 10, n. 118, p. 4, mai. 2005.

<sup>82</sup> A *Despertologia* é uma especialidade da Conscienciologia dedicada ao estudo da desperticidade, que é a qualidade consciencial indicadora do estado de *desassediado permanente total*, ou seja, desvinculado de padrões mentais, emocionais e energéticos perturbadores advindos de consciências enfermas. Disponível em: <<https://pt.conscienciopedia.org/index.php?title=Desperticidade>>. Acesso em: 20 jan. 25.

matéria intitulada “I Jornada da Despertologia: 21 horas de reflexão”, explica que o evento ocorreu entre em julho, confirmando um *delay* entre a data oficial da edição e o que constava nas matérias.

## 2.10 DELAY E DATAS EQUIVOCADAS

O *delay*, no caso, são os momentos em que a data presente na matéria demonstra ser mais avançada do que a que consta no cabeçalho, indicando que o Jornal foi distribuído depois do que a edição indica. Por exemplo, a ed. 118, de maio de 2005, na verdade, foi fechada em julho, pois contém matérias de maio, junho e julho.

Como é o caso da ed. 31, de fevereiro de 1998, em que há um curso somado ao Lançamento do Laboratório de Tenepes na matéria “Avançando na Tenepes - As vivências e o aprimoramento da Tenepes foram debatidas durante mais um curso ao estilo do CEAEC”. O texto afirma que o curso aconteceu em abril, mas a edição é de fevereiro, ou seja, para constar atividades de abril nesta publicação, ela precisaria ter saído três meses depois (pelo menos) da data que constava no cabeçalho, portanto, entende-se que o Jornal costumava ter um atraso considerável no fechamento da edição, embora a periodicidade mensal seguisse uma linha coesa nos registros.

Foram encontrados ao menos trinta atrasos entre as datas das matérias e as oficiais das publicações, porém, considerando que este não foi um dos principais focos da pesquisa, a suposição é que existam mais. Um detalhe é que tais atrasos ocorrem em todos os períodos, assim, não é uma característica de determinada equipe, mas do Jornal como um todo, podendo configurar-se como característica do processo produtivo, em que as matérias eram feitas por voluntários a partir de fontes que também eram voluntárias, deste modo, infere-se que existia uma dificuldade de conciliar as agendas, ainda mais em edições realizadas a muitas mãos.

O maior *delay* notado por esta autora foi de três meses, porém alguns passavam de um ano para outro, como na ed. 124, em que o texto é de janeiro de 2006 e a publicação é de novembro de 2005.

Uma matéria relevante encontra-se na ed. 129 de abril de 2006, intitulada “*Acoplamentarium* completa 38 experimentos”, por Gisélle Razera, cuja manchete baseia-se em um número, ou seja, o mais importante do texto, que é a quantidade de experimentos,

estava intrinsecamente ligado a uma data, no caso, julho de 2006. Porém, a edição é de abril, ou seja, 2 meses antes (*delay*). É compreensível que o tempo não seja o maior valor-notícia do Jornal, porém, nesse caso, o dado incorreto que vai influenciar a percepção do fato e, talvez, o debate público.

Já na ed. 103, de fevereiro de 2004, a matéria “Maratona laboratorial estimula desenvolvimento parapsíquico”, por Cathia Caporali, traz o registro do evento ocorrido durante o mês de maio de 2004. Considerando que as edições são de fevereiro e os fatos ocorreram em abril ou maio, entende-se que, além de uma possível dificuldade nas rotinas produtivas, os fatos deveriam ser noticiados independente da data. Ou seja, o valor-notícia da Significância era maior do que do Momento, conforme descritos no Quadro 08.

A matéria também traz os resultados em dados estatísticos sendo que os experimentos totalizaram 3.026 horas. Uma das fontes é o professor Gabriel Gonzalez, que fez uma participação colaborativa nas duas edições precedentes com reportagens mais opinativas, falando sobre os laboratórios e realizando a chamada para a Maratona Laboratorial no último parágrafo. Por contrariar a prática jornalística do lide, ou seja, trazer as informações mais importantes logo no início do texto, presumiu-se que ele fosse um correspondente, que estaria escrevendo apenas para divulgar o evento. Essa matéria é interessante, pois traz três características importantes: o *delay*, os colaboradores eventuais, que apareciam esporadicamente com objetivos específicos e a densidade de dados estatísticos, por vezes sendo a base das matérias, evidenciando novamente a importância desse tipo de registro para o grupo.

Sobre os correspondentes, é possível identificar seus textos a partir de algumas características: o formato de artigo científico, comum em textos conscienciológicos, linguagem técnica, algumas vezes truncada, uso de primeira pessoa, uso de termos e adjetivos que denotam juízo de valor, títulos grandes ou frases longas. Obviamente, cada autor – tanto jornalista quanto correspondente – tem seu estilo e maior ou menor habilidade de escrita, sendo essa percepção geral, sem se ater a alguém especialmente. Ademais, muitos correspondentes escreviam bem, alguns, inclusive, dentro de princípios jornalísticos.

O *delay*, ainda que não seja extremamente prejudicial, é algo que precisa ser registrado, pois foi presença constante ao longo da investigação. O que foi deduzido disso é que, como há todo um trabalho para fazer essas matérias e também uma falta de mão de obra,

dava-se maior importância ao registro, independente do prazo. Isso é um dos pontos que reforça o caráter institucional-comunitário do Jornal.

Depois que a Comunicons assumiu a coordenação do Jornal, a partir da ed. 186, de janeiro de 2011, percebe-se um menor *delay*, e a hipótese é que o avanço tecnológico tornou mais fácil a transmissão das informações, afetando o processo produtivo, já que as interações para discutir as matérias seriam mais imediatas, assim como a correção dos textos e a troca de materiais. Por exemplo, a ed. 172, de novembro de 2009, traz uma notícia de que a "Cognópolis Pedra Azul agora é rota do conhecimento", por Eliane Stédile, sendo que a lei fora promulgada em 05 de novembro, ou seja, o período entre a data da matéria e o mês do cabeçalho é curto, o que não parecia ser possível nas edições iniciais.

Em contrapartida, nesta época ocorreu o maior erro na datação dos cabeçalhos, que foi bastante impactante na pesquisa. Começa a partir da ed. 183, de agosto de 2010, sendo que o Jornal ainda se chamava Jornal da Cognópolis - Informativo Mensal da Comunidade Conscienciológica Cosmoética Internacional, e não há mudanças significativas nem na linha editorial e nem na equipe, no sentido de justificar alguma confusão. Os erros ocorrem até a edição comemorativa nº 200, de março de 2015, em que alteram o ano editorial de 17 para 19. Nela, o Jornal faz uma errata intitulada "Datação dos Jornais da Cognópolis, por Cyntia Braga:

Esta nota tem por objetivo esclarecer aos leitores do Jornal da Cognópolis sobre a datação do mesmo, uma vez que nessa edição de número 200 estamos atualizando data e ano de sua publicação. Para uma breve contextualização, o Jornal da Cognópolis é a continuidade de outros dois jornais iniciados também por voluntários da Conscienciológica em Foz do Iguaçu, tendo seu primeiro número e edição em agosto de 1995, como Jornal da Cooperativa do CEAEC. Em setembro de 2002 o Jornal trocou de mãos e passou a se chamar Jornal *Campus* CEAEC e, em julho de 2009 deu início a circulação do Jornal da Cognópolis, que passou a ser produzido pela Comunicons. Em agosto de 2015 ele completará 20 anos de circulação, no entanto, por motivos alheios a vontade de todos mas compreensível, levando-se em conta que são redigidos e produzidos nas bases do voluntariado, algumas edições não tiveram sua circulação em meses subsequentes, o que atrasou a passagem de ano dos mesmos. Nesta edição, portanto, estamos atualizando a data e o ano de circulação do jornal, sendo esta então, a Edição 200, do Ano 19, de março de 2015<sup>83</sup>

---

<sup>83</sup> BRAGA, Cyntia. Datação dos Jornais da Cognópolis. *Jornal da Cognópolis*, Foz do Iguaçu, ano. 19, n. 200, p. 2, mar. 2015.

Como forma de entender melhor e se encontrar nas datas, esta autora criou um quadro com as principais características de cada edição, levando em conta o cabeçalho, o expediente e os textos das matérias. Tal estudo gerou o seguinte quadro:

Quadro 14 – Publicações com erros nas datas

<b>Data - Ano - Número</b>	<b>Cabeçalho - Expediente - Texto</b>
<b>2010, outubro - Ano 16 - No 183</b>	Cabeçalho: outubro; Ano editorial 16; Expediente: setembro; Matérias trazem fatos ocorridos em outubro de 2010.
<b>2010, novembro - Ano 16 - No 184</b>	Cabeçalho: novembro; Ano editorial 16; Expediente: setembro; Matérias trazem fatos de novembro de 2010.
<b>2010, dezembro - Ano 16 - No 185</b>	Cabeçalho: dezembro; Ano editorial 16; Expediente: setembro; Matérias trazem fatos de dezembro de 2010.
<b>2011, janeiro - Ano 16 - No 186</b>  Refazem o expediente a partir de novo projeto gráfico.	Cabeçalho: ed. 186, janeiro de 2011; Expediente: ed. 185, janeiro de 2011; Matérias de outubro de 2010 e cursos de julho de 2010; Ano editorial 16.
<b>2011, fevereiro - Ano 16 - No 187</b>	O expediente passa a anunciar o número correto (187); Cabeçalho e Expediente: fevereiro de 2011; Ano editorial 16; Sem data nas matérias.
<b>2011, março - Ano 16 - No 188</b>	Deixam de colocar o mês no cabeçalho, o que dá margem para erros, porém as matérias estão coerentes com o ano: 2011; Expediente: março de 2011; Ano editorial 16.
<b>2011, abril - Ano 16 - No 189</b>	Cabeçalho: 2011; Expediente: abril de 2011; Matérias falam de novembro de 2011; Ano editorial 16.
<b>2011, maio - Ano 16 - No 190</b>	O cabeçalho passa a ser 2012; Expediente: maio de 2011; Matérias do 1º semestre de 2011; Ano editorial 16.
<b>2011, junho - Ano 16 - No 191</b>	Cabeçalho: 2012; Ano editorial 16; Expediente: junho de 2011; Matérias de 2011 e 2012.
<b>2011, julho - Ano 16 - No 192</b>	Cabeçalho: 2012; Ano editorial 16; Expediente: julho de 2011; Matérias de maio de 2012.

<b>2011, agosto - Ano 17 - No 193</b>	Muda o ano editorial (16 para 17); Cabeçalho: 2012, ano 17; Expediente: agosto de 2011; Matérias de junho de 2012.
<b>2011, setembro - Ano 17 - No 194</b>	Cabeçalho: 2012; Ano editorial 17; Expediente: setembro de 2011; Matéria de agosto de 2012.
<b>2011, outubro - Ano 17 - No 195</b>	Cabeçalho: 2012; Ano editorial 17; Expediente: outubro de 2011; Não há datas nas matérias para conferência.
<b>2011, novembro - Ano 17 - No 196</b>	Cabeçalho: 2013 (muda de 2012 para 2013); Ano editorial 17; Expediente: novembro de 2011; Matérias de outubro e dezembro 2012 e janeiro de 2013.
<b>2012, dezembro - Ano 17 - No 197</b>	Cabeçalho: 2013; Ano editorial 17; Expediente: dezembro de 2011; Matérias de janeiro, fevereiro e março de 2013.
<b>2014, janeiro - Ano 17 - No 198</b>	Cabeçalho: 2014 (muda de 2013 para 2014); Ano editorial 17; Expediente: janeiro de 2012; Matérias são de julho de 2014.
<b>2014, fevereiro - Ano 17 - No 199</b>	Cabeçalho: 2014; Ano editorial 17; Expediente: fevereiro de 2012; Matérias de novembro de 2014.
<b>2015, março - Ano 19 - No 200</b>  Nota de esclarecimento sobre a datação do jornal.	Muda o ano editorial de 17 para 19; Cabeçalho: 2015; Expediente: março de 2015; Matérias de março de 2015.

Fonte: a autora, 2024.

Na ed. 183, de outubro de 2010, o cabeçalho afirma que é outubro, mas o expediente diz setembro. As matérias trazem fatos ocorridos em outubro, todos de 2010 - ou seja, provavelmente esqueceram de atualizar o expediente, mas de resto, é coerente. Um detalhe notável é que, bem na edição de setembro, a tiragem seria reduzida para 500, recado que é dado com a seguinte nota: "excepcionalmente nesta edição a tiragem será reduzida"<sup>84</sup>. Porém, como eles repetem justamente esse expediente, não dá pra saber se a tiragem das próximas três edições foi realmente de 500 ou se foi outra quantidade não registrada. Além disso, é irônico que três edições tiveram a mensagem de "excepcionalmente nesta edição".

<sup>84</sup> Fonte: Jornal da Cognópolis - Informativo Mensal da Comunidade Conscienciológica Cosmoética Internacional, Foz do Iguaçu, ano 16, n. 183, p. 4, out. 2010.

Na ed. 190, de maio de 2011, o cabeçalho passa a ser 2012, porém o expediente afirma que é de maio de 2011, o que demonstra uma espécie de controle relacionada à ordem antiga, pois a edição anterior é de abril de 2011. Isso mostra que esta é realmente a edição seguinte e, no que tange à pesquisa, foi positivo para verificar que não houve edições extras que de alguma maneira se perderam. Por outro lado, tornou-se difícil dizer o que ocorreu ali. Portanto, observar o texto das matérias foi a maneira encontrada para confirmar as datas corretas.

Por exemplo, na reportagem “Sede da Assinvéxis já funciona no *campus* de Invexologia” foi encontrada uma agenda de cursos de 2012, divulgando cursos de maio, abril e julho. Isso, somado à informação da inauguração do *Serenarium* no segundo semestre de 2012, gerou a hipótese de que o texto era do primeiro semestre. Na Agenda de Eventos, havia a divulgação do X CINVÉXIS (Congresso Internacional de Inversão Existencial) em julho. Uma investigação em publicações passadas demonstrou que a edição anterior do evento estava programada para julho de 2011, ou seja, já ocorrera. Por isso, realmente, há uma chance grande de um *delay* entre abril de 2011 e o início de 2012. Inclusive, na edição anterior, a matéria sobre os verbetógrafos fala da data-base (21/11/2011), ou seja, no final do ano.

Enfim, esses foram alguns exemplos para ilustrar o porquê considerou-se a questão das datas importante: pois, impactou o processo de investigação, gerando algumas dúvidas, porém, nada que tenha mudado os resultados da pesquisa, já que o conteúdo das matérias e as características do Jornal foram preservados.

Em resumo, até o ano 16 (de agosto de 2010 a julho de 2011), todas as levas contam com 12 edições, ou seja, uma por mês iniciando sempre de agosto e finalizando em julho do ano seguinte. A partir do ano 17, que conta com apenas 6 edições, abrange 2012, 2013 e 2014. Em 2015, há apenas duas edições com ano editorial 19: maio e julho de 2015. Em 2016, o Jornal ficou inativo e, quando retornou em junho de 2017, adotou o ano editorial 20. O ano editorial 23, último analisado na presente pesquisa, iniciou em janeiro de 2020 e finalizou em julho de 2020.

## 2.11 ÚLTIMA EDIÇÃO ANALISADA

Na busca de delinear uma trajetória coerente, pareceu interessante estabelecer um ponto de partida e um de chegada, ou seja, analisar a primeira e a última edição do conjunto que forma o objeto desta pesquisa. Isso porque, a partir da leitura “flutuante” do material, formou-se a hipótese de que, a despeito dos desafios, o Jornal profissionalizou-se enquanto veículo de comunicação, sistematizando suas práticas, otimizando o leiaute e tendo mais clareza em seus objetivos, incluindo elementos de um boletim informativo e do jornalismo tradicional, tornando-se um jornal institucional-comunitário.

A última edição, portanto, dispõe de 6 laudas, com diagramação digital, o que é indicado pelo espaçamento e exatidão entre colunas, fotos coloridas em alta definição, apresentadas em montagem gráfica. Além disso, o cabeçalho é o mesmo utilizado até o presente momento nas edições virtuais. No caso, é a edição de comemoração de 25 anos do CEAEC, portanto, a *frontpage* é pensada para homenagens e retrospectivas:

Figura 11 - Última Edição (Analisada) do Jornal da Cognópolis



Fonte: Jornal da Cognópolis - Informativo da Comunidade Conscienciológica Cosmoética Internacional, Foz do Iguaçu, ano 23, n. 236, p. 1 - 4, jul. 2020 (ICGE, 2024).

Já a última página - escolhida para a compor a Figura 11 para manter o mesmo padrão do exemplo da primeira edição, que tinha duas laudas enquanto essa tem quatro - foi selecionada por sintetizar os elementos mais importantes, contém o expediente, publicidade, *box* colorido, créditos da matéria e da imagem, e três colunas. Evans (1985, *apud* Sousa, 2005) chama a atenção para o fato de as colunas facilitarem a legibilidade, ajudarem a ordenar e hierarquizar a informação e facilitarem a movimentação dos textos de um espaço para outro (Sousa, 2005, p. 385). “Geralmente, as colunas são separadas por um espaço em branco, que quanto mais largo for mais tenderá a produzir uma sensação de leveza, limpeza e luminosidade” (Sousa, 2005, p. 385). Podemos ver também o uso de fotos coloridas, com montagens e legendas, diferente da primeira edição, que eram imagens em preto e branco.

As matérias desta edição são todas assinadas, bem como os créditos da fotografia, assinalados abaixo do texto. Também é possível diferenciar autores de instituições, sendo que algumas reportagens são assinadas com nome de Instituições Conscienciocêntricas, outras, por autores físicos, e o mesmo ocorre com os créditos fotográficos. Isso sugere que as IC's já estavam consolidadas o suficiente para terem um departamento, ou um voluntário, que agia como assessor de imprensa ou correspondente do Jornal, demonstrando um amadurecimento da estrutura comunicacional da comunidade. Também reforça a ideia de que, embora o avanço tecnológico tenha facilitado a criação de meios de comunicação alternativos, como *sites* e redes sociais, ele ainda era considerado uma publicação relevante e confiável, funcionando como um meio de unificação das informações.

Outro ponto é que, mesmo no começo, quando era o principal meio de divulgação, além de falar em nome da administração, o Jornal buscava diferenciar os espaços através de seções fixas ou alguns recursos de identificação dos textos, ainda que esse não fosse o procedimento padrão. A percepção é que, conforme as Instituições Conscienciocêntricas aumentaram, ele também se reformulou e adaptou.

É fato que, sendo produzido por indivíduos, as relações interpessoais poderiam influenciar, havendo épocas em que determinada instituição publicava mais do que outras, tanto por uma questão de pauta quanto, por hipótese, de proximidade de relacionamentos. Contudo, uma prova de que o Jornal buscava atender a todos é: Classificados e Agenda de Cursos, em que cada um tinha seu espaço garantido, bastava ter o que anunciar. Por isso, mesmo com o passar dos anos, ele permanece sendo lembrado enquanto registro histórico da CCCI.

A segunda página do encarte, ainda que não possa ser vista, contém o registro de reunião *online* comemorativa dos 25 anos do CEAEC, focada na fala dos participantes. Nesta matéria, um exemplo de jornalismo de serviço é a agenda de atividades da Assipi<sup>85</sup> no *Youtube*, divulgada e transmitida pelas redes sociais<sup>86</sup>, o que corrobora a informação de que as Instituições Conscienciocêntricas, nesta época, contavam com outros canais de divulgação e comunicação.

O conteúdo desta reportagem demonstra que já se falava da pandemia da Covid-19, que foi um dos principais motivos do Jornal ter sido alterado para o modelo *online*. Tal anúncio foi realizado na ed. 232, de março, e reforçada na ed. 233, de abril de 2020, informando que, a partir dali, o Jornal da Cognópolis não poderia mais ser impresso em razão das gráficas estarem fechadas. A pandemia também mobilizou a comunidade como um todo, visto que os custos fixos do CEAEC continuaram, mas a renda advinda das atividades presenciais caiu drasticamente.

A matéria, neste caso, explica que as restrições presenciais causadas pela pandemia resultaram na reforma e no surgimento de novas atividades, sendo que é bem nessa época que encerra o escopo da presente pesquisa, já que a última edição analisada foi de julho de 2020. De qualquer maneira, as demandas geradas pelo isolamento social e a maneira como a comunidade conscienciológica reagiu serão melhor abordadas no próximo capítulo.

Esta edição traz também o lançamento do livro da pesquisadora Dayane Rossa, “Megatrafor: estudo do maior talento consciencial sob a ótica da multiexistencialidade”, com imagem da obra no centro, de autoria de Rosane Amadori e fotografia da Editares. A quantidade de lançamentos anunciados pelo Jornal ao longo da sua trajetória demonstra que esse é um valor-notícia constantemente em voga, ou seja, há uma profunda importância dada pela comunidade à intelectualidade, ao senso crítico e à produção autoral de obras conscienciológicas por seus membros.

Inclusive, não faltam matérias trazidas pelo próprio Jornal, a partir de autores recorrentes ou colaboradores eventuais, incitando o fato. Por exemplo, na ed. 141, de abril de 2007, a matéria "Formação de Autores: tares grafopensênica", por Rosemary Salles,

---

<sup>85</sup> A Associação Internacional de Parapsiquismo Interassistencial foi fundada em 29 de dezembro de 2011 e é focada em parapsiquismo e bioenergias (Silva, 2020, p. 248).

<sup>86</sup> Fonte: Jornal da Cognópolis, Foz do Iguaçu, ano 23, n. 236, jun. 2020, p. 4.

ênfatiza a importância do livro pessoal, citando as iniciativas existentes na CCCI para estimular novos autores e dando como exemplo o curso Formação de Autores. Logo abaixo, na mesma edição, a entrevista com Mabel Teles sobre seu livro “Profilaxia das Manipulações Conscenciais” explica que a escrita conscienciológica exige compromisso e responsabilidade.

A primeira vez que uma autora foi entrevistada pelo lançamento de seu livro foi Málu Balona na ed. 8, de março de 1996, com a obra “Síndrome do Estrangeiro”. Já a primeira vez que foi noticiado um lançamento de livro foi na ed. 10, de maio de 1996, o Conscienciograma<sup>87</sup>, do prof. Waldo Vieira. Depois, passou um tempo sem que novos autores fossem divulgados pelo Jornal, sendo somente em agosto de 2003, na ed. 97, que a autora Lucy Lutfi, que estava finalizando seu livro relacionado às experiências de quase-morte, foi entrevistada por Cláudio Monteiro. Ainda assim, a escrita e lançamento de livros pelos membros da comunidade é um tópico relevante para o grupo, abordado pelo Jornal de diferentes maneiras.

Primeiramente porque o prof. Waldo Vieira era um escritor profícuo e frequentemente lançava novas obras, algumas das quais tiveram os direitos doados ao CEAEC e a renda revertida na expansão da Conscienciologia. Em segundo lugar, ele incentivava a escrita, trazendo equipes para ajudá-lo na confecção dos tratados, elaborando debates, Tertúlias, etc. Em terceiro lugar, surgiram duas Instituições Conscienciocêntricas voltadas à escrita e lançamento de livros. E em quarto lugar, foram lançados inúmeros cursos que estimulavam tanto a autoria quanto a análise de livros.

Um dos cursos mais antigos é o Heterocrítica da Obra Útil, mencionado pela primeira vez na ed. 46, de maio de 1999. A matéria explicava que era uma atividade imersiva em que os alunos, junto ao prof. Waldo Vieia, analisariam uma obra erudita cujos títulos estariam ligados à Ciência, Filosofia, Psicologia e Conscienciologia. Já a ed. 49, de agosto de 1999 trouxe a notícia de que o curso teria ocorrido em julho com mais alunos do que o esperado, sendo que a segunda edição já estaria marcada para dezembro. Isso demonstra a valorização

---

<sup>87</sup> Tal obra consiste em um teste de auto-avaliação da maturidade pessoal, um inventário da personalidade a partir da mensuração da maturidade em relação à dez variáveis: 1) corpo humano; 2) energias; 3) emoções e 4) discernimento; além da auto-avaliação perante aos atributos pessoais da 5) liderança; 6) comunicabilidade; 7) priorização; 8) coerência; 9) consciencialidade e; 10) universalidade. O teste contém 2.000 questões distribuídas em 100 folhas de avaliação, cada uma com 20 questões, para as quais a própria pessoa se dá uma nota (Silva, 2020, p. 102).

do grupo pela leitura crítica de obras consideradas úteis, ou seja, que poderiam agregar ao debate e ao repertório cerebral dos interessados.

Inclusive, a ed. 108 de julho de 2004 traz o curso “I Heterocrítica de pré-livro conscienciológico”, que parece uma adaptação do curso Heterocrítica da Obra Útil voltada aos autores da Conscienciológica que ainda estariam com sua obra em produção, para colocá-la em debate na busca de novas ideias e outras perspectivas. O primeiro a testar foi o Luis Bonassi com seu livro "Paradoxos e Paralógica: uma análise da lógica evolutiva". Ou seja, percebe-se que o interesse não era somente na análise crítica da obra de outras pessoas, mas também havia um incentivo constante à escrita de livros próprios com temáticas conscienciológicas.

A ed. 125, de dezembro de 2005, na matéria intitulada “Curso estimula heterocrítica cosmoética”, há uma lista de todas as obras discutidas nas seis edições anteriores, tais como: Inteligência Multifocal - Análise da Construção dos Pensamentos e da Formação de Pensadores, de Augusto Cury; Sincronicidade - Ou Nada é por Acaso, de Robert H. Hopcke; A Criação Científica, de Abraham A. Moles e O Império Americano: Hegemonia ou Sobrevivência, de Noam Chomsky.

A última vez que o curso Heterocrítica da Obra Útil apareceu, na ed. 187 de fevereiro de 2011, já estava em sua 13ª edição, sendo que ele foi sendo aprimorado e, em determinadas épocas, o escritor do livro era trazido para debater junto aos alunos. A ed. 172, de novembro de 2009 traz a matéria "Imersão Heterocrítica da Obra Útil analisa a obra Democracia Pura", por Antonio Pitaguari, explicando que o curso contou com 112 pessoas no auditório do *Discernimentum* e a presença do autor, J. Vasconcelos, que trouxe sua experiência no desenvolvimento do conceito.

A escolha da obra, segundo Pitaguari, foi pelo crescente interesse na temática por parte da comunidade e pela maior conscientização quanto “a modelos mais eficientes de distribuição equitativa do poder de decisão e de controle entre todos os cidadãos e da qual deriva a liberdade, a igualdade e demais valores sociais relacionados”<sup>88</sup>. E o Jornal, segundo o autor, se posicionaria enquanto estimulador do debate, sendo que o Antonio Pitaguari se propõe a buscar dados para identificar o atual nível de democracia na CCCI e trazer os resultados nas próximas edições. O tema, ademais, gerou desdobramentos como o Conselho

---

<sup>88</sup> Fonte: Jornal da Cognópolis - Informativo Mensal da Comunidade Conscienciológica Cosmoética Internacional, Foz do Iguaçu, ano 15, n. 172, p. 1, nov. 2009.

dos 500 (ed. 174 de janeiro de 2010) e lançamento do projeto da Ágora Cognopolita (ed. 184 de novembro de 2010).

Outro curso voltado à escrita foi o Formação de Autores, também um dos mais longevos, que começou em dezembro de 2001, na ed. 77, e sua última menção foi em julho de 2019, na ed. 225, em matéria intitulada “Uniescon registra movimento positivo do autorado”, por Rosane Amadori. A Uniescon, ou União Internacional de Escritores da Conscienciologia, é uma Instituição Conscienciocêntrica formada por autores de livros conscienciológicos e fundada em 23 de novembro de 2008 (Silva, 2020, p. 219). Na matéria, ela registra momento positivo, com turmas cheias e lista de espera para o referido curso.

Portanto, ao ver o lançamento nesta última edição, é perceptível que a importância da leitura, da escrita, e logo, da intelectualidade, permanece. Bem como os balanços estatísticos, como é o caso do registro de “pontoações” da VII Semana Paracientífica, na última página, cujos números são apresentados em destaque: 118 inscritos, 31 atividades, 14 artigos e 10 resumos publicados na Revista *Conscientia*.

Por fim, duas matérias comemorativas de 15 anos de Instituições Conscienciocêntricas remetem ao fato de que algumas IC’s surgiram em épocas próximas. Tal fato é corroborado por Silva (2020, p. 219) que informa que 8 Instituições Conscienciocêntricas foram fundadas entre 2005 e 2008, sendo que duas delas foram fundadas com um dia de diferença, em 23 e 24 de julho de 2005.

Há publicidade, que foi uma característica adotada a partir da ed. 168 e já discutida aqui, e percebe-se, de maneira geral, uma padronização do leiaute, o que não era prioridade enquanto informativo, seja pela equipe ser mais amadora, seja pelo foco em disseminar informações mais imediatas. Com o tempo, é visível que há uma preocupação progressiva com a estética, sendo que há até mesmo a contratação de profissionais para realizar a diagramação.

Isso demonstra um cuidado com a qualidade do produto final que parece ser gerada pela vontade de pessoas da área da comunicação de realizar um trabalho bem-feito, preocupando-se com detalhes que notadamente remetem aos aprendizados técnicos angariados. Essa mesma vontade é vista ao longo de todo o Jornal, sendo que cada equipe aparenta focar naquilo que acha importante, mantendo o mesmo desejo de qualidade ainda que em pontos diferentes.

Portanto, entende-se que o Jornal foi mais do que um mecanismo de registro, mas também um meio para que o grupo se comunicasse, debatesse ideias, transmitisse as novidades, se educasse e se entendesse. Objetivos e prioridades comuns tornaram-se claros a partir das páginas do periódico, assim como o fato de que ele é um veículo de informação feito por diferentes levas de voluntários, cada um trazendo um pouco da sua subjetividade nas escolhas produtivas. Isso porque “os jornalistas são seres humanos *em situação*, seres humanos *em relação*” (Sousa, 2005, p. 49 e 50), ou seja, existem complexidades, nuances e diversas camadas possíveis ao se analisar um Jornal, sendo que os pontos acima debatidos foram apenas uma parte de infinitas possibilidades.

No todo, porém, ele cumpre seu papel, amadurece e permanece até hoje junto à comunidade, sendo que em junho de 2021, na ed. 237, ano editorial 25, tornou-se integralmente virtual. A migração para o digital se deu inicialmente pela dificuldade da circulação de meios impressos mas, mesmo com a volta das atividades presenciais, ele permaneceu *online* pelas vantagens relacionadas ao aumento do espaço, visto que não há a mesma limitação do papel físico, ao uso de *links*, vídeos, mural de fotos, dentre outros recursos que possibilitaram aprofundar as coberturas e reportagens.

A evolução do Jornal da Cognópolis como veículo de comunicação reflete, portanto, não apenas seu desenvolvimento estrutural e editorial, mas também sua função na consolidação dos valores identitários da comunidade conscienciológica, sendo que, em resumo, ele seria capaz de:

- 1) Transmitir e perpetuar normas e princípios do grupo ao reforçar os valores culturais e éticos da comunidade conscienciológica.
- 2) Ajudar a moldar e consolidar uma identidade compartilhada, tanto através de reportagens históricas, que destacam conquistas e marcos do grupo, quanto por meio de colunas e editoriais, que reforçam crenças e comportamentos esperados.
- 3) Educar e informar, expondo conceitos e práticas de maneira, aprofundando temas e debates, assumindo o papel de reflexão crítica e reforço de ideias.
- 4) Valorizar a memória institucional ao registrar eventos, marcos e debates importantes, promovendo o senso de continuidade e pertencimento.

- 5) Incentivar a participação ativa ao divulgar eventos, cursos e oportunidades de voluntariado, estimulando o engajamento e reforçando valores como proatividade e cooperação enquanto parte essencial da comunidade.

Se, no segundo capítulo, analisou-se a trajetória do jornal, sua organização e seu papel na difusão de informações institucionais, no terceiro capítulo, o foco recai sobre os valores fundamentais que permeiam sua linha editorial e a forma como são transmitidos ao longo das edições. A partir da análise do conteúdo publicado, busca-se compreender de que maneira o periódico atua não apenas como um meio informativo, mas também como um instrumento de reforço e perpetuação dos princípios que sustentam a Cognópolis, evidenciando a relação entre comunicação, identidade grupal e os ideais conscienciológicos.

O próximo capítulo, portanto, buscará investigar algumas temáticas relevantes para a comunidade em diferentes períodos, aprofundando a maneira como o Jornal ajudou a construir a identidade coletiva a partir de valores, preferências, tendências, memórias e mesmo incongruências.

### 3. O JORNALISMO INSTITUCIONAL-COMUNITÁRIO NA CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA

Na fase inicial da pesquisa, enquanto lia os 236 exemplares, esta autora identificou que o tema principal das matérias às vezes estava explícito na manchete, mas que normalmente ficava claro somente após a análise completa do texto, visto as ramificações de conteúdo ou forma. Por exemplo, ao tratar de um fato, como um curso ou uma viagem, podia haver a perspectiva histórica, social (entrevista com participantes), institucional (entrevista com a equipe ou docentes), de serviço (agenda das próximas edições, valores, pacotes), dentre outros conteúdos dispostos em diferentes “blocos” dentro de uma mesma matéria. Ou seja, era necessário determinar elementos adicionais para categorizar os textos, que podiam trazer mais de um tema por matéria.

Em seguida, foram coletadas as palavras que mais se destacaram, os personagens que apareciam - tanto no texto como os autores - os itens (fotos, quadros, legendas, *boxes*), o estilo da diagramação e o tom do texto. Assim, compreendeu-se que mesmo que houvesse um tema predominante, ele vinha com adendos, ressalvas, nuances, e essas considerações precisavam ser registradas, pois eram elas que davam verdadeira força à análise.

Foram, portanto, criados resumos de cada edição (conforme o Quadro 02), que seriam as bases de pesquisa. É importante salientar que apareceram muitas possibilidades de análise, tendo sido necessário fazer escolhas. Dentre as inúmeras temáticas, algumas se destacaram pela quantidade de vezes que apareceram, pela profundidade em que eram debatidas, pelos desdobramentos trazidos pelo Jornal e pela importância no encadeamento de outros fatos, demonstrando progresso. Assim, foram selecionados cinco valores principais: Voluntariado; Universalismo e Maxifraternidade; Intelectualidade; Ecologia e Saúde; e Grupalidade.

A opção pelos valores se deu pela relação dos mesmos com a identidade grupal, e como o jornal pode ser um meio de comunicação diretamente envolvido neste processo. Assim, como o objeto de pesquisa era o Jornal e não somente a comunidade, os valores pareceram a melhor opção e, portanto, alguns fatos relacionados à estruturas físicas, linha cronológica de pessoas, instituições e mudanças de nomenclatura, ficaram em segundo plano, embora se reconheça a importância dos mesmos para contextualizar a história do Jornal, do CEAEC, assim como na própria formação do imaginário coletivo que gerou a construção desses valores.

Como visto anteriormente, um jornal pode ser uma rica fonte de memória coletiva, reforçando a identidade grupal ao disseminar normas e princípios de uma comunidade e destacar temas considerados dignos de serem noticiados. Neste capítulo, serão abordados os valores que chamaram mais atenção na presente pesquisa.

Pollak (1992, p. 5) afirma que há uma ligação estreita entre a memória e o sentimento de identidade. Para ele, a identidade seria a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, tanto para apresentar aos outros quanto para acreditar em sua própria representação. E explica que, na construção da identidade, há três elementos essenciais:

Há a unidade básica, ou seja, o sentimento de ter fronteiras físicas, no caso do corpo da pessoa, ou fronteiras de pertencimento ao grupo, no caso de um coletivo; há a continuidade dentro do tempo, no sentido físico da palavra, mas também no sentido moral e psicológico; finalmente, há o sentimento de coerência, ou seja, de que os diferentes elementos que formam um indivíduo são efetivamente unificados (Pollak, 1992, p. 5).

Ou seja, a identidade é formada pela coerência de informações que um indivíduo ou grupo tem sobre si próprio, construída pelos fatos ao longo do tempo e pode ser solidificada por diversos elementos. Neste capítulo, são analisados valores compartilhados dentro da comunidade conscienciológica, pois ao ingressar em uma organização, diferentes indivíduos passam a atuar em um contexto orientado por objetivos coletivos. Esse processo estimula a interação e o compartilhamento de crenças, valores e hábitos, que, por sua vez, geram normas de conduta e influenciam as dinâmicas grupais em um movimento dialético.

É importante ressaltar que a consolidação desses valores não ocorre sem desafios. Nem sempre há total coerência entre os princípios divulgados e as práticas observadas, e a vivência coletiva pode revelar tensões entre o ideal e a realidade cotidiana. Deste modo, este estudo busca analisar, dentro do possível, como esses valores se manifestam na prática, tomando como base tanto os fatos registrados quanto a forma como os acontecimentos são narrados ao longo das edições. Lembrando que a pesquisa documental é limitada, gerando inferências parciais. Ainda assim, reitera-se o comprometimento com uma análise justa, coerente e fundamentada.

Segundo Silva (2020, p. 194-195), o voluntariado nas Instituições Conscienciocêntricas é caracterizado como voluntariado formal, ou seja, com a presença de voluntariado dirigente, que exerce cargo de gestão, além das áreas de docência e pesquisa, por se tratar de instituições de caráter científico e cultural. Ele também é contínuo, de natureza gratuita, sem vínculo empregatício, distinção social, racial ou etária.

Em sua pesquisa, ela analisou as motivações que levariam voluntários da Conscienciologia a se engajarem no projeto do *campus* a ponto de organizarem suas vidas para migrar para Foz do Iguaçu. Dentre as respostas coletadas, cita a “percepção de que as ideias da Conscienciologia fazem parte do seu projeto de vida”, “busca pela construção de um mundo melhor” e “aprofundamento sobre os conceitos da Conscienciologia”, explicando que a proposta de Waldo Vieira faria eco aos anseios desses voluntários.

Coincidentemente, ela também escreve para o Jornal algumas vezes, sendo que na ed. 154, de maio de 2008, o texto “Consciência Comunitária (Grupocarmologia)”, afirma que a mudança de patamar da CCCI implicaria na mudança de seus voluntários. Lista atitudes sugeridas aos interessados a melhorarem seu senso de comunidade em prol do grupo. Dentre os itens<sup>89</sup>, foram considerados importantes:

1. Manter a continuidade nas tarefas voluntárias, suprindo eventuais necessidades ou *déficit* na Instituição Conscienciocêntrica, evitando posturas queixosas (parte do que será chamado de Valor do Voluntariado);

2. Recepcionar visitantes de modo cortês e acolhedor, encaminhando-os aos setores de acordo com suas necessidades e realizar e participar de eventos culturais na cidade, visando qualificar a intelectualidade dos cidadãos iguaçuenses (parte do que será chamado de Valor do Universalismo e da Maxifraternidade);

3. Participar dos eventos da CCCI enquanto aluno, buscando o aprendizado, mas também o apoio da pesquisa dos companheiros. Ministrando também cursos, palestras e aulas abertas na condição de professor de Conscienciologia tanto dentro, quanto fora do grupo (parte do que será chamado de Valor da Intelectualidade);

---

<sup>89</sup> Fonte: Ferraro, Cristiane. “Consciência Comunitária (Grupocarmologia)”, Jornal do *Campus* CEAEC - Mensário da Associação Internacional do Centro de Altos Estudos da Conscienciologia, Foz do Iguaçu, ano 13, n. 154, p. 2 e 3, mai. 2008.

4. Ajudar colegas da CCCI em situações emergenciais, oferecendo carona solidária, cedendo lugar aos mais velhos na fila, respeitando vagas de garagem, enfim, sendo educado, gentil e solidário. Se possível (sem comprometer o orçamento doméstico), colaborar financeiramente, esporádica ou regularmente, com projetos comunitários, por exemplo, a construção do *Tertuliarium* (parte do será chamado de Valor da Grupalidade).

Foi este o ponto de partida e, ao longo da investigação, outras temáticas foram se mostrando, sendo trazidas em menor grau ou não citadas diretamente, atuando enquanto elementos secundários para gerar um quadro mais completo. Assim, o presente capítulo está dividido em cinco tópicos: Valor do Universalismo e da Megafraternidade, Valor da Intelectualidade, Valor da Ecologia e da Saúde, Valor do Voluntariado e Valor da Grupalidade.

Novamente, dados referentes ao progresso estrutural, mudanças de nomenclatura, surgimentos de instituições, embora dados coletados para sustentar as inferências, não constaram na presente pesquisa de maneira direta. Para uma abordagem mais detalhada dos mesmos, sugere-se a pesquisa de Silva (2020) que, como já dito, é extensa e bastante completa.

O conceito de valor pode ser entendido como um princípio ou crença que orienta atitudes, decisões e comportamentos, atuando como uma referência do que é considerado importante, correto ou desejável dentro de um grupo. Do ponto de vista filosófico e sociológico, ele é construído historicamente e reflete as prioridades de determinado contexto. Gonçalves (2004), ao questionar “o que é valor?”, afirma que esta questão não terá uma resposta, pois

muitas respostas foram já ensaiadas, formando uma miríade de leituras que dizem respeito a este conceito. Na verdade, fala-se de valor ético, valor estético, valor monetário, valor económico, valor jurídico, valor histórico etc., apondo-se a este um predicativo, enquadrando a perspectiva sobre o conceito. O termo "valor" pretende assim realçar a importância de algo a que se lhe atribui ou reconhece essa importância, estima, qualidade (Gonçalves, 2014, p. 71).

No contexto da presente pesquisa, os valores assumem um papel central, sendo que os valores abordados no terceiro capítulo são valores identitários, que orientam a forma como o grupo se organiza e se enxerga. Já os valores-notícia, conceituados no primeiro capítulo, dizem respeito aos critérios jornalísticos que determinam a relevância de um acontecimento.

Apesar de partirem de perspectivas metodológicas diferentes, eles estão interligados, pois os valores da Cognópolis, mais amplos, influenciam diretamente o que é priorizado na cobertura do Jornal, havendo, por vezes, uma sobreposição entre o que é considerado um valor para a comunidade e o que é destacado como relevante para publicação. Assim, o primeiro valor analisado é o Valor do Voluntariado:

### 3.1 VALOR DO VOLUNTARIADO

Para a pesquisa deste valor, foram buscadas palavras-chave com a mesma raiz semântica, como “voluntariado”, “voluntário”, “voluntariar”, assim como possíveis assuntos relacionados, como “mutirão”, “basecon”, “expansão”, “colaboradores”, “mobilização”, “trabalho”, “coletivo”, “campanha”, dentre outros. Vê-se, portanto, que as interpretações (conteúdos latentes), ainda que fundamentadas em dados explícitos (conteúdo manifesto), foram parte fundamental desta pesquisa.

Conforme explicado por Silva (2020, p. 193) “a condição do voluntariado é a pedra fundamental de sustentação da Conscienciologia e da formação da comunidade conscienciológica”. A autora cita Cavalcante (2013) ao sinalizar que o voluntariado pode trazer ganhos para quem recebe e para quem faz, configurando-se um caráter de mutualidade. Nas motivações coletadas em seu trabalho sobre a CCCI, a “necessidade de aprender a fazer assistência de modo lúcido” incita o fato de que qualificar o ato de ajudar geraria satisfação íntima também em quem doa (Silva, 2020, p. 190).

No caso do Jornal, quando se fala de voluntariado, tal temática aparece de diferentes formas: divulgando eventos e oportunidades de voluntariado, realizando chamadas para projetos, trazendo pautas de incentivo através de prova social e entrevistas, registrando conquistas grupais e individuais, reforçando valores como proatividade e cooperação enquanto parte essencial da comunidade. Inicialmente não se falava “voluntário/a” e sim “colaborador/a”, por se tratar de uma cooperativa, então, tanto um quanto outro foram termos basais na pesquisa.

É importante aludir à Basecon, pois de acordo com a matéria “Novo Patamar Evolutivo” (ed. 63, de outubro de 2000), era ali que ficava a principal força de trabalho. O texto afirma: “Sempre ficamos nos bastidores. Financeiro, publicações, recepção, cozinha, programação de eventos, administração e projeto ambiental, uma teia de trabalho que no dia-

a-dia transforma-se em megalaboratório de vivências”<sup>90</sup>. Tal informação é confirmada na ed. 93, de abril de 2003, que sugeria que os moradores da Basecon “devem ter características de epicentrismo no voluntariado”<sup>91</sup>.

A Basecon, portanto, não era apenas um espaço físico dentro do CEAEC, mas um núcleo operacional, onde o Valor do Voluntariado se manifestava de forma intensa e contínua. Sua relevância ia além das funções administrativas e logísticas, pois representava um modelo de engajamento grupal, no qual não apenas se executava tarefas essenciais para o funcionamento da instituição, mas também se vivenciava um ambiente de aprendizado, autossuperação e convivência. A exigência de epicentrismo reforça a ideia de que a Basecon era mais do que uma escolha de residência, mas um compromisso direto com a sustentação do *campus*.

Outra notícia comum tratava de voluntários que se deslocavam temporariamente até Foz do Iguaçu para auxiliar nos trabalhos, por exemplo, na ed. 27, de outubro de 1997, em que a nota "Colaboradores Itinerantes" afirma que o CEAEC recebia auxílio provisório de interessados nas tarefas diárias. Ela cita a fala de uma colaboradora de Santa Maria, RS, cujo depoimento destacava dois aspectos marcantes da experiência: a liberdade para desempenhar funções e o espírito de grupalidade. O Jornal enfatiza sua percepção ao registrar a seguinte declaração: "Me senti em casa"<sup>92</sup>, sugerindo, também, que o ambiente era de acolhimento.

O movimento contrário também é válido, como na ed. 63, de outubro de 2000, que a matéria "Colaboradores no Espírito Santo" informa sobre excursões periódicas para contribuir na expansão da Conscienciologia no novo *campus* da Aracê. A matéria relata que a equipe se hospedava na casa de uma voluntária, funcionando como uma Basecon improvisada. Já a ed. 74, de setembro de 2001, traz informações sobre as atividades realizadas, quando uma pessoa morava no terreno e mais sete vinham trabalhar durante os finais de semana. O texto anuncia o primeiro mutirão para plantar grama, sendo que, à época,

---

<sup>90</sup> Fonte: CEAEC - Centro de Altos Estudos da Consciência - Jornal da Cooperativa dos Colaboradores do IIPC - CEAEC, Foz do Iguaçu, ano 6, n. 63, p. 1, out. 2000.

<sup>91</sup> Fonte: Jornal do *Campus* CEAEC - Mensário da Associação Internacional do Centro de Altos Estudos da Conscienciologia, Foz do Iguaçu, ano 8, n. 93, p. 4, abr. 2003.

<sup>92</sup> Fonte: CEAEC - Centro de Altos Estudos da Consciência - Informativo da Cooperativa dos Colaboradores do Instituto Internacional de Projeciologia e Conscienciologia, Foz do Iguaçu, ano 3, n. 27, p. 4, out. 1997.

já estavam instalando ali escritório, banheiro, cozinha, almoxarifado e uma estrutura de apoio a colaboradores com quartos e banheiros.

Tais relatos evidenciam como o voluntariado conscienciológico não se restringia ao CEAEC, mas se expandia para outros locais, impulsionando a criação e o fortalecimento de novas instituições. A intercooperação mencionada demonstra a disposição dos voluntários em compartilhar recursos, tempo e esforços, sendo que uma residência funcionava como uma Basecon improvisada refletindo a flexibilidade e o comprometimento do grupo, adaptando-se às circunstâncias para garantir a continuidade dos trabalhos.

Já o mutirão na Aracê simboliza o espírito coletivo e a dedicação ao voluntariado, pois mesmo sem uma infraestrutura consolidada, os colaboradores se mobilizavam para construir um ambiente adequado para a assistência e a pesquisa. Esses registros reforçam o caráter dinâmico e descentralizado da atuação, na qual os voluntários não apenas mantinham o CEAEC, mas também eram agentes ativos na expansão da Conscienciologia.

O Jornal, por sua vez, funciona como um repositório dessas narrativas, registrando ampla variedade de ações ligadas à participação ativa e evidenciando não apenas o engajamento coletivo, mas também a evolução e consolidação de estruturas e instituições. Um exemplo disso são as matérias da Holoteca e Holociclo, como a ed. 133, de agosto de 2006, que destaca a conclusão da definição de 271 tecas, um trabalho minucioso realizado exclusivamente por voluntários, ou a ed. 58, de maio de 2000, que registra os mutirões organizados para a classificação e organização do acervo, reforçando o caráter colaborativo.

Ele também acompanhava a expansão da equipe, como na ed. 126, de janeiro de 2006, que informa que já haviam 236 voluntários de diferentes Instituições Conscienciocêntricas trabalhando na Enciclopédia da Conscienciologia. A matéria também lista e explica algumas funções, como revisores, advogados, lexicólogos e comunicólogos, com uma foto de uma mesa comprida com pelo menos dez colaboradores trabalhando. O reconhecimento do voluntariado também se manifestava em celebrações institucionais, como o aniversário da Holoteca, na ed. 120, de julho de 2005, que destaca uma homenagem especial aos voluntários pioneiros que ajudaram a estruturar e consolidar o espaço.

A figura do voluntário ou colaborador enquanto protagonista das ações também era bastante destacada, buscando evidenciar o fato de que eram eles que impulsionavam e concretizavam os projetos, focando nas experiências individuais para inspirar o coletivo. Por exemplo, a matéria comemorativa de 30 anos de voluntariado ininterrupto de Moacir

Gonçalves e Wagner Alegretti (ed. 191, de junho de 2011). O reconhecimento da dedicação de indivíduos reforçava a noção de perseverança e corroborava a ideia de que o voluntariado seria um compromisso que ultrapassaria a mera participação pontual, tornando-se parte da identidade pessoal.

Em entrevista na ed. 6, de janeiro de 1996, o prof. Waldo Vieira afirma: “Sempre o que manda são as pessoas, todo o resto é secundário”<sup>93</sup>. Por exemplo, nas matérias: “Voluntários se organizam em prol de uma nova cognópolis”, em que foi formada uma comissão para realizar o I Encontro Pró-Cognópolis Rosa dos Ventos em Natal (RN) e “Assipi faz seu primeiro encontro de voluntários”, realizado em Saquarema, ambas na ed. 215, de agosto de 2018, passava-se a ideia de que a Conscienciologia não dependia exclusivamente do CEAEC e que a vontade individual era a força-motriz que dava forma à responsabilidade coletiva. Assim, cada voluntário, ao assumir um papel ativo, contribuía com algo maior.

Outros exemplos que reforçam essa ideia podem ser vistos na matéria “IIPC: voluntários se mobilizam pela sede própria” (ed. 225, de julho de 2019), “Congraçamento movimenta o voluntariado”, (ed. 207, de dezembro de 2017), com o texto destacando o Dia do Voluntariado da CCCI (03 de dezembro) e o lançamento do livro Voluntariado Conscienciológico Interassistencial, do autor Ricardo Rezende (ed. 220, de fevereiro e março de 2019), indicando um esforço de reflexão sobre o papel do voluntário a partir do aprofundamento teórico.

Em matéria sobre o escritório do CEAEC ter ganhado um espaço novo, em maio de 1999 (ed. 46), o Jornal destaca que a equipe estava trabalhando em ritmo empresarial, de segunda a quarta, e ainda mais nos finais de semana, comprovando que o Valor do Voluntariado estava intrinsecamente ligado à proatividade e ao dinamismo. Contudo, isso levantou alguns questionamentos sobre a sobrecarga de atividades.

Alguns voluntários, ao que se percebe, acabavam assumindo responsabilidades comparáveis às de um ambiente de trabalho formal, gerando expectativas de comprometimento semelhantes a um cargo profissional, com prazos, metas e exigências. O discurso institucional costumava associar o voluntariado a um compromisso pessoal e

---

<sup>93</sup> Fonte: Centro de Altos Estudos da Consciência - Informativo da Cooperativa dos Colaboradores do Instituto Internacional de Projeciologia, Foz do Iguaçu, ano 1, n. 6, p. 2, jan. 1996.

evolutivo, o que poderia levar alguns membros a se dedicarem integralmente, criando uma cultura de envolvimento que, em certos casos, não se sustentaria a longo prazo.

É possível perceber que, no texto “Consciência Comunitária (Grupocarmologia)”, abordado no início deste capítulo, a autora faz uma ressalva para que a colaboração monetária seja realizada "sem comprometer o orçamento doméstico”, indicando que algumas pessoas poderiam perder a mão quando se tratava do envolvimento com o voluntariado, a ponto de entrarem em dificuldades pessoais, acreditando que apenas o altruísmo seria suficiente. Tal indagação pode ser estendida à sobrecarga de tempo, esforços e exigências, além do aspecto financeiro.

Depoimentos também eram destaque, como a ed. 9 (de abril de 1996) e a ed. 81 (de abril de 2002) que trazem *boxes* com opiniões de voluntários, o que eles estavam achando do CEAEC, dos trabalhos, quais eram as suas motivações e, mais importante, seus ganhos pessoais. Sabe-se que a prova social é um importante gerador de confiança nas tomadas de decisão, muito utilizada no *marketing* de influência (Araújo, 2023). Contudo, os relatos também tinham a função de criar conexão, fomentando o sentimento de pertencimento. Por exemplo, na ed. 100, de novembro de 2003, há uma enquete “o que os voluntários andam lendo...” com breves relatos acompanhados de fotos, humanizando o processo ao mesclar jornalismo de serviço e possíveis pontos de identificação entre as pessoas.

Haviam as entrevistas, mais aprofundadas, como já abordado no capítulo 2. Ao destacar as experiências e percepções dos voluntários, era possível humanizar o discurso institucional e aproximar os leitores das vivências reais de quem atuava diariamente nas funções. Um exemplo é a ed. 165, de abril de 2009, que na entrevista “Uma trajetória marcada pela recin”, aborda uma voluntária que conheceu a Conscienciologia em 1999, quando foi trabalhar na cozinha do CEAEC, e se identificou tanto com o paradigma que se tornou não apenas voluntária, mas docente, tenepessista, mudando-se para Portugal para continuar seus trabalhos na IAC. Histórias como essa destacavam como o voluntariado podia ser um catalisador de mudanças significativas na trajetória pessoal e profissional.

E por falar em mudança, o Jornal traz alguns registros de pessoas que se transferiram para Foz, como a ed. 19, de fevereiro de 1997, que registra a chegada de cinco indivíduos, listando seus nomes e respectivas cidades anteriores, ou a ed. 55, de fevereiro de 2000 que, de maneira bastante descontraída e amistosa, informa sobre os colaboradores que chegaram e os que foram embora. Há várias dessas notinhas ao longo das publicações, a exemplo da

seção "Mudanças" (ed. 57, de abril de 2000) e "Quem Chega" (ed. 75, de outubro de 2001), que não apenas informavam sobre a movimentação dentro da comunidade, mas também reforçavam o caráter dinâmico e acolhedor do grupo.

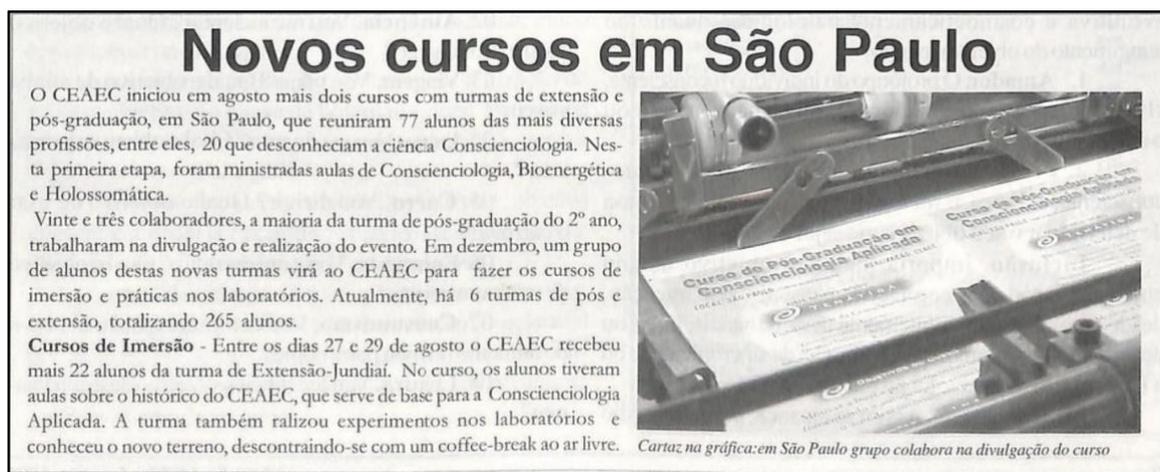
Ao destacar quem chegava e de onde vinha, o Jornal também atuava enquanto um auxiliar do processo de integração, sugerindo que a mudança para Foz do Iguaçu era vista não apenas como um deslocamento geográfico, mas como um passo significativo na trajetória pessoal, evidenciando o impacto que o voluntariado exercia sobre a decisão das pessoas de reorganizarem suas vidas.

Matérias trazendo o voluntariado de maneira secundária também ocorrem. Por exemplo, ao noticiar que o ICGE estaria ampliando os dados da Conscienciologia através da digitalização de documentos, o Jornal enfatiza que o trabalho vultoso havia sido realizado por apenas 3 voluntários. Tal narrativa destacava a dedicação e a eficiência dos voluntários, que frequentemente assumiam grandes responsabilidades com equipes reduzidas. Por outro lado, deixava transparecer uma carência de maior engajamento.

Já a matéria "Conheça as 5 áreas de habitação do CEAEC", escrita pelo coordenador da Comissão de habitação do CEAEC, Everaldo Bergonzini (ed. 93, de abril de 2003), explica que a expansão da infraestrutura se devia à crescente demanda dos voluntários que queriam residir próximo ao *campus*, o que pode refletir o nível de envolvimento da comunidade, que via a proximidade física com o CEAEC como um benefício. Além disso, a matéria dá a entender que o crescimento habitacional era um indicador do sucesso do projeto, ressaltando que existia uma adesão real ao modelo de vida que estava sendo construído ali.

E por fim, a ed. 49, de agosto de 1999, aborda o curso Conscienciologia Aplicada, sendo que o Jornal faz questão de ressaltar que os próprios alunos auxiliavam na divulgação por acreditarem no propósito do projeto. Esse envolvimento ativo indica que a adesão ao curso não era apenas acadêmica, mas também baseada em um sentimento de pertencimento e compromisso, refletindo o modelo de engajamento característico da Cognópolis, conforme ilustra a imagem a seguir:

Figura 12 - Participação dos alunos na divulgação do Conscienciologia Aplicada



Fonte: CEAEC - Centro de Altos Estudos da Consciência - Jornal da Cooperativa dos Colaboradores do IIPC - CEAEC, Foz do Iguaçu, ano 5, n. 49, p. 1, ago. 1999 (ICGE, 2024).

Exaltar o tema do voluntariado, divulgando trabalhos em outros espaços também era válido, como na ed. 201, de julho de 2015, a matéria informou que o programa de rádio “A Hora do Voluntariado” estreou na Rádio Cultura AM, apresentado pelo voluntário Phelipe Mansur e abordando vários tipos de voluntariado, não apenas o conscienciológico. Essa iniciativa demonstra que o Jornal buscava promover o voluntariado como um valor que ultrapassava as fronteiras da comunidade, reforçando os princípios da assistência e do engajamento social como ferramenta de transformação.

O Jornal também tinha como função realizar chamadas e fazer convites, divulgando projetos que precisavam de gente, instigando o espírito de coletividade e agindo enquanto ferramenta de aglutinação, como por exemplo a ed. 133, de agosto de 2006, que informa que o Holociclo estaria precisando de voluntários para a equipe de lexicógrafos, ou a ed. 158, de setembro de 2008, que comunica a indispensabilidade de novos voluntários para as diversas funções que mantinham os laboratórios funcionando.

Essa estratégia de convocação reflete, novamente, uma possível carência de engajamento e sugere que, apesar do ideal de voluntariado ser amplamente difundido, a manutenção das atividades não ocorria sem desafios. Tais chamadas funcionavam também como lembretes de que o CEAEC dependia do envolvimento de seus membros, tratando o voluntariado enquanto responsabilidade coletiva, necessária para garantir a continuidade dos projetos.

Com o advento da pandemia da Covid 19, o Jornal agiu como um divulgador das ações realizadas pelas Instituições Conscienciocêntricas, provavelmente para inspirar os voluntários e fortalecer a rede de apoio comunitário. Tal exemplo pode ser visto nas matérias: “*Consecutivus*”<sup>94</sup> aprimora sua estrutura *online*”, explicando que a instituição conseguiu manter seus cursos por já possuir experiência com o Educação à Distância (EaD) e sistema de inscrições automatizado, pois investiu nas atividades à distância desde a fundação. Além disso, o Jornal auxiliou na divulgação dos cursos EaD de outras instituições, Conscienciométrica da Autenticidade EaD, Conscienciograma sem Drama EaD e Teáticas em Conscienciométrica Interassistencial, pela *Conscious*<sup>95</sup>, e Diálogos sobre Nossa Evolução, pela *Evolucin*<sup>96</sup> (ed. 233, de abril de 2020).

Além de destacar as adaptações bem-sucedidas, ele também abordou os desafios do período, como por exemplo, a matéria “IIPC em tempos de Covid-19” (ed. 232, de março de 2020), que dizia que a interrupção das atividades presenciais, tais como cursos, palestras e Encontro de Voluntários levou o IIPC a alterar procedimentos em prol do IIPC Digital. Houve redução dos gastos e desenvolvimento de produtos *online*, sendo possível colocar em prática estudos sobre *marketing* que já estavam em andamento, assim como ferramentas de tecnologia, planejamento e gestão de relacionamento. Um dos maiores desafios, segundo a matéria, foi a inclusão dos voluntários e a adaptação às novas formas de trabalho e atuação, principalmente em relação aos docentes, que passaram a ministrar as aulas de suas residências. As mudanças foram acompanhadas por reuniões virtuais para discutir necessidades e soluções, sendo crucial esse contato mais próximo, além do comprometimento grupal em um momento de crise.

Esse senso de coletividade, fortemente presente no período pandêmico, está diretamente ligado ao Valor da Grupalidade, que será melhor abordado mais à frente, sendo que, na prática, esses princípios não atuam de forma isolada, mas se complementam e se

---

<sup>94</sup> A Associação Internacional de Pesquisas Seriológicas e Holobiográficas é uma Instituição Conscienciocêntrica fundada em 14 de dezembro de 2014, cujo objetivo é o estudo de vidas passadas (Silva, 2020, p. 248).

<sup>95</sup> Associação Internacional de Conscienciométrica Interassistencial é uma Instituição Conscienciocêntrica fundada em 24 de fevereiro de 2006, cujo objetivo é a reflexão íntima, auto e heteroavaliação (Silva, 2020, p. 219)

<sup>96</sup> Associação Internacional de Conscienciológica para a Infância é uma Instituição Conscienciocêntrica fundada em 09 de julho de 2006 e especializada em educação infantil (Silva, 2020, p. 227).

fortalecem mutuamente. E um dos maiores exemplos disso pode ser visto na matéria de agosto de 2004 (ed. 109), intitulada “Avaliação institucional mobiliza *campus*: programa Voluntários em Ação”.

O texto abordava o projeto realizado pelo Setor de Voluntariado que, desde o início de 2004, promovia um cronograma de atividades para debater os direitos e deveres dos voluntários, assim como potencialidades e dificuldades do CEAEC, sendo que os resultados concretos seriam expostos em forma de um documento: a Declaração dos Princípios do Voluntário do CEAEC.

Essa matéria é interessante para entender quatro pontos: em primeiro lugar, muitas iniciativas eram coletivas, o que pode ser identificado no fato de que o projeto era em formato de fórum, ou seja, aberto ao debate e à participação dos interessados. Em segundo lugar, era importante a liderança de pessoas com conhecimento na área, visto que a comunidade é formada por indivíduos de diferentes formações profissionais e experiências variadas. No caso, o projeto estava sendo orientado por docentes com conhecimento em metodologia científica (três professoras cujas áreas de trabalho relacionavam-se com o tema).

Em terceiro lugar, como um projeto institucional, havia ordem e hierarquização dos processos, com um cronograma pré-definido e a intenção de apresentar os resultados em forma de documento ao comitê e colegiado gestor para oficialização. E, por fim, a participação de 50 voluntários em contraponto aos quase 200 existentes, conforme informa a matéria, demonstra uma questão que eventualmente desponta: necessidade de conscientização e motivação para maior engajamento.

A institucionalização também pode ser considerada um valor, e segundo Silva (2020), é uma prática utilizada para desenvolver áreas ou especialidades da Conscienciologia, sendo que algumas iniciativas nasciam por sugestão de Waldo Vieira e outras, por iniciativa dos próprios voluntários a partir de suas áreas de interesse. “Algumas desenvolveram-se a partir de grupos de pesquisa da Conscienciologia (GPCs), outras surgiram para preencher lacunas na comunidade conscienciológica” (Silva, 2020, p. 269).

As sugestões do prof. Waldo Vieira podiam ser utilizadas no Jornal para validar iniciativas, então, declarações de que determinado fato havia sido sugerido, proposto, apoiado, confirmado, ou mesmo intencionado por ele, eram comuns. Há, por exemplo, uma matéria que consta um documento escrito à mão para justificar a criação de uma Instituição Conscienciocêntrica (ed. 211, de abril de 2018) e uma retrospectiva histórica sobre o motivo

dele ter escolhido Foz do Iguaçu (ed. 16, de novembro de 1996), que diz que “é notável o esforço demandado pelo professor Waldo em contribuir para que o CEAEC seja uma realidade”<sup>97</sup>. Silva corrobora esse pensamento ao afirmar que “o propositor da Conscienciologia, Waldo Vieira, inventou um cotidiano a ser vivenciado no bairro Cognópolis” (Silva, 2020, p. 440), ou seja, ele é usado como referência central, sendo sua figura uma importante fonte de autoridade.

Ao mesmo tempo, o próprio Jornal da Cognópolis veicula conteúdos em que ele tentava desconstruir essa imagem, apresentando-se mais como um facilitador do conhecimento do que como uma liderança incontestável. Contudo, a recorrência de sua presença no discurso institucional sugere que sua influência permaneceu como um eixo estruturante do grupo, o que pode ser interpretado tanto como uma força agregadora quanto como um fator de eventuais limitações.

Há um exemplo expressivo na ed. 107, de junho de 2004, em que foi realizada uma excursão grupal à sua cidade natal, em Minas Gerais. É interessante observar o contraste entre a forma como os participantes percebem o evento e a maneira como o próprio Waldo se posiciona em relação aos fatos em torno de sua pessoa. O Jornal traz essa matéria em tom comemorativo, com uma abordagem predominantemente elogiosa, assim como os depoimentos dos participantes.

Porém, na entrevista, o prof. Waldo Vieira afirma: "Essa viagem vai acabar com muita bobagem de misticismo e gurulatria a meu respeito"<sup>98</sup>, frase que foi destacada no Jornal como um olho, um recurso gráfico utilizado para evidenciar trechos considerados centrais na matéria. Essa escolha sugere uma tentativa de reforçar uma postura imparcial e de se posicionar como um veículo que estimula o senso crítico, no entanto, a linguagem e o enquadramento reforçam apenas um lado da narrativa. Isso cria um contraste sutil entre a intenção de isenção e a forma como os acontecimentos são de fato apresentados, sugerindo que, mesmo com o esforço para evitar a idealização, o olhar coletivo tendia a reforçar o seu papel central na comunidade.

---

<sup>97</sup> Fonte: CEAEC - Centro de Altos Estudos da Consciência - Informativo da Cooperativa dos Colaboradores do Instituto Internacional de Projeciologia, Foz do Iguaçu, ano 2, n. 16, p. 2, nov. 1995.

<sup>98</sup> Fonte: Jornal do Campus CEAEC - Mensário da Associação Internacional do Centro de Altos Estudos da Conscienciologia, Foz do Iguaçu, ano 9, n. 107, p. 4, jun. 2004.

Tal dualidade evidencia um paradoxo na dinâmica da Cognópolis. Por um lado, o próprio Waldo Vieira reforçava a importância da autonomia, desestimulando qualquer forma de personalismo. Por outro, sua presença é considerada um eixo estruturante, o que pode ser visto como reflexo natural da relevância de seu trabalho, mas também levanta questões sobre o grau de independência do grupo em relação ao seu fundador. Assim, embora o referencial possa ter funcionado como fator agregador, ao mesmo tempo, pode ter limitado novas abordagens.

Na opinião desta autora, após investigar o objeto de pesquisa, é que o prof. Waldo Vieira, enquanto pessoa, estava fazendo aquilo que ele acreditava e usava sua influência para motivar as pessoas em prol de um objetivo comum, no caso, a construção de um *campus* de pesquisa que, em qualquer situação, não seria tarefa fácil, mas que, neste caso, era ainda mais desafiador pelo sistema de voluntariado. Do mesmo modo, as lideranças, o próprio Jornal, inclusive, usava sua imagem enquanto propaganda, pois sabiam que isso iria ecoar na comunidade. Essa é uma técnica comum, já que “a liderança inspiradora tem se mostrado um aspecto essencial no desenvolvimento de equipes de alto desempenho e no alcance de resultados significativos em organizações de diferentes segmentos” (Torelli *et al.*, 2024, p. 13).

A liderança inspiradora é um conceito que descreve a capacidade de um líder em motivar, influenciar e guiar sua equipe para obter o melhor de cada um, desenvolvendo as pessoas para atingir a sua máxima potência, inspirando-as, motivando-as e desafiando-as (Torelli *et al.*, 2024, p. 16). Desta maneira, é natural que a figura de Waldo Vieira tenha sido uma referência mobilizadora, pois seu histórico conferia legitimidade e coesão ao grupo, sendo fundamental para a consolidação da Cognópolis. Por outro lado, fica o questionamento: até que ponto a autonomia dos indivíduos foi impactada?

Voltando à questão da institucionalização, Silva (2020) cita o nobelista em Economia, Douglas North (1920–2015), e sua moderna corrente de pensamento econômico chamada “institucionalismo”, para afirmar que

o conjunto de instituições de uma sociedade (...) é o que determina o sucesso ou o fracasso do seu projeto nacional.” Instituições ditas positivas, possuem valores tais como: “confiança mútua, ética do trabalho, reciprocidade, senso comunitário, valorização social do mérito e do esforço individual (...), contribuem para a coesão e a interação harmônica da sociedade.” Instituições ditas negativas, despertam desconfiança do próximo, valorização do mínimo esforço, da “esperteza”, o

descompromisso com a palavra dada e com as obrigações assumidas (Silva, 2020, p. 270)

Ela declara que, embora as instituições não resolvam todos os problemas, elas ajudam a concretizar e a consolidar valores sociais, sendo que instituições conscienciocêntricas seriam criadas para dar suporte aos voluntários. Isso pode ser observado na matéria “Acolhimento ao voluntariado é estruturado” (ed. 226, de agosto de 2019), que fala do Serviço de Acolhimento ao Voluntário (SAV), estruturado no Conselho de Intervoluntariado da UNICIN, com foco em acolher, ouvir e encaminhar o voluntário com algum tipo de insatisfação quanto às atividades desenvolvidas.

Isso demonstra que a institucionalização dentro da Cognópolis não se restringia à gestão administrativa, mas também tinha papel essencial na manutenção do suporte individual, reconhecendo que, para que o voluntariado fosse sustentável, era necessário criar espaços que garantissem bem-estar e equilíbrio aos participantes. Por outro lado, o fato de ser preciso um órgão específico para isso pode demonstrar que as demandas poderiam gerar pressões e desgastes que iam de encontro aos ideais e valores disseminados.

Há também a matéria “Você sabe como nasceu a Interpares?”, na ed. 211, de abril de 2018, que explica que o objetivo da instituição é amparar indivíduos (não apenas voluntários) com dificuldades financeiras, propiciando meios de realizarem cursos e atividades da Conscienciologia. O texto declara que a instituição existe desde 2016 em parceria com outras, e aproveita para requisitar auxílio para formação de fundos e voluntários para colaborar nos trabalhos.

A existência desta estrutura reforça a ideia de que a Conscienciologia não se fundamentava apenas na autonomia individual, mas também na reciprocidade e no senso comunitário, princípios alinhados ao conceito de instituições positivas discutido por North (*apud* Silva, 2020). Além disso, revela um grau de amadurecimento institucional, onde não apenas se incentivava a participação, mas também se reconhecia a importância de reduzir barreiras de acesso a ela.

O Jornal também faz seu papel questionador, de incitador das reflexões, principalmente em relação à autoconscientização sobre as responsabilidades individuais e coletivas. Por exemplo, na ed. 169, de agosto de 2009, o próprio jornalista provocou o entrevistado ao afirmar que uma das crises do momento era o comprometimento com o

voluntariado. Além disso, outros assuntos foram trazidos à pauta, como a falta de alunos, ruídos no voluntariado, impacto na esfera administrativa, sistema econômico-financeiro sujeito a incertezas.

Ao trazer essas questões, o Jornal exercia uma função crítica e reflexiva, estimulando os leitores a analisarem os desafios da comunidade e demonstrando que estava a par das fragilidades e pontos de tensão. Isso mostra que, embora houvesse uma idealização bastante comum na mídia institucional, também havia momentos que o Jornal falava enquanto membro da comunidade. Para isso, usava entrevistas, textos assinados, espaço para a colaboração, evidenciando além da diversidade de vozes, sua construção conjunta.

Em suma, o Jornal da Cognópolis reflete o Valor do Voluntariado tanto em sua produção quanto nos conteúdos que destaca, incentivando a participação e o senso de pertencimento. Esse engajamento se conecta diretamente aos princípios do Universalismo e da Maxifraternidade, pois a atuação coletiva é vista como um meio de promover a interassistência sem distinção. Assim, o Jornal não só registra, mas também fomenta a valorização do outro, se tornando um veículo de integração.

### 3.2 VALOR DO UNIVERSALISMO E DA MAXIFRATERNIDADE

Dois valores interligados que são evidenciados no Jornal são o Universalismo e a Maxifraternidade, elementos fundamentais para a construção de uma comunidade avançada, já que, segundo Waldo Vieira, “O que nós estamos querendo aqui em Foz? Vamos falar francamente. Nós estamos querendo trazer as tinturas, o ambiente, a atmosfera, o holopensene<sup>99</sup> de uma comunidade extrafísica<sup>100</sup> evoluída”<sup>101</sup>.

Para este valor, foram buscadas matérias que trouxessem as palavras-chave de mesma raiz semântica, como “universal”, “universalidade”, “fraterno”, ou com um sentido

---

<sup>99</sup> *Holopensene* é um neologismo da Conscienciologia. O vocábulo é composto da união de fragmentos de algumas palavras: holo = conjunto; pen = primeira sílaba de “pensamento”; sen = primeira sílaba de “sentimento”; e = primeira sílaba de “energia”. Assim, holopensene significa o conjunto de pensamentos, sentimentos e energias (Silva, 2020, p. 217). Pode indicar, também, um ambiente com pensenes agregados ou consolidados, sinônimo: egrégora (Vieira, 1994, p. 51).

<sup>100</sup> Comunidade Extrafísica: reunião e vida em comum de consciências sem o corpo físico em uma dimensão extrafísica (além do físico, material) (Vieira, 1994, p. 45).

<sup>101</sup> Fonte: Centro de Altos Estudos da Consciência - Informativo da Cooperativa dos Colaboradores do Instituto Internacional de Projeciologia, Foz do Iguaçu, ano 1, n. 6, p. 2, jan. 1996.

relacionado, como “abertismo”, “acolhimento”, “tríplice fronteira”, “sociedade”, “visitantes”, “encontros”. Instituições como a Associação dos Moradores e Amigos da Cognópolis (AMAC), por exemplo, constam em diferentes valores, a depender do sentido e contexto de cada matéria. Por isso, é reiterado que o conteúdo latente, muitas vezes, influencia mais as interpretações do que o manifesto.

Maxifraternidade é a condição fundamentada na fraternidade pura, livre de interesses, sectarismos ou exclusões, sendo que esse conceito desafia padrões convencionais de relacionamento interpessoal, propondo uma visão ampliada de convivência, baseada na ética e na intercompreensão. Pela Conscienciologia, “o ideal é alimentar o grau de amor ou afeto universalista, dedicado a todos os seres” (Vieira, 1994, p. 370).

Já o Universalismo é o entendimento de que as leis fundamentais da Natureza e do Universo são aplicáveis a todas as consciências, independentemente de origem, cultura ou crenças individuais. Trata-se de um princípio que promove uma visão integrada da humanidade, sendo associado à necessidade de superar preconceitos e reconhecendo que o processo evolutivo é coletivo e interdependente. “É queda de fronteiras, contato entre os povos e contato das culturas, neste mundo moderno que nos penetra de todas as maneiras” (Vieira, 1994, p. 638).

O Jornal não apenas difunde esses valores, mas também funciona como um registro de como eles se manifestam no cotidiano da comunidade. A ed. 60, de julho de 2000, por exemplo, em que o CEAEC completava cinco anos de existência, traz uma matéria retroativa, enumerando os feitos realizados até aquele momento. No texto, o trecho “Pensava-se em uma interação mais próxima com a sociedade, possibilitando levar o conhecimento consciencial a um maior número de pessoas”<sup>102</sup> mostra que o objetivo, desde o início, seria expandir os conhecimentos e projetos para além do grupo, alinhado aos princípios do Universalismo e da Maxifraternidade.

Tal ideia continua permeando a comunidade, como na ed. 130, de maio de 2006, a matéria “Inversão Mesológica<sup>103</sup>: você influencia positivamente o meio em que vive?” entrevista professores que fazem provocações ao leitor: “Você já parou para pensar o quanto

---

<sup>102</sup> Fonte: CEAEC - Centro de Altos Estudos da Consciência - Jornal da Cooperativa dos Colaboradores do IIPC - CEAEC, Foz do Iguaçu, ano 5, n. 60, p. 1, jul. 2000.

<sup>103</sup> Mesologia: meio, ambiente, *zeitgeist*, condicionamentos culturais (Vieira, 1994, p. 99).

contribui para a melhoria da socin<sup>104</sup> a partir dos conhecimentos de Conscienciologia já adquiridos? Você influencia positivamente o meio onde está ou deixa-se levar pelas interferências patológicas?”<sup>105</sup>.

Na opinião deles, o conhecimento conscienciológico deveria romper os limites das Instituições Conscienciocêntricas para chegar à sociedade e atingir os formadores de opinião, estabelecendo-se. Eles também explicam que, ao invés de considerar a sociedade como meramente provedora da vida econômica, seria importante os voluntários pensarem em influenciar positivamente e transformar, a partir da mudança pessoal interna, o meio em que viviam. “É importante entender que dependemos do meio e o meio depende de nós”<sup>106</sup>, tal fala estimula a autocrítica ao levantar uma questão: até que ponto os voluntários aplicavam os princípios conscienciológicos em seu cotidiano fora das instituições? Além disso, evidencia um dos desafios da comunidade: a possibilidade de, ao se dedicarem exclusivamente à Conscienciologia, negligenciar compromissos essenciais com o trabalho, a família e outras esferas da vida social.

Essa percepção de isolamento não é apenas uma reflexão interna, mas é formalmente evidenciada em 2007, quando foi publicada uma Carta Aberta pela Diretoria do CEAEC na “A Gazeta do Iguaçu”, de 13 de fevereiro de 2007<sup>107</sup> com argumentos para desmentir “uma série de informações infundadas e distorcidas propagadas a respeito da filosofia e procedimentos da instituição e de seus voluntários” (Silva, 2020, p. 225).

Dentre os argumentos presentes na carta, o primeiro é que o CEAEC seria aberto a quaisquer interessados, recebendo regularmente visitantes e alunos de outras instituições. Tal questão já foi exposta no segundo capítulo a partir da seção fixa intitulada “Eu Visitei o CEAEC”, porém, existem outros exemplos, como a criação do CEAEC Receptivo, divulgado na ed. 166, de maio de 2009, um projeto antigo que estava sendo consolidado e que teria como meta aprimorar a recepção dos visitantes. Essa iniciativa pode ser

---

<sup>104</sup> Socin, ou *Sociedade Intrafísica*, é a sociedade humana (Vieira, 1994, p. 58).

<sup>105</sup> Fonte: *Jornal do Campus CEAEC - Mensário da Associação Internacional do Centro de Altos Estudos da Conscienciologia*, Foz do Iguaçu, ano 11, n. 130, p. 3, mai. 2006.

<sup>106</sup> Fonte: *Jornal do Campus CEAEC - Mensário da Associação Internacional do Centro de Altos Estudos da Conscienciologia*, Foz do Iguaçu, ano 11, n. 130, p. 3, mai. 2006.

<sup>107</sup> DIRETORIA do CEAEC. Conscienciologia: esclarecimento e convite. *A Gazeta do Iguaçu*, Foz do Iguaçu, ano 18, n. 5.576, p. 18-19, 13 fev. 2007.

compreendida como a formalização de uma preocupação histórica em estabelecer o CEAEC enquanto um espaço de pesquisa acessível a diferentes públicos.

Outro exemplo eram as visitas de autoridades, como o fundador da Embraer, Ozires Silva (ed. 195, de outubro de 2011) e o embaixador do sultanato de Omã juntamente com sua comitiva (ed. 198, de janeiro de 2014). A presença destas figuras pode ser interpretada enquanto uma demonstração de prestígio institucional, porém, de maneira mais aprofundada, representaria um esforço para superar barreiras e se inserir em um espaço mais amplo de diálogo com outras áreas da sociedade.

O segundo argumento da carta é que o CEAEC disponibilizaria a Holoteca e suas tecas à comunidade iguaçuense. Sobre isso, também já foram trazidos alguns exemplos no segundo capítulo, mas é importante salientar a ed. 95, de junho de 2003, com a matéria “Holoteca abre suas portas para a comunidade de Foz do Iguaçu”. Ela registra a cerimônia, que contou com a presença da Secretária Municipal de Educação, Leonilda Tomiello Grisson, evidenciando o reconhecimento do espaço pelas autoridades iguaçuenses enquanto instrumento pedagógico acessível e um avanço na democratização do conhecimento na região.

A matéria no Jornal também faz um convite à comunidade iguaçuense para conhecer o acervo, o qual é reiterado na ed. 133, de agosto de 2006. Aqui, surgiu um questionamento: quem realmente recebeu esse convite? Tal informação é relevante pois, a despeito da ausência de dados claros sobre sua distribuição, a análise das edições sugere que o alcance do Jornal fora do grupo era limitado e o convite estava restrito a quem já acompanhava os avanços da Holoteca. Essa questão levanta um ponto crucial: se o objetivo era difundir os princípios conscienciológicos para além dos círculos internos, a estratégia de distribuição adotada no Jornal precisaria ser avaliada. Novamente, percebe-se um descompasso entre teoria e prática, em que narrativas idealizadas enfrentariam barreiras concretas.

Um convite também foi feito na ed. 139, de fevereiro de 2007, para a Exposição Vincenzo Juan de Lastanosa: o agitador intelectual do século XVII, no Centro de Recepção de Visitantes da Itaipu Binacional, resultado de parceria entre CEAEC, Comunicons e Itaipu. Nesse caso, ele era direcionado também à comunidade e demonstra um fato interessante: além de receber visitantes, a Holoteca levava partes do acervo para integrar diferentes projetos na Tríplice Fronteira. Isso demonstra que, apesar das limitações na circulação do

periódico, houve esforços concretos para estabelecer conexões com a sociedade local por outros meios, como parcerias institucionais e eventos culturais.

Outro exemplo foi a Brinquedoteca Itinerante, realizada em outubro de 2009 (ed. 171) em espaço de grande circulação, o JL Cataratas Shopping, demonstrando uma estratégia de aproximação de um público diversificado (600 crianças e suas famílias). Já a escolha da astronomia como tema, em parceria com uma instituição consolidada como o Polo Astronômico Casemiro Montenegro Filho, mostrou um esforço de legitimação e reconhecimento dentro de um contexto educacional mais amplo, indo além dos limites do Paradigma Consciencial.

O espaço no shopping JL Cataratas, chamado “Expoconscienciologia”, foi outro ponto de contato, recorrente e estratégico, entre a Conscienciologia e a comunidade iguaçuense. Sua presença no Jornal da Cognópolis é registrada pela primeira vez na ed. 147, de outubro de 2007, em referência à exposição Mulheres Ativistas, organizada pela Holoteca em comemoração ao Dia Internacional da Mulher. No entanto, sua função e propósito são detalhados mais amplamente na matéria “Expoconscienciologia: laboratório da interassistenciologia” (ed. 151, de fevereiro de 2008), onde a coordenadora do projeto ressalta a importância do espaço na desmistificação da Conscienciologia.

A existência de boatos e concepções distorcidas sobre a CCCI, mencionados de forma bem-humorada na entrevista, reflete um desafio comum a grupos que propõem paradigmas alternativos: a necessidade de esclarecer sua atuação e objetivos diante da sociedade. Tanto que Silva (2020, p. 283) cita um ensaio teórico sobre as relações entre grupos estabelecidos e grupos novos (chamados *outsiders*) desenvolvido por Norbert Elias e John L. Scotson (1965), que explica a tendência inicial de estigma e exclusão. Sobre isso, ela reflete que a relação entre a comunidade conscienciológica e a sociedade iguaçuense parece ter se estabelecido em três momentos:

um primeiro de acolhimento e observação por parte dos iguaçuenses em relação à materialização do CEAEC; um segundo de desinformação e tensão nessa relação, haja vista a necessidade da carta aberta à população de Foz do Iguaçu; e uma terceira fase, de entendimento e de harmonização na relação entre os iguaçuenses e os conscienciólogos (Silva, 2020, p. 283).

Um dos equívocos recorrentes sobre a CCCI, abordados pela coordenadora do Expoconscienciologia na entrevista, envolvia a visão incorreta sobre a antimaternidade voluntária, estudada pela Conscienciologia como um tema de reflexão e escolha pessoal, sem qualquer postura contrária à infância. Esse aspecto foi abordado na ed. 171, de outubro de 2009, em uma entrevista com uma pesquisadora da área, e também esclarecido na Carta Aberta.

Contrariando tais percepções, projetos voltados à infância evidenciam o compromisso da Conscienciologia com essa faixa etária. Na ed. 155, de junho de 2008, por exemplo, um grupo de crianças participantes da Dinâmica Bioenergética para Crianças e Adolescentes entrevistaram o prof. Waldo no Holociclo e o Jornal publicou a entrevista. Também registrou livros e publicações lançados para esse público (ed. 77, de dezembro de 2001) e duas Instituições Conscienciocêntricas voltadas às pessoas jovens: Evolucion<sup>108</sup> e Assinvéxis.

O espaço "Expoconscienciologia" seria uma ponte entre a CCCI e a sociedade porque representava a Conscienciologia em um ambiente central na comunidade iguaçuense. Sua proposta de desmistificação e promoção da interassistencialidade demonstrava uma intenção legítima de tornar os conceitos conscienciológicos mais acessíveis ao público externo e também de se integrar. No Jornal, o texto da ed. 151 trouxe o trecho "Pode ser visto como a sala de visitas da Cognópolis, um ambiente aberto e assistencial cuja finalidade é a de acolher as pessoas de qualquer procedência, para que elas possam se sentir à vontade e fazer as perguntas que desejarem"<sup>109</sup>.

Ele continha uma sala de recepção com DVD para exibir vídeos da Conscienciologia, imagens da Cognópolis e material informativo, além de 20 voluntários colaborando em 3 turnos, divididos nos horários de 10 às 14h, 14 às 16h e 16 às 22h. A matéria também fez o balanço de um mês de atendimento: 711 pessoas de 11 países e 11 estados, com média de 9 pessoas por dia, chegando, ao máximo, 28 pessoas. Em julho de 2009, na ed. 168, foi publicada uma matéria que o espaço fora remodelado e estaria aberto à visita do público

---

<sup>108</sup> Associação Internacional de Conscienciologia para a Infância, fundada em 09 de julho de 2006, com objetivo de atender crianças 0 a 12 anos de idade e seus pais (Silva, 2020, p. 219).

<sup>109</sup> Fonte: Jornal do *Campus* CEAEC - Mensário da Associação Internacional do Centro de Altos Estudos da Conscienciologia, Foz do Iguaçu, ano 13, n. 151, p. 2, fev. 1998.

com estande, painéis, palestras e eventos semanais, destacando o resultado através de uma foto de capa.

Dois outros argumentos da Carta Aberta fazem referência à comemoração da 1ª Década do CEAEC em 2005, que realizou, junto à Prefeitura, a “I Feira Internacional do Livro”, com a participação de organizações de diferentes formações filosóficas, religiosas e políticas, e o “I Fórum de Diversidade Consciencial: a Diferença Soma”, com a presença de múltiplas nacionalidades (Silva, 2020, p. 226). Tal edição (120, de julho de 2005) é a maior e mais complexa do Jornal, com 16 páginas e uma série de reportagens comemorativas.

Na matéria “Eventos da primeira década valorizam cultura da região trinacional”, o texto começou com o seguinte trecho “valorizar o patrimônio cultural da região internacional do Brasil, Paraguai e Argentina e incentivar o diálogo entre os diferentes povos foram as formas encontradas pelo Centro de Altos Estudos da Conscienciologia (CEAEC) para comemorar a 1ª década de trabalho junto à comunidade de Foz do Iguaçu”<sup>110</sup>. E continuou dizendo que, durante 15 dias, a cidade foi homenageada com seis eventos promovidos pelo CEAEC em parceria com órgãos públicos e privados: a I Mostra Internacional de Cinema: Multiculturalismo e Conscienciologia, a I Feira Internacional do Livro, a Expoconsciência, o I Fórum de Diversidade Consciencial: a Diferença Soma, a I Mostra Filatélica (selos) e o Aniversário da 1ª Década do *Campus* CEAEC.

A solenidade de abertura aconteceu no Espaço das Américas, anfiteatro situado no Marco das Três Fronteiras, às margens do Rio Iguaçu e Paraná, e tiveram a presença de autoridades representando a Secretaria Municipal de Educação, a Câmara de Vereadores, a Fundação Cultural, universidades da cidade, além das 286 pessoas que prestigiaram a solenidade.

Essa série de eventos foi relevante para a CCCI e mobilizou também a região, por exemplo, a terceira página da edição trouxe uma cobertura de assessoria de imprensa com lista das aparições que os eventos comemorativos tiveram na mídia local e estadual na matéria intitulada “Mídia mostra Foz do Iguaçu cultural e intelectual”. No texto, a autora

---

<sup>110</sup> Fonte: Jornal do *Campus* CEAEC - Mensário da Associação Internacional do Centro de Altos Estudos da Conscienciologia, Foz do Iguaçu, ano 10, n. 120, p. 1, set. 2005.

afirmou que os eventos “contribuíram para projetar imagem positiva de Foz do Iguaçu, colocando em evidência valores culturais e intelectuais”<sup>111</sup>.

Sobre a “I Feira Internacional do Livro”, a edição afirma que a feira se tornou referência de interação do CEAEC com a sociedade, “Passamos à comunidade uma imagem de instituição de pesquisa, preocupada com a educação, cultura e comprometida com o voluntariado”<sup>112</sup>. Traz também uma série de relatos publicados em outros jornais, como o do escritor Moacir Scliar, membro da Academia Brasileira de Letras, para quem a realização da Feira do Livro foi importante para que Foz do Iguaçu mostrasse ser mais do que turismo e comércio de fronteira, mas também sua dimensão cultural, com grande número de instituições de ensino.

Já sobre o I Fórum de Diversidade Consciencial: a Diferença Soma, a matéria “Grupos étnicos debatem multiculturalismo no CEAEC”, informa que representantes das comunidades guarani, árabe, portuguesa, chinesa, paraguaia e argentina - considerados os maiores agrupamentos étnicos de Foz do Iguaçu, reuniram-se no dia 14 de julho para debater o multiculturalismo da Tríplice Fronteira. O encontro, que reuniu 253 pessoas, teve como objetivo fomentar o diálogo, sendo que, durante o evento, foi elaborado um documento síntese assinado por todos os participantes para ser entregue à Prefeitura de Foz do Iguaçu e à Fundação Cultural e Unesco.

As matérias desta edição tiveram autorias diversas, muitas das quais não eram escritores recorrentes do Jornal. É o caso desta reportagem, cujas informações se mostram controversas, especialmente ao tratar nacionalidades como etnias e ao afirmar, sem embasamento estatístico, que esses seriam os principais grupos de Foz do Iguaçu. Essa incongruência será apontada, mas não aprofundada no presente trabalho, cujo foco principal é o periódico.

Sobre ele, é possível inferir o seguinte: pode ser que a autora do texto não estivesse ciente da distinção conceitual, já que o Jornal, por sua natureza colaborativa, recebia contribuições de voluntários de diversas áreas acadêmicas. Porém, considerando que a CCCI se posicionou ao longo de toda a edição enquanto um grupo intelectualizado, aberto ao diálogo e engajado no desenvolvimento cultural de Foz do Iguaçu, percebe-se uma

---

<sup>111</sup> Fonte: Jornal do *Campus* CEAEC - Mensário da Associação Internacional do Centro de Altos Estudos da Conscienciologia, Foz do Iguaçu, ano 10, n. 120, p. 3, set. 2005.

<sup>112</sup> Idem, p. 8.

incoerência em tal fato ter passado despercebido. Além disso, a responsabilidade pela revisão das informações cabe ao Jornal e, ao ter publicado, ele legitimou o texto.

Dito isso, a variedade de eventos voltados ao público externo contidos na ed. 120 demonstra um esforço real para expandir o alcance da Conscienciologia e se posicionar enquanto instituição aberta ao diálogo, podendo ser vista, de maneira geral, como um marco importante dos valores do Universalismo e da Maxifraternidade dentro da CCCI.

O quinto argumento da Carta Aberta é que o CEAEC “promove eventos gratuitos, por exemplo as tertúlias diárias de 12h30 às 14h30, transmitidas pela *internet*, além das palestras gratuitas realizadas pelas demais instituições conscienciológicas” (Silva, 2020, p. 226). Essa afirmação não pareceu uma defesa institucional, mas reflexo de aspectos centrais na CCCI: a acessibilidade do conhecimento e a promoção de espaços voltados ao diálogo.

Conforme explica Silva (2020), em 2001, Waldo Vieira iniciou as tertúlias - ou conversa entre amigos - de modo esporádico e informal, dentro do Holociclo. A partir de novembro de 2002, elas foram realizadas no Salão Verde, espaço do restaurante do CEAEC, após o almoço, até fixarem o horário de 12h30 às 14h30. Em 20 de fevereiro de 2007, foi decidido que seria construído um prédio específico para as tertúlias, denominado *Tertuliarium*, inaugurado em 30 de novembro de 2008. O projeto, segundo ela, envolveu toda comunidade, “que por meio de várias iniciativas tais como doações, ações entre amigos, cursos, venda de souvenir, conseguiu arrecadar 1 milhão de reais em dez meses” (Silva, 2020, p. 164).

O Jornal foi parte integrante deste movimento, desde a primeira menção à elaboração do projeto do *Tertuliarium* (ed. 127, de fevereiro de 2006), o lançamento da Pedra Fundamental (ed.139, de fevereiro de 2007), as obras (ed. 145, de agosto de 2007), os testes das tertúlias *online* (ed. 147, de outubro de 2007), as listas com os tipos de colaboração possíveis para ajudar a construção (ed. 149, dezembro de 2007), prestação de contas dos gastos (ed. 151, de fevereiro de 2008), e ações, como a foto coletiva simbólica com o prof. Waldo Vieira mediante uma taxa para ajudar nas obras (ed. 152, de março de 2008), dentre outras.

Merece menção especial a matéria “Tertúlia realiza campanha de âmbito nacional” (ed. 177, de abril de 2010) em que foi montada uma campanha para aumentar o acesso às Tertúlias a partir de propaganda na TV (3 dias com uma inserção diária no Jornal Nacional, Bom Dia Brasil e Jornal Hoje, todos na TV Globo).

Segundo o Jornal, para efetuar o pagamento, de grande valor, foi feita uma campanha paralela de arrecadação, a qual viabilizou a ação. Além disso, embora a proposição tenha vindo do prof. Waldo Vieira, o esforço foi grupal, desde a apresentação de mapas e sugestões de mídia, a produção do comercial, o aprimoramento do *site* para receber os acessos, as negociações com as empresas, etc. No parágrafo final, o texto afirma que o retorno foi grande, considerando as poucas inserções, e reconhece que precisaria de uma campanha mais extensa, com inserções diárias, mas que isso não era possível no momento.

O *Tertuliarium*, embora seja uma estrutura física, simbolicamente representa diversos dos valores que constam nesse trabalho, como a Grupalidade, o Maxifraternismo, a Intelectualidade. Assim como a Holoteca, o Holociclo, e a Aleia dos Gênios da Humanidade, ele também é considerado um local de memória coletiva. Silva (2020, p. 180), apoiada no historiador francês Jacques Le Goff (1924 - 2014), considera

“o Holociclo e a Holoteca como lugares topográficos (ou seja, os equivalentes aos arquivos, às bibliotecas e aos museus); o *Tertuliarium*, a Aleia dos Gênios da Humanidade e o próprio prédio da Holoteca com sua arquitetura em “S”, são exemplos de lugares monumentais (ou seja, “como os cemitérios ou as arquiteturas”), sendo que o *Tertuliarium* pode ser considerado também como lugar simbólico, devido à ocorrência de inúmeras comemorações, de aniversários de membros da comunidade, de lançamento de livros, de conquistas coletivas” (Silva, 2020, p. 180).

Como ela mesmo menciona em sua tese, cada uma dessas estruturas daria um trabalho à parte, portanto, para a presente dissertação, é importante ressaltar que elas são, além de físicas, expressões materiais dos valores da comunidade.

E o sexto argumento é que o IIPC possuía o título de Utilidade Pública Federal (UPF) desde 1998, ou seja, era uma instituição comprovadamente prestadora de contribuições sociais ao público em geral (Silva, 2020, p. 226). Tal fato foi mencionado nas ed. 32, de março de 1998, ed. 145, de agosto de 2007 e ed. 196, de novembro de 2011, quando comemorou o Jubileu de Prata, sendo que a instituição renovou este título por 17 anos ininterruptos, “quando foi revogada a Lei da UPF (Lei n. 91, de 28/08/1935), ou seja, hoje esse reconhecimento pelo Ministério da Justiça não existe mais” (Silva, 2020, p. 154).

Esse fato demonstra um aspecto interessante da trajetória da Conscienciologia: a busca por institucionalização sem abrir mão de seus princípios. O IIPC, ao obter esse título, não apenas conquistou um espaço formal dentro da estrutura legal do país, mas também

reafirmou sua intenção de se posicionar como um agente legítimo no campo do conhecimento, mesmo com bases teóricas e metodológicas próprias.

Isso porque, como já dito, os temas estudados pela Conscienciologia desafiam paradigmas científicos e filosóficos tradicionais, o que pode naturalmente gerar desconfiança em algumas pessoas, sem que essa resistência signifique uma falha da instituição, mas sim uma reação previsível quando novas ideias entram em contato com sistemas de crenças já estabelecidos.

Deste modo, o esforço da CCCI em promover eventos públicos, dialogar com diferentes setores da sociedade e se posicionar de maneira transparente já pode ser considerado um reflexo do Universalismo e da Maxifraternidade. Mesmo que essas iniciativas nem sempre resultem em uma aceitação ampla ou em um engajamento duradouro, ou sejam realizadas de maneira perfeita ou ideal, o ato de buscar é, por si só, uma forma de manifestação desses valores.

Outros exemplos podem ser vistos em: ações coletivas, como na matéria “Foz limpa Foz Linda”, sobre um movimento idealizado por voluntária da Cosmoethos<sup>113</sup> com apoio de instituições da cidade (ed. 215, de agosto de 2018); eventos, como o debate sobre Experiências de Quase Morte que ocorreu na Fundação Cultural e foi fruto da cooperação entre CEAEC e Unioeste (ed. 139, de fevereiro de 2007); e obras, como o hotel realizado em parceria com a rede Mabu, Mabu *Interludium Iguassu Convention*, cuja inauguração contou com presença dos membros da AIEC, Grupo Mabu, o então prefeito de Foz do Iguaçu, Reni Pereira, e outras autoridades do setor turístico (ed. 199, de fevereiro de 2014).

Assim, a Conscienciologia parece ter adotado diferentes estratégias para se integrar à Tríplice Fronteira ao longo dos anos, o que faz parte do processo natural de um movimento coletivo, institucional ou não, em seu caminho de solidificação e reconhecimento. Tanto que, mesmo após o falecimento de Waldo Vieira, as relações continuaram sendo alimentadas, como na ed. 208, de janeiro de 2018, na matéria “Prefeito de Foz e secretários participam de encontro na Cognópolis”, que conta que o prefeito de Foz do Iguaçu à época, Chico Brasileiro, e sua equipe, encontraram o Colegiado da Conscienciologia no hotel Mabu *Interludium* em 13 de dezembro.

---

<sup>113</sup> A Associação Internacional de Cosmoeticologia foi fundada em 03 de outubro de 2015 e tem como objetivo o estudo da Cosmoética (ética cósmica) (Silva, 2020, p. 248).

Na data, foi apresentado o Plano Diretor da Cognópolis e os principais projetos em andamento. Também estavam presentes membros da UNICIN, AIEC, CEAEC e AMAC, principais representantes da governança da Cognópolis, indicando uma articulação bem estruturada para dialogar com o poder público. O motivo da reunião, segundo a matéria, foi reafirmar o compromisso do grupo com o avanço da cidade, trazendo um histórico da Conscienciologia, as mudanças estruturais da região e projetos realizados pelo CEAEC.

Tais esforços, ao que parece, foram mais que um ato protocolar, mas buscaram demonstrar a relevância da comunidade conscienciológica enquanto agente participante do desenvolvimento local. Também foram doados *kits* com livros da Editares, o que pode simbolizar o compromisso do grupo com a disseminação do conhecimento. A realização deste encontro pode estar relacionada ao fato de Waldo Vieira ser a principal referência da Conscienciologia e sua ausência gerar dúvidas sobre o futuro da comunidade. O encontro, então, seria uma forma de demonstrar que as instituições permaneciam ativas, organizadas e comprometidas com seus projetos, apresentando os responsáveis pela continuidade das iniciativas do grupo, denotando um movimento estratégico em um momento de transição.

A própria AMAC (Associação dos Moradores e Amigos da Cognópolis) representa um elo interessante entre a Conscienciologia e a dinâmica comunitária mais convencional. Diferente das Instituições Conscienciocêntricas com foco voltado à pesquisa, a AMAC atua como um canal de interação entre os residentes da Cognópolis. Sua existência sugere um esforço para estruturá-la não somente enquanto pólo conscienciológico, mas também como um bairro organizado e com representatividade na esfera pública.

Ela foi fundada em 16 de outubro de 2010, e é definida na ed. 193, de agosto de 2011, como “uma associação civil, sem fins lucrativos, baseada na democracia direta para representar os interesses dos moradores ou proprietários de imóveis deste bairro de Foz do Iguaçu”<sup>114</sup>. A diretoria foi eleita em Assembleia Geral, a partir de auto habilitação e sorteio, aberto a todos os moradores do bairro com mais de 18 anos, independente de serem ou não da Conscienciologia. Em sua primeira organização, “das 10 pessoas da diretoria, 6 eram voluntários da Conscienciologia e 4 moradores sem vínculo com a Conscienciologia” (Silva, 2020, p. 243).

---

<sup>114</sup> Fonte: Jornal da Cognópolis - Informativo Mensal da Comunidade Conscienciológica Cosmoética Internacional, Foz do Iguaçu, ano 17, n. 193, p. 4, ago. 2011.

Nas assembleias, os moradores poderiam sugerir ações para a melhoria da segurança e bem estar no bairro e a AMAC foi responsável em articular algumas ações junto ao poder público, como o abaixo-assinado com 400 nomes em prol do recapeamento asfáltico da Av. Felipe Wandscheer e ruas adjacentes (ed. 186, de janeiro de 2011).

Em contrapartida, o documentário “O Bairro na Visão de Seus Moradores”, divulgado na ed. 209, de fevereiro de 2018, aponta um desafio: a falta de conhecimento dos moradores antigos da região sobre a CCCI. O trabalho do voluntário Emanuel Maia entrevistou famílias que viviam ali antes da instalação do CEAEC, revelando que boa parte delas desconheciam a proposta da Conscienciologia e suas atividades. Para mitigar essa lacuna, o documentário intercalou as dúvidas com as respostas de autoridades da comunidade.

Em suma, o relacionamento com a Tríplice Fronteira pode ser representado pela trajetória do próprio Jornal, que mudou o nome para abranger todo o Bairro Cognópolis, mas circulou majoritariamente dentre os voluntários da Conscienciologia. Um exemplo é a matéria da ed. 211, explicando como fazer para visitar o CEAEC, e a ed. 186, de janeiro de 2011, que afirma que o Jornal era distribuído para Instituições Conscienciocêntricas, moradores e também líderes de opinião, como a diretoria da ACIFI (Associação Comercial e Industrial de Foz do Iguaçu).

Contudo, conforme já debatido, há poucos indícios concretos sobre a circulação do periódico fora da comunidade conscienciológica. Por outro lado, a predominância de terminologia interna, o tipo de pautas abordadas e a própria tiragem são indicadores de sua vinculação primordialmente ao público interno. Assim, embora o esforço do Jornal em ser mais do que um informativo institucional, o que pode ser visto nas melhorias gráficas, de processos e de conteúdo, sua natureza reforça suas limitações no diálogo com um público mais amplo, sendo que ele oscila entre ser um veículo de registro da história conscienciológica e uma tentativa de projeção para fora da comunidade, sem alcançar plenamente essa segunda função. Esse ponto é reforçado pela matéria "Começa implantação do condomínio" (ed. 60, de julho de 2000), fala de valores, consta foto da maquete, mas não cita a localização, ou seja, aparentemente parte do princípio de que todos os leitores já sabiam.

Isso reflete um desafio comum a iniciativas deste formato: a busca por reconhecimento externo sem perder a identidade interna, um equilíbrio que, no caso da

Cognópolis, ainda parece pender mais para o fortalecimento do grupo do que para uma expansão efetiva, sugerindo que, embora existam esforços para fortalecer o vínculo com a população externa, há espaço para ampliar essa interação e tornar a Cognópolis mais reconhecida e compreendida.

Os Valores do Universalismo e da Maxifraternidade também estão intrinsecamente ligados ao Valor da Internacionalização, já que envolvem a ideia de expansão, conexão e integração além de fronteiras geográficas, culturais e ideológicas. A Conscienciologia se estrutura como um conhecimento que não se restringe a um grupo específico e pode ser aplicável a toda a humanidade, o que exige, naturalmente, uma atuação global. Além disso, para que ela seja reconhecida como um paradigma válido, precisaria transcender o contexto local, e isso implica não apenas traduzir conceitos e materiais, mas também adaptar a comunicação.

Por isso, o Valor da Internacionalização se manifesta em diferentes situações, seja nos membros que vivem em outros países, ou as próprias Instituições Conscienciocêntricas geralmente levarem “Internacional” no nome, buscando expandir suas atividades para além do Brasil. A CCCI, por sua vez, se chama Comunidade Conscienciológica Cosmoética Internacional, indicando que a internacionalização não seria apenas um objetivo, mas uma consequência natural de valores universalistas e maxifraternos.

Desde cedo, então, fatos relacionados a iniciativas internacionais eram considerados valores-notícia. Por exemplo, as visitas de estrangeiros ao CEAEC, que apareciam em formato de nota, como na ed. 20, de março de 1997, em que um casal neozelandês veio para fazer um curso, ou em textos mais completos, que aprofundavam a vida pessoal, como a entrevista com uma italiana que passou 58 dias no CEAEC e fez vários experimentos, intitulada "Uma virada na vida", na ed. 43, de fevereiro de 1999. Esse tipo de reportagem não apenas evidenciava a diversidade de nacionalidades interessadas na Conscienciologia, mas também servia como um relato de transformação pessoal, demonstrando como a vivência no ambiente do CEAEC poderia impactar diferentes indivíduos ao redor do mundo.

As visitas internacionais aparecem pela primeira vez na ed. 17, de dezembro de 1996, com a vinda de um jornalista inglês ao CEAEC, e a última, na ed. 229, de novembro e dezembro de 2019, em que a matéria “CEAEC é anfitrião permanente de brasileiros e estrangeiros” informa que em oito dias, mais de 190 visitantes passaram pelo *campus*. Ou

seja, não era um tema pontual ou dependente da linha editorial de uma equipe específica, mas sim um valor estrutural, apoiado por todos.

E não eram apenas visitantes, mas colaboradores e alunos internacionais que também eram notícia, como na ed. 65 de dezembro de 2000, na matéria "Evento reúne colaboradores internacionais", que conta sobre uma dupla de professores de Nova Iorque que passou uma temporada no CEAEC auxiliando no Holociclo. Já em outubro de 1999, a ed. 51 publica a notícia de que o CEAEC estaria recebendo a primeira turma internacional, sendo que a foto de capa mostra o grupo posando em frente às Cataratas do Iguçu. Eram 36 alunos que participaram de eventos ministrados pelo prof. Waldo Vieira, sendo que a viagem fora organizada por uma equipe da comunidade que atuava em Nova Iorque.

Não eram somente as vindas ao CEAEC que eram consideradas notícias, o movimento contrário também era válido. A ed. 22, de maio de 1997, informa que houve palestras em Barcelona e Bérghamo. A ed. 95, de junho de 2003, traz uma entrevista com voluntários que iriam para a Austrália intitulada "Conscienciologia na terra dos cangurus".

A edição 204, de agosto de 2017, na matéria "ICs intensificam atividades no exterior" comunica que Assipi, Ectolab<sup>115</sup> e *Consecutivus* realizaram cursos e atividades em Portugal e França, e o texto menciona que o Encontro dos Intermisivistas da Europa estava programado para Estrasburgo, em novembro de 2018. Tal desdobramento é publicado na ed. 218, de novembro de 2018, na reportagem intitulada "Os encontros e reencontros em Estrasburgo", que conta que o encontro reuniu 236 participantes de 15 países, realizado em português e inglês, e que os primeiros 50 inscritos fizeram também passeios turísticos.

Os exemplos supracitados demonstram um avanço concreto na internacionalização da Conscienciologia, sinalizando um esforço estruturado para levar as pesquisas conscienciológicas a públicos internacionais. Além disso, a menção aos passeios turísticos sugere uma oportunidade de convivência e intercâmbio cultural, o que se alinha aos valores do Universalismo e da Maxifraternidade, pois envolve a troca de conhecimentos sem barreiras e a conexão entre pessoas de diferentes partes do mundo.

Outro item que fortalece esse valor é a tradução de materiais para outros idiomas, como as planilhas de pesquisa dos Laboratórios (ed. 38, de setembro de 1998), os Boletins

---

<sup>115</sup> A Associação Internacional de Pesquisa Laboratorial em Ectoplasma e Paracirurgia é uma Instituição Conscienciocêntrica fundada em 14 de julho de 2013, cujo objetivo é o estudo da ectoplasma (Silva, 2020, p. 248).

de Conscienciologia ed. 66, de janeiro de 2001) e livros, como demonstra a ed. 227, de setembro de 2019, que traz estimativa da Editares de 17 em inglês, 11 em espanhol, 1 em alemão e 1 inglês-chinês até aquele momento.

Em março de 2008, a ed. 152 traz a matéria “Excursão à biblioteca do mundo”, em que 30 voluntários vão à Nova Iorque em excursão científica. Alguns pontos interessantes do texto são: a viagem também envolveu um curso em parceria com a IAC e o primeiro curso internacional de Verbetes da Enciclopédia da Conscienciologia, reforçando que embora o intercâmbio cultural fosse importante, a principal motivação eram os eventos de pesquisa. Além disso, a matéria traz o roteiro do grupo, que incluiu visita à *Montauk Bay*, explicando que era uma cidade em que supostamente morava um serenão<sup>116</sup>, visita a museus e outros atrativos culturais. Esse detalhe demonstra um valor compartilhado, integrando elementos de experimentação extrafísica.

E, por fim, o cheque que, segundo a matéria, foi arrecadado com a viagem<sup>117</sup>, no valor de R\$15.243,20, que foi doado ao programa Amigos da Enciclopédia. Essa transparência (até os centavos), é bastante interessante, pois reforça um compromisso com a gestão financeira coletiva. Além disso, o fato de o valor ser publicado com exatidão demonstra um cuidado com a credibilidade, tanto das lideranças quanto do Jornal, perante os voluntários e demais interessados.

A matéria “CEAEC na Expo Portugal” informa que o CEAEC foi apresentar as ideias e propostas de trabalho em evento da Conscienciologia em outubro de 2000, organizado pela IAC. A IAC, ou *International Academy of Consciouness* (Academia Internacional de Consciência), como visto no segundo capítulo, foi a primeira IC a ser fundada no exterior, em outubro de 2000, com sede em Portugal. Em 2014, ela optou por continuar suas atividades de modo independente, porém, muitas iniciativas internacionais no início do *campus*, e também publicadas no Jornal, relacionam-se a ela.

Por exemplo, em dezembro de 2012, a ed. 197 publica a matéria “Universidade de *Stanford* recebe palestra da IAC sobre Projeção da Consciência”, por Luis Minero, que era professor e havia realizado uma palestra a partir do seu livro “*Dismistifying The Out-body*

---

<sup>116</sup> Idem nota de rodapé 28.

<sup>117</sup> No Jornal não fica claro como esse valor foi contabilizado e a relação exata entre receita e gastos da viagem. Porém, iniciativas que visavam a arrecadação para projetos eram comuns e podem ser encontradas em diversas edições, como 114, 154 e 179.

*Experience*” para alunos de *Stanford*, uma das mais renomadas do mundo. A matéria parece ter dois propósitos principais: destacar a presença da Conscienciologia em uma instituição acadêmica de prestígio internacional e reforçar a legitimidade da pesquisa conscienciológica ao vinculá-la ao contexto científico tradicional. Também ressalta que os presentes tinham menos de 30 anos, sugerindo que o tema despertava interesse em uma nova geração.

Em abril de 2002, a ed. 81 publicou uma matéria sobre uma excursão científica à China, que segundo o prof. Waldo Vieira era a matriz do holopensene da Conscienciologia, que estaria sendo organizada pela *International Academy Cultural Exchange* (IACE), nome fantasia que, segundo o Jornal, foi criado pela equipe da Enciclopédia da Conscienciologia para divulgar a viagem. Essa iniciativa gerou vários desdobramentos e um Diário de Bordo publicado no Jornal a partir da ed. 87, de outubro de 2002, trazendo novidades sobre a excursão marcada para outubro de 2003, com uma matéria mais completa explicando detalhes de roteiro, coordenadores, fazendo chamada para inscrições e antecipando as novidades das próximas edições.

A viagem sofreu um atraso, que foi reportado pelo próprio Jornal na ed. 93, de abril de 2003, em nota intitulada “Viagem à China”. Ela informava que, devido à epidemia de síndrome respiratória aguda grave, ou SARS, a viagem fora postergada indefinidamente. Quando ela aconteceu, foi registrada na ed. 123, de outubro de 2005, na matéria “China surpreendente parageográfica”. O relato é em primeira pessoa, de uma voluntária que participou da excursão, com fotos, descrição do roteiro e breves opiniões dos viajantes (foram 86 pessoas). O objetivo da viagem, além de cultural, era angariar recursos para o Holociclo, sendo que o repasse foi de quase R\$40.000, publicado na ed. 126, de janeiro de 2006.

A ed. 204, de agosto e setembro de 2017, na matéria “Universalizando a Conscienciologia”, apresenta o lançamento de um áudio guia para acompanhar visitantes em desessete estações pelo CEAEC, o qual funcionaria a partir de QR Code direto no celular e teria os idiomas inglês e português, com previsão para novas línguas em breve. Tal iniciativa demonstra um esforço concreto para tornar o CEAEC mais receptivo a visitantes estrangeiros, permitindo que a experiência no *campus* não fosse limitada pela barreira linguística. Além disso, o uso de QR Codes e acesso direto pelo celular sugere uma modernização dos meios de divulgação, alinhando-se às tendências tecnológicas para facilitar a disseminação do conhecimento. O lançamento ocorreu durante a *International*

*Week Cognópolis*, evento que contou com a participação de 15 países e 14 Instituições Conscienciocêntricas, fruto da parceria entre o CEAEC e a *Interassistencial Services For The Internationalization of Conscientiology* (ISIC) órgão responsável pelo movimento de internacionalização da Conscienciologia.

Em maio de 2018 (ed. 212), o surgimento da seção “Conscienciologia no Exterior”, que durou apenas duas edições, sintetiza a importância dessas pautas para o grupo, indicando a expectativa de que houvessem acontecimentos constantes devido ao seu valor-notícia consolidado. No caso, a nota em questão trazia a informação que pesquisadores participaram de evento internacional *The Science of Consciousness* nos EUA, o que conduz ao próximo tópico, que são algumas parcerias com outras instituições e a tentativa de incluir diferentes pessoas, ideias e paradigmas ao debate junto à Conscienciologia.

Alguns exemplos são: o I Encontro de Intercooperação Científica em Conscienciologia, ocorrido em 22 de outubro no CEAEC de 2017, que reuniu professores e filósofos internacionais (ed. 206, de novembro de 2017), como o professor de Ética Global e Desenvolvimento Internacional na Escola de Desenvolvimento Internacional e Estudos Globais da Universidade de Ottawa, Canadá e o professor de Filosofia Antropológica e pesquisador do parapsiquismo na Universidade de Leiden, Holanda.

Já o “2º Encontro Internacional do Colégio Invisível da Dessomatologia<sup>118</sup>” (ed. 184, de novembro de 2010) teve palestras e *workshops* de professores da Conscienciologia e da Unioeste (enfermagem). E, por fim, o 2º Vice-presidente do Tribunal de Justiça do Paraná (TJ/PR) veio a convite da Associação Internacional de Paradireitologia (JURISCONS) e fez a palestra “Métodos adequados de solução de conflitos: projetos desenvolvidos pela 2ª Vice-presidência do TJ/PR”, na abertura do XI Fórum da Paradireitologia, no CEAEC (ed. 226, de agosto de 2019).

Em suma, o Jornal registrou como o Valor da Intelectualidade se manifestava dentro da comunidade, documentando fatos como: o incentivo às ações internacionais, a abertura do CEAEC e suas instalações ao público, os esforços para criar um ambiente de recepção e hospitalidade aos visitantes, os projetos e eventos de pesquisa envolvendo outras instituições de ensino, as iniciativas que buscam conectar a comunidade ao ambiente em que está

---

<sup>118</sup> *Dessomatologia* é a especialidade que estuda a dessoma, ou a morte biológica. Disponível em: <<https://pt.conscienciopedia.org/index.php?title=Dessom%C3%A1tica>>. Acesso em 14 ago. 2024.

inserida, no caso, a Tríplice Fronteira e à região do bairro que hoje é chamado Cognópolis, mas que já continha moradores quando o grupo iniciou o trabalho da instalação do *campus*.

Entende-se que as tentativas de incluir diferentes ideias, culturas e paradigmas ao debate demonstram um esforço coerente com os valores do Universalismo e da Maxifraternidade e podem ser vistos como uma oportunidade de crescimento para o grupo. Contudo, a inclusão de novas perspectivas exigiria flexibilidade para dialogar sem descaracterizar os princípios conscienciológicos, o que pode ser um desafio em termos práticos. Além disso, a própria comunidade parece ter diferentes níveis de receptividade, com maior e menor abertura para o intercâmbio de conhecimento. Isso sugere que, embora haja um desejo genuíno de diálogo, ele ocorre dentro de certos limites, talvez para garantir a manutenção da estrutura conscienciológica, talvez por dificuldades individuais, talvez pela própria resistência de setores acadêmicos e científicos.

Isso porque, se por um lado, o Universalismo e a Maxifraternidade estimulam o diálogo com outras esferas, por outro, o Valor da Intelectualidade exige um trabalho interno na sistematização de conceitos a partir do aprofundamento e qualificação do conhecimento. Deste modo, integrar esses dois objetivos pode ser desafiador. O Jornal documentou ações que vão desde a recepção de visitantes até projetos que buscam ampliar o contato da Conscienciologia com a sociedade. Outro objetivo observado é registrar os esforços da comunidade para consolidar um corpo teórico, técnico e científico próprio, que fazem parte do Valor da Intelectualidade, abordado a seguir.

### 3.3 VALOR DA INTELECTUALIDADE

Este é um valor que permeia os outros e foi abordado em partes no segundo capítulo. Aqui, a intenção é trazer outras perspectivas, a começar pela educação e docência, passando também por avanços tecnológicos, eventos de pesquisa e periódicos científicos. A pesquisa se deu a partir de termos com a mesma raiz semântica, como “intelectual”, “intelecto”, e de possíveis assuntos relacionados, como “curso”, “docência”, “revista”, “periódico”, “tecnologia”, “tecnológico”, “internacional”, dentre outros. A escolha de não dividir os achados em subtópicos se deu em razão da padronização do texto.

Sobre educação e docência, em novembro de 1995, três meses depois da criação do Jornal da Cognópolis, a ed. 5 traz alguns objetivos do CEAEC: manter cursos de extensão e

pós-graduação; promover eventos permanentes e temporários: cursos, palestras, *workshops*, convenções, seminários e exposições; e prestar serviços de consultoria nas áreas empresarial, educativa e organizacional. Anos depois, uma das publicações científicas - citadas na introdução - atesta que eles permaneciam os mesmos: desenvolver a ciência Conscienciologia mediante pesquisa, disseminar as especialidades através de atividades educacionais e implantar um ambiente de debate, pesquisa e intercâmbio de ideias, sistematizadas em publicações científicas.

Para além do incentivo à escrita, percebeu-se também o estímulo à docência. Na ed. 3, de outubro de 1995, que trazia dicas de trabalho para voluntários interessados em mudar para Foz, as opções divulgadas eram: funcionário de banco e professor de Magistério. A primeira vez que a palavra “docência” aparece no Jornal é na ed. 6, de janeiro de 1996: um anúncio bem-humorado para incentivar o grupo a realizar qualificação docente através do Treinamento Ágil à Docência (TAD). Algum tempo depois, na ed. 34, de maio de 1998, o Jornal publicou o lançamento de manuais de apoio ao professor sobre itinerância pelo IIPC. O próprio Boletim de Conscienciologia (ed. 70, de maio de 2001), conhecido por cunhar conceitos, explica que "há um princípio ou ponto pacífico em todas as linhas básicas do conhecimento humano: sem educação não há evolução"<sup>119</sup>.

Alguns anos depois, em setembro de 2007, a seção "Notícias da CCCI" (ed. 146) informou que o então prefeito de Foz do Iguaçu, Paulo Mac Donald Ghisi e o Presidente da Comissão de Estudos e Instalação da Universidade de Integração Latino Americana (UNILA), Héliog Trindade, reuniram-se no CEAEC com o prof. Waldo Vieira para discutir questões relativas à educação na cidade. Entre elas estavam o plano de expansão da educação e fortalecimento do ensino superior na região da Trílice Fronteira.

Ao longo do tempo, o CEAEC buscou se posicionar enquanto instituição de ensino e pesquisa perante a opinião pública. Como é demonstrado no tópico anterior (ed. 120), cujas falas salientam os valores intelectuais e culturais incentivados pelo CEAEC, um trecho do prof. Waldo Vieira, coletado do jornal paranaense Gazeta do Povo e publicado no Jornal da

---

<sup>119</sup> Fonte: CEAEC - Centro de Altos Estudos da Consciência - Jornal da Cooperativa dos Colaboradores do IIPC - CEAEC, Foz do Iguaçu, ano 6, n. 70, p. 2, mai. 2001.

Cognópolis, explica que o processo cultural melhoraria o discernimento das pessoas: "Nosso esforço é de colocar a escola em primeiro lugar"<sup>120</sup>.

Dois empreendimentos noticiados pelo Jornal, são propostas que solidificaram essa intenção: o Megacentro Cultural Holoteca e a criação de uma universidade no Bairro Cognópolis. O Megacentro aparece na ed. 158, de setembro de 2008, em matéria que explica a proposta de um novo megaempreendimento para exposições, atividades culturais e guardar e expor o acervo da Holoteca. A reportagem traz imagens do projeto, doado pelo arquiteto brasileiro Oscar Niemeyer (1907 - 2012).

O empreendimento representaria a materialização do Valor da Intelectualidade, pois sua proposta ia além do simples acervo, configurando-se como um espaço dedicado à pesquisa, à autopesquisa e ao discernimento. Além disso, ao reunir artefatos de diversas áreas do saber, refletia a ideia de que a intelectualidade não deveria se restringir a um campo específico, e ao proporcionar um ambiente propício para o estudo contínuo, incentivava o autodidatismo e a produção intelectual independente.

Já a ideia de criar uma universalidade no bairro aparece em fevereiro de 2014, na ed. 199, em entrevista com o empresário Ryon Braga, presidente da instituição de ensino superior Nova Uniamérica. Tal empreendimento não se consolidou e o motivo não consta em outras edições. Contudo, a entrevista traz reflexões sobre a Conscienciologia valorizar a educação formal, evidenciando o compromisso com o Valor da Intelectualidade ao buscar um ambiente sistematizado de ensino, incentivando a qualificação e a profissionalização do saber.

Esta é uma percepção que foi tomando forma ao longo da pesquisa: que o CEAEC buscava ser reconhecido como uma instituição de educação, mesmo sob um paradigma diferente. Assim, as relações com a cidade, as parcerias, os projetos municipais, regionais, e até internacionais, eram em grande parte voltados à educação, sendo que as mudanças estruturais, sociais, comunitárias geradas eram resultado deste processo.

A partir dos temas evidenciados pelo Jornal, pode-se afirmar que a educação era buscada através da qualificação do corpo docente, desenvolvimento de cursos, seminários e eventos de pesquisa, recursos de ponta (iniciativas de vanguarda relacionadas ao avanço tecnológico), Holoteca, Holociclo, imersão em autopesquisa através dos laboratórios, visitas

---

<sup>120</sup> Fonte: Jornal do *Campus* CEAEC - Mensário da Associação Internacional do Centro de Altos Estudos da Conscienciologia, Foz do Iguaçu, ano 10, n. 120, p. 9, set. 2005.

de pessoas relacionadas à educação, ou que vinham para aprender. Além disso, havia a valorização do estudo através da educação formal, dos livros, da biblioteca pessoal, da escrita de obras próprias (técnicas e pedagógicas), da análise crítica do que se consumia, da divulgação de revistas, métodos e eventos científicos, estimulando publicações, lançamentos e traduções.

Um dos fatos que comprovam esse anseio foi o lançamento do curso Conscienciologia Aplicada, que inicialmente era tratado enquanto pós-graduação pelo Jornal até ser barrado no Ministério da Educação (MEC) por causa da Resolução n. 3, de 5 de outubro de 1999, que fixava condições para a validade dos certificados de cursos especialização, fato que é divulgado superficialmente na ed. 62, de setembro de 2000.

O "Conscienciologia Aplicada" apareceu pela primeira vez na ed. 42, de janeiro de 1999, em um *box* na primeira página que dizia que, a partir de março, o Curso de Pós-Graduação em Conscienciologia Aplicada, com turmas em Foz do Iguaçu e São Paulo, teria carga horária de 360 horas, duração de 2 anos e contaria com imersões grupais no CEAEC. Nessa época, a resolução do MEC ainda não havia sido lançada e, assim, ele foi chamado de pós-graduação por um período.

A primeira edição do curso, ministrada por corpo docente formado por pesquisadores do CEAEC, iniciou em março e contou com 236 alunos em quatro turmas, sendo que a procura foi tão grande que optaram por abrir uma nova turma em setembro. Entre os principais objetivos estavam a busca do conhecimento da consciência por ela mesma, a discussão crítica e a aplicação prática da Conscienciologia, e a capacitação de pessoas para criação, manutenção e administração de centros de pesquisa.

Por anos, ele foi o principal curso a trazer voluntários e professores para auxiliar na expansão da Conscienciologia no âmbito do CEAEC, sendo responsável por avanços e contribuindo, por exemplo, com a instalação de um *campus* em Domingos Martins - ES, através da Associação Internacional para Evolução da Consciência (Aracê), fundada em abril de 2001. O Jornal registrou o início das intenções que culminaram na Instituição Conscienciocêntrica na ed. 52, de novembro de 1999, na nota "Conscienciologia Aplicada no Espírito Santo".

O curso contava também com a participação de alunos de diversos estados, que vinham ao CEAEC em momentos de imersão, e eram mãos que auxiliavam no trabalho voluntário. Um exemplo é a ed. ed. 50, de setembro de 1999, que registrou um laboratório

diferente: um atelier de costura realizado durante uma edição do curso de Conscienciologia Aplicada em setembro. Ali, colaboradores internos, externos e alunos confeccionaram mais de 700 camisetas, a partir da doação de 5 máquinas de costura industriais, “boa vontade, disposição e muito trabalho em equipe”<sup>121</sup>, revezando-se nos intervalos do curso nas etapas de descansar a malha, fazer o enfiado, colocar os moldes, cortar, costurar e arrematar. Outro grupo fez mutirão para dobrar e enviar 700 malas diretas de eventos para novembro e dezembro.

Embora não tenha conquistado o título de pós-graduação, esse curso contribuiu com a expansão da Conscienciologia. A ed. 59, de junho de 2000, no trecho da matéria "CEAEC discute projetos de expansão":

A criação do curso de Conscienciologia Aplicada contribuiu para uma efetiva mudança no paradigma administrativo e perfil do CEAEC. O comprometimento em aplicar e vivenciar as idéias da Conscienciologia, levou a equipe a uma verdadeira reciclagem e inovação, proporcionando abertismo para o surgimento de idéias jamais previstas no projeto original. O trabalho pode ser mensurado pelos resultados. A maioria dos colaboradores engajados hoje no projeto CEAEC são alunos do curso (...) (CEAEC - Centro de Altos Estudos da Consciência - Jornal da Cooperativa dos Colaboradores do IIPC - CEAEC, ed. 59, ano 5, p. 4, jun. 2000).

O texto afirma o que é perceptível na pesquisa do Jornal: as pessoas chegavam através do curso e passavam a se engajar nos projetos de expansão, tomando rumos inesperados, embora considerados positivos. Como por exemplo, na ed. 58, de maio de 2000, em que o grupo formado pelo “Conscienciologia Aplicada” de São Paulo alugou uma sala para desenvolver reuniões de suporte aos trabalhos de divulgações, eventos, cursos, entre outros. Ou a ed. 55 de fevereiro de 2000, que anuncia o primeiro Centro de Conscienciologia Internacional (que viria a ser a IAC) em Portugal, sendo que foi um aluno do Conscienciologia Aplicada, chamado Paulo Figueiredo, que liderou o empreendimento. Esses exemplos demonstram que o curso funcionava também como um catalisador para a expansão da Conscienciologia em novos contextos.

---

<sup>121</sup> Fonte: CEAEC - Centro de Altos Estudos da Consciência - Jornal da Cooperativa dos Colaboradores do IIPC - CEAEC, Foz do Iguaçu, ano 5, n. 50, p. 4, set. 1999.

Outro exemplo é na ed. 75, de outubro de 2001, em uma matéria sobre a difusão no Rio Grande do Sul, após uma série de palestras em cidades gaúchas. O texto explica que a ideia começou a tornar-se realidade assim que os alunos de uma edição precedente perceberam que o trabalho era uma oportunidade para colocar em prática o conteúdo aprendido. Com este intuito, eles começaram a se reunir com a equipe do CEAEC em Foz para viabilizar o processo. Agendaram locais, criaram e distribuíram panfletos, cartazes, foram à imprensa, ministraram as primeiras palestras, reuniram interessados e fizeram o curso “Conscienciologia Aplicada” acontecer.

Sobre o curso, o prof. Waldo Vieira falou em entrevista na ed. 85, de agosto de 2002, o seguinte:

A Conscienciologia Aplicada começou engatinhando, dentro de uma condição do próprio governo que era "X". E seguindo as tramitações que o próprio governo exigia. Com o passar do tempo, eles mudaram as regras, então ela também passou para um nível de "X.X". Ela cresceu e a turma hoje está mais madura. Há um processo de sacrifício ainda hoje muito grande, lá dentro, que eu, se fosse possível, mudaria tudo isso para as pessoas não se matarem do jeito que elas fazem para fazer viagens. Elas mesmas pagando a si mesmas, a maioria vai de ônibus. Esse trabalho todo eu considero difícil, mas agora não tem outro jeito por enquanto, ao que tudo mostra. Agora, o melhor da história é que, nessa renovação da passagem, do CEAEC inicial para este segundo CEAEC, uma Associação, é muito importante considerarmos que a decisão de fazer a publicação destas obras, esses calhamaços, que nós vamos publicar através dos resultados dos cursos da Conscienciologia Aplicada, isso foi uma das maiores aplicações de fraternidade dentro das Instituições Conscienciocêntricas. É um exemplo para todo mundo que a Conscienciologia Aplicada está dando. É tanto que eu pedi para não mudar o nome da Conscienciologia Aplicada, porque ele é muito adequado. (CEAEC - Centro de Altos Estudos da Consciência - Jornal da Cooperativa dos Colaboradores do IIPC - CEAEC, Foz do Iguaçu, ano 8, n. 85, p. 6, ago. 2002).

Essa fala reflete uma visão sobre o desenvolvimento do curso e pode ser ampliada à própria Conscienciologia, pois reconhece as limitações estruturais e logísticas enfrentadas pelos voluntários, mas, ao mesmo tempo, valoriza o esforço coletivo como um exemplo prático da aplicação dos princípios conscienciológicos. Um dos aspectos mais marcantes é o trecho sobre o sacrifício pessoal envolvido na disseminação da Conscienciologia. Ao mencionar que os voluntários por vezes custeavam suas próprias viagens e enfrentavam condições desafiadoras, o texto expõe uma característica recorrente na trajetória da Cognópolis: a dedicação intensa dos participantes, mesmo diante de dificuldades materiais.

Esse ponto é relevante porque indica que a expansão não era impulsionada por estruturas formais ou incentivos financeiros, mas sim pelo engajamento pessoal dos envolvidos.

Além disso, a fala destaca a transição do CEAEC para um novo modelo organizacional e a importância das publicações como um marco desse processo, interpretando a produção intelectual não apenas como um avanço, mas como um ato de interassistência, para garantir a disseminação do conteúdo para gerações futuras. E por fim, ao fazer questão de manter o nome “Conscienciologia Aplicada”, entende-se que o termo não apenas representava o curso, mas um conceito fundamental: que a Conscienciologia não deve ser apenas estudada teoricamente, mas experimentada.

Outros exemplos de como o Jornal trazia o Valor da Intelectualidade são: a divulgação do lançamento da Associação Internacional de Parapedagogia e Reeducação Consciencial (Reaprendentia) em 21 de outubro de 2007, noticiada na ed. 143, de junho de 2007 e o registro do lançamento do DVD “Parapedagogia”, na ed. 181, de agosto de 2010, contendo o primeiro vídeo documentário de orientação conscienciológica a ser produzido na CCCI, com depoimentos de diversos professores sobre a trajetória e as tendências das atividades docentes.

Nesta mesma edição, há uma entrevista com a representante do Conselho Brasileiro para a Superdotação (Conbrasd), Dr<sup>a</sup>. Susana Perez, que estava em Foz do Iguaçu para uma série de palestras e cursos sobre as Altas Habilidades/Superdotação. Esse evento pode ser interpretado como uma forma de reforçar a importância da erudição, reconhecendo o desenvolvimento intelectual enquanto pilar, já que a Conscienciologia valoriza a pesquisa, o autodidatismo e o aprofundamento teórico. O tema da superdotação se alinha a essa perspectiva, pois trata de indivíduos com alto potencial cognitivo e uma capacidade diferenciada de aprendizado e análise.

Entrevistas com personalidades importantes, conforme já dito, eram valores-notícia para o Jornal, e os docentes, tanto externos, quanto de Conscienciologia, eram considerados personalidades importantes. Tanto que a especialidade Parapedagogia seria uma derivação da pedagogia convencional aplicada ao Paradigma Consciencial. Tal fato é abordado na ed. 128, de março de 2006, na matéria "Inovação Parapedagógica no CEAEC", sobre um curso de formação docente pautado em valores conscienciológicos, visando aproveitar o melhor de cada indivíduo. Segundo o texto, buscava-se também ampliar a interação dos professores e aproximar as posturas docentes às necessidades da instituição.

A matéria trouxe entrevista com a coordenadora do grupo, Thaís Lima, que abordou os desafios do trabalho, que passaria pela "desformatação" dos padrões da docência convencional, no caso de professores experientes, e na capacitação e formação de novos docentes. Ela observou a importância da experiência para fortalecer a autenticidade e a versatilidade do professor. E ressaltou a dificuldade em transformar conhecimento teórico em prático enquanto desafio recorrente na comunidade.

Outro ponto de reflexão é a diferença entre docência convencional e docência conscienciológica, uma questão central, evidenciada pelo termo "desformatação", pois enquanto o ensino convencional seria fundamentado em metodologias formais, a docência conscienciológica proporia um modelo com base na autopesquisa, no exemplo pessoal e na interação multidimensional. Assim, a transição exigiria não apenas a aquisição de novos conteúdos, mas uma reformulação profunda na abordagem e na relação entre docente e aluno.

Esse assunto motivou uma tertúlia especial com o prof. Waldo Vieira, que reuniu quase cem voluntários e foi registrada pelo Jornal na ed. 106, de maio de 2004. A matéria explicou que o objetivo foi clarear algumas questões polêmicas sobre a relação entre docência convencional e docência conscienciológica, já que, de acordo com o texto, dos trezentos voluntários residentes em Foz, cerca de 20% era formado por professores de faculdades e universidades da região. Tal dado, inclusive, demonstra que a Conscienciologia costumava atrair um público com forte inclinação acadêmica.

Segundo o texto, Waldo Vieira afirmou que o verdadeiro patrimônio de uma escola era o corpo docente, sendo ela, antes de tudo, um processo político-filosófico. Essa declaração sugere que a docência tratava, acima de tudo, de formar pensadores críticos, devendo priorizar o *rapport* intelectual, a importância do estudo, da leitura, do saber, e da criticidade sadia, voltada para melhoria social.

Ele também chamou a atenção para a Megafraternidade, respeitando a diversidade cultural e religiosa, e o Princípio da Descrença<sup>122</sup>, afirmando não ser adequado divulgar a Conscienciologia em salas de aulas convencionais, como se o professor fosse "dono da

---

<sup>122</sup> O Princípio da Descrença é uma das proposições fundamentais da Conscienciologia e é frequentemente citado em seus materiais de estudo, sintetizado no enunciado: "Não acredite em nada nem mesmo no que lhe informarem aqui. Experimente. Tenha suas experiências pessoais". Ele enfatiza a necessidade de questionar e verificar tudo, buscando a verdade através da experiência e do raciocínio.

verdade” e falando de Conscienciologia apenas em cursos oferecidos pelas Instituições Conscienciocêntricas. Este é um tema complexo, pois de um lado, percebe-se como natural o desejo dos docentes em divulgar suas pesquisas e reflexões. Por outro, há o risco de descontextualização, já que a Conscienciologia possui um paradigma próprio que pode não se adequar à realidade em sala de aula, quebrando, inclusive, o princípio de neutralidade acadêmica.

A postura de Waldo Vieira demonstra um posicionamento pragmático, talvez para evitar que a Conscienciologia fosse confundida com doutrinação ou que gerasse resistência no meio acadêmico. Sua visão reflete um entendimento sofisticado sobre os desafios para legitimar um paradigma alternativo. Ainda assim, a Conscienciologia mantém seu incentivo ao desenvolvimento intelectual, sendo que os docentes poderiam usar seus conhecimentos para enriquecer o debate dentro de suas respectivas áreas, desde que isso fosse feito com responsabilidade, ética e equilíbrio. Com isso, Waldo Vieira delimitou um caminho que permitia a interação com o meio acadêmico de maneira estratégica, com inteligência e planejamento, respeitando o contexto e as limitações epistemológicas existentes.

Ao defender que as temáticas conscienciológicas fossem abordadas diretamente em cursos oferecidos pelas Instituições Conscienciocêntricas, entende-se que a Conscienciologia buscava sistematizar seu conhecimento sem depender exclusivamente da validação acadêmica tradicional, investindo em meios para aplicar e desenvolver seus métodos, como cursos.

Eles existem desde antes do Jornal, sendo que alguns foram reformulados ao longo do tempo. Seu registro demonstra, entre outras coisas, que eram utilizados para aumentar a massa crítica, como a criação do curso Revisão de Obras Conscienciológicas (ed. 83, de junho de 2002) para qualificar os grupos que trabalhavam na Enciclopédia da Conscienciologia. Também para debater e inserir novas ideias no grupo, como o curso Autoconscientização da Consciência Contínua (ed. 43, de fevereiro de 1999), que trazia temas avançados, que foram expostos no Jornal. Ou para divulgar obras, como o lançamento do livro e curso 200 Teáticas da Conscienciologia (ed. 19, de fevereiro de 1997) e técnicas, como o curso sobre Metodologia de Pesquisa (ed. 29, de dezembro de 1997).

Eram, além disso, um meio para reunir as pessoas no CEAEC, aproveitando o momento para documentar realizações grupais, como a inauguração do Laboratório de Tenepes durante o curso Tenepes (ed. 31, de fevereiro de 1998), a inauguração da Holoteca

durante o evento Autopesquisa Laboratorial (ed. 54, de janeiro de 2000), ou os eventos de fim de ano, como no caso do curso Sensibilização Energética, ed. 25, de agosto de 1997.

O texto da ed. 25 informa que ele marcaria a inauguração do Village, conjunto de quartos que estava sendo construído no terreno do CEAEC, além da oportunidade de usufruir dos pavilhões, da biblioteca e demais instalações, sendo que o pacote para os feriados de Natal e Ano Novo foi chamado de Laboratório Consciencial de Campo. O pacote incluía hospedagem, café da manhã, almoço, jantar, passeios e traslados, sendo que o curso oferecido seria dividido em duas turmas (23 a 28 de dezembro e 30 dezembro a 4 de janeiro de 1998) e seria ministrado pelo professor Waldo Vieira, com experimentações energéticas em diversos ambientes, como as Cataratas do Iguaçu, oportunizando a discriminação de energias.

Outro exemplo é a matéria da ed. 143, de junho de 2007, que diz que o CEAEC programara nove cursos voltados ao desenvolvimento do parapsiquismo, da mentalsomática e assistencialidade para dezembro de 2007 e janeiro de 2008. Os eventos poderiam ser combinados a experimentos no laboratório, pesquisas no ciclo da Holoteca e participação de Tertúlias. O objetivo da matéria foi incentivar os pesquisadores a passarem uma temporada no CEAEC para fazer imersão no final do ano, que contaria com *reveillon* integrado. Isso evidencia uma característica peculiar da comunidade conscienciológica: a escolha por dedicar feriados a realização de cursos, priorizando o aprofundamento intelectual e autopesquisa às celebrações tradicionais.

Inclusive, o curso Balanço Existencial, dedicado a avaliar as realizações pessoais até o momento e realizar ajustes no planejamento existencial, é comumente realizado no feriado de Carnaval. Ele é ligado à APEX e aparece pela primeira vez no Jornal na ed. 88, de novembro de 2002, com dois professores coordenadores e a participação especial de Waldo Vieira.

No começo, o prof. Waldo Vieira era o principal nome quando se tratava de ministrar cursos e aulas. Ao longo do tempo, porém, outros membros da comunidade foram se destacando em diferentes áreas, lecionando em novas atividades, sendo que algumas notícias traziam fotos e descrição dos professores para apresentar e, talvez, conectar o público ao quadro docente. Ainda assim, os cursos com maior número de inscritos eram os ministrados pelo prof. Waldo Vieira, isso porque, como ele mesmo disse em entrevista na ed. 85, de

agosto de 2002, “é da natureza humana, todo mundo procura o filé *mignon*, todo mundo quer chegar e ficar naquilo que ele acha que é o máximo”<sup>123</sup>.

Sua fala ilustra um comportamento comum em outras áreas do conhecimento: a busca por aprender diretamente com a maior autoridade no assunto. Entretanto, a transição gradual para um corpo docente mais diversificado indica que a Conscienciologia foi se estruturando para além da figura de seu fundador, permitindo a consolidação de um ensino mais descentralizado e sustentável a longo prazo.

No Jornal, o primeiro curso aparece na ed. 9, de abril de 1996: Técnicas Energéticas, realizado no Hotel Carimã, indicando que a estrutura do *campus* ainda estava em desenvolvimento. O texto sugeriu que os alunos usassem roupas claras e trouxessem colchonete e manta, mas não explicou o motivo. Isso pode indicar que esses elementos já eram de conhecimento prévio dos participantes, considerados óbvios dentro do contexto. Como o público do Jornal provavelmente era composto, em grande parte, por membros do grupo, não era preciso detalhar tais aspectos. Outra possibilidade é que, naquele momento, o Jornal ainda estivesse em um estágio inicial de formatação editorial, priorizando a divulgação rápida.

O primeiro curso realizado no CEAEC foi um ECP2, cuja chamada foi realizada na ed. 15, de dezembro de 1996. E a última matéria sobre cursos que apareceu no Jornal impresso foi na ed. 236, de julho de 2020, anunciando que os cursos da Ação Integrada, iniciativa grupal em prol de um Fundo Interassistencial na época da pandemia da Covid-19, estavam sendo transmitidos semanalmente aos domingos e já faziam parte da rotina da CCCI.

Os cursos geravam técnicas de pesquisa, que geravam artigos, que geravam seminários, periódicos e livros. Esse ciclo de produção intelectual evidencia a dinâmica autossustentável da Conscienciologia, na qual o conhecimento é continuamente aprimorado, testado e expandido. Sobre técnicas, há o exemplo da ed. 56, de março de 2000, em que a matéria "Cosmograma: você nunca mais verá o universo como antes" falava do curso que ensinou a técnica de associação dos fatos desenvolvida pelo prof. Waldo há 50 anos. O foco

---

<sup>123</sup> Fonte: CEAEC - Centro de Altos Estudos da Consciência - Jornal da Cooperativa dos Colaboradores do IIPC - CEAEC, Foz do Iguaçu, ano 8, n. 85, p. 8, ago. 2002.

principal, segundo o texto, seria associar assuntos veiculados na mídia impressa com temas conscienciológicos.

Esse método demonstrava a importância da análise crítica, incentivando os pesquisadores a identificarem padrões e correlações que ampliassem sua compreensão da realidade. Além disso, o Cosmograma refletia o esforço da Conscienciologia em criar ferramentas próprias de investigação, diferenciando-se das metodologias tradicionais e estimulando a autonomia intelectual dos participantes. A matéria trouxe foto de capa e duas notas: principais temas e como aplicar a técnica. Ao final, o texto apresentou uma foto do Laboratório do Cosmograma em construção sob o título "Laboratório otimizará pesquisa", explicando que o espaço serviria também como depósito de periódicos.

Os eventos anunciados no Jornal podem ser categorizados em: seminários, fóruns, semanas de pesquisa, convenções, encontros, simpósios, congressos, jornadas e imersões. Alguns aparecem desde o princípio, como os primeiros encontros dos Colégios Invisíveis, e outros só vão ser divulgados quando já estão em edições avançadas, como a V Semana da Maxiproéxis, que aparece pela primeira vez na ed. 172.

Os Colégios Invisíveis da Conscienciologia são grupos de pesquisa de determinadas especialidades, organizados de maneira descentralizada e sem uma sede física. Inspirados no conceito histórico dos Colégios Invisíveis da ciência convencional (redes acadêmicas informais entre cientistas de diferentes regiões), criado no século XVII por Robert Boyle, esses grupos teriam como objetivo aprofundar estudos em áreas específicas do Paradigma Consciencial, fomentando a troca de conhecimento e a produção intelectual colaborativa.

Cada Colégio Invisível reuniria pesquisadores que compartilhassem interesse em um mesmo tema, sendo que as interações ocorreriam por meio de reuniões, debates *online*, eventos e produções científicas, como artigos e livros. No Jornal, eles são explicados de maneira mais detalhada em dois momentos: na ed. 87, de outubro de 2002, em entrevista com o médico Roberto Almeida, um dos idealizadores da iniciativa, e na ed. 207, de dezembro de 2017, que faz um apanhado dos colégios ativos até o momento (25) sendo que o primeiro a ser criado foi o Colégio Invisível da Conscienciometria.

No geral, o Jornal da Cognópolis tratou os Colégios Invisíveis como um dos pilares da intelectualidade, registrando seu progresso, seus eventos e suas contribuições para o aprofundamento das especialidades. Além disso, destacou que eles não foram apenas núcleos teóricos, mas promoviam ações práticas, como o I Encontro dos Colégios Invisíveis da

Conscienciologia (eds. 144, 147 e 154) e o projeto Tenepes Planetária (ed. 207), no qual praticantes de tenepes adotavam um país para assistência energética.

E, por falar em eventos, alguns são abordados em detalhes, como a “I Jornada da Parapercepciologia: Teoria e Prática do Parapsiquismo”, cuja edição do Jornal (102, de janeiro de 2004) é basicamente dedicada ao isso, com descrição e chamada para participação, valores de pacotes e lista com os professores e temáticas dos cursos. Ou a matéria “*Verponarium* é o que estamos fazendo aqui”, sobre o I Congresso de Verponologia, realizado em julho de 2007 (ed. 139, de fevereiro de 2007).

Outros eventos são apenas citados em Agendas de Eventos, como por exemplo, o I Encontro do Colégio Invisível da Cosmoética (ed. 93, de abril de 2003), o I Encontro de Qualificação da Pesquisa Conscienciológica (ed. 153, de abril de 2008) juntamente com o curso Imersão Heterocrítica da Obra Útil, pelo CEAEC, o I Encontro da Paz, pelo IIPC, a VII da Semana da Invéxis, pela Assinvéxis e a Semana da Saúde Holossomática, pela OIC, todos na mesma edição (170, de setembro de 2009).

Alguns são divulgados antes de ocorrerem e trazem chamadas de trabalho, como a I Jornada da Conviviologia, na ed. 126, de janeiro de 2006, a I Jornada de Assistencialidade, na ed. 115, de fevereiro de 2005 e a II Jornada da Parapercepciologia, na ed. 122, de setembro de 2005. Outros são registros, como a matéria dedicada à II Semana da Invéxis, na ed. 106, de maio de 2004 e o Simpósio Internacional de Pesquisa Conscienciológica realizado em outubro, em Portugal, na ed. 122, de setembro de 2005.

Os eventos não seguem uma ordem ou padrão fixo, tornando importante registrá-los e destacar algumas observações relevantes:

A primeira é que, a partir da ed. 86, de setembro de 2002, quando o Jornal passou a ser produzido pela Associação, ocorreu uma mudança no tom das divulgações. Deixou de ser um veículo que apenas transmitia informações da Cooperativa ou do prof. Waldo Vieira e passou a refletir uma produção coletiva, onde os próprios membros da comunidade estavam criando, organizando e documentando suas iniciativas. Isso também se refletiu na nomenclatura adotada: os cursos passaram a ser chamados, muitas vezes, de “ciclos de debates” ou “jornadas de pesquisa”, e o Jornal deixou de falar estritamente em nome da instituição para se tornar um espaço mais dinâmico de discussão. Com jornalistas inseridos na comunidade, mas atuando enquanto nomes que assinavam os textos, surgiram questionamentos e reflexões que antes não eram tão evidentes na publicação.

A segunda é que esses eventos iam além da pesquisa em si, como já dito anteriormente, eles funcionavam também como pontos de convergência onde decisões eram tomadas, ideias eram apresentadas e projetos eram formalizados. Por exemplo, a I Convenção da CCCI, realizada em fevereiro e documentada nas edições 126 e 127, de 2006, reuniu o I Fórum do Estado Mundial, com 7 conferências e 8 trabalhos apresentados, e foi palco do lançamento do Megaempreendimento Cognópolis. Também foram apresentados os Conselhos: Científico, de Epicons, das IC's, etc., e lançada IC Conscius.

Outros exemplos podem ser encontrados na Semana da Saúde Holossomática da OIC, em que o curso Imersão Projecioterápica abriu o evento, mas contou também com o lançamento do Colégio Invisível da Consciencioterapia, a V Jornada de Saúde da Consciência e o II Simpósio de Consciencioterapia (ed. 155 de junho de 2008); e a Semana da Tenepes, realizada entre 24 e 31 de dezembro de 2008, com o IV Fórum de Tenepes, o I Encontro Internacional dos Tenepessistas, o Curso Avançado de Tenepes, um *Acoplamentarium* com foco na Tenepes, e foi reativado o Colégio Invisível da Tepessologia (ed. 161, de dezembro de 2008).

E a terceira observação diz respeito à descontinuidade dos eventos, um aspecto perceptível mesmo levando em conta que nem todos foram registrados pelo Jornal. Tal questão surgiu a partir da recorrência de eventos com o número 1 ou I no título, mas que, em edições posteriores, não pareciam ter continuidade. Esse padrão despertou curiosidade, pois convergia com comentários eventuais nas matérias sobre a dificuldade em dar sequência a determinados projetos, sugerindo baixa resiliência grupal em algumas iniciativas.

Para verificar se essa hipótese era válida, foi elaborado um quadro com todos os eventos mencionados, permitindo uma análise mais estruturada sobre sua continuidade. Ele registra a última edição de cada evento uma única vez, sendo possível identificar quantos ficaram apenas na primeira edição, na segunda, etc., e quantos chegaram até edições mais consolidadas.

Durante a investigação, observou-se que, em alguns casos, os eventos mudaram de nome, mas mantiveram a numeração, o que indicava uma adaptação em vez de uma interrupção completa. Na presente pesquisa, portanto, adotou-se uma abordagem crítica a partir das informações disponíveis, considerando palavras-chave para identificar as aparições, mesmo quando havia intervalos consideráveis entre uma edição e outra.

Deste modo, segue o quadro com os resultados:

Quadro 15 - Eventos de Pesquisa: Continuidade e Últimas Menções

Edição	Título	Total
I	I Mostra de Gestações Conscienciais I Fórum Nacional de Expansão da Consciência - Blumenau SC I Fórum Internacional de Pesquisa em Consciência (FIC) Barcelona I Jornada de Assistencialidade I Jornada da Parapercepciologia I Mostra Internacional de Cinema: Multiculturalismo e Conscienciologia I Fórum de Diversidade Consciencial I Jornada da Despertologia I Mostra Filatélica do CEAEC I Simpósio Internacional de Pesquisa Conscienciológica I Labor&Ação I Jornada da Conviviologia I Jornada de Intrafisiologia I Congresso Internacional de Parapedagogia I Congresso de Verponologia I Congresso Internacional de Grupocarmologia I Encontro dos Colégios Invisíveis da Conscienciologia I Encontro de Qualificação da Pesquisa Conscienciológica I Encontro da Paz I Congresso Internacional de Serenologia I Encontro de Juristas da CCCI I Fórum de Pesquisas das Dinâmicas Parapsíquicas I Festival de Inverno da Cognópolis I Encontro de Empreendedorismo e Negócios da Cognópolis I Jornada Internacional de Consciencimetrologia I Jornada Internacional de Parapedagogia e Reeducação I Encontro de Intercooperação Científica em Conscienciologia I Simpósio Internacional de Cosmoeticologia I Seminário de Pesquisa do IIPC I Encontro sobre Longevidade I Festival de Inverno	31
II	II Imersão na Pesquisa da Consciência II II Ciclo de debates do Paradireito II Encontro do Colégio Invisível da Cosmoética II Imersão Parapsíquica II Convenção da CCCI II Fórum do Estado Mundial II Debate de Paradiplomacia II Simpósio de Sinologia II Encontro Pró-Cognópolis Rosa dos Ventos em Natal II Convenção Internacional do IIP II Um Dia na Cognópolis II Encontro do Colégio Invisível da Assistenciologia II Encontro Internacional do Colégio Invisível da Dessomatologia	12
III	III Maratona Laboratorial III Semana da Proéxis III Simpósio de Autoconsciencioterapia e Ação em Saúde Consciencial III Jornada da Parapercepciologia III Congresso dos Intermisivistas III Semana da Reeducação Consciencial III Congresso de Autopesquisologia	10

	III Semana do Parapsiquismo III Encontro de voluntários da Ectolab III Laboratório grupal da Consecutivus	
IV	IV Jornada da Educação Conscienciológica IV Simpósio de Consciencioterapia	2
V	V encontro do GPC V Semana da Maxiproéxis V Semana de Paradireitologia V Semana de Qualificação Docente	4
VI	VI Jornada de Saúde da Consciência VI Seminário de Serenologia VI Semana de Serenologia	3
VII	VII Semana de Imersão na Cosmoética VII da Semana da Invéxis VII Semana Paracientífica VII Fórum de Serenologia	4
VIII	VIII Encontro do Colégio Invisível da Conscienciocentrometria	1
IX	IX Encontro de Serenautas	1
X	X Cinvéxis	1
XI	XI Fórum da Paradireitologia XI Encontro Internacional de Voluntários	2
XII	XII Prova da Conscienciolgia XII Encontro Internacional de Tenepessistas	2
XIV	XIV Feira Internacional do Livro	1
XV	XV Fórum da Tenepes	1
XVII	XVII Prova da Imagística	1

Fonte: a autora, 2025

A análise do quadro reforça a percepção de que muitos eventos não tiveram edições subsequentes, ou pelo menos não foram mais registrados no Jornal. Isso reforça a hipótese de uma provável dificuldade na manutenção de algumas iniciativas, enfrentando desafios organizacionais ou de adesão. A questão da descontinuidade, contudo, mostra-se como um desafio natural em grande parte dos grupos, sendo que, em uma entrevista com o prof. Waldo Vieira ao Jornal, na ed. 6, de janeiro de 1996, ele já debatia alguns desses pontos ao elencar os facilitadores e dificultadores do desenvolvimento do *campus* CEAEC:

O que trava é a falta de espírito de equipe (...). Por exemplo, nós temos uma coisa aqui que falha: é o problema da competência do espírito de equipe. No Instituto, em 8 anos, eu nunca vi pessoas competentes se reunirem, visando o mesmo objetivo e não se estraçalharam. É o que está acontecendo aqui. Vocês estão se organizando e vai ter que haver entrosamento (...). O caminho é esse. (Centro de Altos Estudos da Consciência - Informativo da Cooperativa dos Colaboradores do Instituto Internacional de Projeciologia, Foz do Iguaçu, n. 6, ano 1, p. 2, jan. 1996).

Essa fala reflete uma crítica direta à dificuldade de trabalho em equipe que, a despeito da competência individual dos participantes, se mostraria enquanto problema recorrente em grupos que dependem de colaboração voluntária. Além disso, o excesso de debates, questionamentos e refinamentos conceituais poderia, paradoxalmente, dificultar a materialização e a continuidade das iniciativas, tornando o processo mais desafiador do que o esperado.

Essa dificuldade pode estar relacionada a uma visão idealizada do processo, especialmente dentro de uma comunidade altamente intelectualizada, sendo que o pensamento crítico e a análise aprofundada podem, em alguns casos, se tornar obstáculos para a execução prática. Um exemplo pode ser encontrado na matéria da ed. 159, de outubro de 2008, intitulada “Ensino à Distância vai expandir Conscienciologia”.

Ela conta sobre o *Summit*<sup>124</sup> das Instituições Conscienciocêntricas em que se verificou a demanda por infoprodutos para atender interessados nos assuntos da Conscienciologia em outras regiões. A IC Reaprendentia ficou responsável pelo estudo de viabilidade de Educação à Distância (EaD) e o primeiro curso teste foi o Programa de Aceleração da Erudição (PAE) *online*, que teve 35 alunos online escritos vs 19 presenciais. A matéria explica o que é EaD, provavelmente porque naquele momento não era um termo tão difundido e o público-alvo da Conscienciologia, composto por diferentes perfis, poderia não estar familiarizado. Além disso, reforça o caráter didático do Jornal, que funcionava também como um veículo de esclarecimento.

Um adendo: o Programa de Aceleração da Erudição (PAE) é um dos mais fortes indicativos do Valor da Intelectualidade na CCCI. Ele apareceu pela primeira vez na ed. 143,

---

<sup>124</sup> *Summits* são eventos estratégicos que reúnem líderes, especialistas e profissionais de um setor específico para discutir tendências, compartilhar insights e promover networking. Disponível em <<https://www.sbmaiseventos.com.br/o-que-e-um-summit/#:~:text=Summits%20s%C3%A3o%20eventos%20estrat%C3%A9gicos%20que,o%20desenvolvimento%20dentro%20das%20organiza%C3%A7%C3%B5es.>>. Acesso em 20 jan. 25.

de junho de 2007, quando ainda era um projeto em desenvolvimento. Foi definido como um curso que visava estimular a aquisição do conhecimento amplo e variado através da leitura e do estudo das obras clássicas. E algum tempo depois, como conjunto de atividades com a finalidade de ampliar a extensão da erudição dos pesquisadores. Em seu aniversário de 10 anos, na ed. 210, de março de 2018, foi celebrado como um curso para estimular a intelectualidade, a pesquisa e a erudição, com 20 ciclos semestrais de leituras e 200 obras essenciais do conhecimento humano analisadas até aquele momento.

O debate sobre a Educação à Distância é um dos exemplos que demonstra que a comunidade estava avançando no debate, porém, as mudanças só foram amplamente implantadas quando se tornaram indispensáveis – no caso, com a paralisação das atividades presenciais no CEAEC durante a pandemia da Covid-19.

Essa matéria, para além disso, ilustra o quanto os avanços tecnológicos foram parte importante da trajetória da CCCI, denotando um valor diretamente ligado ao Valor da Intelectualidade. Em março de 1996, a ed. 8 apresenta a *homepage* do CEAEC, demonstrando que o alcance da *internet* não era ignorado. Logo depois, a ed. 11, de junho de 1996 apresenta o primeiro e-mail, utilizado na forma de contato.

A ed. 16, de novembro de 1996, traz uma nota intitulada “Comunicação Virtual”, explicando que a cooperativa traria um novo projeto de informática para o CEAEC em 1997. A proposta previa a instalação de uma rede interna e a intensificação da *internet*, facilitando videoconferências. Já a edição seguinte, de dezembro de 1996, tem como matéria de capa “Pesquisa Virtual já é realidade no CEAEC”, informando sobre a elaboração de uma página de pesquisa, parte do Projeto CEAEC Virtual. Ela se encontraria na *homepage* do CEAEC ([ibase.org.br](http://ibase.org.br)) com os itens *Download* de Artigos, *Upload* de Artigos, Glossário, Bibliografia da Projeciologia e Conscienciologia, Linhas de Pesquisa em funcionamento e linhas de pesquisa sugeridas pelo CEAEC.

O texto detalha o que seria cada item e traz um pouco dos projetos que estavam sendo considerados: consulta ao catálogo da Biblioteca do CEAEC, agenda científica mundial, publicação multimídia do acervo da Holoteca, relação de consultores técnicos, consultoria para pesquisas, fórum de discussões com temas criados pelos pesquisadores, consulta a referências bibliográficas por assunto e pesquisa interativa, onde o pesquisador poderia acessar dados fornecidos por outros usuários.

Essa matéria reflete um momento de grande entusiasmo com as possibilidades da *internet*. No entanto, fica evidente que algumas ideias estavam mais no campo das aspirações do que da viabilidade técnica. Isso não significa, necessariamente, que houve ingenuidade por parte dos redatores do Jornal, mas que o próprio contexto da época favorecia uma visão altamente otimista sobre a digitalização do conhecimento. A *internet* ainda era uma novidade para a maioria das pessoas e o veículo tinha o hábito de divulgar projetos e iniciativas em tom comemorativo, deste modo, anunciar tais recursos servia tanto para registrar avanços quanto para reforçar a imagem do CEAEC como uma instituição inovadora.

Entretanto, na prática, muitas dessas propostas não foram concretizadas, ou tiveram que ser reformuladas. Dois anos depois, na ed. 30, de janeiro de 1998, uma matéria sobre a reformulação da *homepage* do CEAEC adotou um tom mais realista, ajustando as expectativas ao afirmar que uma nova fase se iniciaria com objetivos mais modestos, como um *site* com opções de navegação mais organizadas e ferramentas mais viáveis para a época, como a possibilidade de cadastro para receber malas diretas via e-mail, realizar assinaturas, pesquisar referências bibliográficas e se atualizar sobre os projetos em andamento no CEAEC. O endereço ainda não estava bem estabelecido: <foznet.com.br>, mas se tornou <ceaec.org> logo depois, na ed. 33, de abril de 1998.

Na ed. 69, de abril de 2001, o *site* se consolida, conforme a imagem abaixo, em uma matéria explicativa e com uma diagramação que, na opinião desta autora, é digna de nota:

Figura 13 - *Frontpage* do Jornal com matéria sobre novo *site*

Atenção aos navegantes! Informações sobre a proposta e os projetos do CEAEC e a Conscienciologia Aplicada estão viajando nas ondas da maior rede de computadores do mundo, a Internet. Para acessar, o site que está no ar desde abril, o endereço é [www.ceaec.org](http://www.ceaec.org).

A Home Page, desenvolvida em parceria com a empresa conscienciológica EVnet, de São Paulo, é versátil. Entre outros aspectos, o internauta é apresentado ao Paradigma Consciencial e aos pressupostos básicos que o fundamentam: Bioenergética, Holossomática, Pluriexistencialidade e Multidimensionalidade. A página de abertura também traz foto aérea do CEAEC, agenda de palestras, cursos e eventos, CEAEC Notícias, mensagens e chamadas de acesso a informações sobre a Conscienciologia, Laboratórios de Auto-pesquisa Conscienciais, Publicações e Holoteca.

O site, que está em constante processo de atualização, possibilita ao visitante ter um panorama detalhado do que vem a ser o CEAEC e sua proposta, através de links que apresentam o histórico, estrutura física, vínculo consciencial, administração conscienciológica, localização estratégica, projeto ambiental, condomínio conscienciológico e, inclusive, atrativos turísticos

da região trinacional do Iguassu, formada por 9 municípios do Brasil, Paraguai e Argentina.

A Home Page esclarece questões relativas a Conscienciologia, a consciência, ao paradigma consciencial e sobre o trabalho do professor Waldo Vieira, precursor desta nova ciência. Quanto a Conscienciologia Aplicada, apresenta histórico, objetivos do curso, glossário e fatores relacionados a sua aplicabilidade.

O internauta também tem acesso a informações sobre os laboratórios de auto-pesquisa do CEAEC: o que são, recursos laboratoriais, etapas da auto-pesquisa, otimizações pessoais, relatórios e atividades relativas a auto-pesquisa. O site também possibilita o agendamento de horários para experimentos.

Com um “click” no mouse você conhece a Holoteca e o trabalho desenvolvido no Holociclo, o CEAEC Kids, Imersão no Cosmos e acessa as publicações do CEAEC. Por meio do site é possível comprar livros e assinar periódicos. Ao entrar na home-page todos cooperados e colaboradores podem ficar “linkados” e contribuir com o trabalho, as energias e as idéias da Conscienciologia e o CEAEC. Portanto, vamos navegar, porque evoluir é preciso!

Fonte: CEAEC - Centro de Altos Estudos da Consciência - Jornal da Cooperativa dos Colaboradores do IIPC - CEAEC, Foz do Iguaçu, ano 6, n. 69, p. 1, abr. 2001 (ICGE, 2024).

O anúncio do novo *site* reflete o esforço para integrar o digital à estrutura conscienciológica, bem como o Portal da Conscienciologia, que aparece em janeiro de 2014, na ed. 198. Outros exemplos são o Grupon Conscienciograma, primeiro grupo virtual feito a partir de e-mails no CEAEC (Ed. 62, de setembro de 2000) e o servidor do acervo digital

a partir dos computadores da Holoteca e Holociclo, chamado de *Holoserver* (ed. 142, de maio de 2007)

A Conscienciopédia<sup>125</sup>, Enciclopédia Digital da Conscienciologia, entrou no ar dia 11 de janeiro de 2005. É uma plataforma aberta para contribuições relativas à divulgação da Conscienciologia e suas especialidades. Foi uma iniciativa da equipe de Enciclomática do Holociclo (ed. 112, de novembro de 2004), que também aparece na ed. 117, de abril de 2005, em entrevista com os idealizadores do grupo, que a definem enquanto a ciência dedicada ao estudo e aplicação da informática no desenvolvimento de enciclopédias.

A saída da empresa que gerenciava a rede de *internet* da CCCI, em 2012, levou à criação da Comissão Interassistencial Tecnológica (CIT), que auxiliou a UNICIN a lançar um novo *site* (ed. 214, de julho de 2018). Algum tempo depois, a ed. 222, de março e abril de 2019, explica que a CIT estaria desenvolvendo 19 projetos ligados à tecnologia: 1. Doação de *Software* para as ICs, 2. Reestruturação e ampliação do *Holoserver*, 3. Nova versão da Enciclopédia da Conscienciologia, 4. Verbetomática, 5. E-verbetomática, 6. *Podcasts* da Conscienciologia, 7. Comissão Técnica do *Tertularium*, 8. ICNet, 9. Videoconferências, 10. Mapeamento e melhoria de processos, 11. Mapeamento de projetos, 12. Desenvolvimento de *sites* das ICs, 13. Serviços contínuos, 14. NetCons, 15. *Marketing* Digital e CRM, 16. Projeto Plataforma, 17. Rede Fibra Óptica CCCI, 18. Projeto Léxicos e 19. Intranet nas ICs.

Alguns projetos se destacam por sua relevância na difusão do conhecimento, como a nova versão da Enciclopédia da Conscienciologia, a Verbetomática e a E-verbetomática. Outros, pelo acesso a ferramentas padronizadas às Instituições Conscienciocêntricas, como a doação de *software* e o desenvolvimento de *sites* institucionais. A rede de fibra óptica da CCCI, a intranet e o ICNet demonstram uma preocupação com a infraestrutura digital e a otimização da comunicação interna, e os Podcasts da Conscienciologia, *Marketing* Digital e CRM<sup>126</sup> revelam um avanço na diversificação dos formatos de divulgação, todos eles envolvendo o Valor da Tecnologia.

---

<sup>125</sup> Disponível em: <https://pt.conscienciopedia.org/>. Acesso em: 2023-2025.

<sup>126</sup> CRM, na sua abreviatura em inglês, *Customer Relationship Management*, significa Gestão do Relacionamento com o Cliente. É um conjunto de estratégias, processos e tecnologias que as empresas utilizam para gerir e aprimorar a interação com seus clientes, com o objetivo de melhorar a satisfação e fidelização, aumentando as vendas e a rentabilidade. Disponível em: <<https://www.salesforce.com/br/crm/>>. Acesso em: 27 dez. 2024.

Contudo, a amplitude da lista sugere um alto grau de complexidade na implementação desses projetos. A execução simultânea de 19 iniciativas exigiria um nível elevado de coordenação, planejamento e manutenção, e embora tais ideias inovadoras tenham sido anunciadas com entusiasmo, sua implementação pode ter esbarrado em obstáculos.

Outro aspecto do Valor da Intelectualidade são as publicações e revistas científicas. A ed. 31, de fevereiro de 1998, traz três exemplos: lançamento da Revista *Conscientia*, publicação dos pesquisadores da comunidade com artigos sobre a Conscienciologia: Caderno do Pesquisador, espaço no Jornal para artigos, vivências ou análises, elaborado por pesquisadores; e o Boletim de Conscienciologia, já abordado neste artigo.

Anos depois, na ed. 126, de janeiro de 2006, a matéria comemorativa "Periódicos qualificam a Conscienciologia" discute sua importância na consolidação de uma ciência, afirmando que os mesmos desempenhariam papel fundamental ao possibilitar à comunidade examinar as conclusões obtidas a respeito de determinado tema, além de divulgarem notícias relativas às Instituições Conscienciocêntricas, achados científicos, cursos, eventos e projetos de ponta.

Eles também facilitariam a troca de informações e a integração, atuando enquanto ferramenta do esclarecimento. A disseminação de informações, segundo o texto, é fator imprescindível para o aprimoramento e a sustentação de novas ideias, sendo que a divulgação de teorias, o debate e a refutação qualificariam a ciência e as bases de pesquisa.

A matéria lista os periódicos que, após 10 anos de publicação ininterrupta e progressiva, consolidaram a Conscienciologia: a Revista *Conscientia*, a Revista Conscienciologia Aplicada (CEAEC - 2004 - aparece pela primeira vez na ed. 70), a Revista Gestões Conscienciais (Assinvéxis - 1994 - aparece pela primeira vez na ed. 23) e o *Journal of Conscienciology* (IAC - 1998 - aparece pela primeira vez na ed. 39, que publicava os artigos em inglês).

Outros lançamentos também foram anunciados pelo Jornal, como a revista da Cosmoeticologia, da Instituição Conscienciocêntrica *Cosmoethos* (ed. 228, de outubro de 2019), a Revista Saúde Consciencial, da OIC, (ed. 195, de outubro de 2011) e a revista *Scriptor*, da Uniescon (ed. 174, de janeiro de 2010). Em dezembro de 2007 (ed. 149), a Revista *Conscientia*, que é a que aparece mais vezes no Jornal, ganhou uma versão *online*.

O Jornal também registrava os marcos relacionados aos periódicos, como a ed. 173, de dezembro de 2009, que anunciava que o *Journal of Conscientiology* atingira 10 anos de publicação, ou a entrega da revista *Interparadigmas* à Biblioteca Científica Lomonosov, em Moscou (ed. 22, de abril de 2019).

Silva (2020, p. 360) afirma que a Enciclopédia da Conscienciologia sugere uma motivação intelectual à migração conscienciológica. Para ela, isso provavelmente é decorrente de uma característica marcante do grupo: o alto nível de escolaridade dos voluntários. Tal fato é corroborado na ed. 217, de outubro de 2018, na matéria “Censo confirma alta escolaridade na CCCI”. O projeto, realizado entre agosto e setembro para identificar o perfil da comunidade, confirmou com números o que, segundo o texto, já se sabia pelo senso comum: o alto índice de escolaridade de seus integrantes.

O censo foi respondido por 929 pessoas, sendo 905 brasileiros, 343 vivendo em Foz do Iguaçu. Dos que responderam aos questionários, 85,7% teria, pelo menos, graduação. Se somados aos 7,97% com o terceiro grau incompleto, seriam 93,67% dos integrantes com algum grau de formação superior. Do universo que participou do censo, 13,21% teriam doutorado.

Silva (2020, p. 445), além disso, alega que o aspecto intelectual envolve uma linguagem especializada e compartilhada, no caso, por meio de neologismos relacionados ao Paradigma Consciencial. A linguagem, segundo Berger e Luckmann (2002, p. 52 e 59) desempenha papel central na forma como os indivíduos constroem e compreendem a realidade social. Os autores afirmam que ela permite a objetivação das experiências subjetivas, transformando-as em um patrimônio coletivo acessível a todos os membros de uma sociedade. Isso significa que, ao nomear e categorizar o mundo, a linguagem não apenas descreve a realidade, mas a molda, determinando como os indivíduos a percebem e interpretam.

Dentro dessa perspectiva, Fernandes e Zanelli (2006, p. 57) explicam que a “ação humana, em nível individual ou grupal, mediada pelos processos cognitivos e interdependente do contexto, varia conforme a inserção ambiental e o tipo de organização”. Em outras palavras, o universo simbólico possibilita aos membros integrantes de um grupo uma forma consensual de apreender a realidade, integrando os significados e viabilizando a comunicação.

Nesse sentido, a ed. 234, de maio e junho de 2020, publica uma reportagem sobre um trabalho de conclusão de curso (TCC) com estudo terminológico dos neologismos da Conscienciologia, defendido pelo docente e tradutor Luis Ignacio Lopez, natural de Córdoba na Argentina, e voluntário da Editares, na Universidade Estadual do Oeste do Paraná, *Campus* de Foz do Iguaçu, em dezembro de 2019, para obter a licenciatura em Letras Português e Espanhol. Seu trabalho trouxe uma contribuição significativa para a compreensão dos neologismos da Conscienciologia, evidenciando como a linguagem se estrutura dentro da comunidade e como ela se diferencia de outros campos do saber.

A pesquisa comprovou a hipótese de que os termos da Conscienciologia se constituiriam, em grande parte, por meio de transformação semântica (a exemplo de projeção), através de palavra-valise (psicossoma), via composição por truncção e aglutinação (conscin<sup>127</sup>). De modo geral, é apontado como um processo que visa firmar a base científica. O estudo também identificou que a Conscienciologia realiza empréstimos linguísticos com modificações semânticas (neologismos semânticos) das áreas de conhecimento da Biologia e Parapsicologia a exemplo de '*psicossoma*', e da Matemática, Biologia e Psicologia, a exemplo de '*soma*'. Ambas as palavras, registradas nos dicionários gerais da Língua Portuguesa, teriam significados divergentes dos utilizados pela Conscienciologia.

E é por isso que o termo Evolução possui um sentido distinto sob o Paradigma Consciencial, pois a consciência se desenvolveria continuamente, além da existência física e integrando múltiplas vidas e dimensões no processo. Nesse contexto, evoluir significaria superar defeitos e aprimorar qualidades, alcançando níveis mais avançados de lucidez, megafraternidade e universalismo.

O trabalho consistiu no recorte dos termos presentes no glossário da obra “Projeções da Consciência”<sup>128</sup>, de Waldo Vieira, esclarecendo a relevância científica dessa terminologia em razão do caráter particular da comunidade conscienciológica, assentada na língua portuguesa. Objetivou, ainda, a análise detalhada das bases linguísticas de constituição desses termos e do modo como se apresentam em obras lexicográficas especializadas.

---

<sup>127</sup> Acrônimo para designar a *consciência* na condição *intrafísica* (conscin). Disponível em: <https://pt.conscienciopedia.org/index.php/Conscin>. Acesso em: 01 fev. 2025.

<sup>128</sup> Disponível para baixar gratuitamente em: [https://editares.org/wp-content/uploads/2023/12/Projecoes-da-Consciencia-WaldoVieira-Acessivel\\_rev-11-2023.pdf](https://editares.org/wp-content/uploads/2023/12/Projecoes-da-Consciencia-WaldoVieira-Acessivel_rev-11-2023.pdf)

Tal preocupação com a terminologia conscienciológica dialoga com a tentativa institucional de sistematizar e padronizar os neologismos, sendo que, em abril de 2002 (ed. 81), o Jornal anunciou mobilização coletiva para a criação do Conselho Internacional da Neologística (CINEO), órgão supra-institucional formado por especialistas nas áreas de letras, linguística, entre outros., com objetivo de criar e uniformizar novos termos. Embora não haja novas menções, ele existe até hoje e é definido como um conselho permanente da UNICIN, cuja finalidade é normalizar termos e conceitos da Conscienciologia, cumprindo o papel de parecerista técnico objetivando o consenso linguístico<sup>129</sup>.

Outras notícias relacionadas aos neologismos são: “Dicionário de Neologística: gescon<sup>130</sup> em equipe” (ed. 128, de março de 2011), que registrou a elaboração de um dicionário pela equipe do Holociclo; “Obra contribui para qualificar grafopenses da Conscienciologia” (ed. 174, de janeiro de 2010), entrevista com autores do livro “Redação e Estilística Conscienciológica”, que estabeleceram relações entre a ortografia oficial e neologismos; e “Novo dicionário traz vocábulos da Conscienciologia” (ed. 178, de maio de 2010), que anunciou que, pela primeira vez, um dicionário (o Grande Dicionário Sacconi de Língua Portuguesa) trouxe neologismos da Conscienciologia.

A intelectualidade se manifesta enquanto valor, mas, a inclinação para a elaboração conceitual gera reflexões sobre possíveis desafios na materialização e manutenção de ações práticas. Seria essa uma característica grupal, fruto de um perfil predominantemente voltado à análise em detrimento da execução? A formação mais orientada ao meio acadêmico estaria relacionada a menos traços de gestão estratégica? Seria parte do perfil inovador, de pioneirismo, a dificuldade em delegar funções ou estabelecer sucessores, garantindo a continuidade das iniciativas?

Ponderações também são realizadas por Silva (2020, p. 426) a partir de dados coletados em entrevistas com membros da comunidade:

---

<sup>129</sup> Diretrizes de Trabalho do CINEO (Versão 07 de 01.07.2009) - Disponível em: <<https://www.neolexicon.org/wp-content/uploads/2020/05/1.Diretrizes-de-Trabalho-do-CINEO-2.pdf>>. Acesso em: 25 jan. 25.

<sup>130</sup> O termo *gescon* é neologismo acronímico para gestação consciencial, sendo definida como a produção prioritária de obras criativas, cosmoéticas e evolutivamente úteis para as consciências em geral. Disponível em: <<https://pt.conscienciopedia.org/index.php?title=Gescon>>. Acesso em 10 jan. 2025.

constatamos o sentimento de pertencimento pelos seus membros e que eles consideram a comunidade conscienciológica importante para eles. No entanto, alguns conscienciólogos pensam que estão faltando ações coletivas para problemas coletivos. E que talvez o senso de pertencimento esteja presente no nível cognitivo (“sabe que tem responsabilidade”) e emocional (“se sentindo pertencendo ou pertencente”), porém essa pertença não se concretiza no nível da ação (“eu não atuo”) (Silva, 2020, p. 426).

Esse trecho sugere um tipo de pertencimento abstrato, onde o indivíduo compreende racionalmente sua responsabilidade dentro do grupo e sente-se emocionalmente vinculado a ele, mas não traduz esse engajamento em ações concretas, podendo fortalecer um cenário em que o aprofundamento teórico e os debates são constantemente refinados, mas a materialização das ideias encontra obstáculos, seja por excesso de questionamento, por receio de que a execução não corresponda ao ideal ou pela dificuldade em transpor conceitos para a realidade.

Dessa forma, se a intelectualidade, por um lado, representa um dos principais motores da inovação, permitindo a criação de novas abordagens e soluções, também pode reforçar um ciclo de pertencimento passivo, onde os indivíduos reconhecem seu papel, mas permanecem distantes da prática. O desafio, portanto, não estaria na intelectualidade em si, mas no equilíbrio entre reflexão e execução, para que o conhecimento adquirido não se tornasse um fim em si mesmo, mas um meio para impulsionar projetos.

O Boletim de Conscienciológica 26, na ed. 44, de março de 1999, traz o conceito da Teática, constantemente lembrado ao longo das edições. A Teática (neologismo a partir da junção de *teoria* + *prática*) seria, didaticamente: Teoria: o autoconhecimento ou a sabedoria mínima, 1%, e Prática: a vivência ou auto-experiência acumulada, 99%. A formulação desse conceito pode ser considerada uma diretriz pedagógica para orientar e influenciar a cultura da comunidade, direcionando esforços para uma síntese equilibrada entre conhecimento e experimentação. Também denota uma compreensão sobre como o grupo funcionava, suas potencialidades e dificuldades, e o que seria necessário para otimizar as ações.

Em suma, o Jornal destaca o Valor da Intelectualidade ao registrar e divulgar a produção de conhecimento, a pesquisa e a qualificação contínua. A ênfase na escrita, na docência e na difusão de ideias reflete a busca pelo aprimoramento cognitivo como parte fundamental do processo evolutivo. No entanto, apesar do discurso voltado à valorização do

saber, a comunidade nem sempre consegue equilibrar o ideal com o concreto em suas ações e, talvez, isso tenha relação com o desequilíbrio entre intelectualidade e ações práticas.

Na Conscienciologia, a busca pelo desenvolvimento integral se estende à relação entre corpo, ambiente e bem-estar. Portanto, o Valor da Ecologia e o Valor da Saúde serão abordados no próximo tópico, pois se mostraram relevantes ao longo da pesquisa e merecem uma breve abordagem.

### 3.4 VALOR DA ECOLOGIA E VALOR DA SAÚDE

Para a pesquisa deste valor, foram buscadas palavras-chave com a mesma raiz semântica, como “ecológico”, “saudável”, assim como possíveis assuntos relacionados, como “ambiental”, “fitoenergia”, “natureza”, “longevidade”, “balneário bioenergético”, “atividade física”, “soma”, “bem-estar”, “reflorestamento”, dentre outros.

Silva (2020) explica que, na comunidade conscienciológica, a relação harmônica entre o ser humano e outras formas de vida é compreendida como parte da continuidade evolutiva, configurando-se como um valor essencial. Esse princípio pode ser observado em diversas obras de Waldo Vieira, incluindo o Boletim de Conscienciologia n. 46, publicado na ed. 65, de dezembro de 2000, sob o título “Árvore (Parabotânica)”.

Nessa publicação, o autor expõe a visão conscienciológica sobre as árvores, definindo-as como princípios conscienciais e destacando seu papel na interação energética com outros seres. Do ponto de vista da *Conviviologia*<sup>131</sup>, ele sugere que as árvores podem atuar como companhias energéticas benéficas, auxiliando na recuperação e convalescença de pessoas enfermas, além de funcionarem como instrumentos naturais para aferição e experimentação das energias.

A matéria da ed. 131, de junho de 2006, intitulada "CCCI visita Museu Moisés Bertoni: pesquisa biográfica de campo", reflete a conexão da comunidade com figuras dedicadas à pesquisa e à interação com a natureza. No texto, um grupo realiza visita ao museu que foi a casa do pesquisador, localizado em Puerto Franco, no Paraguai. São duas páginas com fotos, detalhes de sua vida e relatos de participantes. Dentre eles, se destacaram

---

<sup>131</sup> *Conviviologia* é a especialidade da Conscienciologia dedicada ao estudo das relações entre as consciências ou princípios conscienciais. Disponível em: <https://pt.conscienciopedia.org/index.php?title=Conviviologia>. Acesso em: 03 dez. 2024.

algumas frases, como o trajeto de barco ter sido considerado “desintoxicante” por conta das bioenergias<sup>132</sup>, além da mata densa que favoreceu o humor e a convivialidade descontraída entre os companheiros de passeio.

Ao conhecerem o museu, um voluntário relatou perceber o “alto nível de convergência de esforços que um ser humano pode atingir na interação com a natureza, visando um conhecimento mais profundo da realidade”<sup>133</sup>, sugerindo um paralelo com a própria comunidade, que busca integrar pesquisa, prática e sustentabilidade.

Neste contexto, o registro de fatos relacionados à recuperação ambiental também chama atenção. A começar pela plantação de mudas de ipê amarelo como árvore símbolo do CEAEC na matéria intitulada “Eventos em Foz” já na ed. 2, de setembro de 1995. Esse episódio indica que, no CEAEC, a interação com a natureza era vista não apenas como um ato ecológico, mas como uma forma de qualificação energética e de aprofundamento da conexão com princípios conscienciais. Inclusive, tal iniciativa deu nome à Rua dos Ipês, chamada hoje de Rua da Cosmoética, conforme já visto em capítulos anteriores.

No início, a área do CEAEC era “de chão batido” (Silva, 2020, p. 142), e foi empreendida uma série de iniciativas para recuperar a fauna e flora local. Um exemplo disso aparece na ed. 8, de março de 1996, quando o Jornal destaca a campanha Pensene Verde, e informa sobre a 5ª Reunião Técnica, na qual foi realizada uma visita à mata do terreno onde futuramente seria construído um condomínio. O texto explica que, apesar de ser necessário abrir picadas para entrar na mata, o grupo voltou animado pela beleza que a área apresentava e pela possibilidade de se fazer trilhas no local futuramente.

A disposição para adentrar a vegetação demonstra familiaridade, respeito e até entusiasmo diante do contato direto com a natureza, alinhada à visão conscienciológica de que a ecologia não é um conceito abstrato, mas algo experiencial e positivo, onde o ambiente é visto como um campo de aprendizado. Esse olhar é coerente com o conceito de fitoenergia, abordado na ed. 95, de junho de 2003, que trata da absorção e exteriorização de energias em conexão com as plantas.

---

<sup>132</sup> São energias que emanam de seres vivos e elementos da natureza, podendo ser percebidas, manipuladas e utilizadas de maneira consciente. Disponível em: <<https://pt.conscienciopedia.org/index.php?title=Bioenergia>>. Acesso em: 18 jan. 2025.

<sup>133</sup> Fonte: Jornal do *Campus* CEAEC - Mensário da Associação Internacional do Centro de Altos Estudos da Conscienciológica, Foz do Iguaçu, ano 11, n. 131, p. 2-3, jun. 2006.

A matéria intitulada “Fitolab visa desenvolver parapercepção através da fitoenergia”, divulga um projeto que estimularia o contato com esse tipo de energia através do manuseio da terra e dos vegetais. A iniciativa combina aulas sobre noções básicas de agricultura com a prática do cultivo em 24 canteiros instalados em estufas, produzindo alimentos como cenoura, milho, couve e alface. O objetivo seria aumentar a sensibilidade dos participantes, além de reduzir os custos da alimentação no CEAEC. O texto traz ainda algumas reflexões: “qual o grau de energia imanente nos vegetais consumidos nas refeições no CEAEC? Esses vegetais, se consumidos com frequência, podem ser um fator de profilaxia de doenças a longo prazo? Um vegetal consciencialmente energizado através do manuseio dos semeadores, das colheitas, cultivado sem agrotóxicos, não seria uma forma sutil, permanente e profilática de assistência?”<sup>134</sup>

Tais questionamentos são instigantes porque conectam a alimentação, a energia e a saúde de forma inovadora. Porém, como o projeto não foi mais abordado no Jornal, faltam informações para verificar seus resultados. Ainda assim, essa perspectiva amplia o debate sobre sustentabilidade e autossuficiência dentro da comunidade, sugerindo que o ambiente poderia afetar a saúde e o bem estar, o que é coerente com o Paradigma Consciencial.

Na ed. 10, de maio de 1996, o Projeto Ambiental, um dos primeiros do CEAEC, informou a adoção de 162 árvores e plantio de 1.400 mudas. Em setembro daquele ano, a ed. 14 trouxe uma matéria comemorativa sobre o Dia da Árvore e noticiou a plantação de mais 1.097 mudas, além da construção de um viveiro com 4.000 espécimes de flores e árvores nativas. Relatou também que a campanha de adoção de árvores atingira a marca de 382 mudas adotadas, enfatizando que “além de servirem como recuperação da área degradada, as mudas fazem um elo energético com as conscins”<sup>135</sup>.

Na ed. 16, a nova ação do Projeto Ambiental consistiu em implantar casinhas e abrigos para os passarinhos. Já a ed. 53 mostrou uma foto de alunos que vieram para outro evento realizando uma caminhada ecológica, que une tanto o Valor da Ecologia quanto o da Saúde. Anos depois, a matéria de março de 2020 (ed. 232), “Projeto Re flora ajuda a preservar o Rio Tamanduazinho” trouxe um panorama das ações de revitalização do espaço,

---

<sup>134</sup> Fonte: Jornal do Campus CEAEC - Mensário da Associação Internacional do Centro de Altos Estudos da Conscienciologia, Foz do Iguaçu, ano 8, n. 95, p. 3, jun. 2003.

<sup>135</sup> *Conscins* = *pessoas*. Fonte: CEAEC - Centro de Altos Estudos da Consciência - Informativo da Cooperativa dos Colaboradores do Instituto Internacional de Projeciologia, Foz do Iguaçu, ano 1, n. 10, p. 2, mai. 1996.

demonstrando os resultados dessas iniciativas, como as 300 plantas nativas plantadas nos arredores em ação coletiva que integrou o CEAEC, a AIEC e o *Discernimentum*.

Na ed. 37, de agosto de 1998, constou a primeira nota sobre reciclagem de lixo, que voltou a ser debatida de maneira mais aprofundada na ed. 151, de fevereiro de 2008, na matéria “Desafio da gestão de resíduos sólidos”. O texto afirmava que o desafio da atualidade seria a geração excessiva de lixo advinda dos hábitos de consumo e adotou um tom didático, explicando sobre a separação do lixo, órgãos fiscalizados, e anunciando que o setor de infraestrutura do CEAEC organizou um encontro sobre o tema, convidando toda CCCI.

A discussão acessível e o discurso voltado ao consumo mais consciente são incentivos à participação ativa da comunidade. E a matéria levanta um debate essencial e demonstra preocupação com a sustentabilidade, mas poderia ter uma abordagem mais aprofundada e crítica. Além disso, até que ponto esses princípios foram realmente incorporados? Há uma reflexão ativa sobre o impacto ambiental do consumo de livros e materiais impressos na comunidade? O incentivo à digitalização, ao reaproveitamento de materiais e à minimização de resíduos poderia ser melhor explorado? A questão não deveria se restringir apenas à separação correta do lixo, mas gerar reflexões sobre uma transformação estrutural que garantisse um impacto ambiental reduzido a longo prazo, incentivando o debate público na busca por soluções inovadoras.

Também foi possível identificar matérias sobre as melhorias no paisagismo no CEAEC, como por exemplo, a ed. 57, de abril de 2000, que trouxe uma nota sobre o plantio de flores, árvores e grama, e a ed. 99, de outubro de 2003, com 1000 mudas de árvore e instalação de 100 placas de identificação para elas. A ed. 62, de setembro de 2000, informou da plantação de grama esmeralda ao redor dos laboratórios, e divulgou novos projetos, como a compostagem do lixo do CEAEC. A ed. 72, de julho de 2001, trouxe atualizações sobre o gramado, chamado carpete vegetal. A ed. 205 de setembro/outubro de 2017, registrou o plantio de 2,7 mil orquídeas, coordenado por Lucimeres Biella.

O paisagismo no CEAEC, ao que parece, não era apenas questão estética, mas funcional e simbólica. Primeiro, ajudava a criar um ambiente energeticamente equilibrado. Segundo, tornava o local mais acolhedor para voluntários, pesquisadores e visitantes. E, por fim, reforçava a identidade do grupo e o vínculo com o espaço, valorizando o trabalho e dando legitimidade ao *campus*. Além disso, o respeito a todas as formas de vida é um valor.

Tanto é que existe uma Instituição Conscienciocêntrica chamada Responsabilidade Planetária, fundada em 2024.

O termo aparece no Jornal na ed. 211, de abril de 2018, na matéria “Responsabilidade planetária e paz, com Moema Viezzer”. Ela informa que escritora, ambientalista e socióloga indicada ao Nobel da Paz visitou o CEAEC para lançar seu livro, *Vocação de Semente*, em evento na Holoteca em parceria com a Pré-IC Responsabilidade Planetária. O texto relata os eventos do dia e traz falas da autora, que considera o movimento ambientalista um dos mais importantes do século XX.

Esse discurso ressoava com os esforços internos da comunidade para entender seu ecossistema, sendo que o projeto Biota, noticiado na ed. 86, de outubro de 2002, refletiu essa preocupação ao catalogar a biodiversidade local. Tal experimento gerou o projeto “Biotaxonomia no *Campus* do CEAEC”, com 45 gêneros de plantas e 35 espécies de animais encontrados no *campus*, levado para a reunião anual da Sociedade Brasileira Para o Progresso da Ciência (SBPC) em julho, na Universidade Federal de Pernambuco (ed. 95, de junho de 2003).

A presença de animais também era considerada notícia, chamados inclusive de “frequentadores ilustres”, como na ed. 225, de julho de 2019, que registrou um esquilo que vinha “cativando e despertando o carinho dos pesquisadores do balneário bioenergético CEAEC”<sup>136</sup>. Ou na ed. 155, de junho de 2008, em que um porco-espinho foi atração entre os voluntários. Ou mesmo a ed. 209, de fevereiro de 2018, em que um urutau foi encontrado no estacionamento com a asa machucada e, além de cuidado, sua aparição foi gancho para uma nota com informações sobre a espécie.

Exemplares raros eram ainda mais comemorados, como na ed. 191, de julho de 2011, que expõe a matéria sobre uma borboleta da espécie *Joiceya praeclarus Talbot*, identificada pela última vez há 80 anos no Mato Grosso. O texto conta que, até aquela data, só haviam sido coletados dois espécimes, expostos no Museu Britânico. Chamado de Balneário Energético (ed. 76, ed. 132, ed. 138), o CEAEC seria considerado, então, um local de ampla vida natural, reforçando a importância da interação entre a comunidade e o meio ambiente, consolidando o Valor da Ecologia.

---

<sup>136</sup> Fonte: Jornal da Cognópolis - Informativo da Comunidade Conscienciológica Cosmoética Internacional, Foz do Iguaçu, ano 22, n. 225, p. 4, jul. 2019.

Já o Valor da Saúde envolve o equilíbrio entre corpo, mente, sentimentos e energias. Ele se manifesta no cuidado com a alimentação, saúde mental, saúde física e bem-estar, garantindo maior longevidade. No caso do Jornal, as primeiras menções envolvem a ed. 7, de fevereiro de 1996, que continha uma nota sobre a participação do CEAEC no XI Congresso de Educação Física, em Foz do Iguaçu, e a ed. 48, de julho de 1999, que comunica a implantação de um calçamento para exercícios físicos no *campus*.

Como dito, há uma Instituição Conscienciocêntrica voltada à saúde consciencial, a OIC, formada principalmente por voluntários da área da saúde. Foi fundada a partir de trabalhos desenvolvidos no Grupo de Pesquisas Conscienciais (GPC) - Consciencioterapia<sup>137</sup>, em 1992, e do Núcleo de Assistência Integral à Consciência (NAIC), em 1996. Em outubro de 2009, na ed. 171, o Jornal cobriu a cerimônia de inauguração do *campus* da OIC, em Foz do Iguaçu, com a presença de voluntários e autoridades, e explicou que o evento fazia parte da II Semana da Saúde Holossomática.

A primeira foi realizada um ano antes, quando a OIC promoveu também o Dia da Ação em Saúde Consciencial, fato documentado na ed. 158, de setembro de 2008, na matéria "Saúde Consciencial é tudo", *slogan* adotado no evento. Segundo a autora do texto, edições anteriores do Dia da Ação em Saúde focaram principalmente na saúde física, com atendimentos médicos e palestras. Mas desta vez, a proposta foi ampliar a visão de bem-estar para além do físico. Assim, 46 profissionais disponibilizaram sua experiência para atender gratuitamente os voluntários da CCCI, tanto em palestras quanto prestando serviço em sua área de atuação. Os participantes também foram convidados a preencher um Censo de Saúde para realizar um diagnóstico sobre o nível de saúde da CCCI e planejar ações futuras.

O Dia da Ação em Saúde Consciencial aconteceu em um domingo, das 8h às 18h, no *Discernimentum* e foram atendidas mais de 120 pessoas, sendo que 60 foram vacinadas em uma parceria com a Secretaria de Saúde. Já a Semana da Saúde da OIC é divulgada várias vezes em Agendas de Cursos (seguidamente da ed. 171 a 176 e 178 a 180) e teve uma edição em Portugal, no *campus* da IAC, que também foi noticiada pelo Jornal na ed. 182, de setembro de 2010.

---

<sup>137</sup> A Consciencioterapia é uma das especialidades da Conscienciologia, focada, como já dito, em tratar e estudar distúrbios por meio de técnicas fundamentadas no Paradigma Consciencial (Silva, 2020, p. 202).

Outros eventos relacionados à saúde, como o "1º Encontro sobre Longevidade" (ed. 185, de dezembro de 2010), também constam no Jornal. Ele ocorreu na mesma data em que é comemorado o Dia Internacional da Pessoa Idosa, em 1º de outubro, e foi promovido por um grupo de pesquisa da Conscienciologia denominado Longevità, no qual os pesquisadores buscariam estudar sobre longevidade e produzir obras sobre maturidade e discernimento.

A atividade aconteceu na CCCI e contou com palestras abordando temas como planejamento do projeto de vida, consciência proativa no envelhecimento, legislação sobre direitos dos idosos e cuidados físicos e emocionais. O grupo também promoveu o primeiro *workshop* sobre Longevologia da CCCI no auditório da Unioeste - Foz, que falava sobre bem-estar e completismo existencial após a terceira e quarta idade (ed. 195, de outubro de 2011).

A partir destes fatos entende-se que, para os membros da comunidade, o Valor da Saúde configura-se como uma estratégia evolutiva, já que manter-se ativo e lúcido significa mais tempo para desenvolver pesquisas, produzir gestações conscienciais, como livros e artigos, e atuar assistencialmente. O conceito de Programação Existencial (proéxis) também entra nessa equação: se a pessoa tem uma missão de vida a cumprir, faz sentido maximizar o tempo e os recursos para realizá-la com eficiência.

A longevidade, portanto, pode ser vista como uma ferramenta para a evolução, e não como um fim em si. O ideal não é apenas viver mais, mas viver melhor, sendo que um corpo saudável favorece a lucidez e a produtividade, enquanto problemas de saúde podem limitar a autonomia, o discernimento e a qualidade das experiências. Por isso, iniciativas como a Semana da Saúde e o Encontro sobre Longevidade não são apenas sobre bem-estar, mas parte do desenvolvimento integral da consciência.

O Jornal também divulgava atividades como a “Caminhada e exercícios físicos no CEAEC” (ed. 224, de junho de 2019), que acontecia aos sábados, a partir das 8h, com uma equipe composta por 5 profissionais de educação física ministrando exercícios para os alunos no Programa de Autoconscientização Somática (PASO), iniciado em 2017. Isso revela uma abordagem preventiva e educativa, estimulando a manutenção da saúde corporal a partir de conhecimento técnico e não apenas de maneira recreativa.

Quando veio a pandemia da Covid-19, a comunidade paralisou, no dia 12 de março, todas as atividades e formou uma Comissão de Ação Integrada para instalar a quarentena global sugerida pela Organização Mundial da Saúde (ed. 232, de março de 2020). Seguir as

orientações oficiais, nesse contexto, demonstrou coerência entre teoria e prática, reforçando o Valor da Saúde como um princípio aplicado à vida cotidiana. Além disso, como a Conscienciologia se posiciona enquanto proposta de ciência, e a CCCI, como uma comunidade voltada à pesquisa, ignorar descobertas científicas ou rejeitar diretrizes de saúde pública seria um contrassenso. A matéria “Ações integradas na CCCI para enfrentar Covid-19”, portanto, explicou um pouco do que se sabia sobre a pandemia da COVID-19 e o Jornal pode exercitar seu papel educador, além de informativo.

Ele também registrou quando uma voluntária recebeu o título de cidadã honorária de Foz do Iguaçu por seus trabalhos na área da saúde pública (ed. 225, de julho de 2019). Esse reconhecimento evidencia, além do Valor da Saúde, o Valor da Grupalidade, já que a predominância de atuação profissional em áreas da Educação e Saúde indica, segundo Silva (2020, p. 441), um compromisso com a cooperação e a interassistência. O valor a seguir, portanto, será o da Grupalidade:

### 3.5 VALOR DA GRUPALIDADE

O Valor da Grupalidade permeia contextos já debatidos, interseccionado a valores trazidos ao longo deste trabalho. Ao observar os elementos de maneira integrada, foi possível aprofundar sua compreensão. O Jornal materializa esse valor enquanto veículo de comunicação institucional-comunitária, criado e mantido por voluntários, configurando-se um produto do esforço grupal. Ao documentar a trajetória da CCCI, ele registrou o esforço coletivo, revelando também complexidades e desafios. Para a pesquisa, foram utilizados termos com a mesma raiz semântica, como “grupo”, “grupal”, e com tópicos relacionados, como “comunidade”, “comemoração”, “empreendedorismo”, “eventos”, “dinâmicas”, “congraçamento”, “pandemia”.

O texto intitulado “Grupalidade”, da ed. 3, de outubro de 1995, explicou que os grupos são formados pela união interdependente de pessoas, que se afinizam segundo processos comuns e trabalham com interações de ideias. Ele ressaltou que um grupo é um sistema de forças, sendo que as que impulsionam para atingir determinados objetivos são as “forças de desenvolvimento”, e as que motivam os membros a permanecerem no grupo, são as “forças de coesão”. Os fatores dominantes de coesão variam de um grupo para outro, dependendo dos objetivos.

Na sociedade intrafísica (que mais de uma vez é tratada no Jornal como diferente da sociedade conscienciológica) a definição de grupo, segundo o texto, é limitada, pois enfoca somente os conhecimentos e as vivências intrafísicas, não abrangendo a interação com a multidimensionalidade. A Conscienciológica, por outro lado, proporia a formação de grupos evolutivos, cuja qualidade dos vínculos estaria diretamente ligada à qualidade das produções e dos resultados. Assim, o CEAEC seria o somatório dos esforços de um grupo coeso e motivado, que buscava trabalhar com maturidade e maxifraternidade, através da vontade e da perseverança, com compreensão, coordenação e cordialidade.

A matéria ainda afirma que “o senso de grupalidade depende dos princípios pessoais de cada um, propiciando uma melhora nas vivências conscienciais diárias”<sup>138</sup>. Silva (2020, p. 441 e 442), explica que “as relações de vizinhança no bairro integrando família, amigos e colegas profissionais complexificaram as relações de colegas voluntários” sendo que, o fato de estarem compartilhando o mesmo espaço e se sentirem pertencentes a ele e vinculados às pessoas que o co-habitam, não implicaria, necessariamente, em maior sociabilidade. Ela verificou inclusive que há uma demanda por integração advinda das narrativas coletadas.

Quanto à execução de projetos, o Jornal apresenta iniciativas baseadas na cooperação entre os membros da comunidade. Projetos como o Conselho dos 500, a implantação de dinâmicas parapsíquicas grupais e a formação de novas Instituições Conscienciocêntricas demonstram que a atuação conjunta é um elemento essencial para a materialização dos princípios da Conscienciológica. Embora a continuidade desses projetos nem sempre seja garantida, sua recorrência nas matérias sugere que a grupalidade é um ideal constantemente reafirmado.

O Conselho dos 500 foi uma iniciativa proposta com o objetivo de estabelecer um modelo ampliado de governança participativa. Seu propósito era criar um espaço de decisão coletiva, onde um número significativo de voluntários poderia contribuir para a gestão e os direcionamentos estratégicos. Ele aparece pela primeira na ed. 175, de fevereiro de 2010, descrevendo a reunião inicial – que contou com 211 participantes – de maneira entusiástica, sendo que a matéria traz os itens deliberados referentes à composição, competências,

---

<sup>138</sup> Fonte: Centro de Altos Estudos da Consciência - Informativo da Cooperativa dos Colaboradores do Instituto Internacional de Projeciologia, Foz do Iguaçu, ano 1, n. 3, p. 2, out. 1995.

obrigações, gestão, etc. Dentre as regras, são estabelecidos mandatos anuais sem possibilidade de reeleição.

Segundo Silva (2020), essa expressão tem sua origem na Grécia Antiga, sendo uma engrenagem essencial para o bom funcionamento da democracia ateniense. Na Cognópolis, a proposta era facilitar o desenvolvimento da democracia sem intermediários, um debate gerado pelo livro “Democracia pura”, publicado em 2007, cujo autor, o professor e filósofo J. Vasconcelos, fez uma participação no curso “Heterocrítica de Obra Útil – 11ª edição”, entrevistado também pelo Jornal (ed. 170).

Na ed. 180 de julho de 2010, uma nota avisa que a partir dali o Jornal contaria com um espaço fixo para divulgar os trabalhos daquela que seria uma importante instância democrática da CCCI, sendo que nas primeiras reuniões foram deliberadas duas ações: a divulgação através do Jornal da Cognópolis e a criação da Associação do Bairro Cognópolis.

A edição seguinte, de julho de 2010, traz a primeira notícia neste sentido, informando que no início de agosto ocorreu a 3ª reunião, com 88 participantes, e que na ocasião foram aprovadas as diretrizes do Plano Diretor da Cognópolis e estabelecida uma comissão provisória para organizar a Associação do Bairro Cognópolis. Ou seja, a iniciativa parecia estar indo bem, sendo que a ed. 182, de agosto de 2010 confirma que ela, de fato, foi fundada.

A partir da ed. 185, de dezembro de 2010, o tema some, retornando praticamente dois anos depois, na ed. 195, de outubro de 2012, em que é eleita uma nova comissão do Conselho dos 500 em assembleia, com 6 novas pessoas e 3 que permanecem em novo mandato, que agora tem um prazo alterado para 2 anos com possibilidade de reeleição. Essa mudança nas regras pode ser interpretada como dificuldade em encontrar substitutos, um indicativo do arrefecimento do projeto, potencialmente relacionado à falta de continuidade e resiliência grupal, conforme observado em outros dados da pesquisa.

Tal fato é mencionado anos depois, na ed. 221 de março e abril de 2019, em que uma matéria sobre a reativação do Conselho dos 500 explica que o mesmo foi proposto pelo prof. Waldo Vieira e formalizado em 2010, chegando a reunir 391 integrantes em 2013, porém foi desfeito em 2014. A reportagem não aprofunda os motivos.

Segundo Silva (2020), houve um conflito de competências entre os objetivos estatutários da Associação do Bairro Cognópolis e do Conselho dos 500, compreendendo-se que havia uma sobreposição de funções entre os dois organismos, sendo que não se chegou

a um consenso sobre o tema. Como não houve candidatos para nova gestão do Conselho, ele foi inativado e assim permanece até o presente ano de 2025.

Ele foi uma tentativa de estruturar um modelo de participação coletiva, no entanto, sua trajetória sugere uma possível diminuição de seu impacto ao longo do tempo. A ausência de registros recentes levanta a hipótese de que a iniciativa não tenha sido formalmente encerrada, mas sim gradualmente desmobilizada. Esse caso reforça a importância de estudar os mecanismos que favorecem a manutenção de projetos coletivos, permitindo que futuras iniciativas possam aprender com esses desafios e estruturar modelos de governança mais sustentáveis dentro da comunidade conscienciológica.

Já a dinâmica parapsíquica configura-se como “atividade realizada em grupo, no mesmo horário e local semanalmente, com objetivo de promover a desenvoltura bioenergética e parapsíquica (percepções extrassensoriais) bem como a interassistencialidade (ajuda mútua) por meio das energias às pessoas presentes e às pessoas ou consciências que passaram pela morte biológica, coordenada por um ou mais professores com domínio bioenergético” (Gonçalves & Salles, 2011, p. 143).

O processo de implantação das dinâmicas é documentado no Jornal desde a sua concepção, sendo que alguns hiatos e desencontros de informações chegam a confundir as práticas com um curso chamado Dinâmica Assistencial Parapsíquica. A matéria “GDPP: parapsiquismo com assistencialidade”, na ed. 109, de agosto de 2004, conta que o GDPP, ou Grupo de Desenvolvimento do Parapsiquismo na Prática foi fundado pelos professores Moacir Gonçalves e Jackeline Paludo em 2002 (segundo Gonçalves & Salles, 2011, p. 49, foi em março de 2003) e consistia em reuniões semanais com cinco turmas que praticavam técnicas, no mesmo horário, de acoplamento energético (interfusão das energias entre duas ou mais consciências) e clarividência facial (percepção visual além dos fenômenos físicos) com objetivo de desenvolver o parapsiquismo e o epicentrismo consciencial.

A matéria "Práticas estimulam parapsiquismo e mentalsomática no CEAEC", na ed. 132, de julho de 2006, traz uma lista com oito grupos de pesquisa considerados precursores das dinâmicas parapsíquicas, sendo que o primeiro listado, pela importância na época, é o GDPP<sup>139</sup>. No texto, a informação é de que ele foi fundado em outubro de 2003. A matéria

---

<sup>139</sup> Os grupos listados na matéria na ed. 132 são: 1. Grupo de Desenvolvimento do Parapsiquismo na Prática (GDPP); 2. Grupo de Desenvolvimento da Desperticidade (GDD); 3. Grupo de Desenvolvimento da Projetabilidade Lúcida; 4. Grupo de Desenvolvimento do Autodiscernimento (GA); 5. Grupo de Desenvolvimento de Autores (GDA); 6. Grupo de Desenvolvimento Holossomático

explica também que, além da criação de técnicas energéticas, outro resultado do GDPP foi a criação do curso Dinâmica Assistencial Parapsíquica, ofertado regularmente no CEAEC e em itinerâncias.

E, de fato, o curso faz itinerância em Joinville (ed. 125, de dezembro de 2005), Portugal e Aracê (ed. 144, de julho de 2007). Nesta edição há uma nota afirmando que as Dinâmicas Parapsíquicas (e não o curso) surgiram em 2003, a partir da construção do Laboratório Grupal *Acoplamentarium*. O texto continua:

o professor e epicon Moacir Gonçalves colocou em prática suas ideias de aperfeiçoar e ajudar no desenvolvimento do parapsiquismo lúcido e assistencial dos voluntários da CCCI, através da formação de diversos grupos de desenvolvimento parapsíquicos, que se reúnem semanalmente no Salão das Dinâmicas do CEAEC (CEAEC - Centro de Altos Estudos da Consciência - Jornal da Cooperativa dos Colaboradores do IIPC - CEAEC, Foz do Iguaçu, ano 10, n. 114, p. 4, jul. 2007).

Em março de 2007 (ed. 140), a matéria "Campo assistencial holossomático estimula pesquisa parapsíquica" traz tanto a Dinâmica Interassistencial Holossomática quanto o curso Campo Assistencial Holossomático. O texto dá a entender que a dinâmica seria um grupo de pesquisa, surgido a partir do curso, e que apresentaria uma metodologia de funcionamento semelhante a ele, com o diferencial de ocorrer semanalmente no CEAEC.

Embora, pelo Jornal, seja confuso entender quando é Dinâmica Parapsíquica e quando é o Curso Dinâmica Interassistencial Parapsíquica, pois em alguns momentos parece a mesma coisa, e em outros, coisas diferentes, guiando-se pelas datas o que dá a entender é que o grupo foi criado antes (2003), o curso em seguida e isso gerou as dinâmicas. Contudo, segundo (Gonçalves & Salles, 2011, p. 49), primeiro foi um mês de trabalho energético em dupla, junto ao *Tertuliarium*, em 2003, depois, atividades semanais em grupo no Salão de Eventos e, nove meses depois, as Dinâmicas Parapsíquicas foram instituídas pelo CEAEC, o GDPP veio em segundo e o curso, em terceiro.

De qualquer maneira, as dinâmicas passam a ser publicadas nos Classificados do Jornal a partir da ed. 144, de junho de 2007, com suas respectivas datas de início: Projetabilidade Lúcida (setembro de 2005), Desperticidade (janeiro de 2006),

---

(GDH); 6. Grupo de Desenvolvimento Holossomático (GDH); 7. Parapsiquismo e Proéxis; 8. Bioenergética para Crianças e Pré-Adolescentes.

Interassistencial Holossomática (abril de 2006), Aplicada à Proéxis (outubro de 2006), Bioenergética para Crianças e Adolescentes (novembro de 2006) e Aplicada à Invéxis (abril de 2007).

Conclui-se, portanto, que elas se configuram um exemplo de grupalidade, já que sua estrutura incentiva a participação ativa de múltiplos pesquisadores. Além disso, o próprio formato dos trabalhos, que envolvem a troca de experiências, promoveria o aprendizado contínuo. E por fim, a continuidade destas atividades ao longo de quase duas décadas é um exemplo da capacidade da comunidade em se manter engajada e adaptar-se às necessidades, ajustando protocolos e atualizando metodologias.

Já a criação de novas Instituições Conscienciocêntricas envolve grupalidade, institucionalização, e representa um dos pilares da expansão da Conscienciologia, permitindo a diversificação das abordagens e a ampliação das frentes de pesquisa e assistência. Silva (2020) abordou de maneira bastante detalhada esse processo sob o viés institucional, trazendo documentos e criando quadros que permitem uma visão de conjunto das instituições, seu ano de fundação e seus objetivos. Contudo, os registros do Jornal podem contribuir para o debate ao revelar padrões e desafios no decurso da estruturação.

O surgimento de instituições independentes dentro da Conscienciologia reforça a descentralização das lideranças, permitindo que diferentes grupos assumam a responsabilidade pelo desenvolvimento de áreas específicas. Na matéria “Novas ICs expandem a Conscienciologia” (ed. 206, de novembro de 2017), há um apanhado histórico dos 30 anos desde que a primeira IC, o IIPC, foi fundada. De lá para cá, segundo o texto, foram criadas 25 instituições e haveriam 11 pré-IC’s em trâmite. A existência da UNICIN e o processo de incubação por outras Instituições Conscienciocêntricas também mostra-se como aspecto relevante, pois permite que novas propostas contem com suporte logístico e metodológico nos primeiros anos.

A diversificação das temáticas também é abordada na reportagem, já que a multiplicação das ICs exige um esforço contínuo para garantir que haja voluntários qualificados e comprometidos para sustentar as atividades propostas. O que se conclui a partir da fala dos entrevistados é que a diversificação de especialidades entre as Instituições Conscienciocêntricas fortaleceria a cientificidade da Conscienciologia, pois impede a acomodação e fomenta novas produções intelectuais. Também viabiliza um maior número

de oportunidades para o protagonismo, estimulando a liderança individual e promovendo maior dinamismo grupal.

É fato que algumas instituições enfrentaram desafios de engajamento, porém a análise dos registros revela que, apesar disso, a grupalidade tem sido um fator essencial para a consolidação dessas organizações, que dependem da colaboração e da interassistência. O crescimento das Instituições Conscienciocêntricas levou ao desenvolvimento de fóruns interinstitucionais, incentivando o compartilhamento de boas práticas e experiências de gestão, como os Congraçamentos (ed. 225, de 2019). Já os Encontros Intercognópolis (ed. 203, de 2007) eram mais comunitários, voltados às relações sociais, condominiais, de vizinhança, etc. Estes eventos desempenharam papel fundamental na integração, fomentando trocas de conhecimentos, vivências e cooperação mútua.

O Congraçamento é um evento de confraternização com diferentes atividades e oportunidades de socialização, sendo “o exercício da convivialidade sadia e da interação evolutiva entre voluntários, através de intercâmbios construtivos, influências enriquecedoras mútuas, realização de *workshops*, equalização de informações (...), e confraternizações”.<sup>140</sup>

No Jornal, a primeira vez que ele é mencionado, é na seção Notícias IIPC, em sua décima edição (ed. 25, de agosto de 1997). A primeira edição ocorreu em 1999. O Jornal trabalha muito com a divulgação desses eventos, que à princípio eram organizados pelo IIPC, tanto que a 12ª edição trouxe o CEAEC enquanto instituição participante, apresentando um painel explicativo sobre a proposta de funcionamento do *campus* (ed. 53, de dezembro de 1999). A partir de junho de 2002 (ed. 83), ele passa de Congraçamento do IIPC para Congraçamento das ICs e é realizado em Foz, sendo chamado também de Congraçamento de Voluntários (ed. 86, de setembro de 2002). Fora do Brasil, ocorre pela primeira vez em Portugal em outubro de 2005, sendo noticiado na ed. 112, de setembro de 2005, em sua 18ª edição.

O Congraçamento contava com diversas atividades, como lançamento de livros, apresentação de projetos, *workshops*, panoramas estatísticos, Areópago Conscienciológico (após 2016), Círculo Mentalsomático, Prova da Conscienciológica, Dinâmicas Parapsíquicas, aniversários de estruturas, atividades e instituições conscienciológicas. Também contém

---

<sup>140</sup> Jornal do Campus CEAEC - Mensário da Associação Internacional do Centro de Altos Estudos da Conscienciológica, Foz do Iguaçu, ano 14, n. 157, p. 1, nov. 2008.

momentos de socialização, como o Jantar Social Dançante mencionado na ed. 139, de fevereiro de 2007.

O tratado *Homo sapiens pacificus* foi lançado oficialmente no 19º Congraçamento, em 6 de abril (ed. 138, de janeiro de 2007) e no ano de 2010 a UNICIN tomou a decisão, em conjunto as Instituições Conscienciocêntricas, de mudar o formato do Congraçamento já que, segundo a matéria do Jornal (ed. 185, de dezembro de 2010), a convergência dos voluntários na Cognópolis-Foz, onde estariam as sedes da maioria das Instituições Conscienciocêntricass, tornou o ato de nivelar informações e congraçar corriqueiro devido à convivência contínua.

Foi proposto que se abrisse o evento para o Bairro Cognópolis como um todo, inserindo uma série de atrações artístico-culturais, deixando de ser uma amostra de dados, mas um estande para que as Instituições Conscienciocêntricas mostrassem suas novidades. O evento foi batizado de *Holo Summer* e, segundo a matéria, foi bem sucedido, embora não tenha sido citado novamente no Jornal.

O último Congraçamento divulgado na amostra pesquisada foi o 31º, com o *slogan* "Vínculo Consciencial e Colheita Evolutiva Grupal" (ed. 229, de novembro e dezembro de 2019). A confraternização começou no dia 1º de dezembro em comemoração ao Dia do Voluntariado.

As comemorações são parte importante do fortalecimento do Valor da Grupalidade, gerando pertencimento e gratificação pelos esforços coletivos. Observa-se um esforço do Jornal para documentar as interações enquanto oportunidades de socialização, além das celebrações das conquistas grupais. Elas podem ser de diferentes tipos, como o Laboratório de Imobilidade Física Vígil, o primeiro a ser inaugurado, que ao completar 20 anos, teve bolo de aniversário (ed. 205, de setembro e outubro de 2017), bem como a UNICIN, que também teve bolo ao completar 15 anos (ed. 229, de novembro e dezembro de 2019).

Podem ser também institucionais, como a Assinvéxis, que promoveu um jantar para a comunidade em seus 15 anos (ed. 225, de junho de 2019), e a *Consecutivus*, que reuniu pesquisadores trajados com roupas antigas nos seus 5 anos (ed. 230, de janeiro de 2020). Podem celebrar marcos, como a 9ª edição da Enciclopédia da Conscienciologia em comemoração aos 5 anos da Encyclossapiens (ed. 218, de novembro de 2018) e a confraternização pelo Holociclo ao atingir a meta de 6 mil dicionários (ed. 190, de maio de 2011).

E podem simplesmente registrar eventos felizes, como festas de aniversário (ed. 64, de novembro de 2000) ou festa junina (ed. 224, de junho de 2019). O arraiá reuniu voluntários e convidados no condomínio Villa *Conscientia* pelo quinto ano consecutivo e contou com a contribuição dos participantes, fosse em dinheiro, comidas, bebidas, ajuda na decoração, entre outros.

Em fevereiro de 2018 (ed. 209), durante a comemoração de 3 décadas de fundação do IIPC, reconhecidamente a maior instituição e porta de acesso à Conscienciologia, o Jornal registrou um momento histórico em que o coordenador da época, Felix Wong, pediu aos presentes que já haviam passado pela IC levantarem a mão e ver quase a totalidade do auditório se manifestar. O evento gerou o *slogan* “somos todos IIPC”.

Seguindo essa lógica de reconhecimento, o Jornal também dedicou atenção especial às suas próprias datas comemorativas. As edições de aniversário normalmente recebiam tratamento especial tanto no preparo das informações (focadas em balanços estatísticos e pontuações), quanto no projeto gráfico e quantidade de exemplares.

No primeiro ano da cooperativa (ed. 12, julho de 1996), o Jornal destacou a consolidação inicial do projeto, que já contava com 194 cooperados. O Salão de Eventos estava em fase final de construção, e uma página especial de aniversário trouxe retrospectivas sobre esse período. Um dos destaques foi o *box* “*O Trabalho nos Bastidores*”, que relatava as dificuldades estruturais enfrentadas na fase inicial.

Ao completar dois anos (ed. 24, junho de 1997), a edição incluiu uma matéria ilustrada com a foto de um bolo tirada durante o evento Imersão em Pesquisa III. Além disso, apresentou um breve histórico da Cooperativa, detalhando os patrimônios acumulados até então, entre eles bens financeiros, intelectuais e culturais.

No terceiro aniversário (ed. 36, junho de 1998), o Jornal trouxe um balanço detalhado das atividades do ano, evidenciando o crescimento da Cooperativa. O número de cooperados aumentou para 246, e foram realizados 376 eventos, com um total de 9.081 participantes. Além disso, registrou-se 62 condôminos, 170 assinantes do Jornal, 175 assinantes da revista, 1.262 experimentos laboratoriais, 171 intercâmbios institucionais, 17 professores, 36 colaboradores fixos, 11 colaboradores itinerantes e 15 publicações lançadas.

Na edição de quatro anos (ed. 48, julho de 1999), o Jornal destacou um marco importante: a compra do terreno onde se encontra o *Discernimentum*. A edição também anunciou o início da implantação de vários empreendimentos, como a Holoteca e 15

laboratórios. O relato do primeiro morador do CEAEC foi outro ponto de destaque. No balanço, a Cooperativa contava com 274 cooperados, 43 colaboradores, 61 condôminos, 371 eventos realizados, 1.126 hóspedes no Village, 9 laboratórios já construídos e 6 em andamento, além de 4.435 experimentos laboratoriais.

Ao completar cinco anos (ed. 60, julho de 2000), a edição trouxe uma reportagem histórica, com foto aérea da região e texto do prof. Waldo Vieira sobre o CEAEC. Além disso, o texto dividiu os períodos de desenvolvimento da Cooperativa em três ondas: a primeira, de 1995 a 1997, chamada “Desbravamento”; a segunda, de 1997 a 1998, denominada “Cursos de Imersão”; e a terceira, de 1999 a 2000, intitulada “Conscienciologia Aplicada”.

No sexto aniversário (ed. 72, julho de 2001), uma matéria especial destacou os avanços estruturais e pesquisísticos da Cooperativa. Naquele momento, o CEAEC contava com 16 laboratórios, um salão de eventos com capacidade para 400 pessoas, um Village para 48 pessoas, 2 basecons para 22 pesquisadores residentes, 16 publicações (livros e revistas), e a Holoteca e Holociclo, com 1.520 metros quadrados de área, além de 4.000 metros quadrados de área construída e mais de 10 mil alunos. O número de cooperados havia aumentado para 308, com 37 colaboradores diários, 11 funcionários e 84 condôminos.

A edição de sete anos (ed. 84, julho de 2002) trouxe uma retrospectiva dos marcos alcançados e anunciou uma mudança importante na estrutura jurídica da Cooperativa, com sua gestão sendo transferida para a Associação. Como as edições comemorativas foram uma característica do período da Cooperativa, nem a edição de oito anos (ed. 96, julho de 2003), nem a de nove anos (ed. 108, julho de 2004) trazem menção às celebrações anuais. No entanto, a edição especial de 10 anos destacou-se como a maior de todas, contando com 16 páginas, conforme já mencionado.

Aos 14 anos (ed. 168, julho de 2009), embora não houvesse uma edição comemorativa, o Jornal passou por uma reformulação gráfica e oficializou a inclusão do Bairro Cognópolis no expediente. Depois disso, a única edição comemorativa remanescente foi a de 20 anos, que trouxe um balanço geral das conquistas da Conscienciologia, um resumo da trajetória e a lista dos voluntários que fundaram a Cooperativa.

Além da retrospectiva, a matéria apresentou uma relação dos empreendimentos territoriais criados na região, os desafios futuros e os preparativos para a comemoração dos 20 anos, incluindo um jantar dançante festivo e o lançamento de um livro sobre as realizações

do CEAEC. Entre os marcos registrados, destacaram-se: 23 Instituições Conscienciocêntricas (ICs), 3 Pré-ICs, 20 Colégios Invisíveis, 9 condomínios residenciais, 7 campi conscienciológicos, a Associação dos Moradores do Bairro Cognópolis (AMAC), o Conselho dos 500, além de 812 voluntários residentes em Foz do Iguaçu, 95 autores da Conscienciologia, 460 verbetógrafos, 17 laboratórios de autopesquisa, 23 dinâmicas parapsíquicas semanais, tertúlias e mini-tertúlias diárias, e a estrutura de suporte com livraria, restaurante, café e orquidário.

Essa ampla documentação evidencia o compromisso do veículo com o registro, sendo que a narrativa construída reforça a ideia de um grupo coeso, engajado e com objetivos comuns. Mesmo em matérias sobre projetos que não prosperaram, há uma tendência de destacar a relevância do esforço grupal e os aprendizados obtidos. Além disso, ao enfatizar os marcos históricos, ela estabelece uma linha do tempo que legitima a trajetória e o discurso compartilhado de que o reconhecimento não ocorre apenas pelo mérito individual, mas, sobretudo, pelo engajamento grupal, aonde a contribuição ao coletivo se torna um dos principais critérios para ascensão dentro do grupo.

Outro aspecto que emerge das matérias é a adaptação às mudanças e desafios internos. Ainda que o Jornal priorize uma abordagem positiva, é possível identificar momentos em que novas diretrizes são adotadas para responder a dificuldades. A forma como essas mudanças são apresentadas sugere um esforço para preservar a harmonia e evitar rupturas bruscas. Dessa forma, a grupalidade também pode ser interpretada como um mecanismo de resolução de conflitos, onde ajustes organizacionais são feitos de maneira gradual, minimizando impactos negativos para a comunidade.

Ao trazer um espaço significativo para artigos, colunas e entrevistas com membros da comunidade, o Jornal reforça a ideia de que a participação ativa na comunicação interna é valorizada, sendo que os eventos científicos indicam que o conhecimento é construído não de forma isolada, mas através de trocas e experiências. Essa abordagem destaca a ideia de que a produção do saber se fortalece pela diversidade de perspectivas.

Silva (2020) considera a Enciclopédia da Conscienciologia o maior trabalho grupal na esfera intelectual, sendo que os colaboradores que redigiram verbetes os submetem a um formato e precisam “defender” a ideia durante uma tertúlia conscienciológica. Segundo ela, é importante mencionar que este é um evento diário, “o que significa que o ritmo de trabalho voluntário de escrita, leitura, revisão e comunicação é intenso e só é possível pela união dos

voluntários não apenas moradores de Foz do Iguaçu, mas de outras localidades brasileiras e estrangeiras que voluntariam e participam à distância” (Silva, 2020, p. 445).

Por fim, a criação de espaços como a Holoteca, os laboratórios e o próprio *Tertuliarium* revela que a grupalidade também se expressa pela materialização de ambientes que favorecem encontros e trocas, sendo espaços funcionais e simbólicos no imaginário coletivo.

A análise dos registros também sugere que o grupo enfrenta desafios para equilibrar tradição e renovação, discurso e ação, coletividade e poder individual, idealismo e estabilidade econômica. A grupalidade, embora seja um valor central, por vezes debatida, pesquisada e propagada, precisa ser frequentemente cultivada para garantir a manutenção dos projetos a longo prazo. Um exemplo emblemático é a relação com o dinheiro, que transparece na sustentabilidade dos projetos ou mesmo na subsistência individual, conforme já abordado nas relações de trabalho *versus* relações de voluntariado.

O Programa Amigos da Enciclopédia, por exemplo, foi criado em outubro de 2004 para auxiliar o suporte econômico necessário às pesquisas da Enciclopédia da Conscienciologia. Para participar, havia categorias de contribuições mensais. Ele aparece pela primeira vez na ed. 112, de novembro de 2004, sendo que na ed. 116, de março de 2005, no demonstrativo contábil do projeto, a conclusão é que só haviam sido angariados 42% da meta, mesmo com todos os ganhos oferecidos (o Jornal era um dos benefícios, bem como passes de laboratório, pernoites no Village, exemplares da Revista *Conscientia* e oficinas no Holociclo).

Buscando ampliar a visibilidade da iniciativa, foi lançado o Informativo Holociclo Holoteca (ed. 126), que passou a divulgar periodicamente campanhas de arrecadação. O programa também esteve associado à promoção de eventos para captar recursos, como o I Congresso Internacional de Grupocarmologia e o I Encontro dos Colégios Invisíveis da Conscienciologia, destacados na ed. 144, de julho de 2007. Além disso, reforçava a importância da colaboração, com chamadas no Jornal (ed. 145, agosto de 2007) e inserções nos classificados entre as edições 168 e 171. O impacto das contribuições também foi registrado ao longo dos anos, com a divulgação de valores arrecadados por meio de viagens e eventos (ed. 147, ed. 151), alguns abordados no presente artigo.

Em outubro de 2006 (ed. 135), o programa passou por reformulações e se tornou supra-institucional e responsabilidade de toda CCCI, trazendo o Valor da Grupalidade para

termos práticos. Em janeiro de 2009 (ed. 162), uma nova versão aliada à tecnologia, foi disponibilizada. Em entrevista com o coordenador do projeto, ao ser questionado se já era possível dar o suporte necessário, ele afirma: “de uma forma geral, estamos dentro da realidade da CCCI, fazendo um grande racionamento de despesas”<sup>141</sup>.

Tal fala pode ser analisada sob alguns ângulos: a CCCI operar com base no trabalho voluntário poderia reduzir custos com mão de obra, porém afetava o comprometimento, dificultando o cumprimento de metas administrativas. Além disso, a busca por contribuições, cursos e eventos para financiar atividades exigia campanhas de conscientização e mobilização constantes. E por fim, a instabilidade na captação de recursos poderia gerar períodos de contenção de gastos e aperto financeiro.

Esses são argumentos corroborados na ed. 178, de maio de 2010, mais de um ano depois, em outra entrevista, em que coordenador afirma, entre risos, que a principal ação seria não descansar, pois independente dos desafios, era preciso trabalhar em campanhas de divulgação e motivar as pessoas para compreenderem a profundidade do trabalho da Enciclopédia da Conscienciologia. Nessa época, a informação era que os custos básicos estariam sendo cobertos (desde junho de 2009), porém, os primeiros quatro meses de 2010 fecharam em *déficit*, que estava em processo de abatimento. Esse exemplo sugere que alguns projetos poderiam demorar a se estabelecerem financeiramente.

O lançamento da AIEC, registrado na ed. 127, de fevereiro de 2006, reflete um esforço institucional para criar um modelo sustentável de direcionamento de recursos dentro da CCCI. Na matéria, é destacado que o patrimônio das Instituições Conscienciocêntricas não resultaria de subsídios públicos ou ações orientadas exclusivamente ao lucro. Isso reforça o ideal de que o dinheiro deveria ser um meio para viabilizar a expansão da Conscienciologia, sendo que a afirmação do prof. Waldo Vieira de que a AIEC estaria "materializando a desmaterialização do dinheiro"<sup>142</sup> (ed. 127, de fevereiro de 2006) sugere que o propósito maior não seria a acumulação de capital, mas sim sua utilização estratégica.

Contudo, pode-se dizer que a manutenção das Instituições Conscienciocêntricas, a construção da Cognópolis, a expansão de iniciativas educacionais e a viabilização de

---

<sup>141</sup> Fonte: Jornal do Campus CEAEC - Mensário da Associação Internacional do Centro de Altos Estudos da Conscienciologia, Foz do Iguaçu, ano 14, n. 162, p. 1, jan. 2009.

<sup>142</sup> Fonte: Jornal do Campus CEAEC - Mensário da Associação Internacional do Centro de Altos Estudos da Conscienciologia, Foz do Iguaçu, ano 11, n. 127, p. 1, fev. 2006.

pesquisas exigem investimentos financeiros. A necessidade de captar recursos sem ferir princípios conscienciais coloca a comunidade diante de alguns dilemas: como equilibrar a sustentabilidade econômica sem comprometer os valores da Conscienciologia? Como materializar grandes empreendimentos se os esforços não são orientados ao acúmulo de capital? Como estimular a participação de um grupo unido pelo mesmo ideal, porém que, por vezes, está amadurecendo a própria trajetória profissional e econômica?

Para finalizar o Valor da Grupalidade, cabe falar da pandemia da Covid-19, que foi a época em que o Jornal deixou de ser impresso, pelo fechamento da gráfica, iniciando seu processo rumo ao digital. Isso implica, também, estarem nesse ponto os últimos exemplares do escopo desta pesquisa.

Sobre isso, o que se pode observar é que a CCCI, ao longo de sua trajetória, enfrentou diversos desafios organizacionais, financeiros e grupais, o que é natural em um grupo. Contudo, diante da crise global provocada pela pandemia da Covid-19, a resposta coletiva demonstrou alto nível de união e resiliência. O período desafiador impulsionou a CCCI a reinventar-se, desenvolvendo novas formas de interação, garantindo a continuidade das atividades e, acima de tudo, fortalecendo a intercooperação entre seus membros.

Como já dito, a primeira vez que a pandemia é mencionada é na ed. 232, de março de 2020. Esta publicação traz pautas híbridas, sendo que algumas matérias abrangem o contexto do isolamento social e fechamento das atividades presenciais como “Contaçon *online* de histórias para crianças”, e “Epicentrismo em Debate, segue no formato *online*”, assim como as Tertúlias Conscienciológicas, que continuavam diariamente, mas com equipe reduzida e sem participação de público presencial.

Enquanto isso, alguns textos ainda se referem a um momento em que o isolamento social não existia, como “Integração com os funcionários do Hotel Mabu *Interludium*”, em que funcionários do hotel participaram de uma visita técnica ao CEAEC para conhecerem a filosofia que gerou o hotel. Na reportagem “Troca de bastão nas coordenações de várias ICs”, em que o CEAEC, a Editares e a Interpares renovam suas coordenações, a Comunicons explica que está aguardando a volta das atividades presenciais para realizar a Assembleia Geral que aprovaria a atualização do estatuto. Isso demonstra que não se sabia quanto tempo realmente iria durar o isolamento social e a própria pandemia.

Ela exigiu mudanças imediatas na forma como as Instituições Conscienciocêntricas operavam. Eventos presenciais foram suspensos, impactando diretamente cursos, dinâmicas

parapsíquicas e atividades presenciais, porém as contas continuavam vindo. No entanto, em uma resposta ágil, conforme demonstra a matéria “Ações integradas na CCCI para enfrentar Covid-19” (ed. 232, de março de 2020), a comunidade promoveu uma migração para o ambiente digital, diminuindo despesas e se apoiando para garantir a continuidade dos trabalhos.

Foi formada uma Comissão de Ação Integrada, por lideranças da comunidade conscienciológica, que resultou numa série de cursos em prol de um Fundo Interassistencial (ed. 233, de abril de 2020). O primeiro curso foi uma adaptação do Fundamentos da Autorreeducação - Flexibilidade Pensênica, dos professores William Klein e Ruy Bueno, da Reaprendentia, em 29 de março. O segundo curso foi em 05 de abril, Paraidentidade Intermissiva, de Mabel Teles. O terceiro foi em 12 de abril, Reconciliação Autocurativa, de Málu Balona. O quarto foi em 19 de abril, Lucidez Parapsíquica Aplicada, de Pedro Fernandes e o quinto, em 26 de abril, 3 Futuros Evolutivos, de Laênio Loche.

A ed. 234, de maio e junho de 2020 conta um pouco mais sobre a Ação Integrada. Composta por 20 voluntários de 7 Instituições Conscienciocêntricas a equipe trabalhava na organização, divulgação e operacionalização dos cursos EaD em prol do Fundo Interassistencial da CCCI. As 24 Instituições Conscienciocêntricas reuniam-se todas as segundas-feiras *online*, no Conselho das ICs, para deliberar sobre as propostas desenvolvidas pela Comissão, que apresentavam os resultados obtidos, colocando em votação as temáticas e os professores auto-habilitados ou sugeridos. Segundo o Jornal, o balanço dos 10 primeiros cursos alcançou, ao todo, 2.727 alunos, sendo 240 de fora do Brasil, oriundos de mais de 20 países.

Já a ed. 235, de junho de 2020 explica que o Fundo Assistencial era uma reserva financeira para dar suporte às Instituições Conscienciocêntricas no período de suspensão das atividades presenciais, sendo direcionado, prioritariamente, para manter o patrimônio da CCCI e projetos suprainstitucionais (Holociclo, Holoteca, *Tertularium* e Campi Conscienciológicos), pagamento de despesas comuns das I Instituições Conscienciocêntricas, como segurança patrimonial e *Internet*, energia elétrica, funcionários e fornecedores. O texto ressalta que o sucesso da ação só foi possível pelo engajamento de voluntários, disponibilidade de docentes, trabalho de divulgação, suporte das transmissões e

participação de alunos na realização de cursos. Ele chama o processo de “megaesforço convergente grupal”<sup>143</sup>.

O impacto econômico da crise não foi ignorado e medidas foram tomadas para assegurar a sustentabilidade da comunidade. O Programa Amigos da Enciclopédia foi reforçado para garantir a manutenção do projeto da Enciclopédia da Conscienciologia (“Programa 'Amigos' precisa de mais amigos”, na ed. 232, de março de 2020). O apoio mútuo também foi registrado pelo Jornal, como a Assessoria Autoconsciencioterápica *Online*, da OIC (ed. 234, de maio e junho de 2020), modelo de atendimento digital, com dois consciencioterapeutas, objetivando promover auxílio técnico individual. Ou a Consultoria Parajurídica, da Juriscons (ed. 223, de abril de 2020), serviço gratuito que visava esclarecer quanto às melhores práticas para conflitos do dia a dia.

O processo de adaptação levou à criação de novos projetos voltados à divulgação e ampliação do conhecimento consciencial. A Editares, por exemplo, reformulou seu *site* e ampliou o número de livros para *download* gratuito. Também surgiu o Painel Evolutivo, pelo IIPC, um novo modelo de entrevistas e debates *online* utilizando plataformas como o *YouTube* (ambos na mesma edição: 234, de maio e junho de 2020). Apesar das dificuldades, o contexto da pandemia evidenciou que a CCCI foi capaz de se mobilizar rapidamente, demonstrando possuir uma estrutura grupal sólida em um momento de necessidade.

É evidente que, pelo viés do Jornal, as notícias focam nos resultados positivos, gerando um quadro mais otimista do que a realidade do momento, porém, é possível captar tons de dúvida e desesperança nos textos deste período, reforçando mais uma vez que o jornalismo reflete a subjetividade de quem escreve, a despeito das técnicas que buscam a neutralidade. Ainda assim, é perceptível que a comunidade se uniu, agiu e pôs em prática um de seus princípios centrais: evoluir pelo esforço, já que independente dos obstáculos, o que importa é avançar juntos.

---

<sup>143</sup> Fonte: Jornal da Cognópolis - Informativo da Comunidade Conscienciológica Cosmoética Internacional, Foz do Iguaçu, ano 23, n. 235, p. 2, jun. 2020.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo analisou como o Jornal da Cognópolis, ao longo de sua trajetória, desempenhou papel fundamental na consolidação da memória coletiva e da identidade do grupo que se estabeleceu em Foz do Iguaçu. A pesquisa demonstrou que ele noticiou acontecimentos, registrou fatos, e atuou como elemento ativo ao informar, debater e reforçar valores coletivos.

Mediante a Análise de Conteúdo (AC), foi possível compreender mudanças significativas: da fase inicial voltada à prestação de contas e divulgação de atividades até uma diagramação mais elaborada e maior diversidade de pautas. Isso mostra que, à medida que ele se profissionalizava editorialmente, tornando-se mais estruturado e sistemático, também refletia um amadurecimento da própria Cognópolis, acompanhando o crescimento da comunidade, sua expansão territorial e a complexificação de suas dinâmicas internas.

A AC permitiu interpretar além do conteúdo manifesto dos textos, buscando significados latentes e relações contextuais, reconhecendo que as narrativas refletiam valores, visões de mundo e interesses específicos. Assim, o primeiro capítulo apresentou o Plano de Pesquisa, estabelecendo diretrizes metodológicas, objetivos e referencial teórico, além da familiarização com o material e organização do *corpus* de pesquisa.

A fase seguinte envolveu a categorização dos documentos, adotando unidades de registro como palavras, temas, personagens e itens. Foram utilizados quadros comparativos para sistematizar informações sobre periodicidade, autoria e linha editorial. A pesquisa documental foi complementada por referências teóricas e a estratégia metodológica priorizou a neutralidade interpretativa, evitando entrevistas que pudessem enviesar a análise. Também se discutiu a importância do jornalismo na sociedade, destacando seu papel na construção da memória coletiva, e se conceituou jornalismo institucional e comunitário para categorizar o objeto de estudo, buscando analisar quais elementos o diferenciavam dentro deste modelo híbrido.

A contextualização do objeto apresentou o Jornal e o situou entre outras publicações do grupo. Criado em agosto de 1995, seu surgimento estava diretamente ligado ao CEAEC e à migração dos pesquisadores para Foz do Iguaçu. Inicialmente, era voltado aos cooperados e refletia a necessidade de expandir e aprimorar a comunicação interna, sendo que a primeira

edição era simples, em preto e branco, com irregularidades na diagramação e conteúdo informativo, seguindo o modelo de boletim institucional.

Em seguida, foram apresentados os principais responsáveis pela produção do Jornal ao longo do tempo, destacando editores, coordenadores e redatores regulares. Embora a publicação tenha sido conduzida de forma voluntária, foi possível perceber a crescente profissionalização do processo, com a inclusão de jornalistas na coordenação a partir da vigésima edição.

Abordou-se também a transição do modelo administrativo de Cooperativa para Associação, como o Jornal cobriu esses acontecimentos e o que isso afetou em sua linha editorial. Inicialmente, a tiragem era de aproximadamente 300 exemplares, mas esse número oscilou ao longo do tempo, alcançando picos expressivos em momentos de destaque na comunidade. Com o avanço da digitalização, a circulação impressa diminuiu, e durante a Pandemia da Covid-19, ele se tornou integralmente on-line.

A publicidade passou a ser mais frequente, sendo que Classificados, Agendas de Curso e espaços publicitários foram se solidificando enquanto seções fixas. Esse tipo de seção foi importante para a organização das informações, divulgando eventos, atualizações institucionais e informações relevantes, além de facilitar a navegação do leitor.

O Jornal manteve periodicidade mensal na maior parte do tempo. No entanto, a partir de 2011, a contagem tornou-se irregular, com anos editoriais variando e apresentando inconsistências. Em 2015, a publicação foi temporariamente suspensa após o falecimento de Waldo Vieira, retornando em junho de 2017. Foram encontrados alguns equívocos na datação dos cabeçalhos, assim como atrasos no fechamento das edições. No entanto, esses problemas não comprometeram o conteúdo informativo do Jornal, que conservou sua função documental.

A última edição analisada marcou os 25 anos do CEAEC e serviu como ponto de chegada da pesquisa. Ela apresentava uma diagramação digital refinada, espaçamento preciso entre colunas, fotos coloridas e créditos nas matérias e imagens. Essa edição reflete o amadurecimento do Jornal da Cognópolis, que consolidou sua identidade de jornal institucional-comunitário.

Desde sua criação, o periódico foi produzido majoritariamente por voluntários, que ao longo da pesquisa, demonstrou ser um pilar fundamental para a manutenção do *campus* e suas instituições. O Jornal documentou diferentes facetas do Valor do Voluntariado, desde

o engajamento na construção do CEAEC até o surgimento de novos projetos, eventos e iniciativas. Também promoveu reflexões sobre seu impacto na comunidade, reforçando a importância da participação e promovendo senso de compromisso e pertencimento. No entanto, a pesquisa apontou que, em alguns momentos, houve dificuldades na compatibilização do voluntariado com a vida pessoal, gerando questionamentos sobre o equilíbrio entre dedicação ao grupo e autonomia individual.

A análise também evidenciou matérias que promoviam a expansão da Conscienciologia para além do grupo, seguindo os Valores do Universalismo e da Maxifraternidade. O Jornal registrou iniciativas como a abertura do CEAEC ao público externo, a recepção de pesquisadores internacionais e a realização de eventos voltados à troca de conhecimento com outras instituições. Contudo, foi identificada uma limitação do alcance do Jornal, que circulava predominantemente entre leitores da comunidade, e a necessidade de estratégias mais eficazes de comunicação com o público externo.

Outro valor percebido foi o da intelectualidade, que reforçava a importância do conhecimento, da pesquisa e da educação. O Jornal destacou a importância da qualificação intelectual por meio da escrita, da publicação científica e do estímulo à docência, divulgando cursos, simpósios, e documentando iniciativas que materializaram espaços como o *Tertularium*, o Holociclo e a Holoteca. Tais iniciativas reforçavam a intenção do CEAEC em se posicionar como um centro de pesquisa e ensino, e a análise do Jornal permitiu inferir sobre os desafios e contradições nesse processo.

Ele também abordou a relação entre o meio ambiente e a qualidade de vida na CCCI, registrando empreendimentos e projetos envolvendo, ecologia, saúde e bem-estar. Além disso, incentivou a convivialidade e a cooperação, salientando que a vivência grupal seria essencial para o desenvolvimento pessoal. Desempenhou, assim, papel importante na construção do Valor da Grupalidade, servindo também como espaço de autocrítica.

O reconhecimento da importância da adaptação e esforço contínuo foi um dos principais aprendizados extraídos das edições investigadas. A grupalidade foi retratada como um valor essencial, mas dinâmico, que demandava comprometimento e ajustes constantes para se consolidar, assim como a materialização do próprio CEAEC.

E por fim, compreendeu-se que o desejo de evoluir é o princípio que fundamenta os demais valores analisados na pesquisa, servindo como eixo central para a estruturação da identidade da comunidade conscienciológica. Ele se manifesta na busca pelo aprimoramento

individual e coletivo, demandando reflexão, diálogo, altruísmo e proatividade, e permeando o voluntariado, a intelectualidade, o universalismo, a maxifraternidade, a ecologia, a saúde e a grupalidade.

Sua importância está na forma como ele impulsiona a comunidade a transcender suas limitações. Além disso, é o elemento que dá sentido à própria existência do Jornal da Cognópolis, que não se limitava a relatar fatos e divulgar avanços, mas buscava estimular o senso crítico e a autoanálise.

Ao documentar os avanços da CCCI e a expansão da Conscienciologia, o Jornal funcionou como um reflexo e um catalisador da comunidade, incentivando seus membros a aperfeiçoar suas práticas e alicerçar os valores conscienciais no cotidiano. Seu legado extrapola suas páginas, pois ele permanece como um arquivo vivo da trajetória do grupo, um testemunho das transformações ocorridas e um convite à reflexão sobre os rumos futuros.

## REFERÊNCIAS

AMARAL, Luiz. *Técnica de jornal e periódico*. 5. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2001.

ARAÚJO, Mafalda. *Marketing de Influência: A Prova Social como fator de confiança nos consumidores*. 2023. Tese de Doutorado.

BAHIA, Juarez. *Jornal, história e técnica: as técnicas do jornalismo*. 4. ed.. São Paulo: Atiça, 1990.

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.

BARROS, José D'Assunção. *Sobre o uso dos jornais como fontes históricas – uma síntese metodológica*. Rio de Janeiro: Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2021.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1995.

\_\_\_\_\_. *O jornal como fonte histórica*. Petrópolis, RJ: Vozes: 2023.

CANTANHEDE, Ytalo Silva; ZANFORLIN, Sofia Cavalcanti. *As definições do newsmaking: um estudo bibliográfico sobre as perspectivas do conceito*. Anagrama, v. 14, n. 1, p. 1-16, 2020.

CERVI, Emerson. *Seminário de Pesquisa II*. Curitiba, 2010.

CUNHA, Edna Carvalho da. *O jornal institucional como instrumento de memória: a informação no processo histórico da cultura organizacional*. Dissertação de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Alagoas. 2021.

CRESPI, Franco. *Manual de sociologia da cultura*. Lisboa: Editorial Estampa, 1997.

DINIZ, J. Péricles. *O papel do jornal na construção social de identidades*. Salvador: Enecult, 2008.

DORNELLES, Beatriz Corrêa Pires; SCHAEGLER, Cândida. *Um século de Sankt Paulusblatt: trajetória da mais longeva revista em língua alemã com circulação mensal no Brasil*. Conexão: Comunicação e Cultura, 2016.

ESCUADERO, Camila; CAETANO, Lucia; REINA, Eduardo. *A construção dos conceitos de comunidade, identidade e memória a partir da prática da comunicação comunitária*. Porto Alegre: Intexto, n.52, e-97056, jan./dez. 2021.

FERNANDES, Karina Ribeiro; ZANELLI, José Carlos. *O processo de construção e reconstrução das identidades dos indivíduos nas organizações*. Rio de Janeiro: Editora LAB. 2006.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. *Análise de conteúdo*. Autores Associados, 2018.

FUNK, Suzana; DOS SANTOS, Ana Paula. *A importância da tipografia na história e na comunicação*. Actas de Diseño, n. 5, 2008.

GONÇALVES, Duarte. *Teoria do Valor: Bases para um método*. *Trans/Form/Ação*, v. 37, p. 71-104, 2014.

INSTITUTO Federal de Santa Catarina, *Glossário de Termos Comuns no Jornalismo*, sem ano. Disponível em <<https://linkdigital.ifsc.edu.br/wp-content/blogs.dir/2/files/gloss%C3%A1rio-imprensa.pdf>>. Acesso em: 02 out. 2024.

HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa*. Tradução de Flávio R. Kothe. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

HERSCOVITZ, Heloiza Golbspan. *Análise de conteúdo em jornalismo*. Metodologia de pesquisa em jornalismo. Petrópolis: Vozes, p. 123-142, 2007.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Ed. Objetiva, 2001.

KOPPLIN, Elisa; FERRARETTO, Luiz Artur. *Assessoria de imprensa: teoria e prática*. Porto Alegre: Sagra-Luzzatto, 2001.

LUCA, Tânia Regina de. *História dos, nos e por meio dos periódicos*. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org). *Fontes históricas*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2006, p. 111-153.

LUCENA, Maria de Lurdes Silva; LUCENA, Carlos. *O Classificado de Jornal como Fonte de Pesquisa: contribuição teórico-metodológica da Linguística à História da Educação*. Unicamp, 2013.

MARQUES DE MELO, José. *Pensamento Jornalístico: a moderna tradição brasileira*. Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação. São Paulo, v.30, n.2, p. 15-40, jul./dez. 2007.

---

*A opinião no jornalismo brasileiro*. Petrópolis: Vozes. 1985.

MENDONÇA, Ricardo Fabrino; SIMÕES, Paula Guimarães. *Enquadramento: diferentes operacionalizações analíticas de um conceito*. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 27, p. 187-201, 2012.

MIRANDA, Aline, LACERDA, Gabriel, QUIRINO, Karina, ASSIS, Laura, & PALMERSTON, Virgínia. **Projeto de Extensão House Organ Cidadão**. Anais XXI Congresso de Ciências da Comunicação (Intercom), Belo Horizonte, Minas Gerais, 2016. Disponível em: <<https://portalintercom.org.br/anais/sudeste2016/resumos/R53-0102-1.pdf>>. Acesso em 10 out. 2024

OLIVEIRA, Marilda Oliveira de; CHARREU, Leonardo Augusto. **Contribuições da Perspectiva Metodológica: investigação baseada nas artes e da A/R/Tografia para as Pesquisas em educação**. Educação em Revista, v. 32, p. 365-382, 2016.

PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2005.

PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. **Revisitando os conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária**. In: Congresso Brasileiro De Ciências Da Comunicação. 2008. p. 1-17.

\_\_\_\_\_. **Mídia local e suas interfaces com a mídia comunitária no Brasil**. In: Anuário Internacional de Comunicação Lusófona. São Paulo: LUSOCOM, 2006, 4, p. 141-162.

POLLAK, Michel. **Memória, esquecimento, silêncio**. Revista Estudos Históricos. Rio de Janeiro: v. 2, n. 3, 1989.

\_\_\_\_\_. **Memória e identidade social**. Revista Estudos Históricos. Rio de Janeiro: v. 5, n. 10, p. 200-215, 1992.

RABAÇA, Carlos Alberto; BARBOSA, Gustavo Guimarães; SODRÉ, Muniz. **Dicionário de comunicação**. In: Dicionário de comunicação. 1995. p. 637-637.

**REVISTA Holotecologia - Revista do Megacentro Cultural Holoteca**. 2ª edição, Novembro de 2015, contra-capá.

RODRIGUES, Célia Felícia Belim. **A imagem da primeira página: um estudo teórico, semiológico e empírico sobre o jornalismo impresso português do século XXI**. 2016. Tese (Doutorado em Ciências do Conhecimento) - Instituto Superior de Ciências Políticas e Sociais.

SANTANA, Mayara Jordana Sousa; TEMER, Ana Carolina Rocha Pessôa. **Jornalismo de serviço: um aporte teórico em construção**. Comunicação & Informação, v. 18, n. 1, p. 208-225, 2015. Disponível em: <<https://revistas.ufg.br/ci/article/view/35716/18656>>. Acesso em: 08 out. 24

SANTOS, Josemar dos. **Leitura com lupa: a construção de uma imagem por meio do jornalismo institucional**. Tese de Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Santa Cruz do Sul. Orientadora: Gabriel, Rosângela. 2023. Disponível

em:

<https://repositorio.unisc.br/jspui/bitstream/11624/3585/1/Josemar%20dos%20Santos.pdf>. Acesso em 03 set. 24.

SILVA, Cristiane Ferraro Gilaberte da. *Comunidade conscienciológica: voluntariado, migração e territorialidades*. 2020. 482 f. Tese – Universidade Estadual do Oeste do Paraná. – UNIOESTE. Foz do Iguaçu.

SILVA, Gislene. *Jornalismo e construção de sentido: pequeno inventário*. Caligrama: São Paulo. 2005.

SOUSA, Jorge Pedro. *Por que as notícias são como são? Construindo uma teoria da notícia*. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, p. 01-17, 2002. Disponível em: <<http://bocc.ufp.pt/pag/sousa-jorge-pedro-construindo-teoria-da-noticia.pdf>>. Acesso em: 02 fev. 2024.

\_\_\_\_\_ *Elementos de jornalismo impresso*. Letras Contemporâneas, 2005. Disponível em: <<https://arquivo.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-elementos-de-jornalismo-impresso.pdf>> Acesso em: 02 mai. 2024.

TORELLI, Giovana Silva et al. *Liderança inspiradora: os Efeitos e Consequências de uma Liderança Inspiradora no Mercado de Trabalho*. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso Técnico em Recursos Humanos) - Etec de Guaianazes. São Paulo, 2024.

VIEIRA, Waldo. *700 Experimentos da Conscienciologia*. Rio de Janeiro: Instituto Internacional de Projeciologia, 1994.

WONG, Felix; NASCIMENTO, Alessandra. *Conscienciologia é Notícia: Uma década de entrevistas na Super Rádio Tupi: Projeciologia*. Foz do Iguaçu: Editares, 2014.

WOLF, Mauro. *Teorias da Comunicação de Massa*. 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2005.